



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH



Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCTIC

Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS
Mestrado em Museologia e Patrimônio

AS RELAÇÕES ENTRE MUSEALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO NOS MUSEUS TRADICIONAIS:

Um panorama atual

Paula Ribeiro Trocado

UNIRIO / MAST - RJ, maio de 2022

AS RELAÇÕES ENTRE MUSEALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO NOS MUSEUS TRADICIONAIS: UM PANORAMA ATUAL

por

Paula Ribeiro Trocado,
Curso de Mestrado em Museologia e Patrimônio
Linha 01 – Museu e Museologia

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Museologia e
Patrimônio – PPG-PMUS (UNIRIO/MAST)

Orientador: Professor Doutor Bruno César
Brulon Soares


O presente trabalho foi realizado com apoio da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal
de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de
Financiamento 001

UNIRIO/MAST - RJ, maio de 2022.


FOLHA DE APROVAÇÃO**AS RELAÇÕES ENTRE
MUSEALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO
NOS MUSEUS TRADICIONAIS*****UM PANORAMA ATUAL***

Dissertação de Mestrado submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Ciências, em Museologia e Patrimônio.


Aprovada por

Prof(a). Dr(a). 

Prof(a). Dr(a). Julia Nolasco Leitão de Moraes
(PPG-PMUS UNIRIO/MAST)

Prof(a). Dr(a). 

Prof(a). Dr(a). Aparecida Marina de Souza Rangel
(Fundação Casa de Rui Barbosa - PPGMA)

Prof. Dr. 

Prof. Dr. Bruno César Brulon Soares
(PPG-PMUS UNIRIO/MAST)

Rio de Janeiro, 2022

Catalogação informatizada pelo(a) autor(a)

R843 Ribeiro Trocado, Paula
As Relações entre Musealização e Educação nos
Museus Tradicionais: um panorama atual / Paula
Ribeiro Trocado. -- Rio de Janeiro, 2022.
295

Orientador: Bruno César Brulon Soares.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação
em Museologia e Patrimônio, 2022.

1. Musealização. 2. Educação. 3. Museus
Tradicionais. 4. Gestão Museológica. I. César Brulon
Soares, Bruno, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus por me guiar, proteger e por sua bondade em ordenar os acontecimentos da minha vida de maneira carinhosa e sempre perfeita.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Bruno Brulon pelo acolhimento desde a graduação. Por ter acreditado em mim e nesta pesquisa desde o início. Pela orientação ao longo de dois complicados anos pandêmicos, onde não deixou faltar incentivo, compreensão e meios de concluir esse mestrado.

À Prof. Dr. Aparecida Rangel, por todo incentivo e apoio desde 2016 na minha trajetória acadêmica e profissional, pelas valiosas recomendações na banca de qualificação e por toda carinhosa disponibilidade ao longo do processo do mestrado.

À Prof. Dr. Júlia Nolasco por todo incentivo em aulas e na banca da dissertação, pelas recomendações e referências que tanto agregaram neste trabalho.

Aos professores do PPG-PMUS que sempre estiveram disponíveis e compreensivos sendo verdadeiros parceiros durante a pandemia, em especial à Prof. Dr. Helena Uzeda e Prof. Dr. Tereza Scheiner pelo incentivo, disponibilidade e carinho nas aulas e fora delas.

À Silvilene Moraes por está sempre disponível a ajudar e incentivar.

À CAPES pela bolsa de mestrado viabilizando a presente pesquisa.

Aos 53 museus que responderam nossa consulta online e a todos que ajudaram na divulgação da pesquisa.

À equipe do Museu Histórico Nacional em especial à Fernanda Castro e Diogo Tubbs pela disponibilidade e receptividade com a minha pesquisa.

Aos meus queridos amigos que compartilharam comigo as alegrias e angústias desses dois anos, em especial Leandro Guedes, Gusthavo Roxo e Alice Canto.

À minha família pelo constante incentivo.

Ao meu marido Bernardo, por está sempre ao meu lado, acreditando nos meus sonhos e me incentivando a ser sempre uma pessoa melhor em tudo que faço.

RESUMO

TROCADO, Paula Ribeiro. **As relações entre musealização e educação nos museus tradicionais: um panorama atual.** Orientador: Bruno César Brulon Soares. UNIRIO/MAST. 2022. Dissertação.

A presente dissertação possui como objetivo analisar a relação entre os processos que compõem a musealização e a educação dentro dos museus tradicionais. Buscando evidenciar como esta relação se dá na prática, realizamos uma consulta online com os museus tradicionais da cidade do Rio de Janeiro e por meio dos exemplos demonstramos como todo o processo de musealização possui uma dimensão educativa e como a função educativa é parte integrante da musealização. Sendo a musealização o processo que guia as coleções entre os saberes, profissionais e setores do museu, esta precisa ser realizada de maneira integrada, sendo a gestão museológica o processo responsável por fomentar esta integração. Entendemos a gestão museológica como uma mediação institucional e por meio do estudo de caso do Museu Histórico Nacional buscamos destacar o papel da gestão museológica na integração da educação com os demais processos museológicos. Por fim, defendemos que a educação dentro dos museus faz parte dos processos que compõem a musealização e pode ser uma ponte entre os públicos e os demais processos de musealização, colaborando para que novas camadas de musealidade sejam inseridas nos objetos a partir dos públicos.

Palavras-chave: musealização; educação; museu tradicional; gestão museológica.

ABSTRACT

TROCADO, Paula Ribeiro. **The relationship between musealization and education in traditional museums: current overview.** Supervisor: Bruno César Brulon Soares. UNIRIO/MAST. 2022. Master Dissertation.

This dissertation aims to analyze the relationship between the processes that make up musealization and education within traditional museums. Seeking to show how this relationship takes place in practice, we conducted an online consultation with traditional museums in the city of Rio de Janeiro and, through examples, we demonstrated how the entire musealization process has an educational dimension and how the educational function is an integral part of musealization. Since musealization is the process that guides the collections among the knowledge, professionals and sectors of the museum, it needs to be carried out in an integrated manner, with museological management being the process responsible for promoting this integration. We understand museological management as an institutional mediation and, through the case study of the Museum Historical National, we seek to highlight the role of museological management in the integration of education with other museological processes. Finally, we argue that education within museums is part of the processes that make up musealization and can be a bridge between publics and other processes of musealization, collaborating so that new layers of museality are inserted into objects from the public.

Keywords - musealization; education; traditional museum; museological management.

SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS:

CECA - *International Committee for Education and Cultural Action* (Comitê Internacional de educação e ação cultural do Conselho Internacional de Museus)

DEMU - Departamento de Museus e Centros Culturais

ICOM - *International Council of Museums* (Conselho Internacional de Museus) - órgão filiado à UNESCO

ICOFOM - *International Committee for Museology, ICOM* (Comitê Internacional de Museologia do Conselho Internacional de Museus)

ICOFOM LAM - Organização Regional do Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM) para a América Latina e o Caribe

IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus

IPHAN – Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional

MAE - Museu de Arqueologia e Etnologia da USP

MAR - Museu de Arte do Rio

MCRB - Museu Casa de Rui Barbosa

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MHN - Museu Histórico Nacional

MINC – Ministério da Cultura

MINON - Movimento Internacional para uma Nova Museologia

MNSE - Associação Museologia Nova e Experimentação Social

MUF - Museu de Favela

MR - Museu da República

PNEM - Política Nacional de Educação Museal

PNSM - Plano Nacional Setorial de Museus

PNM - Política Nacional de Museus

REM - Rede de Educadores em Museus

SECECRJ - Secretária do Estado de Cultura e Economia Criativa

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

USP - Universidade de São Paulo

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | Pág. |
|-----------|--|------|
| Figura 01 | Processos de Musealização | 12 |
| Figura 02 | Espaço Educativo Virtual do MH | 89 |
| Figura 03 | MAST Educação | 89 |
| Figura 04 | Esquema dos processos que compõem a musealização | 98 |
| Figura 05 | Ação de comunicação desenvolvida pelo Núcleo Conservação e Restauração de Acervo | 111 |
| Figura 06 | Esquema de fluxo de trabalho no museu | 132 |
| Figura 07 | Processo de musealização completo | 143 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | Pág. | |
|------------|---|-----|
| Gráfico 01 | Ações educativas realizadas nos museus | 69 |
| Gráfico 02 | Público-alvo dos museus | 72 |
| Gráfico 03 | Formas de desenvolvimento das ações educativas nos museus | 73 |
| Gráfico 04 | Média anual de público dos museus | 73 |
| Gráfico 05 | Quantidade de funcionários e/ou estagiário dos setores educativos | 75 |
| Gráfico 06 | Áreas de formação mencionadas pelos museus quanto a equipe do setor educativo | 76 |
| Gráfico 07 | Locais onde são realizadas ações educativas nos museus | 82 |
| Gráfico 08 | Meios de divulgação virtual das ações educativas | 86 |
| Gráfico 09 | Plataformas utilizadas para ações educativas virtuais pelos museus | 86 |
| Gráfico 10 | Ações educativas desenvolvidas durante a pandemia | 87 |
| Gráfico 11 | Plataformas usadas nas ações educativas durante a pandemia | 88 |
| Gráfico 12 | Dificuldades enfrentadas no desenvolvimento das ações virtuais | 90 |
| Gráfico 13 | Influência da documentação museológica nas ações educativas | 103 |
| Gráfico 14 | Influência da conservação nas ações educativas | 108 |
| Gráfico 15 | Influência da comunicação nas ações educativas | 116 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| CAPÍTULO 1 O MUSEU TRADICIONAL NO SÉCULO XXI | 10 |
| 1.1 O museu à serviço da sociedade | 13 |
| 1.2 Um passeio pela história dos museus e da Museologia: Educação como força motriz | 24 |
| 1.1.1 Um passeio pela história dos museus e seus públicos | 25 |
| 1.2.2 Da história dos museus para a história da Museologia | 36 |
| CAPÍTULO 2 EDUCAÇÃO MUSEAL: A EDUCAÇÃO DENTRO DOS MUSEUS TRADICIONAIS DO RIO DE JANEIRO | 44 |
| 2.1. Políticas Públicas no Brasil: dos museus à educação museal | 46 |
| 2.2 Tendências pedagógicas e demais experiências: os caminhos percorridos na educação museal | 54 |
| 2.3. Os museus tradicionais na cidade do Rio de Janeiro: uma reflexão sobre a função educativa | 65 |
| 2.3.1 A consulta online aos museus tradicionais do Rio de Janeiro | 65 |
| 2.3.2 Os resultados: um panorama reflexivo | 67 |
| CAPÍTULO 3 MUSEALIZAÇÃO: DA FUNÇÃO À DIMENSÃO EDUCATIVA | 93 |
| 3.1 Musealizar, por quê? | 94 |
| 3.2 Gestão Museológica: a mediação dos bastidores | 122 |
| 3.3 Museu Histórico Nacional: um breve estudo de caso | 128 |
| CONCLUSÕES | 141 |
| REFERÊNCIAS | 147 |
| APÊNDICES | 157 |
| APÊNDICE 1 - Questionário do Google Forms utilizado na consulta online | 158 |
| APÊNDICE 2 - Respostas dos museus ao questionário | 164 |

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Em meu primeiro estágio, ainda no segundo período da faculdade de Museologia, eu olhava pela janela da reserva técnica os grupos de visitantes entrando no Museu do Ingá, e me encantava em saber que aquelas pessoas saíam de suas casas, faculdades e escolas para conhecer um museu. E, a cada exposição em que eu participava da montagem me alegrava em saber que estava colaborando para novas experiências de novos e velhos visitantes. No museu do Ingá aprendi na prática a importância de ter uma reserva técnica organizada, o acervo inventariado, catalogado, higienizado e bem acondicionado. Ao longo de seis meses de estágio pude participar do desenvolvimento de quatro exposições, do inventário anual e da reorganização da reserva técnica, tudo isso enquanto em sala de aula eu ia me familiarizando com os conceitos de musealização, museológico, museal, museália e musealidade.

No ano de 2016, no início do terceiro período da faculdade, comecei meu segundo estágio no Museu Casa de Rui Barbosa. Na época, o museu estava fechado para o público devido a obras, mas desde o início a equipe do museu recomendou textos e ofereceu uma verdadeira formação para quando o museu abrisse. Eu esperava ansiosa e receosa por esse momento. Quando isso aconteceu, eu passei a trabalhar atendendo o público, e foi ali entre as salas da “Casa de Rui” onde eu entendi os conceitos que permeiam essa dissertação, não só os conceitos, mas a manifestação prática, sua importância, as dificuldades e desafios. Tive, ao longo da faculdade, professores incríveis, mas foi em frente ao público que entendi o que é um museu e pra que serve a Museologia.

Desta forma, mesmo quando trabalhava “nos bastidores dos museus” estava sempre pensando nos públicos. E essa foi a grande motivação desta pesquisa. A relação entre museus e educação sempre foi para mim muito clara, o público era o elo, sem ele não havia sentido em nenhuma ação do museu. Porém, ao longo dos anos de formação pude perceber que muitas questões permeiam essa relação, que pode ser clara, porém possui desafios, desencontros e diferentes óticas para se estudar. Sobre os estudos referentes à relação entre museus e públicos a museóloga Teresa Scheiner diz que:

Ironicamente, a museologia não é o foco estratégico da maioria dos estudos existentes sobre esse assunto - que abordam especialmente o contexto pedagógico da relação entre museus e sociedade, com ênfase na análise do comportamento dos jovens visitantes nas exposições de museus tradicionais, ortodoxo ou exploratório. (SCHEINER, 2005, p. 99)

Como museóloga escolhi aprofundar os estudos sobre museus e educação pela ótica museológica. E aqui cabe uma definição fundamental para fundamentação deste trabalho, que são os conceitos complementares de museal e museológico. Tais conceitos irão aparecer frequentemente nesta dissertação. A publicação “Conceitos-Chave de Museologia” é resultado de um esforço coletivo em compactar os conceitos da Museologia e a partir desta publicação podemos ter uma reflexão ampla sobre os conceitos. Sendo assim, museal pode ser definido de acordo com a referida publicação como:

(1) O adjetivo “museal” serve para qualificar **tudo aquilo que é relativo ao museu**, fazendo a distinção entre outros domínios (por exemplo: “o mundo museal” para designar o mundo dos museus); (2) Como substantivo, “o museal” designa o campo de referência no qual se desenvolvem não apenas a criação, a realização e o funcionamento da instituição “museu”, mas também a reflexão sobre seus fundamentos e questões. (DESVALLÉES, MAIRESSE, 2013, p. 54-55)

Dando continuidade os autores dizem que:

Esse campo de referência se caracteriza pela especificidade de sua abordagem e determina um ponto de vista sobre a realidade (considerar uma coisa sob o ângulo museal é, por exemplo, perguntar se é possível conservá-la para expô-la a um público). A museologia pode, assim, ser definida como o conjunto de tentativas de teorização ou de reflexão crítica sobre o campo museal, ou ainda como a ética ou à filosofia do museal. (DESVALLÉES, MAIRESSE, 2013, p. 54-55)

Porém, como iremos ver adiante, a Museologia amplia seu campo de atuação e hoje não está limitada aos museus, o próprio entendimento do que é o museu expande-se Sendo assim:

Essa posição do museal como campo teórico de referência alarga consideravelmente as perspectivas de reflexão, pois o museu institucional aparece somente como uma ilustração ou uma exemplificação do campo (Stránský, 1987). Isso aponta para duas consequências: (1) **não é o museu que suscitou o aparecimento da museologia, mas foi a museologia que fundou propriamente o museu** (revolução copernicana); (2) esta acepção permite compreender como as experiências que escapam às características tradicionais do museu (coleções, prédio, instituição) fazem parte do mesmo problema, e torna possível que se aceitem os museus sem coleções, os museus “extramuros”, as cidades-museus (Quatremère de Quincy, 1796), os ecomuseus ou ainda os museus virtuais. (DESVALLÉES, MAIRESSE, 2013, p. 54-55)

Por tal razão podemos concluir que a Museologia é um campo¹ sempre maior que o campo museal. Principalmente no contexto brasileiro em que temos regulamentada a profissão de museólogo desde 1984. Porém, ainda na década 1960 “nos países do Ocidente, a museologia passou a ser progressivamente considerada como um verdadeiro campo científico de investigação do real (uma ciência em formação) e como disciplina independente.” (DESVALLÉES, MAIRESSE, 2013, p. 54-55)

Mas se a Museologia estuda os museus, mas não somente eles, o que mais compõe esse campo? A perspectiva que teve como local de propagação o ICOFOM nas décadas de 1980 e 1990 “apresenta a museologia como o estudo de uma relação específica entre o homem e a realidade, estudo no qual o museu, fenômeno determinado no tempo, **constitui-se numa das materializações possíveis.**” (DESVALLÉES, MAIRESSE, 2013, p. 54-55, grifo nosso)

Não cabe aqui explorar as diversas perspectivas que foram desenvolvidas sobre qual o objeto de estudo da Museologia. Mas sim, delimitar a visão que nós adotamos neste trabalho. Defendemos, portanto, que a Museologia possui os processos de musealização como objeto de estudo e metodologia (BRULON, 2018). Cabe esclarecer, que o pensamento defendido segue a visão do museólogo tcheco Zbynek Zbyslav Stránský (1926-2016), e para compreender sua teoria podemos nos aproximar do conceito de musealidade, termo base para se entender a musealização. A musealidade, por sua vez, é compreendida como o “valor documental específico” (Stransky, 1974). Este valor ou qualidade, atribuído socialmente, é o que diferencia um objeto de museu, chamado pelo autor de musealia, de um objeto no museu. Ou seja, não basta apenas estar dentro do limite físico de um museu para se tornar musealia. O objeto, precisa passar pelos processos que compõem a musealização que é apresentada por Stransky por meio de três etapas: a seleção, a tesauroização e a comunicação. Em nossa pesquisa ampliamos essas etapas, como veremos adiante.

Cabe destacar que, para alguns dos autores aqui mobilizados, a musealização é entendida como uma identificação e escolha, baseada na potencialidade do objeto em tornar-se musealia. Porém, a musealização não só identifica esses valores já existentes construídos socialmente, mas também cria novos ao inserir o objeto em uma trajetória

¹ Importante destacar que o conceito de campo é entendido nesta dissertação pela visão do sociólogo Pierre Bourdieu, que o compreende como um lugar simbólico, ou microcosmo social, relativamente autônomo, que possui com leis e práticas específicas. Esse espaço simbólico é composto “por agentes e instituições que produzem, reproduzem e difundem” (BOURDIEU, 2004, p.20), em diferentes níveis do mesmo capital. Estes agentes e instituições lutam por manter ou alcançar determinadas posições. Para o autor um campo “é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças” (BOURDIEU, 2004, p. 22-23).

singular, que dá continuidade a sua anterior. Este ponto é fundamental nesta pesquisa, uma vez que, ao trabalharmos com a educação, veremos que a musealização só se concretiza com a relação com os públicos, e que atualmente esta relação sempre busca potencializar a troca e participação.

Portanto, é seguindo este pensamento que entendemos o processo de musealização como objeto central de estudo da Museologia. “Finalmente, a Museologia encontra o seu objeto de estudo nesse processo indelével de retenção reflexiva, a partir da qual algumas coisas são mantidas para que possam produzir conhecimento por meio da comunicação museológica.” (BRULON, 2017, p. 414)

Sendo uma pesquisa museológica, a presente dissertação tem por objetivo geral investigar as relações entre os processos de musealização e a educação dentro dos museus tradicionais da cidade do Rio de Janeiro. Buscamos mostrar as possibilidades de relação do museu com os processos de educação e defender a nossa visão sobre qual é a especificidade da educação nos museus. Defendemos que a musealização possui uma dimensão educativa, em todos os processos que a compõem, que pode ser potencializada ou não. Entendemos a educação como um processo (SANTOS, 2008) que nos museus busca garantir autonomia e participação aos públicos no que se refere aos processos que compõem os museus e seus conteúdos.

Sendo assim, cabe recapitular alguns conceitos para esclarecer nosso objetivo. Destacamos que o “museal” está restrito ao que é do museu, e a Museologia compreende um campo mais amplo, que será então conceituado como museológico. O campo museológico abarca todo o campo museal, porém o museal não abarca o museológico. Sendo o museu um dos elementos que compõem o campo museológico, pois é um dos espaços onde acontecem os processos de musealização, que como foi dito é objeto e metodologia da Museologia.

Dito isso, colocamos algumas provocações que serão exploradas nesta dissertação e que definem os caminhos tomados nas encruzilhadas que surgiram em nossa investigação. Se os processos de musealização possuem uma dimensão educativa que não se limita aos museus, o exercício desta dimensão em função educativa seria uma educação museológica, assim como pensamos a comunicação museológica e a documentação museológica? Se o museal, se limita ao que é relacionado ao museu, uma educação museal é possível autônoma ao museu?

Não buscamos responder tais questões, este não é o objetivo deste trabalho. Mas sem dúvidas foram questões que surgiram em nossa pesquisa que nos fizeram decidir

alguns caminhos. E entre tantos caminhos foi necessário delimitar um recorte: os museus tradicionais.

Os motivos para tal escolha são primeiramente a experiência profissional com os museus tradicionais, tanto no Museu do Ingá como na “Casa de Rui” enquanto estagiária, mas também após formada em projetos pontuais em outros museus. Foram estas experiências em museus deste modelo conceitual que motivaram esta pesquisa. Mas também é nos museus tradicionais onde a trajetória entre educação e museus começa, e ainda hoje há muitas questões que precisam ser exploradas, principalmente, pois os museus brasileiros são em sua maioria tradicionais².

Porém, torna-se necessário esclarecer, o que é o museu tradicional. Adotamos neste trabalho o modelo conceitual de museu tradicional definido pela museóloga Tereza Scheiner. Scheiner (1998) dividiu os museus de acordo com sua base conceitual, ou seja, daquela parte que fundamenta a sua manifestação e conseqüentemente define sua forma de comunicar. Desta forma, Scheiner divide os museus em: museus tradicionais, museus de território e museus virtuais. Seguindo esta divisão escolhemos os museus tradicionais, que:

[...] tem como base conceitual o objeto: sem objetos, não há coleção, não há museu. Na sua forma mais ortodoxa, usa o objeto como instrumento primordial de trabalho e como fonte primária de investigação e de interpretação dos fenômenos, naturais e culturais. Mas a natureza mesma do seu trabalho é fragmentária porque, na maioria dos casos, retira as evidências do seu contexto original, remetendo-as a uma situação artificial, onde à realidade precisa ser “reinventada”. (SCHEINER, 1998, p. 147)

Adotamos tal concepção, porém, destacando que no século XXI os museus tradicionais serão perpassados por mudanças. Estes continuam tendo como base o objeto, em um espaço separado e com a atuação de especialistas, como define Scheiner, porém o próprio entendimento que a Museologia possui sobre objeto e especialistas é ser ampliado.

Neste sentido, usamos como critério para definir os museus tradicionais não sua forma, processo de criação ou atores envolvidos, mas sim se estes possuem coleções de objetos que são o elemento central da sua existência. Sendo assim, como iremos detalhar no Capítulo 1 teremos o Museu da Maré definido como museu tradicional, no sentido em que este se manifesta por meio de objetos em uma exposição que materializa sua missão.

Nosso trabalho não entende estes modelos como estanques, e destaca que existem outras divisões do universo museal possíveis, e dependendo de qual ponto

² Dos 3891 museus cadastrados na plataforma MuseusBR (<http://museus.cultura.gov.br/>), 2634 instituições são classificadas como Museus Tradicionais.

analisarmos um museu pode ser classificado em mais de uma divisão. O Museu Casa de Rui Barbosa, por exemplo, é um museu tradicional, pois existe em função de uma coleção, mas também é um museu-casa, pois se manifesta no tripé coleção, patrono e edifício (RANGEL, ALMEIDA, 2017) . Outro ponto que é fundamental destacar é que não buscamos hierarquizar os modelos conceituais, mas sim colaborar com um olhar atualizado para os museus tradicionais, pelos motivos já apresentados.

Definido o nosso recorte, cabe agora apresentar nossa escolha de método de produção de dados e investigação. Acreditamos que uma pesquisa com objetivo de analisar os museus tradicionais não pode se distanciar da prática, além disso, seguimos o ponto de vista e metodológico de uma Museologia Experimental “cujas teorias e conceitos existentes devem ter na prática museal a sua fonte principal de atualização” (BRULON, 2018 p. 192). Realizar uma pesquisa que envolvesse as instituições durante a pandemia da COVID-19 foi um grande desafio, pois os museus estavam fechados. Nos setores educativos as demissões intensificaram o cenário caótico³. Os protocolos de distanciamento social limitaram nossa pesquisa ao virtual.

Logo, produzimos um questionário online, que foi enviado para os museus tradicionais da cidade do Rio de Janeiro buscando investigar como acontecia na prática a relação entre os processos de musealização e a educação. Além disso, construímos com os dados um panorama de como a função educativa se apresenta atualmente na cidade do Rio de Janeiro. Obtivemos 53 museus respondentes⁴, e os dados são o ponto de partida das nossas reflexões. Produzido no ano de 2020, o questionário deixou lacunas que só foram observadas após a tabulação e análise dos dados ao longo do ano de 2021, por isso, buscando fundamentar parte do nosso capítulo 3, fizemos duas novas consultas online ao Museu Histórico Nacional, escolhido para ser um breve estudo de caso.

Desta forma, nossa dissertação apresenta-se da seguinte maneira: no capítulo 1 buscamos localizar nossa pesquisa ao aprofundar nossa análise nos museus tradicionais, abordando seu histórico de relação com a educação, sua manifestação e papel no século XXI. Além disso, apresentamos no capítulo 1 a trajetória do campo museológico, peça fundamental para a educação ganhar novos horizontes nos museus tradicionais. Nosso objetivo é apresentar os diversos fatores históricos que influenciaram a relação entre a

³ Para saber mais sobre os impactos da pandemia nos setores de educação dos museus brasileiros, recomendamos a Carta Aberta dos educadores museais brasileiros sobre os efeitos da Pandemia de Covid-19 na educação museal no Brasil escrita participativamente pelo CECA Brasil. Disponível em: http://www.icom.org.br/files/Carta_Aberta_e_Recomenda%C3%A7%C3%B5es_para_Educa%C3%A7%C3%A3o_Museal_no_Brasil.pdf

⁴ Encaminhamos o questionário para 104 museus e contamos ainda com a divulgação da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro e da Rede de Educadores em Museus RJ.

Museologia e a educação nos museus. Estes fatores fundamentam nossa hipótese principal de que a educação está presente em todos os processos que compõem a musealização enquanto dimensão que pode ser potencializada para explorar as coleções para os diversos públicos.

No capítulo 2, abordamos as diferentes manifestações da educação dentro dos museus tradicionais ao longo da história, os avanços das políticas públicas e a partir dos dados dos 53 museus consultados apresentamos um panorama reflexivo sobre a função educativa dos museus tradicionais da cidade do Rio de Janeiro. Por meio dos exemplos buscamos evidenciar as relações entre os diversos processos que compõem a musealização e a educação, e a importância da sua integração. Acreditamos que a musealização só é possível pelo trabalho conjunto dos diversos saberes, profissionais e processos que compõem o museu, e para que isso aconteça todos estes elementos devem trabalhar com um mesmo objetivo, que nos museus, se refere à dimensão educativa, pois defendemos que ser museu é servir a sociedade por meio de seus processos, considerando preponderantemente a educação.

Por fim, no capítulo 3 apresentamos os dados específicos sobre a influência das etapas de musealização nas ações educativas, e por meio dos exemplos evidenciamos a nossa hipótese de que a educação enquanto função é parte integrante da musealização e a dimensão educativa do museu está presente em todos os processos de musealização e deve ser considerada e intensificada para que o museu cumpra sua missão de servir a sociedade com excelência. Por fim, defendemos que a integração é fundamental para que isso ocorra e que a gestão museológica é peça chave para isso. Entendemos a gestão museológica como uma ação de mediação institucional. Nesse sentido utilizamos o estudo de caso do MHN para evidenciar como na prática a gestão museológica pode ser o fio condutor dos processos de musealização, sendo assim, parte dela.

Almejamos nesta pesquisa mostrar as possibilidades de relação do museu com a educação por meio dos processos de musealização, defendendo que a musealização é educativa. Uma vez que, selecionamos, documentamos, conservamos e comunicamos para/com os públicos.

Portanto, acreditamos que nos museus podemos construir uma educação que musealize e não somente uma educação por meio dos processos de musealização. Ou seja, que no processo de musealização seja considerado os públicos, suas expectativas, frustrações e anseios e estes não sejam tratados apenas como resultado final ou polo receptor de um processo unilateral.

Se o ponto de partida e razão de existir dos processos de musealização e dos museus tradicionais é a produção/criação/manutenção de bens para a sociedade, a musealização a serviço da sociedade é uma educação, uma educação que talvez, possamos ousar chamar de museológica. Uma musealização educativa é para esta pesquisa o caminho de manutenção dos museus tradicionais no século XXI, museus que já são, em sua maioria, financiados pelo poder público, em português claro por dinheiro dos cidadãos e precisa servir à sociedade em todos os seus processos.

CAPÍTULO 1 O MUSEU TRADICIONAL NO SÉCULO XXI

1 - O MUSEU TRADICIONAL NO SÉCULO XXI

Para a maior parte das pessoas, quando falamos a palavra museu, a imagem que vem à mente é de um prédio histórico com exposição de objetos antigos. Ao pesquisar o conceito na busca do *Google* estas são as imagens que aparecem. Mas sabemos que ao longo dos séculos os museus se transformaram e hoje se apresentam em diversos modelos conceituais. Na nossa pesquisa temos como foco os museus tradicionais, ou seja, os museus que possuem como base conceitual os objetos. Sua comunicação é realizada a partir dos objetos que compõem sua coleção. Para nossa pesquisa este é o critério de recorte para definir os museus tradicionais, não sendo considerado como delimitador a tipologia da coleção ou os processos de criação do museu.

Os museus tradicionais têm sua origem ainda no século XIX, como veremos no histórico. Desde sua gênese essas instituições “se caracterizavam como espaços onde se pressupunha não só a reunião, conservação, organização de objetos e o estudo feito a partir da sua observação, mas também a sua exposição ao olhar de terceiros.” (KÖPTCKE, PEREIRA, 2010, p. 810) Essa exposição, bem como sua organização, nasce com uma dimensão educativa, ou seja, há desde sempre a intenção de comunicar/educar para um grupo determinados assuntos. Com o passar do tempo e a especialização dos serviços prestados pelo museu essa dimensão passa a coexistir com a função educativa institucionalizada, ou seja, ações educativas elaboradas com objetivos específicos de educação. Em paralelo a isso, o estudo dos museus e sua organização, foco específico da Museologia até pelo menos meados do século XX, passa a dar lugar aos estudos sobre a musealização.

Na presente pesquisa defendemos a musealização “como objeto empírico e como modelo metodológico para a Museologia” (BRULON, 2018, p.204). Este pensamento não elimina a centralidade do museu, mas possibilita entendê-lo como fenômeno (SCHEINER, 1999) nas suas mais diversas manifestações. Brulon explicita esse pensamento dizendo que:

Como um gesto social, levando à ação criativa, a musealização instaura sobre a realidade um ritual ou uma performance ritualizada, que podemos entender como a performance museal. Em última instância, é ao museu que este ritual remete, mesmo quando a instituição em si não está manifestada. Nesse sentido, a musealização instaura uma passagem ao estado sagrado – ainda que laico – na nova existência museológica. É ao caráter fenomênico do Museu, definido por Scheiner (1998), que o ritual da musealização se refere simbolicamente. O museu existe no espaço recortado pela musealização, mesmo quando ele é apenas imaginado ou quando são evocados os seus fundamentos transformadores da realidade social. (BRULON, 2018, p. 201)

Desta forma, de maneira prática podemos definir a musealização como um conjunto de processos que constroem essa performance museal e que tem como resultado a comunicação museológica.

E aqui nos cabe definir a musealidade, conceito que permeia toda a musealização. A musealidade, pode ser entendida como o primeiro passo para realização da musealização, o seu potencial é que motiva o processo, ou seja, um objeto que é reconhecido como potencial ganha ao longo dos processos que compõem a musealização camadas de musealidade. Esta é definida como o “valor documental específico” (Stránský, 1974). Este valor ou qualidade, atribuído socialmente, é o que diferencia um objeto de museu, chamado por Stransky de museália, de um objeto no museu. Ou seja, não basta apenas estar dentro do limite físico do museu para se tornar museália. Para que tal valoração aconteça, o objeto precisa passar pelo processo de musealização. Em síntese podemos entender a musealização como:

[...] uma série de ações sobre os objetos, quais sejam: aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação. O processo inicia-se ao selecionar um objeto de seu contexto e completa-se ao apresentá-lo publicamente por meio de exposições, de atividades educativas e de outras formas. Compreende, ainda, as atividades administrativas como pano de fundo desse processo. (CURY, 2005, p. 24)

A definição proposta por Cury, conversa com a que Brulon apresenta como “um esquema inspirado no que foi inicialmente proposto por Stránský e van Mensch” (BRULON, 2018, p.199) onde haveria as seguintes etapas: “(1) pesquisa; (2) seleção; (3) aquisição (documentação); (4) conservação; (5) comunicação; (6) pesquisa de recepção.” (BRULON, 2018, p.199). Inicialmente adotamos neste trabalho uma visão que mescla ambas as definições, que pode ser definida no esquema abaixo:

Figura 1: Processo de Musealização



Fonte: produzida pela própria autora, 2022

Nosso esquema segue uma linha única circular (azul) para representar que as etapas da musealização compõem um processo único e que a efetividade de cada etapa depende das demais. Nosso objetivo é também destacar que o processo de musealização não tem um fim e está sempre se retroalimentando, sendo o processo motriz que sustenta o museu. Por sua vez, a gestão é outro processo maior que segue de pano de fundo para a musealização e tem relação direta com esta. Entendemos aqui por gestão o processo amplo que abrange desde a musealização até as áreas administrativas e burocráticas (CURY, 2009).

Nossa pesquisa possui como objetivo central analisar as relações entre estes processos de musealização e a educação dentro dos museus tradicionais na cidade do Rio de Janeiro, buscando identificar os efeitos, na cadeia museológica, da não integração da educação como princípio fundante da musealização. Acreditamos que a educação deve ser pensada em todos os processos que compõem a musealização, de modo que reflita a missão do museu e aproveite ao máximo os potenciais das coleções para os públicos.

A escolha no modelo conceitual do “museu tradicional” foi feita pois, acreditamos que é nesse modelo, onde historicamente a relação entre educação e museus começou, e ainda hoje apresenta muitas questões em relação à educação que precisam ser debatidas, principalmente na atualidade onde muitas vezes sua relevância social é colocada em questão. Desta forma, precisamos explorar tal modelo conceitual, um dos pilares desta pesquisa.

1.1 O museu à serviço da sociedade

A museóloga Tereza Scheiner dividiu os museus em três grandes modelos conceituais levando em consideração a sua base comunicacional.⁵ São eles:

- Museu Tradicional: onde a base conceitual é o objeto. Ou seja, a comunicação é realizada com base nas coleções;⁶
- Museu de Território: onde a base comunicacional é o patrimônio. Ou seja, a comunicação depende não somente da cultura material das coleções

⁵ SCHEINER, Tereza. Apolo e Dionísio no templo das musas. Museu: gênese, ideia e representações na cultura ocidental. 1998. Dissertação (Mestrado em comunicação) – Programa de PósGraduação em Comunicação e Cultura. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ECO, Rio de Janeiro, 1998.

⁶ Este modelo conceitual é subdividido segundo a autora em: museu tradicional ortodoxo; museu tradicional do tipo interativo (exploratório) e museu tradicional com coleções vivas.

como também do território e de suas relações, são exemplos os museus a céu aberto e os ecomuseus.⁷

- Museu Virtual: onde a base comunicacional está na informação. Este museu não possui um local físico fixo, e acontece por meio da mediação de dispositivos tecnológicos, como computadores e celulares.

Nesta pesquisa, como já mencionado, delimitamos nosso recorte nos museus tradicionais. Cabe aqui esclarecer que os modelos conceituais de Scheiner, são uma divisão do campo museal, que não impede o entendimento de outras tipologias de museus, inclusive que se sobreponham à divisão da autora, a partir de estudos mais específicos como os museus-casa.

Entendemos, segundo Scheiner (1998 apud SCHEINER, 2015) como Museu Tradicional:

Espaço, edifício ou conjunto arquitetônico / espacial arbitrariamente selecionado, delimitado e preparado para receber coleções de testemunhos materiais recolhidas do mundo. No espaço do Museu Tradicional, as coleções são pesquisadas, documentadas, conservadas, interpretadas e exibidas por especialistas - tendo como público-alvo à sociedade. A base conceitual do museu tradicional é o objeto, aqui visto como documento. (SCHEINER, 1998 apud SCHEINER, 2015, p. 21)

Este museu que possui como ponto de partida as coleções, se mantém presente na sociedade até os dias atuais e possui uma longa trajetória marcada por diferentes experiências. Podemos dizer que é a partir deste modelo, importado da Europa, que todo o campo museal brasileiro e internacional se estruturou e que por meio de revisões e críticas os demais modelos conceituais foram pensados e formulados. Olhar para as tipologias de museus cantonais, escolares e de crianças ainda no século XIX, pode ser uma forma de repensar a visão de que o museu tradicional existe apenas alicerçado em uma prática elitista e segregadora. Estas tipologias, com todas as limitações históricas, nos mostram que o modelo comunicativo baseado nas coleções não é um limitador para construir uma relação íntima e participativa com a sociedade.

Nesta pesquisa seguimos a divisão proposta por Scheiner, porém precisamos destacar alguns pontos fundamentais quando falamos sobre museus tradicionais do século XXI. Entendemos que estes modelos possuem como base conceitual e ponto de partida as coleções, porém os avanços na comunicação fizeram com que os museus tradicionais agregassem em sua comunicação demais elementos como o virtual. Logo, hoje um museu tradicional pode possuir uma exposição virtual ou mesmo

⁷ Este modelo conceitual é subdividido pela autora em: museus comunitários e ecomuseus; parques nacionais e outros sítios naturais musealizados e cidades monumentos.

desdobramentos de sua exposição física no ambiente virtual com uso de *QR Codes* ou mesmo nas redes sociais, como acontece no Museu de Arte do Rio de Janeiro, o MAR⁸ e no Museu Nacional⁹

Outra mudança é o próprio entendimento de coleção de museus. Com o alargamento do conceito de musealização, que será aprofundado adiante, veremos que os objetos que compõem os museus serão diversos, sendo assim, em nossa consulta online aos museus da cidade do Rio de Janeiro, recebemos a resposta do Museu do Graffiti onde paredes grafitadas são entendidas como acervos.¹⁰ Toda a comunicação do museu é realizada tendo como base estas paredes. Nesse sentido, entendemos que este museu é um museu tradicional em sua forma de comunicar, mesmo que tenha um acervo complexo. Logo, diferente do Museu de Favela - MUF, que possui um percurso que modifica-se de acordo com os atores sociais, possui o território como um todo como base comunicacional, o Museu do Graffiti possui um prédio, com coleção e com exposição, o acervo são as próprias paredes e os fundadores são especialistas: os grafiteiros. Esta conclusão é baseada nas respostas do nosso questionário, que deixava claro desde o início que tinha como objetivo os museus tradicionais. Ao receber o questionário do Museu do Graffiti questionamos se este era tradicional ou não, mas pelo exposto acima o consideramos em nossa análise. Desta forma, alargamos o conceito de museu tradicional da museóloga Tereza Scheiner nesta pesquisa por entender que o que define um museu ser tradicional não é seu conteúdo, motivação, atores envolvidos, mas sim sua forma de atuar e sobretudo comunica-se.

Outro exemplo que podemos citar aqui é o do Museu da Maré, um museu que é resultado da mobilização coletiva de uma região de vulnerabilidade social, construído em um processo participativo e até hoje mantido de tal forma. Em um primeiro momento pode ser estranho chamar o Museu da Maré de museu tradicional, mas este estranhamento vem do peso histórico que o conceito carrega, que o afasta de seu sentido teórico. Ao visitar o Museu da Maré o que veremos é uma exposição de objetos tridimensionais, que são a base da comunicação do museu. O Museu da Maré também respondeu ao nosso questionário, mesmo estando sinalizado como sendo para museus tradicionais. Novamente o exercício de refletir se tal museu se encaixava no nosso recorte foi realizado, mas consideramos a autodeterminação como elemento fundamental para

⁸ Alguns exemplos da atuação do MAR em ambiente virtual são os tours virtuais. Como na exposição Rio de Navegantes. O tour está disponível no link: <https://museudeartedorio.org.br/noticias/faca-uma-tour-virtual-pela-exposicao-o-rio-dos-navegantes/>

⁹ Após o incêndio do Museu Nacional foi criado uma exposição virtual na plataforma Google Arts & Culture, disponível em: <https://artsandculture.google.com/project/museu-nacional-brasil?hl=pt>

¹⁰ Para saber mais sobre o Museu do Graffiti [https://wikifavelas.com.br/index.php/Museu do Graffiti da Pavuna](https://wikifavelas.com.br/index.php/Museu_do_Graffiti_da_Pavuna)

definir o recorte de instituições orientado por modelo conceitual. Além disso, o Museu da Maré possuía os três elementos basilares do museu tradicional definido por Scheiner: prédio, objetos entendidos como documentos que compõem a coleção e um discurso produzido por especialistas. Afinal de contas, quem é especialista na memória da Maré, se não os próprios moradores? Com os avanços da Museologia novas temáticas passam a habitar os museus e novos saberes são legitimados, logo a noção de especialista é ampliada. Nesse sentido, concluímos falando que hoje os museus tradicionais ainda podem ser definidos segundo Scheiner como museus que possuem como elementos basilares: espaço, edifício ou conjunto arquitetônico espacial arbitrariamente selecionado, trabalhado por especialistas e com base conceitual do objeto entendido como documento. Porém, a comunicação baseada no objeto ganha desdobramentos virtuais, os especialistas deixam de ser apenas acadêmicos e o espaço ganha novos desdobramentos. Desta forma, nesta pesquisa adotamos o museu tradicional no século XXI como esta instituição que não perdeu sua caracterização é essencial, que ainda se difere das demais tipologias, porém não estagnou no tempo e manteve impenetrável pelas mudanças na sociedade. Sem sombra de dúvidas, o museu tradicional do século XVIII não é o de hoje, para isso basta visitar o Museu do Louvre, inquestionavelmente tradicional, pela tela do seu celular em qualquer lugar do mundo¹¹.

Se fizermos um breve parênteses no atual cenário brasileiro, podemos perceber que a grande maioria dos museus mantidos com dinheiro público, ou seja, museus financiados por todos os cidadãos, são museus tradicionais. Cabe ao campo museal e museológico olhar para estes museus como uma possibilidade para construção de pontes significativas entre museus e sociedade. A nossa escolha pelo recorte em museus tradicionais é motivada não somente pela questão histórica da relação entre educação e museus, mas também pela experiência cotidiana (profissional e pessoal) do poder que os museus tradicionais podem ter sobre as realidades que se encontram dentro deles. O imaginário de museu que ainda perpetua na sociedade é a do museu tradicional, e o que pode parecer um problema para alguns, no âmbito desta pesquisa, é um ótimo pontapé para construir um futuro frutífero e diverso em todos os museus.

Não buscamos neste trabalho criar uma hierarquização dos modelos conceituais, uma vez que, entendemos que os museus são resultados das mudanças sociais do tempo e do espaço que estão inseridos, e que estes desempenham papéis de acordo com a necessidade dos atores sociais que os compõem. Nosso objetivo, ao olhar para os museus tradicionais, é contribuir para o campo museal brasileiro com uma análise

¹¹ Para saber mais: <https://www.louvre.fr>

reflexiva sobre este modelo conceitual buscando fomentar experiências que aproximem os museus e os públicos.

O caminho que percorremos nesta pesquisa para tal reflexão tem como fio condutor os processos de musealização, que como já definido, entendemos como objeto de estudo e modelo metodológico da Museologia. Estamos também comprometidos com o desafio de pensar os museus tradicionais pela ótica da Museologia Experimental, uma vez que:

Se pensamos em experiências e em ações, ao tratarmos da musealização, passamos da relação instituída entre sujeito e objeto, homem e real, sociedade e patrimônio, para o universo complexo das redes de significados constantemente mutáveis que configuram nossa experimentação das realidades que criamos. A metodologia de uma museologia experimental e reflexiva, portanto, nos leva a enxergar a cadeia da musealização abrangendo sensível e conscientemente todos os seus atores, nos diversos níveis em que se dá a passagem ao estado de musealidade. Nesse sentido, a Museologia se torna apta a formular questões relevantes para o seu próprio desenvolvimento como disciplina, visto que até mesmo os atores desta dita “ciência” nos vemos implicados em nossos objetos de análise. (BRULON, 2018, p. 208)

E nesse sentido, cabe a nós não apenas analisar a musealização, mas questioná-la, em busca de entender com mais profundidade suas diversas manifestações na sociedade. Iremos nos dedicar com mais profundidade a estas questões no Capítulo 2, porém, cabe aqui uma primeira análise.

Cada processo que compõe a musealização, detalhado mais adiante nesta pesquisa, possui um objetivo estrito, como manter a conservação, catalogar um objeto, etc. Esse objetivo estrito é guiado por metodologias próprias de conhecimentos específicos como a conservação preventiva, o restauro, a documentação museológica, a comunicação, etc. Porém o conjunto destes processos, ou seja, a musealização, possui um objetivo abrangente, que mantém todos esses processos em relação constante. Este objetivo é definido em cada museu e se manifesta pela missão e visão dos museus. Desta forma, a musealização depende de um conhecimento estrito para se manifestar e de um objetivo amplo para se concretizar. E aqui está não somente a razão de existir do museu, mas também seu cotidiano prático.

Agora que sabemos como o museu existe e se mantém, precisamos fazer uma pergunta, que nos leva ao objetivo amplo da musealização. Para que os museus existem? Coletamos, conservamos, pesquisamos e montamos exposições, catálogos, ações diversas com um objetivo. Logo, pensemos a função do museu na sociedade atual, para além dos acadêmicos, mas também para eles, qual a função dos museus no mundo de hoje? No Brasil a maior parte dos museus são financiados e gerenciados pelo poder

público e sua função não poderia ser diferente: servir à sociedade! Servir significa: “trabalhar a favor de”. Portanto, a musealização é a metodologia que nós museólogos usamos para concretizar os objetivos estritos e amplos dos museus, ou seja, é por meio da musealização que conservamos, pesquisamos, documentamos, expomos para servir à sociedade.

Desta forma, não existe trabalho em museu que não seja educativo, uma vez que, o grande objetivo da instituição museu é comunicar algo a alguém, e quando esta comunicação ocorre acontece um processo de aprendizagem e reflexão em ambos os polos da comunicação. Cabe a nós trabalhar estes processos buscando fomentar cada vez de modo mais eficaz a aprendizagem e a reflexão, de maneira participativa, buscando estarmos alinhados com o século XXI. Em seu artigo “Educação Museal: Gestão, Financiamento e Reconhecimento da função educativa dos museus” a museóloga Magaly Cabral dos Santos destaca o pensamento da também museóloga Maria Célia Santos que sugere:

Compreender a ação museológica como ação educativa significa caracterizá-la como ação de comunicação. O processo museológico é ação educativa e de comunicação. As ações de pesquisa, preservação e comunicação, que caracterizam o tripé do fazer museológico, são e devem ser educativas (SANTOS, 2020, p. 51)

O artigo apresenta também o museu como “uma instituição comprometida com a transformação e com a melhoria da qualidade de vida, por meio da aplicação de ações museológicas de gestão, pesquisa, preservação, expografia, educativas e socioculturais.” (SANTOS, 2020, p. 53)

Desta forma, tendo a educação como horizonte, buscamos ao longo desta pesquisa refletir sobre o universo dos museus tradicionais por meio das ações museológicas de musealização e gestão. Entendemos a educação como um processo (SANTOS, 2008), que no museu almeja garantir autonomia aos públicos tanto quanto ao conteúdo como a sua participação nos demais processos institucionais. Como destacado pelos museólogos André Desvalless e François Mairesse (2013):

A educação, em um contexto mais especificamente museológico, está ligada à mobilização de saberes relacionados com o museu, visando ao desenvolvimento e ao florescimento dos indivíduos, principalmente por meio da integração desses saberes, bem como pelo desenvolvimento de novas sensibilidades e pela realização de novas experiências. (DESVALLÉES, MAIRESSE, 2013, p 39)

Cabe aqui pontuar que o conceito de educação museal é o mais reconhecido hoje no cenário museal brasileiro para definir a função educativa dos museus, tendo sido legitimado no campo das políticas públicas por meio da Política Nacional de Educação

Museal; tal conceito é definido na Carta de Belém (2014), como: “um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade” (BRASIL, 2014, p. 2). A educadora Fernanda Castro diz que educação museal “tem como foco o objeto musealizado, o espaço ou território do museu, integrando conceitos de cultura, memória, patrimônio e sociedade.” (CASTRO, 2015, p. 181).

A partir de tal definição cabe aqui uma reflexão: se a educação museal tem como foco o objeto musealizado, ela acontece após o processo de musealização ser finalizado. Porém, neste trabalho defendemos que os processos que compõem a musealização funcionam como um ciclo constante, não possuem um fim com a comunicação. Os processos que compõem a comunicação museológica são a principal forma de integrar os públicos nesses processos, acolhendo suas expectativas, reações e reflexões em um ciclo onde esse conteúdo retorna alimentando os demais processos. Ao seguir este pensamento entendemos a educação como parte dos processos que compõem a musealização, onde esta não trabalha apenas com o produto final, mas sim buscando construir com os públicos mais camadas de significação sobre o objeto.

Assim, uma educação dita museal trabalharia no “campo de exercício do museu, compreendido como uma relação específica do homem com a realidade” (DEVALLÈS e MAIRESSE, 2013, p. 55). Não sendo apenas uma derivação do produto desta relação ou dos processos que a manifestam. A educação integrada ao processo de musealização colabora na construção do seu produto que está em constante mudança. Desta forma, o conceito de educação que defendemos para os museus nesta pesquisa é uma educação como processo (SANTOS, 2008) que faz parte da musealização ao mobilizar e fomentar saberes e experiências dos públicos (DESVALLÉES, MAIRESSE, 2013) e integrá-las à construção do objeto museológico, sendo mais um processo que colabora com as camadas de musealidade que irá construir esse objeto, seus usos e significações. Desta forma, seria possível almejar no lugar de uma educação que trabalhe com objetos musealizados, uma educação que musealiza. Seria então possível musealizar com os públicos? Buscamos ao longo desta pesquisa dissertar sobre porquê e como musealizar para/com os públicos.

Outro conceito que precisamos refletir sobre é: “públicos”, que é usado neste trabalho por entendermos que este representa melhor a diversidade de ideias e concepções que adentram os museus. Mas vários outros conceitos são frequentemente usados, tais como: usuário de museu, povo, população, público específico, não público,

público com deficiência, visitante, observadores, espectadores, audiência, frequentador, etc. Buscando sistematizar esta reflexão, Cury (2015) diz que:

Aproximamos os termos usuário e consumidor, entendendo um direito de cidadania, considerando, inclusive, o caráter simbólico do uso e do consumo. Se levarmos em conta a assistência (assistir a alguma coisa), podemos usar espectador e expectador. Nessa linha, Teixeira Coelho discrimina o espectador-modelo (o colaborador do artista, o cúmplice da obra) do espectador empírico (aquele que se opõe à obra, pois a entende de acordo com seus próprios interesses) (COELHO, 1999). Se relacionarmos público à assiduidade, encontramos os termos visitante e não visitante ou público e não público (quem vai e quem não vai ao museu). Visitante é um termo recorrente na literatura ou no cotidiano dos museus que, para Fernando Moreira, trata-se de um conceito esgotado, visto que espera-se do indivíduo um outro vínculo com a instituição (MOREIRA, 2007). Audiência, pela experiência do campo da comunicação, refere-se a um público frequentador e, ao mesmo tempo, ao público em potencial. Público-alvo é uma concepção mercadológica trazida da administração para especificar o cliente. Público tem em si a ideia de conjunto e públicos esclarece sobre a diversidade e pluralidade que hoje reconhecemos existir, seja na pesquisa ou no museu. (CURY, 2015, p. 8)

Portanto, diversas são as influências para a escolha dos conceitos. Atualmente, cada vez mais torna-se comum o uso do conceito públicos pelo argumento usado por Cury (2015), mas esta escolha tem relação direta com o caminho percorrido pelos museus ao longo da história, que gradativamente foi sendo alterado e se aproximando mais dos públicos, deixando cada vez mais o solo fértil para a educação florescer.

Esta afirmação pode ser confirmada com a Recomendação referente à Proteção e Promoção dos Museus e Coleções, sua Diversidade e seu Papel na Sociedade aprovada na 38ª Conferência Geral da UNESCO, na qual, entre as funções primárias dos museus além da preservação, pesquisa e comunicação, acrescenta-se a educação, afirmando que:

A educação é outra função primária dos museus. Os museus atuam na educação formal e informal e na aprendizagem ao longo da vida, por meio do desenvolvimento e da transmissão do conhecimento, programas educacionais e pedagógicos, em parceria com outras instituições, especialmente escolas. Programas educacionais em museus contribuem primariamente para educar diversos públicos acerca dos tópicos de suas coleções e sobre a vida cívica, bem como ajudam a desenvolver consciência sobre a importância de se preservar o patrimônio e impulsionam a criatividade. Os museus podem ainda promover conhecimento e experiências que contribuem à compreensão de temas sociais relacionados. (UNESCO, 2015)

A Recomendação é um marco para os estudos museais e museológicos e reafirma a visão mais ampla do museu no século XXI.

Se por um lado a recomendação da UNESCO reafirma o local central da educação nos museus, a proposta de definição de Museu apresentada na 25ª Conferência do ICOM em Quioto, no Japão, levantou grandes debates, entre outros pontos, ao retirar o conceito de “educação” da definição proposta. Sobre o que representou a Conferência Geral de Quioto e seus desdobramentos, Brulon (2020), na introdução do número 48 do *ICOFOM Study Series* dedicado ao debate sobre a definição de museu, destaca que:

Naquele momento, nós testemunhamos possivelmente a maior disputa sobre uma definição de museu na história do ICOM, e o aumento de alguns atritos que seriam tanto conceituais como políticos dentro desta organização. Em uma interpretação otimista do recente passado, a Conferência Geral em Quioto representou um marco importante pelo reconhecimento da diversidade cultural do ICOM e pela democratização dos processos de tomada de decisão neste fórum global. Desde então, com o adiamento da votação de uma nova definição de museu, que foi decidido por uma maioria de 70% dos representantes do ICOM, o debate em torno de uma nova definição para o século 21 continuou a crescer e está longe de chegar ao fim. No ano seguinte à Conferência de Quioto, ICOFOM conduziu uma pesquisa internacional (cujos resultados são publicados em desta edição), organizou duas reuniões internacionais com outros ICOM comitês (na Europa e na América Latina), e estabeleceu um relacionamento com os comitês nacionais e internacionais, compartilhando experiências, ciências e possíveis metodologias para o trabalho de uma nova definição de museu. (BRULON, 2020, p. 8, tradução nossa)

A polêmica definição proposta no evento, define o museu como:

[...] espaços democratizantes, inclusivos e polifônicos que atuam para o diálogo crítico sobre os passados e os futuros. Reconhecendo e abordando os conflitos e desafios do presente, mantêm artefatos e espécimes de forma confiável para a sociedade, salvaguardam memórias diversas para as gerações futuras e garantem a igualdade de direitos e a igualdade de acesso ao patrimônio para todos os povos. Os museus não têm fins lucrativos. São participativos e transparentes, e trabalham em parceria ativa com e para as diversas comunidades, a fim de colecionar, preservar, investigar, interpretar, expor, e ampliar as compreensões do mundo, com o propósito de contribuir para a dignidade humana e a justiça social, a equidade mundial e o bem-estar planetário.” (ICOM, 2019)

O debate sobre a definição de museu não é o tema central desta pesquisa¹², mas cabe destacar que o conceito de educação, chave neste estudo, está presente desde de 1974, e não foi contemplado na última proposta do ICOM. Se analisarmos com atenção, e talvez um pouco de boa vontade, vemos a dimensão educativa pontuada na proposta em passagens como “ampliar as compreensões de mundo” ou “contribuir para a

¹² Para um aprofundamento sobre o assunto indicamos volume 48 número 2 do ICOFOM Study Series “Defining the museum: challenges and compromises of the 21st century” disponível em: <http://icofom.mini.icom.museum/publications-2/icofom-study-series-archive/>

dignidade humana e a justiça social”. Mas cabe destacar que a dimensão educativa coexiste com a função institucionalizada da educação dentro dos museus desde o século XIX. Retirar o conceito de educação, marca desta função, parece para nós uma forma de diminuir a importância educativa dos museus, tirando a equidade que a Recomendação referente à Proteção e Promoção dos Museus e Coleções, sua Diversidade e seu Papel na Sociedade aprovada na 38ª Conferência Geral da UNESCO buscou demonstrar. Portanto:

Para que possamos ter políticas públicas culturais em todo o mundo que consigam conservar e apoiar não só a existência da educação em museus, mas também os processos necessários à sua profissionalização, é fundamental que a nova definição de museus inclua a menção explícita à educação em toda a sua contundência, como uma das principais funções e finalidades das nossas instituições. (CHIOVATTO, 2020. p.83, tradução nossa)

A educadora Milene Chiovatto em seu texto “*In Defense of Museum Education*” do qual o objeto central está no próprio título, destaca diversas questões que habitam os museus como a não valorização do profissional educador de museu e a hierarquização entre as funções, destacando o papel superior dos especialistas. A autora segue seu texto abordando o período pandêmico e a demissão em massa dos setores educativos dos museus pelo mundo. Sobre este período, destaca a atuação dos museus nas mídias virtuais, sendo a maioria das comunicações “composta por imagens de seus acervos e textos informativos sobre eles” (CHIOVATTO, 2020, p. 73, tradução nossa) Reforçando o pensamento que “basta um museu fornecer informações e que a educação ocorrerá naturalmente.” (CHIOVATTO, 2020, p. 73, tradução nossa), o texto deixa claro a necessidade de equalizar a educação com as demais áreas do museu e não mais entendê-la como fim de um processo linear, que apenas dissemina e traduz os conhecimentos produzidos pelos especialistas e por suas necessidades e vontades.

A musealização é o conjunto de processos que guia as coleções, entre os setores, saberes e ações do museu. Logo, pensar educação e musealização está, para nós, como ponto central de construir uma integração entre as tensões destacadas pela autora. Mas será que é possível pensar essa integração mesmo em tempos em que o conceito de educação ainda precisa de defesa e debate para talvez ser incluído na definição oficial de museu? Acreditamos que não só é possível, como é um bom caminho para começar a mudança de dentro para fora dos museus. Estamos cientes que os desafios são muitos.

Não podemos negar que atualmente a atuação dos museus é influenciada por diversos fatores como o turismo, as novas tecnologias e as demandas dos públicos. No contexto brasileiro, tivemos também avanços nas políticas públicas, mas ainda há pouco

investimento na área do patrimônio. A pandemia do COVID-19, escancarou tantos outros desafios como: o uso das redes sociais e a proliferação de atividades no ambiente digital, a necessidade de manutenção dos acervos e a carência de orçamentos para estas ações. Apesar da demissões nos setores educativos em todo Brasil, os setores educativos foram responsáveis por manter os museus em constante comunicação com seus públicos, mesmo quando estes museus estavam com as portas fechadas. As ações educativas foram responsáveis por manter pulsante a função social do museu no período de crise e a pandemia foi apenas um exemplo. Em diversos outros momentos as ações educativas mantiveram a relação do museu com os públicos ativa¹³, mesmo com as instituições fechadas, como o Museu Nacional após o incêndio de setembro de 2018, com os eventos em escolas e na Quinta da Boa Vista¹⁴, e tantos outros museus que fecham para obras como o Museu do Índio, Museu de Ciências da Terra¹⁵ e Museu Paulista da USP¹⁶, mas continuam com atuação ativa com os públicos por meio das ações educativas virtuais ou extramuros.

Acreditamos que a relação entre educação e Museologia é um ponto chave para analisar os processos educativos nos museus, por isso, nossa pesquisa se propõe a analisar esta relação tendo como fio condutor o que defendemos ser a especificidade dos museus e da educação nestes espaços: os processos de musealização, conceito que continuaremos a explorar mais adiante.

É importante destacar que a presente pesquisa foi desenvolvida durante o período de distanciamento social ocasionado pela pandemia da COVID-19. Com a incerteza da abertura dos museus e determinação de realizar uma pesquisa fundamentada na prática museal optamos por uma pesquisa realizada por meio virtual. Como uma das vantagens, conseguimos articular diferentes instituições aproveitando uma das principais vantagens que a virtualidade pode oferecer: o rápido compartilhamento de informações.

Desta forma, nossa pesquisa trabalha com a análise do campo museal, tendo como fio condutor os processos de musealização e como instrumento de produção de dados o questionário online, que foi enviado para os museus tradicionais da cidade do

¹³ Em setembro de 2019 foi realizada pela Rede de Educadores do Rio de Janeiro a mesa de debates “As portas fecham, os museus não” onde foi debatido a atuação de setores educativos de museus fechados no Rio de Janeiro. A mesa está disponível online no perfil do Facebook da REM-RJ. Link: https://fb.watch/bLp9Qk9_Q2/

¹⁴ Para saber mais sobre as ações desenvolvidas: <https://museunacionalvive.org.br/acoes-educativas/#:~:text=Nem%20mesmo%20o%20inc%C3%AAndio%20consequiu,pela%20ci%C3%Aancia%20e%20compartilhando%20conhecimentos.>

¹⁵ Desde 2018 o Museu de Ciências da Terra realiza a ação “Museu em Movimento” onde leva um pouco da experiência do museu à comunidade. Para saber mais: http://mcter.cprm.gov.br/museu_em_movimento.html

¹⁶ Sobre a experiência do Museu Paulista, recomendamos o artigo “Museu fechado, caminhos abertos. Ações educativas durante o fechamento do Museu do Ipiranga” Disponível em: https://www.sisemsp.org.br/redederedes/artigos/media/pdfs/nucleo2_artigo1.pdf

Rio de Janeiro. Os resultados finais do questionário permeiam todo este trabalho, onde buscamos explorar os dados a partir de referências da Museologia, analisando as relações entre os processos de musealização e a educação e o cenário atual dos museus tradicionais do Rio de Janeiro no que diz respeito às suas ações de educação. Antes, porém, precisamos lembrar a trajetória dos museus e da Museologia, base fundamental para os estudos sobre públicos, educação museal e musealização.

1.2 Um passeio pela história dos museus e da Museologia: Educação como força motriz

Visitar a história dos museus é fundamental quando estamos trabalhando com a questão educativa destes espaços, uma vez que, desde a sua primeira manifestação a dimensão educativa estava presente na organização e apresentação das coleções aos públicos. Mas, foi somente no século XX, que a função educativa se manifestou nos museus, com os primeiros setores educativos, abrindo espaço para estudos e práticas que cada vez mais levaram os públicos ao centro das atenções do mundo museal. Marcele Pereira alerta para a atenção que devemos ter entre os conceitos de dimensão e função, dizendo que:

Nos estudos empreendidos sobre o caráter educativo dos museus, muitos autores frequentemente utilizam os termos *dimensão* ou *função*, sem os devidos esclarecimentos acerca do que compreendem ser cada um dos termos utilizados. [...] Os termos *dimensão* e *função* devem ser utilizados de acordo com a conjuntura histórica analisada. O museu tem várias dimensões que se complementam. A dimensão educacional, por exemplo, é inerente ao seu surgimento e o acompanha em todos os momentos de sua história. Essa dimensão passa a tomar contornos que vão além de uma aura educacional permanente quando o museu passa a requerer para si uma estrutura funcional que possibilite o exercício educativo de forma organizada com objetivos definidos. Neste contexto, que será aprofundado adiante, o museu passou a conviver com uma nova perspectiva educacional: a função educativa. (PEREIRA, 2010, p. 19)

Logo podemos concluir que a dimensão educativa é a aura educacional que surge com os museus no seu exercício comunicativo e caminha com ele até hoje nos seus diversos modelos conceituais. Por sua vez, a função é a estruturação dessa dimensão por meio de objetivos específicos dentro da organização da instituição, ela se manifesta pela primeira vez no universo museal no final do século XIX com os primeiros setores educativos, como veremos mais adiante.

No século XX, os museus passaram por uma profissionalização que em certa medida colaborou para a função educativa se manifestar, e foi resultado, entre outros fatores, dos avanços da Museologia como campo disciplinar. Tendo os processos de musealização como objeto de estudo e novas metodologias definidas, a Museologia impulsionou a equalização das atenções entre as coleções e os públicos. Porém, esse caminhar científico foi marcado por diversos eventos em todo o globo, que modulam a Museologia do século XXI. Buscamos nos tópicos seguintes passear pela história dos museus e mergulhar brevemente na história da Museologia no que tange suas relações com os públicos e a educação, temas que estruturam este trabalho.

1.1.1 Um passeio pela história dos museus e seus públicos

A primeira manifestação do museu, é datada ainda na Grécia Clássica (510 a.C - 323 a.C). O *Mouseion*, ou templo das musas, reforça a imagem do museu como uma instituição cristalizada, fortemente ligada à verdade e a preservação, pois “um templo é um relicário, um local de guarda das coisas sagradas, **acessível apenas a poucos**; é solene, é o espaço do ritual - um espaço de reprodução, devotado muito mais à permanência do que à criação.” (SCHEINER, 2008, p. 60, grifo nosso)

A museóloga Teresa Scheiner em seu texto “O museu, a palavra, o retrato e o mito” propõe olhar-mos para a Grécia Arcaica (800 a.C - 500 a.C) e buscar “então a gênese do Museu não no templo, mas nas próprias musas.” (SCHEINER, 2008, p. 60) Essa perspectiva de pensamento consegue trazer para o museu uma imagem dinâmica de um espaço de criação, fortemente ligado à memória e à relação direta com o indivíduo, transmitindo uma imagem menos cristalizada e mais possível aos diferentes indivíduos.

Seguindo o curso da história veremos que as coleções se manifestam na Antiguidade como forma de poder e riqueza, e na Idade Média foram marcadas pelo poder religioso com os tesouros das igrejas e dos mosteiros, raramente mostrados aos públicos. Com o Renascimento as artes irão se emancipar da tutela religiosa gerando uma valorização da produção artística. “A partir deste momento na história desenvolveu-se o modelo clássico de museu, que hoje é representativo da cultura europeia.” (BRULON, 2011, p. 20)

Entre os séculos XVI e XVII os gabinetes de curiosidades se espalham por toda a Europa, e são apontados como um marco na história dos museus. Estes eram coleções de objetos raros e curiosos “mantidos por príncipes ou casas reais, humanistas, artistas

ou ricos burgueses; elementos representantes da cultura erudita interessada em conhecer e colecionar o mundo que os cercava.” (RAFFAINI, 1993, p. 159). Estas coleções buscavam catalogar o mundo e as novas descobertas oriundas sobretudo das explorações no Novo Mundo.

“A cultura da curiosidade, em suas múltiplas formas, se torna um dos componentes básicos da cultura erudita dos séculos XVI e XVII.” (RAFFAINI, 1993, p. 163). Os gabinetes de curiosidades refletem a visão da sociedade erudita destes séculos. Porém, essa cultura da curiosidade era bastante lucrativa, o que fazia com que alguns desses gabinetes fossem itinerantes, pagos e direcionados para o público popular.

Se, por um lado, os gabinetes de curiosidades representavam a visão de mundo e os valores da sociedade erudita europeia, por outro, se manifestavam em versões com uma relação direta com parte da sociedade popular, mesmo que uma relação mediada pelo lucro.

Cabe destacar que nesta mesma época ainda havia os tesouros e coleções religiosas, que, uma vez mantidas pelo poder religioso, não seguiam a cultura da curiosidade, sendo esta negada e criticada. Os princípios religiosos e de catequização conduziam a estruturação destes locais. Alguns possuíam uma visitação livre a todos os públicos, mesmo que apenas alguns dias da semana. (MAIRESSE, 2005)

O século XVII vai trazer uma mudança de paradigmas com o surgimento do saber científico. Pomian diz que:

[...] as ciências curiosas entram na cultura oficial no fim do século XV e são banidas novamente, desta vez não pela Igreja mas pelas instituições da ciência. Quanto aos gabinetes de curiosidades, com sua aspiração de tornar visível todo o ser, eles se transformam em gabinetes de história natural, subordinados a perguntas científicas (POMIAN, 1982, p. 358).

Desta forma, alguns desses gabinetes são doados a universidades e ao poder público, onde passam a se organizar com base nos critérios científicos. Logo, até o final do século XVIII, “o público dos museus são essencialmente conhecedores, estudiosos, amadores e artistas, para quem a maioria dos estabelecimentos, privados ou públicos, parece geralmente abrir facilmente suas portas.” (MAIRESSE, 2005, p. 8, tradução nossa), com algumas exceções normalmente motivadas pelo fator financeiro, como o Museu Ashmolean. Segundo Mairesse

No entanto, esta situação não é a mesma em todos os museus. Assim, alguns estabelecimentos são levados, essencialmente por razões financeiras, a abrir mais amplamente as suas portas ao público. O salário do chefe do Museu Ashmolean, desde a sua fundação, parece depender entradas pagas pelos visitantes, o que leva a uma menor severidade na seleção de visitantes. (MAIRESSE, 2005, p. 9, tradução nossa)

No contexto europeu, a Revolução Francesa trouxe novas mudanças para a relação da sociedade com o patrimônio e com os museus. “Um dos primeiros atos jurídicos da Constituinte, em 2 de outubro de 1789, foi colocar os bens do clero “à **disposição da nação**”. Vieram em seguida a dos emigrados, depois os da Coroa.” (CHOAY, 2001, p. 98) Essa “transferência” trouxe grandes desafios quanto à gestão destes bens. “Seria preciso elaborar um método para preservar o inventário da herança e definir as regras de gestão.” (CHOAY, 2001, p. 99) Surgem, desta forma, as comissões do patrimônio que cuidavam do tombamento, inventário e guarda dos bens. “Mas o problema fundamental é a necessidade de decidir, em regime de urgência e de forma que resguarde o **interesse coletivo**, sobre a destinação dos objetos heterogêneos que se tomaram patrimônios da nação.” (CHOAY, 2001, p. 100) Desta forma, as coleções de bens móveis¹⁷ passaram a ocupar palácios e casas aristocráticas abertas à visitação

[...] com o nome recente de museum ou de museu. Este tem por função servir à instrução da nação. Reunindo obras de arte, além de, em consonância com o espírito enciclopedista, objetos das artes aplicadas e máquinas, os museus ensinarão civismo, história, assim como as competências artísticas e técnicas. Essa pedagogia é concebida, de imediato, em escala nacional (CHOAY, 2001, p. 101)

Desta forma, as mudanças na sociedade europeia, sobretudo a francesa, no século XVIII construiu uma imagem do museu como uma instituição altamente relacionada com a preservação e tutela do patrimônio, que pertencia ao povo para o qual servia como exemplo civilizatório. “O fim da Revolução encerrou os trabalhos das comissões responsáveis. Sua obra não teve continuidade, do ponto de vista oficial. Napoleão I iria se voltar prioritariamente para os museus.” (CHOAY, 2001, p. 120)

É neste cenário que surgem os museus nacionais essas “catedrais para a glória da nação ou da ciência.” (MAIRESSE, 2005, p. 10, tradução nossa), que transformam o direito de entrar no museu em um direito do cidadão, ligado à construção de identidade (POULOT, 2005). Porém, mantiveram bem marcadas as separações por classe social de seus visitantes, tendo poucos dias da semana abertos ao “público em geral”, fortes restrições e um monitoramento frequente. O museu assume um papel civilizador, de manter a ordem e a elegância. A questão educativa nestes museus “é voltada para categorias específicas como artistas, artesãos, adultos que frequentam cursos no Museu, etc.” (MAIRESSE, 2005, p. 12, tradução nossa). O Museu do Louvre, aberto em 1793, data do primeiro aniversário da suspensão do rei, é dado como o primeiro museu verdadeiramente público em relação ao livre acesso a todos os estratos sociais.

¹⁷ Os bens sob tutela do Estado são categorizados em: móveis e imóveis. Na categoria móveis entram as coleções de objetos em geral, como obras de artes, artefatos arqueológicos. Na categoria imóveis cabem os bens arquitetônicos como igrejas.

A abertura do Louvre marca, por um tempo, a entrada das massas trabalhadoras no museu[...] A abertura ao público, nos principais museus, permanece relativamente restrita e, praticamente na abertura, é feita uma separação clara entre os usuários do museu, por um lado - acadêmicos e artistas - e o resto do público, por outro. A abertura do Louvre (como a da maioria dos museus de arte) é eficaz para todos apenas dois dias por semana, sendo os outros dias reservados para artistas e estrangeiros. (MAIRESSE, 2005, p. 9, tradução nossa)

Diversas questões como preço das entradas, práticas discriminatórias e localização, demonstravam que os grandes museus deixavam claro que não comunicavam a todos. O que reflete na setorização de temáticas baseadas no público e em suas necessidades sociais, que são uma marca do universo dos museus no século XIX.

Neste período, surgem os chamados “museus populares” e os “museus cantonais”. O projeto dos museus cantonais é atribuído ao advogado Edmond Groult, na cidade de Lisieux, na França. Sua iniciativa faz parte de um movimento de democratizar os museus.

Democratização relativa, no que diz respeito às grandes instituições que as nações europeias estão gradualmente erguendo. Porque estes querem ser abertos ao trabalhador, arrancando-o assim dos “casebres” e outros lugares de “estupro” em que ele gasta todo o seu salário, para que ele possa se beneficiar de uma educação saudável nos princípios da beleza, e assim, inicia-se na moralidade (Bennet, 1995; Poulot, 1985 e 1994). (MAIRESSE, 2000, tradução nossa)

Estes museus buscam uma escolarização da população com apresentação de diversas temáticas como: antropologia, agricultura, indústrias, história, geografia ou história natural. Além de espaços destinados a temática da saúde e higiene que buscam conscientização da população. Com espaços normalmente cedidos pelo município as coleções são formadas por meio de doações dos próprios cidadãos, sendo construído de um trabalho conjunto e que garante maior pertencimento dos envolvidos e maior cuidado na preservação. Porém, Mairesse (2000), destaca que os organizadores dos museus, em sua maioria:

estão longe de pertencer à classe popular a que essas novas instituições parecem ser dirigidas, alguns são prefeitos ou professores, outros notários, médicos, farmacêuticos, etc. Esta sem dúvida é a boa lógica: a burguesia provinciana lutando, através sociedades de emulação e ajuda mútua, senão para educar ao máximo populares, pelo menos para inculcar neles respeito pela Ciência, História e o conhecimento da elite. (MAIRESSE, 2000, p. 36, tradução nossa)

O primeiro museu cantonal data de 1876, na cidade de Lisieux e se espalha rapidamente chegando no ano seguinte a ser instalados 12 museus em cidades vizinhas.

A originalidade do conceito não é, no entanto, especificamente reivindicada por Groult. Segundo este último, instituições semelhantes já existem na Suíça, Inglaterra, Bélgica, Rússia, Estados Unidos e França - talvez muito focada em suas realizações de museu mais prestigioso - acumulou um atraso significativo que deveria ser preenchido. Gastando sem contar, dando milhares de circulares, folhetos ou panfletos detalhando seu projeto, Groult tenta propagar as boas novas nas cidades e principalmente no campo. O projeto parece agradar: seu autor recebe uma série de cartas de apoio de personalidades reconhecidas e municípios interessados. No início do século, Groult identifica assim cerca de sessenta museus alinhados com o seu projeto, no entanto, alguns museus foram fundados antes de Lisieux, além de museus particulares e escolares cujo princípio parece próximo do projeto cantonal. (MAIRESSE, 2000, p. 36, tradução nossa)

Além disso, a difusão das “lições das coisas”¹⁸, “pedagogia baseada na observação de objetos, já imaginada por Tomás de Aquino e Francis Bacon, torna-se um dos pilares da educação até a Primeira Guerra Mundial” (MAIRESSE, 2005, p. 13, tradução nossa). Seguindo este cenário, os museus escolares tornam-se bastante populares, estas instituições, como o nome sugere, eram situadas dentro das escolas e tinham como público exclusivo as crianças. Estes:

são essencialmente construídos durante a segunda metade do século XIX, para generalizar no final dela (embora alguns armários de curiosidade existiam nas escolas realizado por congregações religiosas, como em Halle ou Bruxelas). A instituição de museus escolares, a priori praticamente inexistente em 1850, tornou-se assim um lugar-comum meio século depois. [...] O sistema escolar iniciado por Jules Ferry, na França, sistematiza esse tipo de na Feira Mundial em 1878, 148 escolas merecem o título de museus escolares; em 1889, esse número é 13.034! (MAIRESSE, 2005, p. 13, tradução nossa)

As exposições nacionais e internacionais também são consideradas como um fator de impulso na criação de museus escolares, é nesse contexto que esta tipologia de museu chega ao Brasil a partir de 1870 (PEREIRA, 2019). No Brasil o Museu Nacional foi o grande fomentador de museus escolares, oferecendo apoio técnico às escolas. Porém, como destaca Marcelle Pereira (2019), estes museus foram, em todo mundo, encontrando dificuldades em sua manutenção, e com o tempo as coleções foram resumidas ao abandono nos porões das escolas.

No entanto, é importante ressaltar que os museus escolares não encontram incentivos necessários para continuar seu desenvolvimento e de forma bastante clara perdem espaço e professores interessados em dar continuidade ao seu incremento na mesma proporção em que a

¹⁸ A lição das coisas é uma metodologia desenvolvida a partir dos estudos do pedagogo Johann Heinrich Pestalozzi e do método intuitivo. Na lição das coisas os objetos concretos são utilizados como aparatos didáticos com objetivo de estimular os sentidos para a obtenção do conhecimento. O objeto desencadeia questionamentos que guiam os processos de aprendizagem. A partir dos estudos sobre o método intuitivo, são elaborados diversos manuais sobre a metodologia da lição das coisas, entre os mais populares está o escrito por Norman Allison Calkins, publicado pela primeira vez em 1861 e traduzido no Brasil em 1883, por Rui Barbosa. Disponível em: <http://rubi.casaruiarbosa.gov.br/handle/fcrb/376>

discussão sobre o potencial educativo dos museus ganha fôlego no campo da educação. Os museus passam a ser mais requisitados como recurso pedagógico, entrando no rol de preferência de alguns educadores atuantes no cenário nacional e internacional, que contribuem para o fortalecimento das visitas e incentivo à prática da educação nos museus. (PEREIRA, 2019, p. 102)

Fora das escolas, os museus para crianças também se tornaram comuns, reforçando a setorização do universo museal. Estes museus são espaços pensados especialmente para o público infantil, e fortemente influenciados pelo movimento da Pedagogia Nova. O Brooklyn Children's Museum é o primeiro da tipologia sendo fundado em 1899. De acordo com Vera Lúcia Chacon Valença (2008) existem aproximadamente 500 museus para crianças pelo mundo, sendo 400 destes nos Estados Unidos. Sobre estes museus a autora nos diz que:

Criados especialmente para as crianças, esse tipo de museu desenvolve suas atividades através do uso de uma metodologia dinâmica: as exposições interativas que respeitam as características das crianças, ou seja, sua curiosidade, sua vontade de descobrir e explorar. Além disso, esses museus também recorrem às instalações, às performances e também às exposições contemplativas quando possuem acervo, como é o caso do Brooklyn Childre's Museum (VALENÇA, 2008, p. 12)

É interessante destacar que mesmo sendo de contextos e sociedades distintas, os museus cantonais, os escolares e os museus de criança demonstram que o modelo de museu foi sendo reapropriado e remodelado pelas sociedades de acordo com as suas necessidades. Mairesse (2000) em seu texto "A Bela História nas origens da Nova Museologia" destaca os museus cantonais como um antecedente do ideal do movimento da Nova Museologia: a aproximação da sociedade com os museus. Por sua vez, Marcelle Pereira, sobre os museus escolares, diz que:

É importante ressaltar que os museus escolares contribuíram e continuam a contribuir para a difusão das práticas educativas e para formar professores e alunos. Mesmo com limitações e pontos passíveis de críticas e reflexões, estas instituições podem nos auxiliar no entendimento de como se deu a construção da função educativa dos museus, no reconhecimento destes espaços como locus privilegiado de educação e aprendizagem. Podemos perceber que todo o processo de desenvolvimento dos museus escolares esteve pautado em questões muitas vezes exteriores às discussões do campo da museologia e do museu de forma geral. Em grande medida, as transformações sociais e a forma com que a educação passou a ser considerada foram fundamentais para a mudança de perspectiva com relação aos museus e o seu conseqüente reconhecimento como espaço fortemente educativo. (PEREIRA, 2019, p. 103)

O reconhecimento do museu como espaço de educação, também pode ser percebido no Brasil, ainda em 1883, com o texto de Rui Barbosa, "Reforma do ensino

primário e várias instituições complementares da instrução pública”¹⁹, onde o jurista defende os museus, sobretudo os escolares, como ferramentas para a educação popular, propondo em projeto ao governo brasileiro que:

[...] em cada um dos distritos escolares da capital existisse um dos estabelecimentos propostos (museus escolares e museu pedagógico) e seria papel do governo promover e auxiliar sua fundação nas províncias. Esses locais serviriam aos benefícios do ensino e da propaganda educadora pela demonstração visual. (PEREIRA, 2019, p. 105)

Todos estes dados, nos mostram que a relação entre educação e museus, na busca por aproximar os conteúdos dos museus e/ou usá-los a favor da sociedade e suas necessidades, foi em diferentes momentos a força motriz para mudanças significativas no campo museal e museológico mundial, fazendo com que o modelo conceitual de museu tradicional se elaborasse em novas tipologias, como as citadas acima, e também colaborando para o surgimento de novos modelos conceituais, que vão ampliar o leque comunicativo dos museus, partindo das coleções para o território.

O século XIX também é marcado pelo surgimento de novos modelos conceituais de museus, que diferem do museu tradicional. Os primeiros museus a céu aberto datam do final do século XIX na Escandinávia, a grande mudança é sobretudo espacial, se apresentando como um conjunto de construções arquitetônicas em um espaço ao ar livre, buscando desta forma uma apresentação integral de um período passado. A experiência do público nestes casos é mais imersiva. Porém, a lógica da coleção ainda estava presente nestes museus que muitas vezes apresentavam estas construções de maneira cronológica. O Museu de Lejte fundado sobre sítio arqueológico também pode ser percebido como uma mudança conceitual. “Neste caso o museu se torna atelier” (BRULON, 2008, p. 25) e os visitantes podem ver os usos dos artefatos e usá-los.

Mas foi no final do século XIX que a educação caminhou para um novo lugar dentro das instituições museais, começando com o surgimento dos primeiros setores educativos, passando pela estreita relação com a escola, para, por fim, os públicos desabrocharem como questão central.

A dimensão educativa dos museus, que vem sendo abordada neste breve histórico, abre espaço para a função educativa, que se institucionaliza com os setores educativos. É no final do século XIX que “os primeiros serviços educacionais para o público em geral são desenvolvidos” (MAIRESSE, 2005, p. 12, tradução nossa).

Os museus neste período são marcados como instituições de pesquisa e responsáveis pela institucionalização do estudo das ciências naturais (LOPES, 2009),

¹⁹ Texto disponível no Repositório Rui Barbosa de informações culturais - RUBI. Link: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br>

com coleções de etnologia, paleontologia e arqueologia. Desta forma, a preocupação inicial destes museus era sobretudo científica e seu público era bem semelhante aos dos museus europeus do século XVIII, ou seja, majoritariamente formado por estudiosos.

No Brasil, este é o período chamado de "Era dos Museus", onde tivemos o ápice dessa instituição que "passará a cumprir papel cada vez mais relevante enquanto local de ensino e produção científica." (SCHWARCZ, 1989, p. 30) Como exemplos marcantes podemos citar o Museu Nacional, o Museu Paulista e o Museu Emílio Goeldi. Não cabe aqui detalhar todo o histórico destes museus, mas sim grifar que este período marca o caminhar da função educativa do museu, que começa estreitamente relacionada ao ensino das ciências e disseminação de informações científicas, com os boletins e revistas dos museus²⁰. Falando especificamente sobre o Museu Nacional, o Museu Paulista e o Museu Emílio Goeldi, Lopes (2009) destaca que os números de visitantes "atestam não só a utilidade e inserção social das instituições, como justificavam seus pedidos de mais verbas para manutenção dos serviços" (LOPES, 2009, p. 333)

Essa maior abertura ao público pode ser percebida pelos dias e horários de visita que, no Museu Nacional, ao longo dos anos, foi aumentando gradativamente. De acordo com o Decreto n. 9942, de 25 de abril de 1888²¹, o museu estaria aberto para visita duas vezes por semana, e:

Já instalado no Palácio da Quinta da Boa Vista desde 1892, o museu passou por nova reorganização interna, em 1899; ficaram reservados à visita os dias de quinta-feira, sábado e domingo. Os horários de abertura seriam novamente modificados depois da grande reforma de 1910, com a adoção de um novo regulamento no ano seguinte. A partir de então o museu ficaria aberto à visita todos os dias, exceto às segundas-feiras, restrição mantida até os dias de hoje. (PEREIRA, 2010, p. 121)

Essa trajetória dos museus de ciências naturais resultou no que Lopes (2009) destaca como aspecto marcante na transição do século no mundo dos museus: a divulgação científica. A autora conclui dizendo que:

Para o fim do século, à medida que se difundiam as noções de divulgação das ciências e os museus assumiram mais claramente seus papéis educativos para grandes públicos, o número de visitantes passou a torna-se cada vez mais um critério de validação social da instituição, demonstrando que o público os considera de interesse e a eles afluía (LOPES, 2009, p. 300)

²⁰ Podemos citar as publicações: Archivos do Museu Nacional, Revista do Museu Paulista, Boletim do Museu Paraense, Memória do Museu Paraense. Para saber mais recomendamos: SCHWARCZ, Lílian K. M. O nascimento dos museus brasileiros, 1870-1910. In: MICELI, Sérgio (org.). História das Ciências Sociais no Brasil. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais: IDESP, 1989. p. 20-71

²¹ Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-9942-25-abril-1888-542562-publicacaooriginal-51726-pe.html>

Marcele Pereira em sua dissertação²² aborda especificamente a rica trajetória do Museu Nacional, evidenciando sua dimensão educativa desde a criação, passando para uma função educativa, tendo como marco o primeiro setor educativo do Brasil, o Serviço de Assistência ao Ensino. A autora nos diz que:

Compreendemos que o Museu Nacional nas décadas iniciais do século XX deu um grande passo para a educação em museus no Brasil, principalmente por inovar ao criar uma seção dedicada ao ensino, aos moldes das demais seções científicas do Museu. Significava a oficialização da prática educativa realizada pelo Museu Nacional desde o seu surgimento. Dessa forma, podemos compreender no exemplo do Museu Nacional como se deu a mudança de perspectiva dos museus em que a dimensão educacional tida como inerente se transforma em função educativa institucionalizada. Mesmo compreendendo que estas perspectivas podem ser concomitantes, percebemos que a função educativa assume, na maioria dos casos, o controle das práticas educativas nos museus. (PEREIRA, 2010, p. 16)

Colaborando para entendermos como os públicos e a questão educativa foram aos poucos ganhando espaço no mundo dos museus, Lopes (2009) complementa dizendo que

Mesmo no caso do Museu Goeldi ou do Museu Paulista, que não chegariam ao ponto de introduzir compromissos educativos em seus regulamentos, como fizera o Museu Nacional, os números de seus visitantes tornaram-se dados obrigatórios em seus relatórios anuais, para demonstração dos serviços prestados às sociedades locais em que se inseriam" (LOPES, 2009, p. 299)

O século XX vai continuar mudando o mundo dos museus. A setorização, marca do século passado, vai gradativamente diminuindo e alguns museus começam a desaparecer. O dilema museal no tocante à educação no século XX, pode ser, pelo menos para os museus de história natural, "o conflito entre pesquisa e ensino" (LOPES, 2009). Para os demais museus este dilema se apresenta com a forte relação do museu com a escola, resultado do escolanovismo, que "recuperaram os potenciais dos velhos museus, e colocaram-nos na ordem do dia" (LOPES, 1991, p. 2)

Se por um lado o escolanovismo coloca a escola como centro das ações museais, por outro "perderam terreno nos museus suas funções de disseminação de conhecimentos para públicos amplos, independentemente da escola" (LOPES, 1991, p.3) O grande saldo, nada positivo desse contexto é que até hoje temos museus impregnados com o papel de complemento da escola. Cabe destacar, que concordamos que o museu

²² Disponível em: <http://www.unirio.br/ppg-pmus/dissertacoes>

é sim um grande parceiro da escola²³, mas não apenas da escola. Como bem coloca Lopes (1991):

O problema está em que a questão da contribuição dos museus à educação não deveria ser tratada como de costume nem apenas do ponto de vista de enriquecer ou complementar currículos, ou ilustrar conhecimentos teóricos, nem tampouco valendo-se de propostas de intervenção direta no processo educacional que dificilmente não se comprometeriam com o desempenho como um todo das sequências longas e rotineiras das relações formais de aprendizagem escolar. (LOPES, 1991, p. 7)

Apesar destas marcas escolarizadas, a educação dentro dos museus vai pouco a pouco ganhando autonomia, com diferentes experiências e metodologias que, mesmo algumas vindo do ensino escolar, ganham manifestações particulares nos museus como veremos mais adiante. Outros campos, como a arte, com a arte educação, colaboraram para no século XXI a educação dentro dos museus começar a se estruturar com práticas próprias.

No início do século XX, podemos citar outros fatores que impulsionaram mudanças cenário museal, Mairesse (2005) lista alguns:

As revoluções artísticas agitam o sistema acadêmico e o papel desempenhado pela cópia na formação de pintores, os grandes museus da arte, assim, ver o desaparecimento de alguns dos seus públicos mais assíduos, enquanto a indústria, empurrada por novidade, já não procura com tanto fervor seus modelos na tradição, trazendo um desafio radical ao papel dos museus de arte decorativa e industriais. Quase todos os museus da escola são armazenados em sótão, antes de finalmente desaparecer; a maioria dos museus comerciais fecha suas portas, dando lugar a outras instituições melhor equipadas para auxiliar os exportadores. (MAIRESSE, 2005, p. 14, tradução nossa)

O período entre guerras também trouxe mudanças que influenciaram diretamente a relação dos museus com seus públicos, o advento das férias remuneradas intensifica o turismo em massa, o sufrágio universal amplia o entendimento de público. Conseqüentemente, é neste período que o termo “público geral” se populariza. Mas, é no período pós-guerra que o “papel social dos museus se define partindo do propósito de reerguer as sociedades devastadas pela guerra, até assumirem sua função universal de exercer alguma influência na vida das pessoas” (BRULON, 2008, p. 30). Nesse período, em 1946, foram criadas a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO, o Comitê Internacional de Museus e seus subcomitês, que abordaremos adiante.

²³ Destacamos aqui o trabalho da museóloga e educadora Maria Célia Teixeira Moura Santos no qual trabalha a importância da relação entre museu, escola e a comunidade na consolidação de estratégias de valorização do patrimônio e educação das comunidades. Disponível em: <https://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/4474>

O contexto que se instala a partir da segunda metade do século XX é marcado por questionamentos de valores e reivindicações, que se manifestam nos movimentos sociais pelos direitos civis, no feminismo, no movimento da contracultura e pela valorização das identidades locais. Nesse cenário o museu é questionado, seu papel social é colocado em questão e o cenário museológico passa por uma virada gradual marcada por experiências de diferentes modelos conceituais e uma nova organização da Museologia, que aos poucos foi redimensionando seu foco das coleções para as pessoas.

Se no início do século alguns grandes museus usavam os números de visitantes como validação social, apenas dígitos não eram mais suficientes em uma sociedade que questionava o conteúdo e forma dos museus. Os estudos sobre os modelos comunicacionais nos museus, iniciados com Duncan Cameron pela adaptação do modelo da teoria matemática da comunicação e a com a introdução do *feedback*, afirmando a prática condutivista nos museus, são colocados em cheque por sua linearidade. A comunicação na segunda metade do século XX busca a integração e a troca. Não só nos museus, mas em todos os meios comunicacionais, a comunicação é vista gradativamente como uma relação, um processo construtivo com vários atores, a noção de rede é disseminada. Esse cenário impulsiona os públicos ao centro dos estudos desenvolvidos nos museus e, também, a um novo local nas ações museais.

Desta forma, o século XX é marcado pelo desenvolvimento dos estudos sobre o público, que começam baseados em uma psicologia comportamental e ao longo dos anos vai caminhando para um estudo mais focado na experiência do visitante (ALMEIDA, 2012). Pierre Bourdieu em seu livro “O Amor pela Arte: os museus de arte da Europa e seu público” publicado em 1966, marca os estudos sobre públicos apontando questões centrais que até hoje são dilemas nos museus como: a diversidade dos públicos, suas necessidades, os aparatos comunicacionais e questões educacionais. Destacamos, também, o estudo de Falk e Dierking (1992, 2000) que ressalta a complexibilidade da experiência museal que é resultado do conjunto do “contexto pessoal”, do “contexto físico” e “contexto sociocultural”, sendo necessário a união de diferentes metodologias para uma análise mais completa.

Outra mudança, impulsionada pelos estudos em comunicação é o papel que os públicos desempenham. Este se desloca de uma função meramente passiva para almejar uma participação ativa, o que motiva mudanças e desafios para a atuação dos museus, a museóloga Julia Moraes afirma que:

debates em torno da participação e do papel do público nos museus e a teorização e experimentação de novos modelos e metodologias nas ações de comunicação, informação e educação dessas instituições trouxeram à tona o desafio dos museus repensarem seus valores,

práticas e modos de inserção e integração no cotidiano de diferentes grupos sociais. (MORAES, 2019, p. 2)

A autora continuando destacando que:

Diante do horizonte descortinado, no qual a participação dos públicos é conclamada em diferentes esferas e a comunicação é compreendida como um processo dinâmico necessariamente relacionado à cultura, mesmo a noção de público foi sendo questionada e problematizada, tendo como consequência, entre outras, a valorização de nuances semânticas empregadas nos termos com que hoje pode ser correlacionada ou associada na literatura e no dia-a-dia dos museus. (MORAES, 2019, p. 2)

Sendo assim, é no século XX onde observamos o começo da mudança do foco dos museus, que caminha cada vez mais para as experiências e assume de maneira mais evidente seu comprometimento com os diversos públicos.

Esse cenário deixa marcas na história da Museologia que vinha construindo em seu caminhar científico. Saindo da caixa de técnica de museus do início do século, a Museologia vai por meio dos Seminários da UNESCO (1958), Mesa de Santiago do Chile (1972) e o movimento da Nova Museologia (a partir de 1984) e seus antecedentes se reelaborando e possibilitando que os museus sejam lugares cada vez mais férteis para se pensar educação. Abordaremos a seguir alguns destes marcos históricos, dos quais consideramos importantes para entender o caminho da Museologia e sua relação com a Educação, em sua dimensão e função dentro dos museus.

1.2.2 Da história dos museus para a história da Museologia

No século XX, a Museologia começa a se estruturar como ciência, muito ligada a técnicas dos museus e a conhecimentos sobre as coleções.²⁴ Os estudos sobre museus vão ao longo do tempo se organizando e estruturando. Em 1946, é criado o ICOM (do inglês International Council of Museums) com objetivo de integrar, apoiar e incentivar museus e profissionais a troca de experiências e a construção de soluções conjuntas, disseminando e colaborando, conseqüentemente para o campo dos museus e da Museologia.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - UNESCO, por meio do ICOM, começa, nos anos de 1950, a promover eventos e incentivar a criação de comitês. É fundado em 1953, o Comitê Internacional de Educação, que mais tarde, se torna, o Comitê Internacional de Educação e Ação Cultural

²⁴ No Brasil o Curso de Museus do Museu Histórico Nacional em 1932 é um marco para a construção do campo Museológico brasileiro.

²⁵, hoje um dos maiores comitês do ICOM. E seguindo este contexto, em 1976 é criado o Comitê Internacional de Museologia que “vai dar origem ao que hoje se reconhece como Teoria Museológica.” (SCHEINER, 2009, p. 329) e é o grande polo de produção de estudos sobre a Museologia mundialmente.

No Brasil, ainda em 1956, acontece o I Congresso Nacional de Museus, com o objetivo de analisar as especificidades dos museus nacionais. O evento é um marco na reflexão sobre os museus e suas funções, que entre outros assuntos, introduziu a discussão sobre a educação em museus, que foi aprofundada em 1958 no Seminário Regional Latino-Americano da Unesco sobre o Papel Educativo dos Museus.²⁶

O seminário é o terceiro que trabalha a temática sendo o primeiro realizado em Nova York, em 1952, e o segundo em Atenas, em 1954. Estes encontros contaram com a participação de diversos países, por meio de museólogos e educadores, que discutiram, sobretudo, a função pedagógica dos museus e sua integração com as instituições de ensino. “No Brasil, diversos programas e projetos educativos foram estruturados contemplando algumas ações que visavam estimular essa relação. Este seminário influenciou uma série de ações no campo da Educação Museal nos anos seguintes.” (IBRAM, 2017, p. 15)

O evento no Brasil foi um marco para a Museologia brasileira, pois traçou novos direcionamentos para a atuação no campo museal, ao colocar a educação como função do museu, ampliando consideravelmente seu entendimento. As preocupações com os públicos, um dos marcos do século XX, começa oficialmente a se manifestar. O evento influenciou a produção intelectual no país, fazendo com que os profissionais participantes desenvolvessem publicações técnicas sobre assunto, que seriam base para a formação de uma geração de profissionais e desenvolvimento de ações.²⁷

Destacamos aqui a produção da museóloga Regina Real em sua obra o Museu Ideal²⁸ de 1958²⁹. Entendemos a obra como uma reflexão muito lúcida sobre a

²⁵ A primeira conferência do comitê aconteceu na Holanda, em 1978, e, desde então, o Comitê vem, periodicamente, realizando conferências por todo o mundo, sempre tratando de aspectos pertinentes à educação em museus e à relação museu-sociedade. Mas foi apenas em 1995, durante uma assembleia do seminário “A Museologia Brasileira e o ICOM: Convergências e Desencontros”, realizada no Brasil, que foi então criado o Comitê brasileiro: o CECA-Brasil. (IBRAM, 2017, p. 15)

²⁶ Em 2018 foi realizado o Seminário em comemoração aos 60 anos do Seminário Regional da UNESCO. O evento resultou em uma publicação, disponível em: http://museudarepublica.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/05/Livro_seminario_WEB.pdf;

²⁷ Podemos citar: “ ‘Recursos Educativos dos Museus’, de Guy José Paulo de Holanda (1958); ‘Museu e Educação’, de Florivaldo dos Santos Trigueiros (1958); e ‘O Museu Ideal’ (1958) ‘Binômio: Museu e Educação’ (1969), de Regina Monteiro Real e publicados pelo então Ministério da Educação e Cultura (MEC).” IBRAM, 2017, p. 16

²⁸ Publicação disponível no Repositório Rui Barbosa de Informações Culturais. Link: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/>

²⁹ Destacamos também os trabalhos de Bertha Lutz e Nair de Moraes Carvalho colaboraram para a construção e consolidação do campo da educação e dos museus.

importância da integração dos processos museais. Regina Real situa seu trabalho dentro da Museologia e faz uma introdução sobre a trajetória de constituição da mesma como ciência; o objetivo da autora é o de propor que o escrito seja um impulsionador de reflexões sobre os museus sob a ótica da Museologia. O destaque que a mesma dá à educação pode ser observado pela citação: “Nada de positivo será obtido, enquanto não houver essa estreita colaboração e mútuo entendimento entre museologia e pedagogia”. (REAL, 1958, p. 20) Hoje, depois de 60 anos, muitas observações podem ser feitas sobre a obra *Museu Ideal*, mas sem dúvida Regina Real traz questões atuais ao destacar a importância da integração nos processos museais, assunto chave nesta dissertação.

Cabe aqui destacar que estes eventos e publicações demonstram que a Museologia vai gradativamente se deslocando do estudo restrito aos objetos e vai caminhando para a relação da sociedade com o Real e os processos de musealização.

Em contexto internacional cabe aqui detalhar os antecedentes e o Movimento da Nova Museologia. André Desvallées, na introdução da obra “*Vagues: une anthologie de la nouvelle muséologie*” (1992) destaca alguns eventos que podem ser considerados os antecedentes para o movimento da Nova Museologia, cronologicamente são eles: em 1957 “a publicação do livro de Freeman Tilden sobre a interpretação do patrimônio, que permitiu um primeiro processo de renovação da museografia dos centros de interpretação” (DESVALLÉES, 1992, p. 90); as jornadas de Lurs em 1966 “que levaram, nos anos seguintes, à criação dos primeiros museus *in situ* de parques naturais e ao desenvolvimento do conceito de ecomuseu” (DESVALLÉES, 1992, P. 90); o ano de 1966, quando o secretário da *Smithsonian Institution* “lançou a ideia de um museu de vizinhança experimental” (DESVALLÉES, 1992, p. 90) que viria a ser o Anacostia Museum; o Seminário com tema de “museus de vizinhança” e o “papel do museu na coletividade”, nos Estados Unidos no ano de 1969.

Assim como a década de 1960, a década de 1970 continuou trazendo rascunhos sobre o que viria a ser chamado de Nova Museologia. No ano de 1971 ocorreu na França a 9ª conferência do ICOM com tema “Museus a Serviços do Homem: hoje e amanhã” com a primeira enunciação pública do termo “ecomuseu”. E em 1972 - Colóquio sobre “Museu e Meio Ambiente” no mesmo país.

Lançando um olhar sobre a América latina destacamos que na década de 1970, no México, vamos ter a ação de Mario Vasquez com o projeto à *Casa del Museo* que:

A partir de uma ação museográfica crítica, tratava-se de um museu local na periferia da Cidade do México, propondo ao público uma mudança de percepção sobre o passado colonial, por meio da reinterpretação de coleções pré-colombianas do Museu Nacional de Antropologia do México. No contexto complexo dos anos 1970, em que muitas instituições latino-americanas buscavam integrar os museus “na vida

cotidiana de sua comunidade, colocando o passado em função do presente” como forma de resistência política e social, Vázquez propunha a criação de “um projeto experimental [...], com intenção de dirigir-se às áreas marginais da zona metropolitana do Distrito Federal” (Antúnez, 2015, p.53). Essa experiência forneceu as bases para a investigação e a aplicação museológicas voltadas para à ideia do museu como plataforma de transformação social. (BRULON, 2019, p. 213)

E em 1972 no Chile ocorreu a Mesa de Santiago, que mesmo em território latino, foi uma iniciativa do ICOM e da UNESCO e, portanto, administrada em função de uma agenda de organizações centradas na Europa. A Mesa, considerada um marco para a área da Museologia na América Latina e no mundo, teve como tema “A importância e o desenvolvimento dos museus no mundo contemporâneo”. A ideia de “Museu Integral”, surge nessa ocasião em um período “atravessado por discussões sobre a temática da responsabilidade dos governos e das agências promotoras do desenvolvimento sobre o bem estar da sociedade humana, em todas as dimensões da sua relação com o Real” (SCHEINER, 2012, p. 22). O conceito trouxe a ideia do museu como ferramenta social, mudando os paradigmas do campo museológico, colocando o público como ser ativo dentro do museu e este como promotor de identidade e cidadania. Recomendando, portanto, “uma percepção integrada da relação entre os museus e as realidades sociais, econômicas e políticas dos museus latino-americanos.” (SCHEINER, 2012, p. 22).

A Mesa de Santiago do Chile influencia diretamente na consolidação do movimento da Nova Museologia, que busca formas de implantar essa renovação no campo museal e museológico. Criando um momento de autorreflexão destes campos, que resultou na criação de museus mais engajados socialmente, bem como, no aumento de setores educativos.

Importante destacar que o educador Paulo Freire iria compor a mesa, porém, foi impedido de participar por questões políticas. Paulo Freire tem grande influência sobre o campo da educação museal com as metodologias da educação popular, como afirma Brulon (2019):

[...] a partir da definição de seu método de educação popular, que propunha, em primeira instância, a valorização dos saberes populares e das leituras de mundo ligadas às experiências de vida dos oprimidos e às suas realidades culturais. Tendo a educação como “prática libertadora”, Freire desenvolveu, nos contextos em que atuou, estratégias que visavam a participação popular na vida social e o engajamento por meio da ação cultural que leva à “percepção crítica da realidade” (Freire, 1981 [1969], p.35) – uma ideia contestada pelos regimes totalitários da época, nos países onde ele atuou. Suas ideias chegariam ao campo dos museus a partir dos anos 1970, no bojo de uma transformação social sem precedentes, que envolvia a renovação das práticas educativas em direção aos públicos e a introdução da noção de participação das “comunidades”. (BRULON, 2019, p. 208)

Vai ser na década 1980 que teremos os marcos formais para o termo “Nova Museologia”. Em 1981 Desvallées usa o termo pela primeira vez em um artigo para a *Enciclopédia Universalis*. Sobre a publicação o próprio autor diz que:

Quando eu publico em 1981, aquilo que se tornou em seguida um tipo de manifesto, eu estava apenas inventariando uma parte do que havia aparecido como inovador durante os anos 1960 e 1970. E essas auto intituladas inovações refletiam também a exigência de se encontrar uma linguagem apropriada a um público não iniciado em uma linguagem simplesmente específica do museu; bem como, a exigência de animação cultural do museu e de abertura ao exterior, a de transportá-lo para fora das suas paredes; bem como, ainda, a extensão material e técnica do museu conduzindo a uma verdadeira mutação, pela transformação em banco de dados audiovisual, além da metamorfose do conceito em si mesmo e sua extensão espacial e social, com emergência do conceito ecomuseu. (DESVALLÉES, 1992, p. 92)

Sobre os antecedentes, reafirmando o que foi dito por Desvallées, Brulon destaca que:

Apesar de originária do contexto francês, sua genealogia pode estar no pensamento de profissionais e teóricos que olhavam para práticas irruptivas nas antigas colônias. Museólogos como o já citado Mario Vázquez, do México, ou Marta Arjona, de Cuba, e Waldisa Rússio, do Brasil, já vinham, desde os anos 1970, produzindo reflexões críticas sobre a prática museal vigente, e proposições teóricas a partir da experimentação museológica. (BRULON, 2019, p.216)

Voltando aos marcos da década de 1980, tivemos em 1982 a fundação da associação Museologia Nova e Experimentação Social (MNES), que é baseada:

[...] em ideias já apresentadas por alguns críticos da museologia tradicional na época, e, sobretudo, nos pensamentos de Georges Henri Rivière, Hugues de Varine e André Desvallées. Ela foi, de fato, o reflexo das rupturas e transformações da lógica museal instaurada, percebidas por alguns profissionais franceses atuantes no cenário dos ecomuseus. Segundo seu estatuto, a associação MNES nasce com o objetivo de colocar em prática “os princípios da nova museologia no contexto da experimentação social” (MNES, 1983, p.78), servindo como “um instrumento de reflexão e de pesquisa” para uma forma de museologia que buscava romper com a prática museal estabelecida, a partir da introdução da ecomuseologia. Uma nova ênfase é atribuída aos públicos não habituados aos museus, bem como a experiências regionais e locais. (BRULON, 2019, p.215)

Tendo como antecedente MNES, em 1984 tivemos a fundação do Movimento Internacional para uma Nova Museologia - MINOM, como narra CHAGAS et tal:

Em 1984, realizou-se em Quebec, no Canadá, uma reunião internacional que produziria um documento muito simples, objetivo e radical, que ficaria internacionalmente conhecido como a Declaração de Quebec e que daria origem ao Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM) que, a rigor, contribuiu para a produção de um divisor de águas nos campos museal e museológico. (CHAGAS et tal. 2018, p. 82)

A Declaração de Quebec é um documento conciso, porém, bastante expressivo. O papel social do museu é colocado em primeiro plano e o documento deixa claro o desejo por mudanças. É interessante destacar que o conceito de educação é citado como uma das funções tradicionais dos museus no início do documento, junto com a identificação e a conservação. O documento propõe que tais funções sejam estendidas “a práticas mais vastas que estes objetivos, para melhor inserir sua ação naquelas ligadas ao meio humano e físico.” (QUEBEC, 1984). Desta forma, o documento motiva mudanças até mesmo nos processos de educação, demonstrando que o foco principal é aproximar a instituição museu das comunidades e colaborar com o desenvolvimento das populações. Marca dessa virada museológica, a Declaração de Quebec, assim como a Mesa de Santiago do Chile ecoou no cenário museal, motivando não só os museus de cunho comunitário, mas também os museus tradicionais a construir uma aproximação maior com os públicos e a repensar suas práticas.

Sobre todo esse cenário de mudanças graduais que a Museologia foi sofrendo, Desvallées destaca que:

essas autointituladas inovações refletiam também a exigência de se encontrar uma linguagem apropriada a um público não iniciado em uma linguagem simplesmente específica do museu; bem como, a exigência de animação cultural do museu e de sua abertura ao exterior, a de transportá-lo para fora das suas paredes; bem como, ainda, a extensão material e técnica do museu conduzindo a uma verdadeira mutação, pela transformação em banco de dados audiovisual, além da metamorfose do conceito em si mesmo e sua extensão espacial e social, com a emergência do conceito do ecomuseu. O único objetivo verdadeiramente comum que poderíamos encontrar entre aqueles que estavam atrás da bandeira da nova museologia poderia se concretizar na “escada monumental do museu” que eles se propunham a destruir. Abolir a distância entre o público e o conteúdo do museu, isto é, restituí-lo tornando-o perceptível para alguns, e permitindo o acesso sem a privação de sua potência, para outros. (DESVALLÉES, 1992, p. 92)

O autor traz o foco das mudanças para a comunicação dos museus com seus públicos, destacando até mesmo a noção de público que foi sendo modificada ao longo da história, como vimos anteriormente. Lembrando o princípio de George Henri Riviere “O público servido primeiro”, Desvallées destaca que a Nova Museologia colocou o museu no centro da questão, um museu com modificações estruturais e epistemológicas, portanto museológicas. Um museu que buscava uma nova forma de comunicar e além disso, um museu que retornava o conceito global de patrimônio. Porém, o que se destaca no texto é o fato do autor pontuar que:

a nossa museologia só apareceu nova na medida em que a museologia havia envelhecido. O movimento que nós iniciamos não deu origem de fato a uma revolução cultural (como por exemplo a “Revolução

surrealista” ou a revolução que conheceram as artes plásticas a partir dos anos 1950), tratou-se mais de um retorno aos fundamentos (como o Renascimento foi um retorno estético às Humanidades antigas) e os princípios que ela colocou em voga não têm nada de revolucionário. Eles constituem simplesmente a museologia. Até o século 18, os gabinetes de curiosidades e outros gabinetes de maravilhas não passavam de lugares de classificação e alguns haviam sido concebidos para ser lugares de demonstração e de ensino visando o progresso dos conhecimentos nos setores que eles cobriam. E, uma vez que eles se tornaram museus públicos, o acesso do público mais amplo aos bens artísticos, técnicos, científicos, históricos, assim como aos conhecimentos que eles podiam gerar se torna a preocupação primeira - ao menos para os modelos de museus estabelecidos pela Revolução francesa. (DESVALLÉES, 1992, p. 92)

O movimento da Nova Museologia lançou luz aos problemas dos museus, não foram novas funções que ele assumiu, mas sim, velhas questões que finalmente ganharam espaço. O museu da Revolução Francesa já se propunha a servir a sociedade, mas somente no século XX foi possível ampliar esse serviço. Assim como a sociedade sofreu mudanças, o museu refletiu-as em modelos conceituais, reformulações e novas formas de organização. Não queremos tirar o peso da Nova Museologia, mas sim identificar que a Museologia sempre perseguiu um ideal de museu, que é reflexo do tempo e do espaço que esta manifestação está inserida. Em 1958, no Brasil, Regina Real, em sua obra com sugestivo nome de Museu Ideal, já abordado neste capítulo, fez o seguinte questionamento:

O progresso dos museus, como fator social e educativo, depende muito da preparação profissional de seus componentes. Quanto maior for sua proficiência maior a influência exercida. O objetivo de seu trabalho deve ser: contribuir para o entendimento mútuo entre a sociedade e o museu. Não há dúvida que o museu bem organizado atrai o visitante. Como chegar a isso? (REAL, 1958, p. 22)

De lá pra cá, poderíamos dizer que a Museologia, mesmo que inconscientemente, buscou a resposta dessa questão. O museu bem organizado de Regina Real pode ser interpretado hoje como um museu bem pensado e planejado, ciente de seus compromissos sociais de sua potência e função educativa, de sua importância na preservação, interpretação e difusão do conhecimento, e que faça tudo isso com participação ativa das comunidades em todas as suas esferas e atenda as necessidades e reivindicações dos diferentes públicos. Podemos dizer que o museu ideal tem “o propósito de contribuir para a dignidade humana e a justiça social, a equidade mundial e o bem-estar planetário.” (ICOM, 2019) Mas o ideal, como o próprio dicionário diz, é aquilo que só existe na imaginação, relativo à ideia; que só tem existência no pensamento. Mas nem por isso deixamos de persegui-lo. Não temos a pretensão de pensar o museu ideal,

mas buscamos nesta pesquisa olhar para os processos de musealização como uma forma de 'organizar' o museu tradicional de forma alinhada com sua missão, tendo a educação como ponto crucial para deixar esse processo alinhado às demandas dos públicos. Em nosso horizonte temos as mesmas velhas questões, que em certa medida também foram foco da Nova Museologia, fazer com que os museus explorem ao máximo seu potencial comunicativo para/com os diversos públicos.

A educação, dentro e fora dos museus, também sofreu mudanças em busca do seu ideal. Dentro dos museus, muitas dessas mudanças foram por um tempo reflexos do que se fazia dentro das escolas, mas, pouco a pouco, os museus foram exercendo sua função educacional de maneira única. Essa trajetória em certa medida é reflexo de todas as mudanças que abordamos até aqui no campo museológico, mas também sofreram influências do campo da educação. O capítulo a seguir tem por objetivo trazer pistas da diversidade de práticas que compõem a história do que hoje se denomina "educação museal".

**CAPÍTULO 2 EDUCAÇÃO MUSEAL: A
EDUCAÇÃO DENTRO DOS
MUSEUS TRADICIONAIS DO RIO
DE JANEIRO**

2 - EDUCAÇÃO MUSEAL: A EDUCAÇÃO DENTRO DOS MUSEUS TRADICIONAIS DO RIO DE JANEIRO

O presente capítulo possui como objetivo de refletir sobre as diferentes experiências, metodologias e conceitos que ao longo dos anos permeou a relação entre educação e museus no Brasil, vamos em um primeiro momento pontuar as tendências pedagógicas do campo educacional brasileiro e, posteriormente, analisar algumas metodologias de trabalho que consideramos relevantes pela sua expressividade no campo museal. Por fim, vamos apresentar um panorama reflexivo sobre os setores e ações educativas dos museus tradicionais da cidade do Rio de Janeiro que participaram da nossa consulta online.

As tendências pedagógicas são resultado do surgimento do ensino como forma intencional. Ensinar requer métodos e as tendências refletem os principais métodos de ensino. São fruto de diferentes pensamentos, de várias áreas do conhecimento, que buscam o objetivo comum de encontrar a melhor forma de aprendizagem. Estas tendências vão se manifestar, sobretudo, nas escolas, mas os museus também foram influenciados pelas mesmas. Selecionamos, ainda, quatro experiências por sua expressividade no campo museal e acadêmico. São elas: Educação Patrimonial, Educação Ambiental, Divulgação Científica e Arte Educação. A escolha se justifica pelo resultado da consulta online aos museus da cidade do Rio de Janeiro, que será detalhada adiante. Quando perguntados sobre qual a metodologia ou referência que embasa a construção das atividades educativas, dos 53 museus respondentes, 36% responderam Educação Patrimonial, 30% Educação Museal, 17% Arte Educação, 5% Educação Ambiental e 4% Divulgação Científica, 6% Outros³⁰ e 2% Não possuem referencial/metodologia para as ações educativas. Os dados nos mostram as metodologias mais marcantes do campo e sua diversidade.

Nosso objetivo neste capítulo é mostrar as possibilidades de relação do museu com os processos de educação. Por fim iremos defender nosso ponto de vista sobre qual é a especificidade da educação nos museus.³¹

³⁰ Os 6% da categoria “Outros” pode ser desmembrada em: 2% Educação para prevenção da violência, 2% Educação não-formal e 2% Arte Educação, Educação Museal e Educação Patrimonial.

³¹ Importante destacar que não buscamos fazer um resgate histórico dos termos e conceitos que permeiam o campo hoje denominado Educação Museal. Para tal recomendamos: a tese da educadora museal Fernanda Castro, disponível em: https://www.academia.edu/40078885/CONSTRUINDO_O_CAMPO_DA_EDUCA%C3%87%C3%83O_MUSEAL_um_passeio pelas_pol%C3%ADticas_p%C3%BAblicas_de_museus_no_Brasil_e_em_Portugal

Antes, porém, é importante contextualizar brevemente os avanços nas políticas públicas de museus que marcam a relação entre estas instituições e a educação no Brasil.

2.1. Políticas Públicas no Brasil: dos museus à educação museal

O período de 2003 a 2009 é marcado por grandes conquistas para o campo museológico, fruto de um contexto político com forte atuação no cenário cultural e com grande articulação entre os museus, as universidades e o Governo Federal, que tinha como presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O primeiro marco de incentivo para o campo museológico foi a Política Nacional de Museus - PNM, que foi lançada em maio de 2003, durante a gestão do então ministro da cultura Gilberto Gil.

A Política Nacional de Museus foi construída a partir de um processo participativo.³² Nela constam princípios orientadores e eixos programáticos que guiaram o trabalho por todo o território nacional, que tinha como objetivo uma série de ações que visavam valorização, preservação e fruição do patrimônio cultural brasileiro, por meio da revitalização dos museus existentes, e o fomento à criação de novos museus. (BRASIL, 2003, p.8)³³, que seriam realizadas e fomentadas pelo poder público. Segundo os museólogos Márcio Rangel e José Nascimento:

Todas as ações propostas tiveram grande adesão do campo museológico brasileiro: oficinas, seminários, fóruns nacionais, editais de financiamento, prêmios, estímulo à criação de graduações em museologia em todas as regiões do país, entre outras. Os museus foram inseridos na agenda política do governo e foram definitivamente compreendidos como instrumentos sociais, como espaços de crítica e reflexão de nossa realidade. (RANGEL, NASCIMENTO, 2015, p. 306-307)

Outras grandes conquistas surgiram em decorrência da PNM, que: "desenvolveu várias ferramentas de elaboração participativa de políticas públicas, que deram origem, por exemplo, ao Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM), como um desdobramento do Plano Nacional de Cultura no campo dos museus. (IBRAM, 2018, p. 18)

No mesmo ano, como resultado da mobilização nacional dos profissionais de museus em torno da PNM, surge a Rede de Educadores em Museus - REM, com objetivo de ser um espaço de encontro e reflexão sobre o campo da Educação Museal. "Assim, por meio do resgate de programas, projetos e atividades educativas elaboradas em

³² Toda a trajetória de construção e regulamentação da Política Nacional de Museus e do Estatuto de Museus pode ser encontrada na dissertação de José Nascimento Júnior, disponível em: http://www.unirio.br/ppg-pmus/jose_nascimento_junior.pdf

³³ A Política Nacional de Museus está disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/02/politica_nacional_museus_2.pdf

museus brasileiros, foi criado um espaço de discussão que, para além dessas práticas, buscava a construção de um referencial teórico para o campo.” (IBRAM, 2018, p. 18).

A partir deste momento, inicia-se a “construção de instrumentos que pudessem permitir ao Estado uma atuação mais efetiva na regulamentação e consolidação de políticas públicas culturais” (RANGEL, NASCIMENTO, 2015, p. 302). Tais instrumentos foram o Estatuto de Museus (Lei nº 11.904 de 14 de Janeiro de 2009), que “foi pensado como um instrumento de ordenamento jurídico regulador que também traduzisse e consolidasse os conceitos da Política Nacional de Museus” (NASCIMENTO, 2019, p. 101), e o Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM (Lei nº 11.906 de 20 de Janeiro de 2009). A criação do Estatuto de Museus:

[...] teve origem em um processo nascido no âmbito do Comitê Gestor do Sistema Brasileiro de Museus, criado pelo Decreto nº 5.264, de 05 de novembro de 2004. A construção do projeto de Lei contou com a participação de profissionais e instituições do setor museológico, incluindo os cursos de Museologia existentes no país, naquele momento: Unirio e UFBA. Após várias versões, a minuta de projeto foi encaminhada à Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados, em 2006, que encampou a proposta, assumindo a iniciativa legislativa. O projeto foi votado em 2008, sem sofrer alterações. Foi sancionado em janeiro de 2009, com poucos vetos. (IBRAM, 2016, p.26)

A criação destas leis tem forte influência de uma onda internacional de regulamentação do campo museal, “que se viu surgir em diversos países, um pouco na esteira do Reino Unido, chegando a Portugal e, em seguida, ao Brasil.” (CÂNDIDO, 2016, p. 120). Podemos citar: Lei de Museus da Catalunha, na Espanha, em 1990; Lei de Museus da França de 2002, e pela Lei Quadro dos Museus, em Portugal, de 2004. “Em todas essas leis, um ponto comum fundamental: não se pode mais considerar museu uma instituição criada indiscriminadamente, sem planejamento e inserção de diretrizes museológicas.” (CÂNDIDO, 2019, p. 120) Estas leis evidenciam “um movimento de aproximar profundamente o dia a dia dos museus do desenvolvimento científico e metodológico da Museologia.” (CÂNDIDO, 2019, p. 120) No Brasil isso pode ser percebido pela forte participação dos cursos de graduação em Museologia na elaboração de todos os instrumentos citados.

Focando no Brasil, com a criação do Estatuto de Museus, teremos não apenas uma restrição do que é legalmente um museu, mas também uma orientação legal para as instituições de suas obrigações e funções em todo território nacional. A partir de então no Brasil os museus, mesmo aqueles mais distantes do polo de produção de conhecimento

nas áreas de Museologia³⁴, irão ter um documento fundamentado no campo museológico para guiar suas ações.

Cabe a nossa pesquisa fazer um aprofundamento sobre e o Estatuto de Museus (Lei nº 11.904 de 14 de Janeiro de 2009), não detalhando o documento por completo³⁵, mas sim, destacando como este influencia diretamente nas etapas do processo de musealização ao delimitar obrigações e parâmetros de atuação dos museus no território nacional. Por isso, cabe aqui um aprofundamento no Capítulo II - Do Regime Aplicável aos Museus, sobretudo nos suas Seções II (Do Regimento e das Áreas Básicas dos Museus e III (Do Plano Museológico)

Sendo assim, o Estatuto nos seus artigos 18 e 19 orienta que os museus tenham enquadramento orgânico e regimento, bem como instalações adequadas ao cumprimento das funções necessárias. No Art. 20 fica delimitado a responsabilidade no que se refere à gestão das instituições museais ao dizer: “Compete à direção dos museus assegurar o seu bom funcionamento, o cumprimento do plano museológico por meio de funções especializadas, bem como planejar e coordenar a execução do plano anual de atividades.” (BRASIL, 2009), Mais uma vez, evidenciando as ferramentas de gestão, com destaque para o Plano Museológico que será aprofundado na lei na Seção III e nesta pesquisa no tópico seguinte.

Voltando à análise do Art. 20, podemos perceber que o cargo de direção é central para o bom funcionamento do museu, uma vez que, este é o responsável pela execução do Plano Museológico. Logo, destacamos a importância de gestores que entendam as especificidades do campo museal. Como já abordamos anteriormente, o trabalho nos museus é sempre marcado pela dualidade de ser específico aos moldes da Museologia e diverso nas temáticas de coleções e tipologias de instituições. No tocante a gestão essa dualidade se expande somando-se práticas administrativas e políticas. Destacando essa complexibilidade na gestão de museus Gary Edson (2004) destaca que:

O emprego no museu é uma confiança pública que envolve grande responsabilidade e os papéis da administração de topo, inclusive o director, estão entre as responsabilidades menos bem definidas no museu contemporâneo. Esta ambiguidade deve-se à muita variedade dos deveres administrativos que incluem várias actividades do museu, assim como as capacidades tecnológicas, políticas e sociais, necessárias para orientar o museu em tempo de incertezas e exigências. O director deve ser ao mesmo tempo , representante público, defensor do serviço e profissional de museu e ser também capaz de assegurar os recursos essenciais para o museu ao mesmo tempo que mantém a integridade da instituição. Ele ou ela tem que ter habilitações escolares e

³⁴ Inicialmente existiam apenas duas graduações em museologia: Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (antigo curso do Museu Histórico Nacional – 1932) e a Escola de Museologia da Universidade Federal da Bahia (1970). Como resultado da PNM, de 2003 até os dias atuais, vários outros cursos foram criados. (RANGEL, NASCIMENTO, 2015, p. 307)

³⁵ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11904.htm

administrativas para promover a missão do museu, assim como capacidades de comunicação excelentes, particularmente à capacidade para explicar aspectos principais e secundários mas essenciais que podem não ser entendidos pelo público. (EDSON, 2004, p. 158-159)

Porém, por mais que a responsabilidade de assegurar a execução do Plano Museológico seja do diretor, de acordo com o Estatuto de Museus, esta ação não será possível sem a colaboração dos demais funcionários que compõem os museus. Como vimos, a musealização representa o cotidiano prático dos museus, que concretiza o cumprimento da missão institucional, e só é possível com a integração entre saberes e profissionais. Portanto, cada funcionário possui uma responsabilidade sobre a gestão do museu, no sentido em que seu trabalho, irá influenciar no resultado final: o serviço prestado à sociedade. Logo,

[...] é muito importante que todos aqueles com responsabilidades de administração neste sentido mais vasto compreendam os sistemas e estruturas administrativas e legislativas que se aplicam às suas circunstâncias, assim como às legislações e regulamentos apropriados e sob os quais têm que trabalhar. (EDSON, 2004, p. 145)

Desta forma, podemos concluir que a gestão museológica é desenvolvida por todos os profissionais e esta é parte integrante dos processos que compõem a musealização.

Voltando ao Estatuto de Museus entraremos agora nas subseções, que são divididas nos seguintes temas:

- Da Preservação, da Conservação, da Restauração e da Segurança,
- Do Estudo, da Pesquisa e da Ação Educativa,
- Da Difusão Cultural e Do Acesso aos Museus,
- Dos Acervos dos Museus
- Do Uso das Imagens e Reproduções dos Bens Culturais dos Museus

Estas subseções representam as áreas básicas dos museus. Antes de analisar o documento, vale uma reflexão sobre os conceitos que o Estatuto de Museus utiliza, sem uma maior definição, mas que propomos uma interpretação.

Nas suas Disposições Gerais, consta no documento que “Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades.” (BRASIL, 2009)

Esta passagem do documento faz uma restrição no que se refere a abrangência da lei e conseqüentemente a abrangência dos museus. Na primeira citação o conceito de

processos museológicos busca não restringir a lei somente às instituições, porém ao definir o que é considerado museu à lei o define como uma instituição.³⁶

Logo, o que seriam processos museológicos? Neste trabalho entenderíamos processos museológicos como os processos que compõe à musealização (seleção, aquisição, conservação, pesquisa, documentação, comunicação), sendo assim, acreditamos que ao colocar instituições e processos museológicos à lei busca abarcar também espaços de musealização como museus de território, sítios musealizados e afins. Porém, em um segundo momento o documento fala especificamente de musealização ao dizer que:

Consideram-se bens culturais passíveis de musealização os bens móveis e imóveis de interesse público, de natureza material ou imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência ao ambiente natural, à identidade, à cultura e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. (BRASIL, 2009)

Logo, torna-se ambíguo se processos museológicos e musealização são, para o Estatuto de Museus sinônimos, tornando-se indefinido o que são os processos museológicos, discussão que não temos a pretensão de esgotar, mas que achamos importante destacar, uma vez que, estamos falando do principal documento nacional sobre o campo museal e o conceito de processos museológicos define justamente a abrangência do estatuto.

Para o nosso trabalho é fundamental destacar que os processos de musealização são considerados pela lei em um sentido amplo, abarcando não somente bens móveis e materiais. E em nossa interpretação, quando o documento trata das Áreas Básicas dos Museus, ele está especificando o que chamou de musealização nas suas Disposições Gerais, uma vez que, ele define musealização como uma ação sobre os bens culturais “móveis e imóveis de interesse público, de natureza material ou imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência ao ambiente natural, à identidade, à cultura e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 2009) e em toda a extensão das subseções sobre as áreas básicas as recomendações serão sobre os bens.

Desta forma, podemos concluir que as determinações do Estatuto de Museus sobre as Áreas Básicas dos museus (Subseção II), colabora diretamente para uma estruturação dos processos de musealização nos museus nacionais ao determinar

³⁶ “Art. 1º Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.” (BRASIL, 2009)

parâmetros mínimos para cada etapa por meio das suas subseções - Da Preservação, da Conservação, da Restauração e da Segurança; Do Estudo, da Pesquisa e da Ação Educativa; Da Difusão Cultural e Do Acesso aos Museus; Dos Acervos dos Museus; Do Uso das Imagens e Reproduções dos Bens Culturais dos Museus - onde determina as obrigações dos museus e os instrumentos básicos para cumprimento de cada função. Sendo assim, o Estatuto faz uma ponte entre o cotidiano dos museus com os conhecimentos produzidos e sistematizados pelo campo da Museologia, sendo um documento ponte e referencial para o campo museal.

Dando continuidade a nossa análise chegamos à Seção III (Do Plano Museológico). O documento determina em seu artigo 44 que “É dever dos museus elaborar e implementar o Plano Museológico.” (BRASIL, 2009), por sua vez o Plano Museológico é definido no artigo 45 como:

Art. 45. O Plano Museológico é compreendido como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da vocação da instituição museológica para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento, bem como fundamenta a criação ou a fusão de museus, constituindo instrumento fundamental para a sistematização do trabalho interno e para a atuação dos museus na sociedade. (BRASIL, 2009)

Segundo o museólogo Cícero Almeida, o Plano Museológico pode ser considerado “uma decorrência de conceito geral de plano diretor – usual quando se trata do planejamento estratégico de empresas privadas e organismos governamentais, ou para a gestão de cidades –, aplicado ao caso específico dos museus.” (ALMEIDA, 2013, p. 29)

O Plano Museológico³⁷ surge de uma necessidade de pensar ferramentas que equilibrem as preocupações da gestão, as especificidades do campo museal. Desta forma, podemos concluir que o Plano Museológico é resultado da busca por ferramentas de gestão para os museus, que surgem dos diversos fatores já citados neste capítulo, somados a um cenário de Políticas Públicas que buscavam orientar e profissionalizar o cenário museal nacional. Ou seja, por meio das políticas públicas buscava-se aproximar

³⁷ Vale destacar que o Plano Museológico é anterior, uma vez que, temos a Portaria nº 1 de 5 de julho de 2006 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional que “Dispõe sobre a elaboração do Plano Museológico dos museus do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e dá outras providências” (BRASIL, 2006). A Portaria é basicamente repetida na Seção III do Estatuto de Museus e determina a estrutura básica do Plano Museológico, que deve ser composto por: diagnóstico da instituição, caracterização da instituição, missão, programas e projetos. O Plano Museológico é citado também no Decreto nº 8.124 de 17 de outubro de 2013 que Regulamenta dispositivos da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus, e da Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009, que cria o Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM. No decreto é novamente citado as partes fundamentais para construção do Plano Museológico e a obrigação dos museus em construí-lo. De acordo com o artigo 45, inciso VI, deixar de elaborar o Plano Museológico é considerado infração administrativa, evidenciando o papel basilar do documento para o bom funcionamento do museu.

os avanços metodológicos e científicos produzidos pela Museologia da realidade dos museus no amplo território nacional. Um esforço louvável, porém que até hoje luta para conquistar resultados.

Desde 2003, com a atuação do Departamento de Museus e Centros Culturais (DEMU) existe uma busca para colaborar para estes resultados por meio do Programa de Capacitação e Formação em Museologia, que continuou a ser realidade pelo IBRAM após sua criação. Sendo um eixo programático³⁸ da PNM, marca a atuação educativa do IBRAM. O programa tinha como objetivo incentivar e viabilizar a formação em Museologia buscando diminuir o abismo entre os avanços da Museologia e o campo prático dos museus. Entre suas ações estavam o oferecimento de oficinas presenciais em áreas estratégicas para os profissionais de museus em todo Brasil. Entre as oficinas oferecida³⁹ destacamos as oficinas de Ação Educativa em Museus e Estudo de Público, que demonstram a importância da função educativa nos museus e como a preocupação com tal área estava sempre presente nas políticas públicas para museus no Brasil. Até hoje o IBRAM continua atuando na formação e conta com uma Plataforma de cursos online, o SaberMuseu.⁴⁰

A criação do Instituto Brasileiro de Museus, formalizou a consolidação do campo dos museus no Brasil, e a educação conta na estrutura organizacional do instituto com uma coordenação de Museologia Social e Educação⁴¹, evidenciando a importância do assunto no campo museal. A coordenação de Museologia Social e Educação atuou no incentivo a criação de mais REMs e promoveu o primeiro Encontro dos Educadores de Museus do IBRAM, em 2010. Nesse encontro é dado o primeiro passo formal para construção da Política Nacional de Educação Museal - PNEM, a Carta de Petrópolis⁴², que se concretizou sete anos mais tarde, com a publicação da Carta de Porto Alegre. A

³⁸ O Eixo Programático 3 contava com: "Formação e Capacitação de Recursos Humanos, que tratava fundamentalmente: das ações de criação e implementação de um programa de formação e capacitação em museus e em museologia; da ampliação da oferta de cursos de graduação e pós-graduação, além de cursos técnicos e de oficinas de extensão; da inclusão de conteúdos e disciplinas referentes ao uso educacional dos museus e dos patrimônios culturais nos currículos dos ensinos fundamental e médio; da criação de pólos de capacitação e de equipes volantes capazes de atuar em âmbito nacional; e do desenvolvimento de programas de estágio em museus brasileiros e estrangeiros, entre outras ações." RANGEL, NASCIMENTO, 2015, p. 305)

³⁹ Foram oferecidas oficinas de: Museu, Memória e Cidadania; Plano Museológico: implantação, gestão e organização dos museus; Elaboração de projetos e fomento para a área museológica; Ação educativa em museu; Conservação de Acervos; Gestão e Documentação de Acervos; Treinamento de equipes administrativas e de apoio; Expografia; Arquitetura em museus; Implementação de Sistemas de Museus; Museus e Turismo; Segurança em Museus; Estudo de Público e Museus e Novas Tecnologias de Informação. Fonte: Relatório de Atividades IBRAM 2003-2010. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/08/Relatorio-de-Gestao-2010.pdf>

⁴⁰ Disponível em: <https://sabermuseu.museus.gov.br/>

⁴¹ Embora os documentos não apresentem uma data exata de criação da coordenação, funcionários que atuaram no IBRAM no período apontam a criação no ano de 2009.

⁴² Documento completo disponível em: <http://boletim.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/07/Carta-de-Petropolis.pdf>

PNEM foi construída com uma metodologia participativa que contou com servidores do IBRAM, educadores museais, as REMs, professores dos diversos níveis e esferas de ensino, estudantes, profissionais e usuários de museus.

O processo de construção da PNEM, começou com uma discussão online por meio de um blog criado para este fim, durante 4 meses, contando com a participação de mais de 700 pessoas. E estendeu-se por meio de debates estaduais, feitos por educadores museais, na função de articuladores em conjunto com coordenadores dos grupos de trabalhos (servidores do IBRAM): Perspectivas conceituais; Gestão; Profissionais de Educação Museal; Formação, capacitação e qualificação; Redes e parcerias; Estudos e pesquisas; Acessibilidade; Sustentabilidade; e Museus e Comunidade. Essa primeira etapa consolidou o Documento Preliminar da PNEM⁴³.

A segunda etapa, contou com a realização de 23 encontros regionais, em 13 estados, por meio das REMs, onde foram debatidas mudanças para o documento e recolhidas sugestões para o mesmo.

No 1o Encontro Nacional do PNEM, realizado no 6o Fórum Nacional de Museus (Belém/PA, 2014), foi lançada a Carta de Belém, em que foram definidos os Princípios da Educação Museal, a partir do conteúdo proposto no Grupo de Trabalho de Perspectivas Conceituais. (PNEM, 2017, p. 4)

Durante três anos, a equipe da PNEM, buscou sistematizar e consolidar o documento de forma coesa e concisa. E em 2017⁴⁴, no 7º Fórum Nacional de Museus, na cidade de Porto Alegre, ocorreu o 2º Encontro Nacional da PNEM. Onde foi debatido o documento final, que estruturou-se em três eixos temáticos – “Gestão”, “Profissionais, formação e pesquisa” e “Museus e sociedade”, com 19 diretrizes que sofreram modificações dos participantes do encontro e foram aprovadas na plenária final.

Em 2018, foi lançado o Caderno da Política Nacional de Educação Museal⁴⁵, contendo o histórico detalhado desse processo, bem como glossário com termos base da educação museal. Marcando desta forma não só a consolidação formal do campo, mas também incentivando e facilitando o acesso e divulgação deste por toda a comunidade museal e museológica.

Como podemos perceber, desde 2003 com a Política Nacional de Museus tivemos muitos avanços no campo das políticas públicas, sendo o mais recente especificamente

⁴³ Documento completo disponível em: <http://pnem.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/08/DOCUMENTO-PRELIMINAR.pdf>

⁴⁴ A Política de Educação Museal, aprovada no ano de 2017, porém, se voltarmos um pouco na história veremos que ainda na década de 1980 tivemos à implementação do Programa Nacional de Museus, que na área da educação, atuou em duas frentes: uma visando a relação entre escola e museu, o Projeto Integração; e outra buscando o incentivo para realização de atividades educativas em museus, com as publicações Museu e Educação, Volume 1 e 2, pelo Ministério da Educação - MEC.

⁴⁵ Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>

na área da educação, com a PNEM. Além de importantes documentos que orientam os profissionais de museus, o IBRAM buscou atuar em formações na área museológica visando diminuir a distância entre os avanços metodológicos, legais e científicos da realidade prática dos museus em todo Brasil.

Porém, ao longo dos anos, outros fatores além das políticas públicas influenciaram no modo de trabalhar e manter os museus brasileiros. No que se refere especificamente à educação, ao longo do tempo muitas influências vindas do ensino formal adentraram os museus, bem como, metodologias e experiências de diferentes ramos do conhecimento como da arte e das ciências biológicas. No próximo tópico buscamos explorar os múltiplos caminhos por meio dos quais a educação se manifestou nos museus, com o objetivo de demonstrar a diversidade do que hoje denomina-se educação museal.

2.2 Tendências pedagógicas e demais experiências: os caminhos percorridos na educação museal

Após este breve histórico, achamos pertinente pontuar algumas experiências, metodologias e conceitos que perpassam o campo museal e sua relação com o público. Nosso objetivo não é trabalhar a questão conceitual ou de construção de um campo, mas sim destacar a diversidade de práticas que ao longo dos anos influenciou e consolidou o que hoje se denomina “educação museal”⁴⁶.

Olhemos, então, para as tendências pedagógicas, que são “fruto do aparecimento do ensino como atividade intencional e planejada, ocorrida em paralelo com o desenvolvimento das sociedades e da produção científica nos diversos campos do conhecimento (LIBÂNEO, 1991)” (MARTINS, 2011, p. 71). Sobre as diferentes tendências Libâneo (1991) completa dizendo que:

Os autores, em geral, concordam em classificar as tendências pedagógicas em dois grupos: as de cunho liberal - Pedagogia Tradicional, Pedagogia Renovada e tecnicismo educacional; e as de cunho progressista - Pedagogia Libertadora e Pedagogia Crítico-social dos Conteúdos. Certamente existem outras correntes vinculadas à uma ou outra dessas tendências, mas essas são as mais conhecidas. (LIBÂNEO, 1991, p. 64)

Cada uma destas tendências foi ao longo dos anos sendo apropriada pelos museus em diferentes intensidades e para identificá-las nestes espaços precisamos

⁴⁶ O debate sobre essa conceitualização reúne uma ampla produção acadêmica, com outras denominações como educação em museus, educação para o patrimônio, educação museal. Podemos destacar ainda nessas produções, importantes pesquisadores da área da Museologia e da Educação como CHAGAS (2014), CABRAL (2012), CASTRO (2015), CURY (2013) SANTOS (2001), CHIOVATTO (2015).

antes defini-las. Sendo assim, a Pedagogia Tradicional é aquela cuja didática é baseada no professor como polo transmissor, é ele que interpreta e expõe o conteúdo e cabe ao aluno registrar o conhecimento ou memorizá-lo. Portanto, a aprendizagem é “receptiva, automática, não mobilizando a atividade mental do aluno e o desenvolvimento de suas atividades intelectuais” (LIBÂNEO, 1991, p. 65)

Nos museus, essa pedagogia se manifesta de duas formas segundo Georges Hein, com a didática expositiva e a resposta estimulada. A primeira se faz presente na lógica cronológica ou segmentada do conteúdo, onde seja por assunto ou período histórico os temas são apresentados em “caixas” descontextualizadas entre si. O segundo em incentivos a respostas prontas ou nos aparatos de *pushing button*. Luciana Martins completa os exemplos exemplificados por Hein, dizendo:

Além dos exemplos citados por Hein, são notórios os relatos das “visitas crocodilos” nos quais os alunos em fila indiana observam passivamente os objetos expostos, sob a tutela de um professor ou guia encarregado da explicação. Apesar de parecerem “coisas do passado” elementos das Pedagogias Tradicionais ainda são bastante presente em inúmeros setores educativos de museus atuais. Percebe-se que, apesar de não serem absorvidos em sua totalidade e se mesclarem com elementos de pedagogias mais contemporâneas, vários dos pressupostos das Pedagogias Tradicionais ainda encontram espaço tanto nas escolas como nos museus (LIBÂNEO, 1994; MARTINS, 2006). (MARTINS, 2011, p. 81)

Não há dúvida que muitas dessas práticas ainda podem ser vistas em museus pelo Brasil, mas também não podemos negar que os museus no mundo inteiro foram fortemente influenciados pelas Pedagogias Renovadas, que surgem justamente para contraporem a tendência tradicional. Nesta abordagem o educando tem um papel ativo e sua participação é considerada fundamental para a aprendizagem. “Diferentemente das pedagogias tradicionais [...] as pedagogias renovadas entendem o educando como o sujeito da aprendizagem, capaz de buscar por si mesmo seus conhecimentos e experiências.” (MARTINS, 2011, p. 71)

De acordo com Libâneo (1991) esta abordagem possui diferentes correntes: a não-diretiva inspirada nas ideias de Carl Rogers; a ativista-espiritualista, de origem católica; a culturalista, de origem alemã e com a base na educação como fato cultural; a montessoriana, com origem na pedagogia criada pela psiquiatra e educadora italiana Maria Montessori; a piagetiana, baseada nos trabalhos do biólogo inglês Jean Piaget; a progressista, cuja inspiração são as ideias do educador norte-americano John Dewey. “Todas, de alguma forma, estão ligadas ao movimento da pedagogia ativa que surge no final do século XIX como contraposição à pedagogia tradicional.” (LIBÂNEO, 1991, p. 65).

Essas teorias foram decisivas, em muitos aspectos, para justificar o uso educacional dos museus e de suas coleções” (MARTINS, 2011, p. 72)

Desta forma, os museus foram influenciados por essa tendência e cada corrente os permeou de uma forma. A temática dos museus e a formação dos educadores são pontos determinantes para qual corrente se manifesta de maneira mais expressiva. Destacamos três correntes: a Montessoriana, a progressista de John Dewey e a piagetiana ou construtivista.

As teorias da médica e educadora italiana Maria Montessori aparecem principalmente em museus de arte e sobretudo em ações voltadas para crianças. Montessori coloca um foco importante no envolvimento prático para a aprendizagem que somada a corrente progressista de John Dewey é a base pedagógica para os *Children's Museums*. Sobre estes museus, Ceren Karadeniza diz que:

Os museus infantis geralmente reúnem o conhecimento e os materiais para crianças de 0 a 12 anos de idade e pretendem distraí-los sobre ciência, arte e tecnologia. Eles são playgrounds exclusivos para jovens visitantes, onde eles podem desenvolver sua imaginação através de jogos de papéis e descobertas em workshops atraentes. É óbvio que brincar favorece o desenvolvimento emocional, físico, comunitário e cognitivo das crianças. Também enriquece seu mundo. Por isso, podemos dizer que os museus infantis preparam as crianças para a vida real e intensificam o aprendizado com experiências práticas. O surgimento de museus infantis remonta ao primeiro quarto do século 20. A ideia de que as crianças aprendem fazendo não é nova para os pais de hoje, mas foi revolucionária no início do século XX. John Dewey enfatizou a importância da experiência pessoal na aprendizagem. As teorias de Maria Montessori também influenciaram o desenvolvimento inicial dessas instituições. Segundo Montessori, os adultos devem ser facilitadores para as crianças. É fundamental mudar a ideia de ser rigoroso e formalista no processo educacional. Compartilhar atividades e materiais com as crianças e celebrar sua independência na aprendizagem são as chaves para uma aprendizagem eficaz. Os primeiros museus infantis foram estabelecidos entre 1899 e 1925, quando as teorias de Dewey e Montessori eram inicialmente populares (Cleaver, 1988). (KARADENIZ, 2010, p 601, tradução nossa)

John Dewey, por sua vez, é uma das principais referências da educação em museus dos Estados Unidos, e seu pensamento pode ser percebido dentro de diversos museus brasileiros. Dewey defendia que a experiência é educativa (HEIN, 2006). Martins (2011) destaca John Dewey dentro das pedagogias renovadas “por sua influência no mundo museal” (MARTINS, 2011, p. 89) e citando Hein diz que:

Segundo Hein (2006), para Dewey os museus eram locais de aprendizado nos quais os visitantes entram em contato com objetos contextualizados, encontrando significados entre eles e suas experiências prévias. A promoção da reflexão e do questionamento deveria ser para Dewey também uma tarefa para os museus. (MARTINS, 2011, p. 89)

No Brasil as teorias de Dewey chegam pelo movimento da Escola Nova, que também possui influência da “lição das coisas” ou método indutivo, já trabalhado no início deste capítulo. Anísio Teixeira é a pessoa que implementou esta corrente educacional no Brasil. Maria Margaret Lopes em seu texto “A favor da desescolarização dos museus” nos diz que:

Na nova pedagogia, o centro da ação educativa passa a situar-se na relação professor-aluno. A iniciativa do processo educacional desloca-se para o aluno, e o professor torna-se um coordenador e incentivador. A aprendizagem deve passar a realizar-se em ambientes motivadores, com diversidade de materiais didáticos, bibliotecas, que estimulem as aptidões e os interesses pessoais. “As escolas mudariam seu aspecto sombrio, disciplinado, silencioso e assumiriam um ar alegre, movimentado e multicolorido” Nesse contexto educacional, os educadores recuperaram os potenciais dos velhos museus, e colocaram-nos na ordem do dia. Assim, a geração de educadores sob a influência de Anísio Teixeira introduziu as idéias do uso educacional dos museus. (LOPES, 1991, p. 2)

A autora também ressalta que:

Embora as ideias escolanovistas tenham significado um avanço para o rompimento da inércia em que sobreviviam os museus brasileiros, inserindo-os nos esforços internacionais por modernizações, essas concepções impregnaram desde então nossos museus de seu papel de complemento ao ensino escolar. (LOPES, 1991, p. 3)

Podemos concluir que tanto Montessori quanto Dewey trouxeram importantes contribuições para o entendimento da aprendizagem dentro dos museus deslocando o foco do conteúdo para a experiência. Não pretendemos aqui debater as didáticas de cada corrente e seus resultados dentro das escolas, pois este não é nosso foco. Mas por entendermos que os museus são influenciados por essas tendências, buscamos fazer o exercício de identificar como a educação nos museus é perpassada por tendências pedagógicas e ao longo dos anos foi absorvendo e reinventando-as de acordo com sua realidade. É interessante destacar que ainda em 1938 Dewey já colocava o foco da educação em museus na experiência, e é justamente sobre a experiência dos visitantes de museus que grande parte dos estudos atuais sobre educação nos museus se baseiam.

Por fim, destacamos a corrente do biólogo e psicólogo Jean Piaget, que dá origem ao construtivismo. De maneira resumida, é uma corrente que entende o conhecimento como uma construção que deve ser estimulada por métodos educativos realizados pelo professor como mediador, levando em consideração as experiências e conhecimentos prévios dos alunos. Além de considerar as experiências do aluno e os meios, Martins (2011) destaca que:

Outra contribuição de Piaget às teorias de aprendizagem refere-se aos níveis de compreensão existentes em cada uma das idades. Piaget demonstrou que o sistema de pensamento de uma criança é diferente de um adolescente, obrigando os educadores a elaborarem estratégias específicas para cada faixa etária. Essa elaboração permitiu, em última instância, a compreensão da existência de diferentes preferências cognitivas e estilos de aprendizagem: as chamadas inteligências múltiplas. “A teoria das múltiplas inteligências de Howard Gardner (1985) representa, até os dias atuais, o mais intenso esforço na intenção de expandir as formas que os educadores utilizam para alcançar os educandos” (HEIN e ALEXANDER, 1998, p.38). As teorias de Gardner possibilitam, segundo Hein, a expansão da aprendizagem para além do pensamento lógico-matemático. O uso combinado de atividades físicas e mentais é visto, segundo o autor, como uma interessante possibilidade de estímulo ao aprendizado tendo como base as teorias construtivistas. (MARTINS, 2011, p.96)

E completa relacionando com a realidade dos museus dizendo:

[...] muitos museus hoje em dia buscam proporcionar esse tipo de experiência para seus visitantes, conectando distintas capacidades e explorando diferentes pontos de vista, com pouco controle sobre o aprendizado esperado. Uma possibilidade citada como exemplo são as salas de descoberta, recintos onde o visitante pode explorar diversos objetos e materiais, freqüentemente com ajuda de um guia, até chegar a conclusões específicas ou aprendizados particulares. O trabalho realizado nesses recintos é potencializado por todo o circuito expositivo, onde etiquetas, painéis e objetos manipuláveis relacionam os questionamentos previamente explorados (MARTINS, 2011, p. 97)

Mais uma vez observamos que as pedagogias renovadas quebram com a visão tradicional de ensino focado no conteúdo, e colocam a experiência do aluno, e no caso dos museus dos públicos, em primeiro lugar, considerando que as experiências, métodos de ensino, ambiente, educador influenciam na aprendizagem.

A terceira tendência pedagógica que podemos analisar é a tecnicista, como o próprio nome já sugere, ela tem seu foco na prática com a racionalização do ensino e conteúdo voltado para as áreas de tecnologia. Chega no Brasil na década de 1950 e se consolida no ensino público da ditadura militar, motivada pelo período de desenvolvimento industrial que o país vivia. “Sua prática é altamente esquematizada, visando a otimização dos resultados positivos, e inclui a confecção de manuais e esquemas didáticos pelas instâncias dirigentes que são entregues já prontos para o docente” (MARTINS, 2011, p.94). Nos museus esta prática pode ser vista em manuais de visitas impressos e entregues a visitantes e principalmente a professores. E também nos museus de ciência em aparatos de interatividade com passos programados (MARTINS, 2011). Apesar de ser uma interatividade mecânica e não efetiva, o tecnicismo vai trazer o debate sobre tecnologia para o centro dos museus de ciência e vai rascunhar caminhos para uma interatividade mais efetiva.

No início dos anos 1960 tivemos no Brasil movimentos de educação de adultos com ideias focados na educação popular, mas somente na segunda metade da década de 1970, como resultado da mudança do quadro político e pelas lutas sociais por maiores democratização da sociedade, que teremos duas tendências pedagógicas críticas, serão elas: a Pedagogia Libertadora e a Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos.

A primeira retornar as propostas de educação popular dos anos 60, refundindo seus princípios e práticas em função das possibilidades do seu emprego na educação formal em escolas públicas, já que inicialmente tinham caráter extra-escolar não oficial e voltadas para o atendimento de clientela adulta. A segunda, inspirando-se no materialismo histórico dialético, constituiu-se como movimento pedagógico interessado na educação popular, na valorização da escola pública e do trabalho do professor, no ensino de qualidade para o povo e, especialmente, na acentuação da importância do domínio sólido por parte de professores e alunos dos conteúdos científicos do ensino como condição para a participação efetiva do povo nas lutas sociais (na política, na profissão, no sindicato, nos movimentos sociais e culturais). Trata-se de duas tendências pedagógicas progressistas, propondo uma educação escolar crítica à serviço das transformações sociais e econômicas, ou seja, de superação das desigualdades sociais decorrentes das formas sociais capitalistas de organização da sociedade. No entanto, diferem quanto à objetivos imediatos, meios e estratégias de atingir essas metas gerais comuns. (LIBÂNEO, 1991, p. 68)

Ambas as tendências se manifestaram nos museus dentro do contexto da Nova Museologia, fortemente motivadas pelos pensamentos de Paulo Freire e de sua Educação Libertadora. Paulo Freire torna-se um grande nome do campo da educação nos museus a partir da década de 1970; sua influência no universo museal é marcada pela valorização dos saberes e experiências populares, pelo desenvolvimento de modelos de participação social e pela promoção da ação cultural como forma de construção de senso crítico sobre a realidade. Seu pensamento ecoa nos museus por meio das revisões de discursos e atividades educativas que tenham um cunho mais crítico e político. Podemos ter como exemplos práticos as iniciativas da Rede de Museologia Social em museus sociais, principalmente, na cidade do Rio de Janeiro e o desenvolvimento de metodologias dialógicas que irão permear uma parte considerável da museologia brasileira.

Além das influências gerais das tendências pedagógicas, surgem no campo museal metodologias de trabalho, que não estão livres de sofrer influências das já citadas tendências, mas que se manifestam como em práticas e ações educativas. Muitas vezes essas metodologias estão relacionadas com temáticas ou objetivos específicos de ações ou museus. Vamos destacar aqui quadro metodologias por sua expressividade no campo museal e na produção acadêmica.

A primeira metodologia que podemos citar é a Educação Patrimonial, que chega no Brasil pela apropriação e tradução do conceito Heritage Education, trazido por Maria de Lourdes Parreiras Horta. Como destaca Castro (2018):

Também na década de 1980 surge, no Brasil, o termo Educação Patrimonial, trazido por Maria de Lourdes Parreiras Horta, a partir de uma experiência dessa educadora e museóloga em um evento na Inglaterra. A partir de sua participação em um evento promovido pelo English Heritage, Horta organizou em Petrópolis, no Museu Imperial, o 1º Seminário sobre o Uso Educacional de Museus e Monumentos, quando ocorreu “em 1983 a introdução no Brasil da expressão Educação Patrimonial como uma metodologia inspirada no modelo da heritage education, desenvolvido na Inglaterra” (IPHAN, 2014, p. 13). (CASTRO, 2018, p. 216)

Horta et al (1999) na publicação Guia Básico de Educação Patrimonial definiu Educação Patrimonial como:

um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando à geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. (HORTA et. al., 1999, p. 6)

Martins (2011) destaca que:

O método consiste em quatro etapas, assim denominadas: 1) Observação, tendo como objetivos a identificação do objeto e o desenvolvimento da percepção visual e simbólica; 2) Registro, com os objetivos de fixação do conhecimento percebido, aprofundamento da observação, análise crítica e desenvolvimento da memória, pensamento lógico, intuitivo e operacional; 3) Exploração, voltada ao desenvolvimento das capacidades de análise e julgamento crítico, interpretação das evidências e significados; e 4) Apropriação, com objetivo de promover o envolvimento afetivo, internalização, desenvolvimento da capacidade de auto-expressão, apropriação, participação criativa e valorização do bem cultural. Carneiro (2009) aponta a estreita filiação entre essas etapas e os cinco estágios de desenvolvimento cognitivo dos seres humanos, segundo Jean Piaget. (MARTINS, 2011, p.79)

Atualmente o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)⁴⁷ é o grande difusor dessa metodologia no Brasil, principalmente a partir de 2010, e a define como:

todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas

⁴⁷ Importante destacar que o IPHAN contava em sua estrutura com o Departamento de Museus - DEMU, até o ano de 2009 quando é criado o Instituto Brasileiro de Museus. Desta forma, a metodologia da educação patrimonial é desenvolvida ainda quando o IPHAN contava com os museus hoje do IBRAM e seus respectivos servidores, entre eles Maria de Lourdes Parreiras Horta.

manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. (IPHAN, site)

O IPHAN como órgão de tutela do patrimônio no Brasil guia as normativas de gestão do patrimônio com tal metodologia. Podemos citar a Instrução Normativa 001/2015 que instituiu a educação patrimonial como a metodologia que deverá ser usada em projetos educativos, referentes a licenciamento ambiental que envolvam o patrimônio. Esta metodologia, influenciada em parte pelo que foi apresentado acima, é bastante comum em museus de Arqueologia.

A museóloga Marília Xavier Cury (2013) defende que os museus são locais propícios para a educação patrimonial, dizendo que:

O museu é um excelente espaço para a educação patrimonial. Aliás, o museu é uma instituição que, em sua essência, é agência de educação patrimonial. Nessa instituição podemos ter experiências significativas com o patrimônio cultural, pensar sobre as razões para aqueles objetos estarem lá e para que outros ingressem o universo museal. No museu, ensina-se e aprende-se de maneiras diferentes da escola. No ambiente museal ensina-se e aprende-se a refletir sobre o patrimônio, a olhar para objetos e pensar sobre eles e, sobretudo, a indagar sobre os seus valores patrimoniais. Ainda, no museu podemos pensar o porque de tanta atenção institucional - o trabalho em torno do objeto por meio do processo curatorial -sobre coisas com atributos patrimoniais. (CURY, 2013, p. 23)

É inegável que os museus são espaços onde devemos estimular à reflexão sobre o patrimônio, sua importância e a necessidade de sua preservação, portanto, a educação patrimonial colabora para pensar possibilidades de ações nesse sentido. O museu é um espaço de comunicação, pesquisa e preservação, integrar os públicos por meio da sensibilização é um dos passos fundamentais que o museu deve dar a sua colaboração para sociedade. Desta forma, podemos concluir que a metodologia da educação patrimonial é uma boa forma de se pensar o uso das coleções dos museus como meios de educação. Porém, a relação entre educação e museus não se resume apenas na sensibilização do público sobre as questões patrimoniais. Logo, o campo museal será perpassado por outras metodologias.⁴⁸

Dentre estas metodologias podemos citar a Arte Educação, que tem por princípio “educar por meio da arte” (BACARIN, NOMA, 2005, p. 1), e segundo Ana Mae Barbosa tem como objetivo “favorecer o conhecimento nas e sobre artes visuais, organizado de forma a relacionar produção artística com apreciação estética e informação histórica.” (BARBOSA, 2004, p. 3). A metodologia desenvolvida pela autora conhecida como

⁴⁸ Resultado das reflexões sobre o termo Educação Patrimonial surgem outros termos como “Educação para o Patrimônio” e “Educação com o Patrimônio”, propostos pela educadora museal Denise Grinspum em sua tese disponível: <https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/709438/>

“abordagem triangular” aborda três vertentes, são elas: o fazer artístico, a leitura da imagem e a contextualização histórica. A autora continua dizendo que uma das funções da arte-educação é fazer a mediação entre a arte e o público. “Museus e centros culturais deveriam ser os líderes na preparação do público para o entendimento do trabalho artístico.” (BARBOSA, 2004, p. 3, 2004). Logo, não podemos negar que a relação entre arte educação e museus vem sendo consolidada ao longo do tempo e que essa metodologia por motivo temático está presente nos museus de arte. Bacarin e Noma (2005) apresentam que a história da arte educação no Brasil começa em 1922 com a Semana de Arte Moderna e as influências de John Dewey, já apresentado neste capítulo, e o movimento da Escola Nova, que teve grande influência nos museus como foi apresentado. Ana Mae Barbosa em seu texto “Arte-educação em um museu de arte” diz que a arte-educação vem sendo trabalhada nos museus desde à década de 1950, mesmo que de forma improvisada.

Logo, podemos ver mais uma metodologia que perpassa o mundo dos museus, orientando a construção de atividades educativas e até mesmo a criação de setores educativos na década de 1980 (BARBOSA, 1989, p. 125). Tendo como fio condutor a ação de mediar a arte, esta metodologia conversa plenamente com a função dos museus de serem instituições que mediam a relação do humano com o real, que no caso dos museus de arte se manifestam sobretudo na forma de coleções de obras de artes. Mas não só de museus de arte vive o universo museal, por isso teremos uma metodologia específica que se manifesta nos museus de ciência: a divulgação científica.

A divulgação científica tem sua trajetória iniciada após a Segunda Guerra Mundial, quando os avanços científicos e tecnológicos ganham espaço na vida cotidiana e se mostram como grandes influências na economia, política e desenvolvimento social. O cenário da Guerra Fria impulsiona a divulgação científica motivada pela necessidade de desenvolvimento científico e também como propaganda de governo. É nesse cenário que tivemos um maior investimento em museus de ciência e tecnologia nos Estados Unidos e na União Soviética para promoção dos avanços tecnológicos. O museólogo Daniel Maurício Viana de Souza (2011) nos diz que:

A divulgação científica, por vezes também denominada vulgarização ou popularização científica, é considerada nos dias atuais como prática que objetiva promover a aproximação do leigo ou não iniciado em ciência a alguns princípios, produtos e implicações da atividade científica. Para tanto, são empregadas técnicas e métodos de recodificação da informação científica e tecnológica, visando à alcançar uma linguagem amplamente compreensível mediante a utilização de meios variados de comunicação. (SOUZA, 2011, p. 257)

Ressaltando as problemáticas e a amplitude da divulgação científica, a museóloga Júlia Moraes completa dizendo que:

o debate em torno da divulgação científica envolve muitas problemáticas, as quais vão muito além da ciência. Isto porque a divulgação implica na veiculação da informação de/sobre ciência a diferentes segmentos da sociedade não familiarizados com o universo científico e, portanto, envolve questões amplas, desde as educacionais, sociais, culturais, até aquelas econômicas, políticas etc. (MORAES, 2014, p. 42)

Martins (2011) destaca ainda que:

De acordo com Cazelli, Valente e Alves (2003) os espaços de educação não formal, especialmente os museus e centros de ciência, têm um papel relevante a cumprir nesse processo de divulgação científica para a sociedade, na medida em que podem se constituir enquanto locais de debates para temas controversos e complexos da ciência. (MARTINS, 2011, p. 318)

Não cabe aqui aprofundar as questões referentes à divulgação científica, mas cabe destacar que essa prática orienta diversos trabalhos até os dias atuais em museus de ciência ou ciência e tecnologia e assim como a Arte Educação possui um papel fundamental de mediar conteúdos para o público não especializado e são uma ferramenta bastante útil dentro dos museus.

Destacamos aqui a Tese da museóloga Júlia Moraes⁴⁹ que se debruça sobre o conceito de divulgação científica para cunhar o conceito de divulgação artística buscando uma maior aproximação dos públicos com os acervos e conteúdos dos museus de arte. Esta pesquisa nos mostra como as apropriações e adaptações dessas diversas práticas podem ser manifestadas em diferentes formas no campo museal e museológico.

A divulgação científica, como podemos ver, é resultado de uma série de mudanças de como o homem se relaciona com o mundo, seguindo esta mesma perspectiva teremos a Educação Ambiental. A educação ambiental está diretamente relacionada ao desenvolvimento de uma consciência ambiental que: “a nível internacional, pode ser traçado ao longo das duas últimas décadas, com base em uma série de eventos, como as Conferências de Estocolmo e a de Tbilisi que originaram as primeiras manifestações dentro da Educação Ambiental (SATO, 2003).” (COSTA, 2004, p.143).

O Brasil possui uma Política Nacional de Educação Ambiental onde:

Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do

⁴⁹ MORAES, Julia Nolasco Leitão. Museu, informação artística e “poesia das coisas”: a divulgação artística em museus de arte. 2014. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/807>

meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (BRASIL, 1999)

A Educação Ambiental está presente em museus de ciências em abordagens mais sociocríticas sobre temas relacionados com o meio ambiente como: consumo, poluição, lixo, desmatamento florestal entre outros. Porém a educação ambiental também faz parte de uma série de fatores que transformam o modo como a Museologia percebe a relação da sociedade com seus patrimônios, Teresa Scheiner nos diz que:

Recuperada no início do século 20 - com as teorias da relatividade, as teorias ecológicas; com o construto filosófico que percebe o homem na plenitude de si mesmo (fazendo a síntese entre logos e physis); e ainda, enfatizada por meio do advento das metodologias de educação ambiental, a percepção holista do real permitiu alinhar o pensamento às experiências da Gestalt – tornando possível à sociedade ocidental abrir-se em direção às demais culturas de modo menos autocentrado e maniqueísta. Fez-se a crítica às crenças na hegemonia da espécie humana e questionou-se os códigos de conduta das sociedades ocidentais, centradas sobre a razão, buscando-se aceitar como legítimas as visões de mundo dos diferentes grupos culturais. Uma nova perspectiva ética, influenciada pelas teorias marxistas, passou a admitir a diferença como traço fundamental da sociedade humana – e a advogar direitos similares para todos os grupos sociais. No âmbito da Museologia, essa lógica permitiu que se apreendesse o Museu já não mais “como estrutura apolínea, onde o Racional (ideia) e o Real (mundo) se articulam sob processos dialéticos, mas como fenômeno: plural, inesperado, contraditório” (SCHEINER, 2000). A nova percepção de Museu permitiu, por sua vez, pensar sociedade, cultura e patrimônio de forma integrada; e relativizar o modo como são percebidas e traduzidas, no âmbito do Museu, as interações entre memória, cultura, patrimônio e o corpo social. (SCHEINER, 2017, p. 11)

Todas essas mudanças na percepção do museu, somadas às mudanças já apontadas anteriormente de que os ecomuseus resultaram, colaboraram para que jardins históricos, parques nacionais, zoológicos entre outros espaços fossem entendidos como museus⁵⁰. Baseado nos estudos mais recentemente frutos do avanço da área de Museologia, estes espaços são locais onde os processos de musealização se manifestam e a educação ambiental orienta grande parte das ações educativas.

Mais uma vez percebemos como as práticas educativas podem ser permeadas por diversas experiências e/ou metodologias, que surgem de objetivos específicos e usam o museu como forma de concretização destes. O museu é uma instituição que tem

⁵⁰ O Estatuto Brasileiro de Museus define os museus como “instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.” (BRASIL, 2009) Complementando, diz que “Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território, visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades.” (BRASIL, 2009)

funções ao mesmo tempo específicas, como a preservação, pesquisa, documentação e comunicação das coleções, mas que tornam-se extremamente diversificadas por meio dos modelos conceituais e das mais variadas temáticas das coleções. Portanto, nesse cenário específico e diverso que é o universo museal, o que distingue a educação nos museus?

Talvez esta seja uma resposta bastante complexa, mas ousamos respondê-la com base no campo da Museologia: a especificidade da educação museal é a sua participação nos processos de musealização. Ou seja, uma educação que atua integrando os públicos na musealização. Ao longo deste trabalho buscamos evidenciar como se dá essa integração e as consequências do distanciamento dos processos de musealização com os processos de educação dentro dos museus tradicionais.

Almejando alcançar os objetivos da pesquisa, no próximo tópico vamos apresentar um panorama reflexivo sobre a relação entre musealização e educação, por meio dos resultados da nossa consulta online realizada com os museus tradicionais da cidade do Rio de Janeiro.

2.3. Os museus tradicionais na cidade do Rio de Janeiro: uma reflexão sobre a função educativa

A pandemia ocasionada pelo COVID-19 impactou radicalmente as diversas sociedades. No universo dos museus fechou as instituições e colocou desafios quanto ao relacionamento com o público e a manutenção das coleções. Para o desenvolvimento da nossa pesquisa o desafio se manifestou com a necessidade de pensar novas formas de coletar dados sobre a prática dos museus. Como solução, construímos um questionário online com o objetivo principal de investigar como os profissionais dos museus entendem a relação entre os processos de musealização com a educação na prática. Buscando um aprofundamento maior sobre a realidade dos museus tradicionais na cidade do Rio de Janeiro, o questionário investigou também os setores educativos e as ações educativas, uma vez que, estes representam na prática a função educativa dos museus.

2.3.1 A consulta online aos museus tradicionais do Rio de Janeiro

No ano de 2020 vivemos com os protocolos para o distanciamento social devido a pandemia da COVID-19. Rapidamente diversas áreas das nossas vidas migraram para o online, foram aulas, shows, consultas médicas, reuniões de trabalho e de lazer. Inicialmente nossa pesquisa, pensada para uma realidade normal, ou seja, não

pandêmica, iria trabalhar com estudos de casos, o que tornou-se inviável. Como solução migramos para o virtual e decidimos que seria uma oportunidade de ampliar nosso recorte não mais em instituições específicas, mas em um modelo conceitual - o museu tradicional - e um território - a cidade do Rio de Janeiro. A escolha do museu tradicional já foi detalhada anteriormente e a cidade do Rio de Janeiro foi escolhida pois esta pesquisa pertence a um Programa de Pós Graduação de tal município e por conter museus familiares profissional e pessoalmente. Ao longo de 2020 construímos um questionário que buscava ser ao mesmo tempo fácil de ser respondido pelos diversos museus e que atendesse aos nossos objetivos.

A primeira dificuldade encontrada foi elaborar perguntas que buscavam explorar questões museológicas com uma linguagem acessível. Por nossa experiência e contato anterior com alguns museus, sabemos que alguns destes não possuem museólogos e algumas equipes eram apenas de voluntários sem formação na área dos museus, por isso, tentamos ser didáticos e acessíveis. Para isso, colocamos uma introdução no questionário com a definição dos conceitos de musealização e ações educativas⁵¹. Os conceitos buscavam também demarcar para as equipes especializadas qual era a nossa visão sobre tais conceitos, uma vez que, existem diferentes entendimentos sobre tais. Infelizmente, essa dificuldade é difícil de ser avaliada se foi ou não superada, mas sem dúvida evidencia um abismo entre o campo de estudo da Museologia e a realidade dos museus.

Para aplicação do questionário foi usada a plataforma *Google Forms* que além de ser gratuita, oferece a funcionalidade de tabulação automática das perguntas com respostas fechadas, otimizando o trabalho de tabulação posterior dos dados. Outro ponto fundamental para a escolha da plataforma é que ela é compatível com os diferentes dispositivos, sendo adaptada para smartphones e notebooks.

Desta forma, com base nos dados das publicações “Guia dos Museus Brasileiros” (2011), “Museu RJ: Um guia de memórias e afetividades” (2013) e das plataformas digitais: “Museus do Rio” (www.museusdoriorio.com.br) e MuseuBr (www.museus.cultura.gov.br), foi produzida uma tabela com nome, telefone, e-mail e endereço de todos os museus. O questionário foi enviado por e-mail em outubro de 2020

⁵¹Nossa introdução dizia: “O objetivo do presente questionário é entender qual a relação das ações educativas com todos os procedimentos internos do museu que compõem a musealização. De maneira simplificada, a musealização é o conjunto das ações realizadas com o acervo da instituição, que englobam: seleção, documentação, conservação, pesquisa e comunicação.

As ações educativas possuem os públicos como foco e colaboram para facilitar, dinamizar e qualificar sua relação com o patrimônio e as narrativas da instituição.

ATENÇÃO: Esta pesquisa busca estudar o período entre os anos de 2015 e 2020.

para todos os museus tradicionais da cidade do Rio de Janeiro totalizando 104 museus. No e-mail havia ainda um resumo da pesquisa e contato para dúvidas, porém nenhum contato foi realizado.

Começava a segunda e maior dificuldade. No primeiro mês de aplicação possuíamos um pouco mais de dez questionários, mesmo encaminhando lembretes semanalmente aos museus. Contamos ainda com a divulgação da pesquisa pela Rede de Educadores de Museus do Rio de Janeiro (REM-RJ) e pela Secretária do Estado de Cultura e Economia Criativa (SECEC-RJ). Porém, só obtivemos um número maior de respostas com o contato direto com os profissionais. Foi necessário ativar uma verdadeira rede de amigos, conhecidos, professores. O contato por telefone não ajudou, provavelmente por conta do *homeoffice*. Em março de 2021, finalizamos nossa aplicação com 53 museus respondentes.

Após essa experiência podemos dizer que os museus tradicionais da cidade do Rio de Janeiro não mostraram-se institucionalmente acessíveis ao público pesquisador, sendo necessário o esforço pessoal de profissionais de um determinado ciclo pessoal para o maior alcance da pesquisa. Podemos supor pela nossa experiência, que o campo dos museus ainda é muito pessoalista e essa foi a maior dificuldade enfrentada na aplicação dos questionários. Nosso objetivo era conseguir um número maior de museus respondentes, mas o tempo de pesquisa limitou que continuássemos procurando conhecidos nos demais museus.

Buscamos construir com os dados um panorama reflexivo sobre a função e dimensão educativa dos museus e sua relação com os processos de musealização. Partindo do nosso recorte na cidade do Rio de Janeiro, buscamos dissertar sobre o museu tradicional como uma instituição que possui a missão de pesquisa, preservação e comunicação do patrimônio musealizado e para que essas funções sejam desempenhadas com excelência, estas devem ser realizadas de maneira integrada e almejando o mesmo horizonte: servir à sociedade.

Apresentamos neste capítulo as reflexões sobre os dados das ações educativas, dos setores de educação e dos públicos de museus respondentes. Dissertando sobre questões atuais do campo museológico e, também, colaborando para evidenciar como os processos de musealização englobam a função educativa e devem ser orientados por uma dimensão educativa para que a missão do museu de preservar e comunicar o patrimônio musealizado seja cumprida explorando ao máximo o potencial das coleções para os diversos públicos.

No capítulo 3 analisamos especificamente as etapas de musealização. Partimos das respostas dos museus sobre como cada etapa influencia nas ações educativas para

por meio destes exemplos, dissertar sobre a importância da integração dos processos de musealização e como a dimensão educativa funciona como este horizonte integrador.

Desta forma, os dados dos questionários foram analisados em um movimento entre a função e dimensão educativa dos museus. Acreditamos que desta forma conseguimos evidenciar a educação museal em sua totalidade e explorar melhor nossos objetivos.

2.3.2 Os resultados: um panorama reflexivo

Neste tópico buscamos analisar os dados referentes às ações educativas, os setores e os públicos dos museus respondentes. Estes dados refletem mais estritamente a função educativa dos museus. A educação dentro dos museus pode se manifestar de diversas maneiras, as chamadas ações educativas são a principal manifestação prática da educação dentro dos museus. Sobre essas ações Figurelli (2011) destaca que:

Dentre as diversas contribuições das instituições museológicas à sociedade, uma em especial destaca-se por facilitar, dinamizar, diversificar e qualificar a relação do indivíduo com o patrimônio cultural preservado: as ações educativas. Voltada para o indivíduo, a ação educativa nos museus é pensada e realizada para cooperar com o seu desenvolvimento, contribuir para o seu aprimoramento e facilitar o seu reconhecimento enquanto sujeito social, pois é através de uma ação educativa que o contato do público com o bem cultural é potencializado, contribuindo assim para os processos de construção de conhecimentos, que caracterizam o desenvolvimento do ser humano. (FIGURELLI, 2011, p. 119)

No Brasil as ações educativas são um compromisso legal dos museus como consta no Estatuto de Museus no Capítulo II - Do Regime Aplicável aos Museus; Seção II - Do Regime e das Áreas Básicas dos Museus; Subseção II - Do Estudo, da Pesquisa e da Ação Educativa, onde em seu Art. 29 determina que:

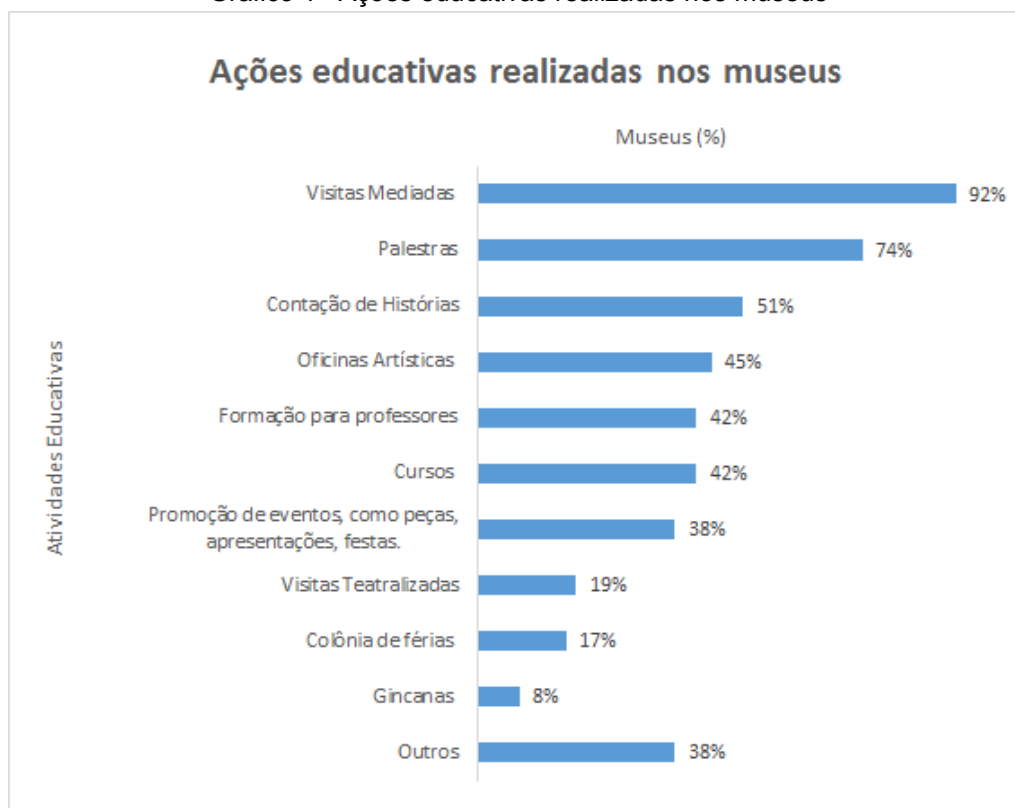
os museus deverão promover ações educativas, fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações culturais e ao patrimônio material e imaterial da Nação (BRASIL, 2009)

Buscamos a partir dos dados colaborar com discussões atuais do campo museal utilizando referências da área, e também, evidenciar como na prática as relações entre os processos que compõem a musealização englobam a função educativa, sendo melhor desempenhados quando trabalhados de maneira integrada, posteriormente, tal questão será aprofundada no Capítulo 3.

Sendo assim, dos 53 museus respondentes, 100% realizam ações educativas, estas podem ser entendidas como a principal manifestação da função educativa dos

museus e apresentam-se com grande diversidade nos museus como percebe-se no gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Ações educativas realizadas nos museus



Fonte: produzido pela autora, 2020

A diversidade de ações e a expressividade do campo “Outros” se dá pela diversidade de possibilidades que os museus oferecem para a realização das ações educativas nos museus. Porém, estas ações possuem especificidades, a pesquisadora Martha Marandino (2008) define quatro elementos que tornam as ações educativas em museus específicas, são eles: o tempo, por ser breve; o espaço, normalmente aberto e composto por exposições; a linguagem que deve tornar as informações “acessíveis e fazerem sentido para os variados públicos que visitam os museus.” (MARANDINO et al, p. 20, 2008); e por fim, a importância dos objetos, pois segundo a autora:

Os objetos são elementos centrais e a alma dos museus, sendo também fonte de contemplação e interatividade. Assim, nas ações educativas dos museus é essencial favorecer o acesso aos seus objetos, dando-lhes sentido e promovendo leituras sobre eles. Por meio dos objetos o visitante pode se sensibilizar e se apropriar dos conhecimentos expostos, assim como compreender os aspectos sociais, históricos, técnicos, artísticos e científicos envolvidos. Tais conhecimentos podem ser usados tanto para uma análise pessoal, quanto para discutir com os outros visitantes, com os animadores, com os professores, etc. (MARANDINO et al, p. 20, 2008)

A mediação, por exemplo, é a ação mais consolidada no campo da educação museal e trabalha justamente conjugando todos esses quatro fatores, com o último elemento determinante nas ações museais: o público.

Sendo a ação com o maior número de museus nos nossos resultados, a mediação pode ser definida como: “ação de reconciliar ou colocar em acordo duas ou várias partes, isto é, no quadro museológico, o público do museu com aquilo que lhe é dado a ver” (Desvallées & Mairesse, 2013). Sobre a atuação dos mediadores, a museóloga Rita Gama (2012) destaca que:

Mediadores focam sua atuação no diálogo e na troca com o público, exercitando a escuta e flexibilizando sua ação, seu roteiro, adequando-o a seus interlocutores e buscando uma experiência compartilhada. Mediação no sentido de estar atento à obra e ao visitante e às relações entre eles. A intenção é colocar mediador e visitante lado a lado, construindo uma visita partilhada de experiências e pontos de vista. nessa troca, cada educador tem sua autoria, sua curadoria pedagógica, seus recortes ideológicos, conceituais, metodológicos. Educadores, em museus, são pesquisadores e autores de suas mediações, organizando seus roteiros de visita e articulações de conteúdos, descobrindo soluções para diversos públicos e situações. (GAMA, 2012, p. 18-19)

Não só nas mediações as ações educativas atuam na construção de pontes, retornando a definição já apresentada por Figurelli (2011) as ações buscam de maneira geral facilitar, dinamizar, diversificar e qualificar a relação do público com o objeto musealizado. Desta forma, as ações educativas são ferramentas de mediação, aqui entendidas não como visitas mediadas, mas no sentido amplo do termo. Essa mediação com o objeto musealizado será justamente o que diferencia uma contação de história em um museu, de uma realizada em outro lugar.

Como exemplo podemos citar as contações de história, terceira ação mais citada em nossa consulta, realizadas no Museu Casa de Rui Barbosa. A ação acontece antes da visita mediada ao museu com o público infantil, majoritariamente escolar, com idade entre 3 e 6 anos. A atividade busca trazer uma experiência lúdica e fomentar no público o prazer da leitura. O que está diretamente relacionado com **o acervo do museu**, que conta com 37 mil livros, bem como com o **espaço do museu** que conta com uma Biblioteca na exposição permanente e também com a Biblioteca Infantojuvenil Maria Mazetti nas dependências do prédio do museu. Além disso, a ação busca tornar **o tempo** de visita mais agradável e evitar o cansaço. A ação é um exemplo de como as ações educativas podem atuar para proporcionar uma experiência diferenciada de acordo com as demandas de cada público sem perder de vista a missão do museu. Uma vez que, como consta em seu Plano Museológico e seguindo a missão da Fundação Casa de Rui Barbosa, tem por finalidade:

[...] o desenvolvimento da cultura, por meio da pesquisa, do ensino, da preservação de acervos e da produção e **da difusão de conhecimento**, à qual também compete, especialmente: I - promover **o conhecimento da vida e da obra de Rui Barbosa**, por meio da guarda, da preservação e **da divulgação dos bens que lhe pertenceram** - residência, mobiliário, **biblioteca** e arquivo pessoal - e da sua produção intelectual, em que se destaca a publicação da obra por ele deixada, sua crítica e interpretação, além de estudos científicos, artísticos e literários; II - manter, ampliar e preservar **os acervos museológicos**, bibliográficos e arquivísticos de Rui Barbosa e os demais acervos sob a sua guarda, por meio de **ações continuadas** de aquisição, conservação, preservação, **acesso** e consulta pública aos bens culturais; [...] (MUSEU CASA DE RUI BARBOSA, 2017, p.14, grifo nosso)

Além disso, o museu possui, entre outros, o compromisso institucional de: “Qualificar o atendimento ao público visitante acolhendo a todos com hospitalidade, garantindo acessibilidade, dentro das limitações existentes e o respeito às individualidades.” (MUSEU CASA DE RUI BARBOSA, 2017, p.16). Logo, podemos concluir que a prática de contação de histórias no Museu Casa de Rui Barbosa atua colaborando para o cumprimento de sua missão institucional.

Construir ações que reflitam as especificidades museais, colaborem no cumprimento da missão institucional dos museus e atendam às necessidades dos diversos públicos demanda planejamento. Sobre as formas de planejamento das ações educativas, os museus que participaram da nossa consulta responderam da seguinte forma⁵²: 38% (20 museus) planejam suas ações anualmente, 26% (14 museus) planejam de acordo com as demandas do museu, 21% (11 museus) de acordo com as exposições do museu, 19% (10 museus) mensalmente e 8% (4 museus) de outras maneiras.

Destacamos algumas questões sobre tais dados: primeiramente, o fato de que a maior parte dos museus planeja suas ações a longo prazo, porém ainda é grande o número de museus que planejam suas ações com base nas exposições, limitando em certa medida o potencial de outros espaços da instituição, como abordaremos mais adiante quando falarmos sobre os locais de realização das ações educativas.

Destacamos também que apenas um museu citou o Plano Museológico em sua resposta sobre planejamento, o Museu Histórico Nacional. O Plano Museológico é a ferramenta básica de gestão, regulamentada pela legislação museal brasileira⁵³, que pode ser usada para integrar as diversas áreas, funções e processos do museu. Sendo

⁵² Nesta questão do questionário os museus poderiam marcar mais de uma opção entre: anualmente; de acordo com as demandas do museu; mensalmente; de acordo com as exposições do museu ou preencherem um campo aberto com outra opção. A tabulação deste dado se mostrou extremamente difícil, pois muitos museus responderam com diversas alternativas não sendo possível decodificar qual a forma de planejamento das ações. Buscamos apresentar os dados de maneira breve, mas destacamos que a tabulação não chegou a dados conclusivos sobre a forma de planejamento dos museus respondentes.

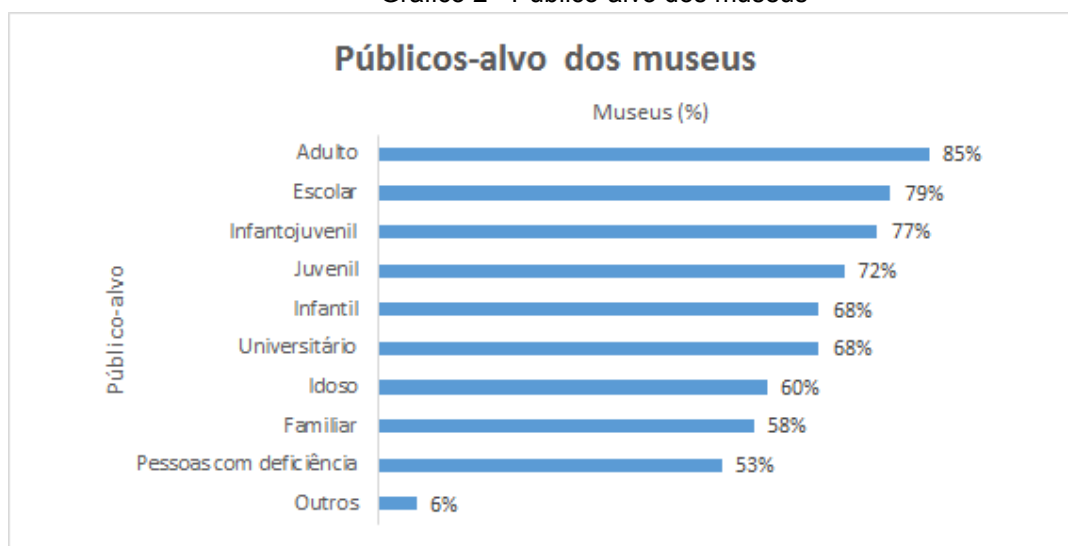
⁵³ Segundo a Lei nº 11.904 de 14 de Janeiro de 2009 que regulamenta o Estatuto Brasileiro de Museus e dá outras providências.

assim, este deveria ser a base para todo planejamento no museu, inclusive das ações educativas, como iremos trabalhar no Capítulo 3 sobre gestão museológica.

Como abordamos, as ações educativas de museus são diversas, apresentando-se como um amplo campo de pesquisa, que possui múltiplas possibilidades para análises futuras. A grande maioria dos museus que participaram da nossa consulta (92% - 49 museus) fazem registro de suas ações e possuem, portanto, um vasto material para consultas. Nosso questionário, devido à natureza da presente pesquisa, resultou em dados gerais que devem ser vistos como um pontapé de incursões mais aprofundadas nesse rico tema.

Mas como não existem ações educativas sem público, nosso questionário investigou os públicos-alvo das ações educativas dos museus. O resultado apresenta-se no gráfico a seguir:

Gráfico 2 - Público-alvo dos museus



Fonte: produzido pela autora, 2020

Novamente percebemos o campo museal com uma grande diversidade onde diversos públicos são citados. Porém, ao relacionarmos este dado com pesquisas como a do Observatório de Museus e Centros Culturais - OMCC, que em 2008, investigou sobre o perfil dos visitantes dos museus do Rio de Janeiro e constatou que a faixa etária que mais frequenta os museus está entre “30 a 39 anos, correspondendo a 26,4% dos visitantes entrevistados” (OMCC, 2008, p. 25), e a Publicação “Educação em museus: a mediação como foco” onde Marandinho et al (2008) diz que “Um dos públicos mais significativos nas visitas aos museus, em todo o mundo, é o escolar, seja pela quantidade, seja pelas ações organizadas para atendê-lo.” (MARANDINO et al, 2008, p. 24), percebemos que as ações educativas são planejadas para públicos recorrentes nos museus, o que é positivo ao prestar um serviço planejado para estes públicos,

possibilitando uma experiência enriquecida. Mas também podemos questionar se o desenvolvimento de ações voltadas para públicos não habituais poderia ser uma forma de atrair tais públicos e aumentar o alcance do museu.

Outros dois dados que colaboram nesta análise sobre os públicos, referem-se às formas de desenvolvimento das ações, que se apresentam de acordo com o gráfico abaixo, e demonstram que, em sua maioria, dependem de uma vontade do público ao agendar para elas acontecerem.

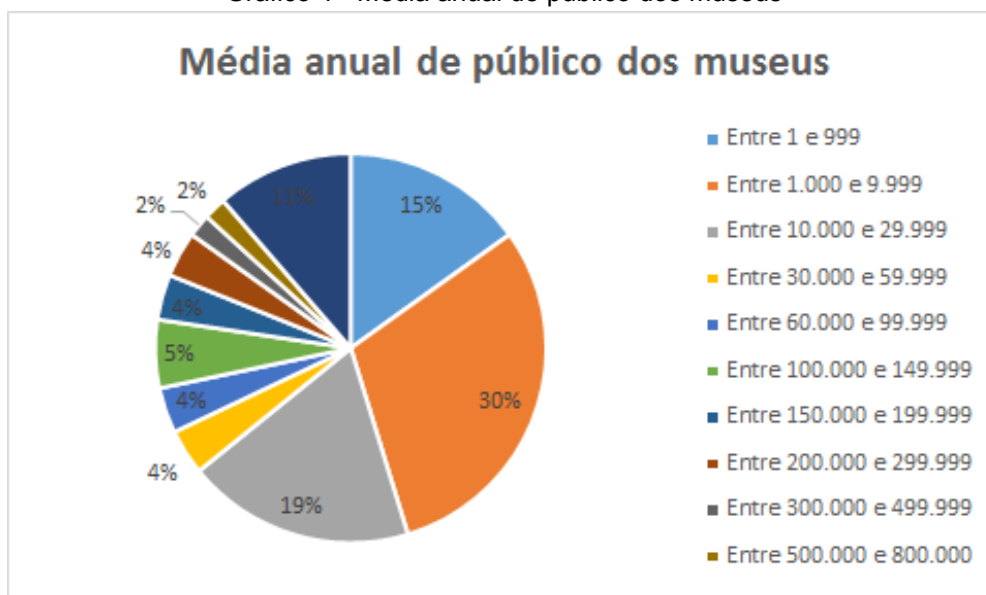
Gráfico 3 - Formas de desenvolvimento das ações educativas nos museus



Fonte: produzido pela autora, 2020

E o dado sobre a média de públicos que os museus recebem, que se apresentam segundo o gráfico abaixo:

Gráfico 4 - Média anual de público dos museus



Fonte: produzido da autora, 2020

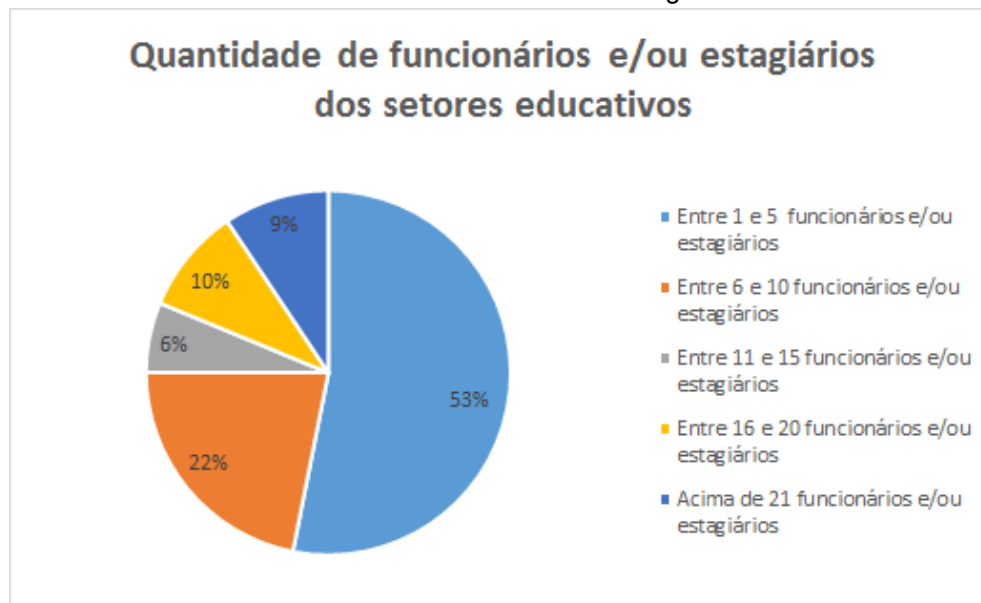
Como podemos perceber, os museus da cidade do Rio de Janeiro em sua maioria possuem uma visitação pequena, onde 45% dos museus recebem menos de 9.999 visitantes por ano. Por uma questão didática da tabulação, agrupamos os museus em faixa de quantidades, porém há museus que responderam receber 30, 60, 100, 150, 300 visitantes por ano, o que significa que os museus recebem menos de uma pessoa por dia. Portanto, há uma necessidade evidente de aumentar o público destes museus, de modo a fazer com que sua missão seja cumprida com maior expressividade.

Como contraponto, destacamos que apenas um museu, o Museu do Amanhã recebe 800 mil visitantes por ano. Apenas uma análise específica sobre os museus poderia constatar os motivos para tal diferença. Analisar o Museu do Amanhã, o que não é viável neste trabalho, pode trazer algumas respostas sobre o público de museus, porém, devemos frisar que aumentar os números não tem relação com uma boa prestação de serviço ou cumprimento da missão institucional.

O que acreditamos ser importante destacar é que, mesmo que as ações educativas e os públicos-alvo não sejam fatores determinantes, certamente influenciam no resultado e no número de público. Em outras palavras, o foco não deve ser os números, mas sim a democratização dos museus. Não há justificativa em conservar, documentar e expor para uma pequena parcela da sociedade, uma vez que, o museu deveria ser uma instituição aberta ao público e acessível, e ter visitantes dos diferentes segmentos de público, o que conseqüentemente aumentará a média anual, é parte fundamental do exercício da sua função social e educativa.

Neste sentido, os setores educativos são importantes, ao ter uma equipe especificamente para pensar os objetivos estratégicos quanto ao público e ações. Dos museus respondentes 64% (34 museus) possuem setores educativos. Em 75% (40 museus) desses setores as equipes são compostas por profissionais do quadro da instituição, em 23% (12 museus) por profissionais tanto da instituição quanto de empresas contratadas e somente 2% (1 museu) são exclusivamente de empresas contratadas. O dado é positivo no sentido que mostra que os museus possuem educadores em seus quadros e não terceirizam uma função basilar do museu, porém outra característica das equipes de educação são seu tamanho reduzido, como podemos ver no gráfico a seguir:

Gráfico 5 - Quantidade de funcionários e/ou estagiário dos setores educativos

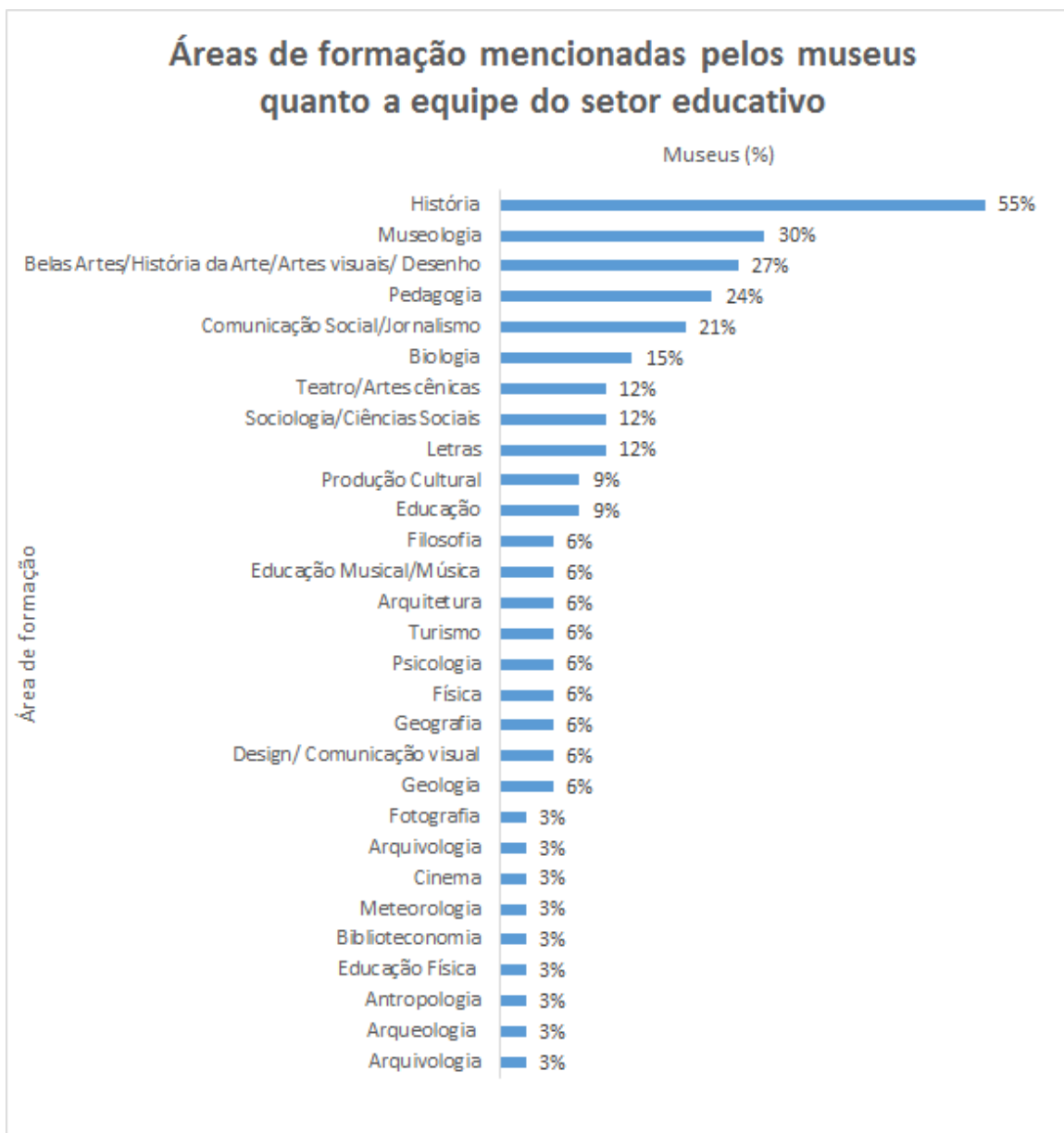


Fonte: produzido pela autora

Além disso, as áreas de formação dos profissionais e estagiários são extremamente variadas, como podemos ver no gráfico:⁵⁴

⁵⁴ O gráfico é resultado da pergunta aberta “Qual a formação dos funcionários e estagiários?” e na tabulação dos dados contamos quantos museus citaram cada área de formação. Logo, não é possível saber quantos profissionais de cada área os setores educativos possuem, porém evidenciam a diversidade de formação dos educadores museais e também as áreas mais expressivas.

Gráfico 6 - Áreas de formação mencionadas pelos museus quanto a equipe do setor educativo



Fonte: produzido pela autora, 2020

Mais uma vez percebemos o campo museal com uma grande diversidade, que se relaciona com a especificidade. A diversidade está nas múltiplas formações dos educadores e a especificidade no trabalho que estes desenvolvem dentro dos museus. Como já apontamos, os museus são diversos em suas temáticas e específicos em sua metodologia: a musealização. Aqui temos mais um desdobramento dessa dualidade do museu, com formações diversas de profissionais do campo da educação museal que vem

cada vez mais se estruturando como campo prático e teórico. A educadora museal Andréa Costa, destaca que:

É possível que o perfil dos educadores museais seja, em grande parte, circunstanciado pelas instituições que selecionam os mesmos, fazendo-a com base na formação inicial e experiências no campo (ALENCAR, 2008). Sendo assim, a prevalência na educação museal de profissionais com determinadas formações pode ser dever mais a um perfil desejado pelos gestores de museus e centros culturais, a partir da identificação de campos que mais se aproximariam do meio museal, do que à própria formação oferecida em seus cursos. (COSTA, 2019, p. 85)

Porém, a questão de formação é um assunto amplamente debatido nesse sentido, e foi um dos temas da segunda publicação da série de livros “Educação Museal: conceitos, história e políticas”⁵⁵. Restringindo à discussão ao foco do nosso trabalho, achamos necessários destacar dois pontos em relação aos dados sobre os setores educativos.

O primeiro deles diz respeito ao tamanho das equipes, majoritariamente reduzida entre 1 a 5 funcionários. Não podemos esquecer ainda dos 36% (19 museus) que não possuem setor educativo. Ou seja, a realidade dos museus tradicionais da cidade do Rio de Janeiro, que pode ser interpretada como uma pequena mostra do campo museal brasileiro, é de museus com equipes formadas por poucos funcionários. É conhecido que, com exceção de grandes museus, as equipes dos demais setores também são reduzidas. O que leva os profissionais, sobretudo os museólogos por conta da sua ampla formação, a desempenharem diversas funções.

O segundo ponto que achamos importante destacar é sobre as principais formações que compõem os setores educativos. Temos como áreas mais citadas formações das ciências sociais e sociais aplicadas. Porém a diversidade é enorme. Em seu artigo sobre a profissionalização do educador museal, Marielle Costa, destaca que: “a diversidade da formação é, a princípio, uma força para os educadores museais” (COSTA, 2020, p. 61). A autora traz diversos pontos importantes para a discussão do trabalho do educador museal. Achamos oportuno destacar as duas peculiaridades da prática da educação museal citadas pela autora, são elas: o caráter episódico, logo “o educador museal precisa ser alguém capaz de ativar códigos comuns a seu público num exíguo período de tempo.” (COSTA, 2020, p. 59) e “outro fator muito determinante do trabalho em educação museal é o patrimônio musealizado” (COSTA, 2020, p. 60). Seguindo o texto a autora conclui que

É difícil imaginar que numa formação seja possível prever e conter todas essas possibilidades, mas é muito importante que os educadores

⁵⁵ Disponível na biblioteca digital do Museu Histórico Nacional. Link: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=mhn&pagfis=75686>

estejam adequadamente instrumentalizados para a realização de seu trabalho. Por outro lado, essa formação em processo, que vai se voltando para o museu em função da prática cotidiana muitas vezes não contempla as especificidades e necessidades impostas pelo trabalho na instituição. Essa situação frequentemente expõe educadores museais ao questionamento dos que não referendam a educação museal como conceito, e reivindicam a expressão educação em museus. Seriam então os cursos de museologia espaços ideais para a incorporar essa reflexão e preparar os seus estudantes para o reconhecimento da relevância e especificidade do trabalho de educadores museais. Os cursos de museologia têm tido certa hesitação quanto a essa reunião: muitos dos cursos não apresentam disciplinas obrigatórias sobre educação museal, e quando o fazem, em geral se valem das modalidades eletivas, optativas e externas. A mensagem que essa organização transmite ao profissional em formação é de que a educação não é um aspecto essencial aos trabalhos desenvolvidos nos museus. E essa mensagem vai sendo aos poucos replicada até chegar à gestão dos museus. São evidentes os benefícios da abordagem da educação museal em cursos de Museologia, não apenas para a formação de possíveis futuros educadores, mas também para o estímulo a uma percepção do museu como ente educador. O propalado tripé da museologia no qual figuram a pesquisa, a preservação e a comunicação como funções básicas é a base de uma compreensão que pode relegar a função educativa (sim, entendo que se trata de uma função) a um papel secundário. O âmbito da formação dos museólogos brasileiros é fundamental para a dinamização e atualização de nossas instituições. (COSTA, 2020, p. 60-61)

Como museóloga a citação da autora traz lembranças comuns aos estudantes de Museologia e museólogos, que frequentemente são questionados com a pergunta “O que faz um museólogo?” ou simplesmente “*Museo...o que?*”. Esta lembrança é ativada pelo fato de que o trabalho no museu, seja ele na educação museal ou na conservação, por exemplo, vai ser sempre marcado pela dualidade da especificidade e da diversidade. Ser educador museal é específico como a autora destaca, mas também diverso, uma vez que, os públicos, as temáticas, as tipologias de museus e coleções são diversas, como o trabalho do museólogo e os próprios museus. E isso fica claro quando tantos profissionais de diversas áreas compõem os setores educativos. A citação segue falando diretamente dos cursos de Museologia, e cabe ao nosso trabalho com objetivo de analisar a relação entre musealização, entendida aqui como metodologia da Museologia, e educação dentro dos museus tradicionais, destacar alguns pontos: concordamos que os cursos de Museologia devem colaborar com o reconhecimento da especificidade do trabalho da educação museal, porém destacamos que esta especificidade está em plena construção, bem como, o campo da educação museal e sua profissionalização. Nossa pesquisa mostra que os museólogos são o segundo grupo profissional mais citado pelos museus respondentes da nossa consulta, logo estes compõem o campo da educação museal, e não é de hoje; afinal podemos citar Regina Real, Nair de Moraes, Guy de

Holanda. Desta forma, acreditamos que a Museologia já colabora tanto na formação de profissionais como na construção do campo da educação museal. Desde o curso de Museus do Museu Histórico Nacional, que deu origem ao primeiro curso de Museologia no Brasil, a dimensão educativa vem sendo abordada. Podemos perceber isso na publicação “Introdução à técnica dos museus”, de Gustavo Barroso, considerada a primeira referência técnica campo da Museologia no Brasil, onde diz que:

Porque essa é uma das partes mais importantes do museu, sua parte dinâmica, sua vida, sua linguagem, sua forma de projeção na cultura dum país: cadeiras, programas de ensino, matrículas, horários das aulas, provas, exames, notas, taxas, diplomas; designações de professores e suas obrigações e direitos; disciplina dos alunos; cursos regulamentares, especiais e de extensão; bolsas e excursões; conferências em séries e avulsas; comunicações de caráter técnico, etc. Um museu não deve ser unicamente um necrotério de relíquias históricas, etnográficas, artísticas, folclóricas ou arqueológicas; mas um organismo vivo que se imponha pelo **valor educativo**, ressuscitando o passado nele acumulado. O conservador tem de ser, antes de tudo, um evocador. Um museu conserva justamente para evocar (BARROSO, 1951, p. 26-27).

Sobre a passagem, a educadora museal Fernanda Castro destaca que:

É interessante observar que nesta publicação, Barroso (1951, p. 26) apresenta a comunicação e propaganda museais como algo imprescindível à realização da sua missão educativa, cultural e social, colocando a função comunicativa a serviço das demais, situação que é comumente invertida na atualidade, em que a educação é, por vezes, vista como uma ação comunicativa. (CASTRO, 2018, p. 206)

Outro ponto que é fundamental é que a educação museal possui como especificidade a sua relação com a musealização ou como a autora Costa (2020) “o patrimônio musealizado”, tal afirmação pode ser confirmada com Castro (2015):

[...] entre suas dimensões e objetivos estão: o desenvolvimento da sensibilidade, da percepção da forma, do reconhecimento e controle dos sentimentos, do senso estético; o reconhecimento de uma cultura universal, historicamente construída, fruto de conflitos e consensos, **exemplificada em objetos musealizados**; a troca de saberes específicos e a apropriação do conhecimento historicamente produzido e representado nos acervos, além da compreensão das relações de poder deles constituintes; seu potencial de espaço de divulgação científica, artística e histórica, **referenciada no objeto musealizado**, na análise de seu contexto histórico, social, cultural, político, de produção e a **identificação das motivações de sua musealização**; a compreensão dos modos de viver a experiência de estar no museu, de ler suas mensagens, sua linguagem e de utilizar suas ferramentas, de entender seu espaço e suas maneiras de expor, associando-a à necessidade de preservação e conservação; o incentivo à apropriação cultural, dos espaços, do conhecimento e da própria ideia de museu e o cultivo do sentimento de pertencimento entre os seus diferentes públicos (CASTRO, 2015, p. 182, grifo nosso)

E ainda no Caderno da Política Nacional de Museus:

A Educação Museal envolve uma série de aspectos singulares que incluem: os conteúdos e as metodologias próprios; a aprendizagem; a experimentação; a promoção de estímulos e da motivação intrínseca a partir do contato direto com o **patrimônio musealizado**, o reconhecimento e o acolhimento dos diferentes sentidos produzidos pelos variados públicos visitantes e das maneiras de ser e estar no museu; a produção, a difusão e o compartilhamento de conhecimentos específicos relacionados aos diferentes acervos e processos museais; a educação pelos **objetos musealizados**; o estímulo à apropriação da cultura produzida historicamente, ao sentimento de pertencimento e ao senso de preservação e criação da memória individual e coletiva. É, portanto, uma ação consciente dos educadores, voltada para diferentes públicos. (COSTA et al. 2018, p. 74)

Mais uma vez, vemos confirmada a relação entre musealização e educação, porém com uma visão de uma musealização estática que possui começo, meio e fim. Como abordamos anteriormente e vamos aprofundar adiante a musealização é o cotidiano do museu, este nunca para e está sempre em movimento criando novas camadas de musealidade sobre o objeto por meio dos processos que compõem a musealização, é esse movimento constante que faz com que os museus tradicionais continuem servindo a sociedade após séculos de existência. É esse movimento constante e essa atualização das camadas de musealidade que as coleções passam por releituras e novos discursos podem ser introduzidos em velhos objetos. Sendo assim, propomos que a educação seja pensada como mais um processo que constrói o objeto musealizado, uma educação que musealiza.

Desta forma, a Educação Museal possui uma relação estreita com a Museologia, uma vez que, a musealização é uma metodologia criada por este campo e seu principal objeto de análise. Logo, assim como os cursos e profissionais de Museologia devem colaborar para o reconhecimento da Educação Museal, cabe ao campo em construção considerar a Museologia como uma das suas áreas basilares. Uma vez que, para o educador museal entender a musealização é fundamental. Acreditamos que a musealização é o conjunto de processos que guiam as coleções dentro dos museus tradicionais, sendo uma ação orientada por uma dimensão educativa de prestar um serviço para/com o público, que entre os diversos resultados (produção de conhecimento, documentação, exposições, publicações), pode também ter as ações educativas, representantes da função educativa dos museus, e um dos pilares, não o único, de trabalho dos educadores museais.

Pensar uma educação museal integrada à musealização ou uma educação museológica, não tem a pretensão de cunhar um novo campo profissional ou novos processos, mas sim lançar um olhar atento e responsável sobre os mesmo processos que estão sendo desenvolvidos nos museus. Sendo a musealização o cotidiano do

museu, acreditamos ser fundamental uma preocupação com a dimensão educativa em todas as etapas desse cotidiano. Poderíamos dizer que cada processo (documentação, preservação, pesquisa, comunicação) é um tijolinho sendo posto na missão museu de servir a sociedade e consolidar uma instituição educativa. Somente assim, será possível pensar uma participação ampla, processos integrados, museus que sejam educativos integralmente em todo seu caminhar e não apenas em um fim.

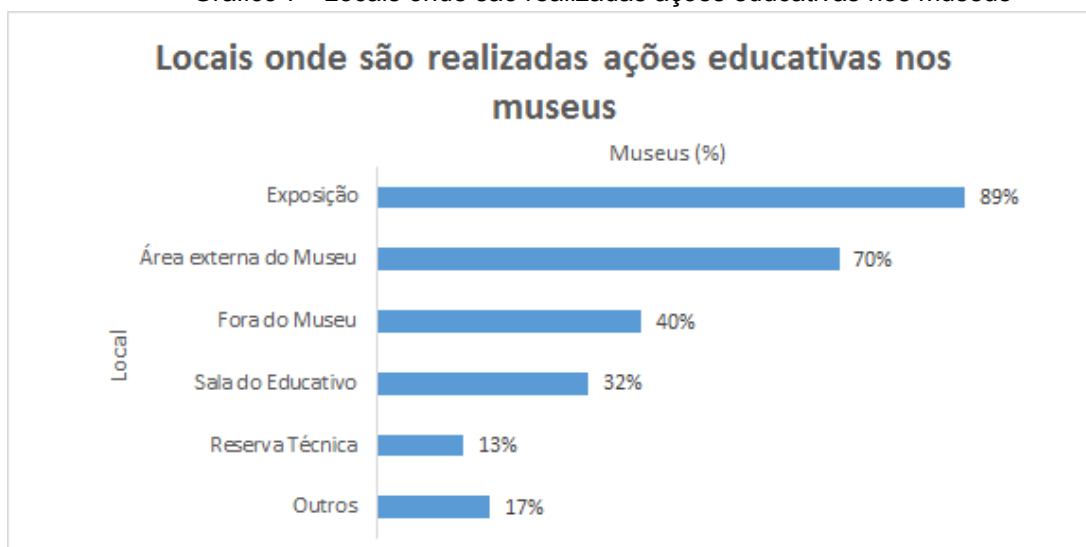
Logo, a relação entre Educação Museal e Museologia, é benéfica para ambos os campos, principalmente na formação dos profissionais museólogos e educadores museais. Uma vez que, como veremos adiante, todas as etapas da musealização se relacionam e são interdependentes. Entender o processo completo, como um único processo, sem fragmentações, colabora para que cada setor, etapa e/ou ação do museu trabalhe de maneira alinhada, colaborando para o cumprimento da missão do museu, explorando ao máximo o potencial das coleções, prestando um serviço para/com os públicos.

Um dado que colabora nesse sentido é que 72% (38 museus) dos museus respondentes afirmam que os educadores participam do planejamento das exposições. A exposição pode ser considerada, segundo a museóloga Marília Xavier Cury, como a principal e mais específica manifestação da comunicação museológica. A exposição, é a parte que mais recebe público nos museus, mas ela é a ponta do iceberg da musealização (CURY, 2006) e resultado do trabalho de diversos profissionais e da soma de diversos saberes, como destacado por Marandino et al (2008):

O discurso expositivo é fruto de adaptações e transformações de vários outros discursos – científico, educacional, comunicacional, museológico, entre outros – determinadas pelas finalidades e objetivos da exposição e também pelas especificidades de tempo, espaço e objetos nos museus, que, por sua vez, configuram certa linguagem específica de comunicação com o público (SIMMONEUX, JACOBI, 1997) (MARANDINO et al, p. 20, 2008)

A exposição também é citada como o local mais utilizado pelos museus para realização das ações educativas, como podemos perceber no gráfico a seguir:

Gráfico 7 - Locais onde são realizadas ações educativas nos museus



Fonte: produzido pela autora, 2020

Como destacamos no início deste tópico, o local é um dos fatores que delimitam a especificidade das ações educativas nos museus. Como destaca Marandino (2008):

O espaço físico em um museu também determina a forma com que a visita é realizada. Como trata-se, em geral, de um trajeto aberto, o visitante deve ser cativado pela exposição durante seu percurso. Nesse sentido, é importante haver preparação dos mediadores, dos dispositivos de recepção e de organização do tempo no museu para evitar o possível cansaço comum nessas experiências. Uma exposição não deve ser compreendida como uma sucessão de temas independentes e sua apropriação implica diretamente na forma com que é pensado seu percurso. (MARANDINO et al, 2008, p. 20)

Como destacamos, segundo Desvallées e Mairesse (2013) a educação no contexto museológico “está ligada à mobilização de saberes relacionados com o museu” (DESVALLÉES, MAIRESSE, 2013, p 39), logo podemos concluir que está não precisa se limitar a exposição. Na prática isso já acontece como podemos observar no gráfico acima. Porém achamos necessário destacar que o local menos utilizado nas ações educativas são as Reservas Técnicas.

Se olharmos para a história dos museus veremos que as Reservas Técnicas são resultados das mudanças durante o século XX nos museus, onde estes espaços buscam se especializar e elaborar exposições mais didáticas, neste período se multiplicam as exposições temporárias, como destaca os museólogos André Desvallées e François Mairesse (2013):

Novas funções apareceram durante a segunda metade do século XX, conduzindo, especialmente, a modificações arquiteturas maiores: multiplicação das exposições temporárias, permitindo uma distribuição diferente das coleções entre os espaços de exposição de longa duração e os das reservas técnicas; desenvolvimento de estruturas de

acolhimento, espaços de criação (ateliers pedagógicos) e áreas de descanso, o que se deu particularmente com a criação de espaços multiuso; e desenvolvimento de livrarias e restaurantes, além da criação de lojas para a venda de produtos derivados. Contudo, paralelamente, a descentralização por reagrupamento e por subcontratação de algumas funções dos museus demandou a construção ou a instalação de espaços especializados autônomos: primeiramente os ateliers de restauração e laboratórios, que podiam se especializar, colocando-se a serviço de vários museus, depois as reservas técnicas implantadas fora dos espaços de exposição. (DESVALLÉES e MAIRESSE, 2013, p. 30).

Como vimos no Capítulo 1, foi no século XX que os museus se organizaram e profissionalizaram-se, buscando prestar um serviço ao visitante, novas formas de comunicação e um aprimoramento da conservação dos objetos. Resultado destas mudanças a Reserva Técnica ganhou a imagem de bastidor, e mesmo sendo parte fundamental para manter o museu dinâmico, muitas vezes é esquecida, como destaca a doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural, Andréa Lacerda Bachettini (2017):

A gestão das áreas de reserva técnica vai ter impacto nas outras atividades do museu, como exposições, pesquisas, aquisições, além da própria função de conservar as coleções e os objetos que possibilitam a preservação da memória e do patrimônio cultural. Ainda assim, percebe-se que muitas vezes as reservas técnicas são esquecidas ou até negligenciadas pelos próprios museus. (BACHETTINI, 2017, p. 366)

Não cabe aqui aprofundar a tema das reservas técnicas⁵⁶, mas como estes espaços são onde parte da musealização acontece cabe destacar que estes possuem um potencial educativo que pode e deve ser explorado. Alguns museus já o fazem, como mostra os 13% dos museus respondentes do nosso questionário. Explorar o potencial comunicativo e educativo das Reservas Técnicas é importante pois além de ampliar as possibilidades dos museus, irá colaborar para que estes ambientes não fiquem esquecidos.

Segundo Soares (1998, p.64), tradicionalmente a reserva é o espaço escondido, não visível, não visitável, mas as reservas vêm sofrendo transformações positivas, acrescentando às suas atividades tradicionais – armazenagem e conservação do objeto que não está em exposição – aquela de gestora do acervo museológico: registrar, catalogar, inventariar, pesquisar e difundir os objetos/documentos. Ao mesmo tempo em que a reserva vai se transformando em um lugar mais visível dentro do museu, essa característica do escondido ou distanciado do olhar do público, conforme menciona Soares (1998), garantiu ao espaço de reserva técnica anos de descuido e desatenção, sendo comumente chamado de “depósito do acervo não utilizado pelo museu”. É necessário frisar que esta aparente “invisibilidade” das reservas tem função essencial e de sustentação das atividades ditas visíveis e mais

⁵⁶ Recomendamos a tese de Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel) de Andréa Lacerda Bachettini: As reservas técnicas em museus: um estudo sobre os espaços de guarda dos acervos. Disponível em: <http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/6183>

valorizadas dentro dos museus, como ação educativa e expositiva. (BACHETTINI, 2017, p. 133)

Colaborando com a autora, podemos dizer que as Reservas Técnicas podem ir além do papel de apoio, podendo ser palco de ações educativas, recebendo diversos públicos. Atuar com educação nas Reservas Técnicas é uma oportunidade do visitante ter contato com profissionais de diferentes áreas como museólogos, conservadores e restauradores. Desta forma, o museu cria pontes entre saberes e quebra com segmentação entre setores e profissionais. Ações deste tipo podem proporcionar ao visitante uma experiência que o faça entender a instituição museal, construir uma sensibilização patrimonial, despertar vocações.

Em nosso questionário o Museu do Flamengo ao responder à questão: “A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas?” responde que “Sim, respeitando a integridade do acervo, dependendo do grupo, realizamos uma visita na reserva técnica. Visitantes com deficiência visual podem utilizar luvas e tocar os objetos pré-selecionados expostos com o guia.” (Museu do Flamengo). Tal resposta nos mostra que as reservas técnicas podem ser espaços que proporcionam maior acessibilidade aos públicos.

Outro ponto positivo que pode surgir destas ações é que ao tornar a Reserva Técnica um local com visitação, este terá um carácter social facilmente justificável, por exemplo, na submissão de editais de leis de incentivo. Muitas vezes sem a publicidade das ações técnicas as oportunidades de participação em editais ficam limitadas.

Neste sentido vem sendo cada vez mais comum a elaboração de Reservas Técnicas Visitáveis ou Visíveis⁵⁷, que são espaços pensados tanto para guarda e conservação dos objetos, como para comunicar o acervo guardado. O modelo vem sendo desenvolvido em museus com construções recentes, e:

podem ser encaradas como um reflexo deste processo de comunicação, na medida em que os museus não recorrem às exposições permanentes, mas enfatizam diligências para realização periódica de exposições temporárias, divulgando um maior número de objetos das coleções em reserva, concebendo novos expositivos mais didáticos e atrativos fomentando a criação de experiências inovadoras, estratégias que convergem para um objetivo principal: a difusão do conhecimento (GOMES e VIEIRA, 2013, p. 66-67)

Não podemos deixar de frisar que as Reservas Técnicas possuem limitações, uma vez que, na maioria dos museus não são construídas para serem Reservas

⁵⁷ Reserva Visitável o público pode entrar no espaço, enquanto na reserva técnica visível o público pode observar o espaço totalmente ou parcialmente, sem que adentre o ambiente. (BACHETTINI, 2017, p. 104)

Técnicas Visitáveis. E muitas enfrentam diversas dificuldades para conservar os objetos. Como destaca Bachettini (2017):

As reservas técnicas visíveis e visitáveis ainda são recentes, muitas reservas não tem condições de receber pesquisadores e o público, o mais

importante é a segurança do acervo, portanto as reservas devem ter condições mínimas para armazenagem dos objetos e das coleções, um ambiente limpo e organizado, o controle ambiental, a segurança são os primeiros passos para começar a pensar em uma reserva técnica.

Outra constatação é que a dificuldade de abrir as reservas para visitaçã o e pesquisa se dá muito pela falta de espaço e pelas questões de segurança do acervo. Os museus necessitam se adequar e qualificar suas áreas de armazenagem para depois pensar em elas serem abertas a visitaçã o, nunca colocando em risco as coleções. (BACHETTINI, 2017, p. 107)

Por isso, para a elaboração de atividades educativas nestes espaços é necessária uma construção conjunta entre profissionais e/ou setores, e sobretudo, ter uma Reserva Técnica com todas as condições necessárias para preservação do acervo e segurança dos profissionais e dos públicos. O entendimento mútuo sobre os processos de musealização é fundamental, ou seja, cabe ao museólogo/conservador/restaurador entender a importância e objetivo da comunicação museológica, bem como o educador entender sobre a conservação e segurança dos acervos. E cabe, ao gestor do museu entender que não há como medir grau de importância entre Reserva Técnica e exposição, pois ambas são fundamentais para comunicação e preservação das coleções para os públicos. Só assim será possível a construção de uma ação que consiga oferecer ao público uma experiência museológica com segurança tanto para os públicos, como para o acervo.

O exemplo da Reserva Técnica como um local possível para ações educativas evidencia que todas as etapas de musealização devem ser pensadas e executadas com sinergia, possuindo mesmo grau de atenção, recursos e profissionais.

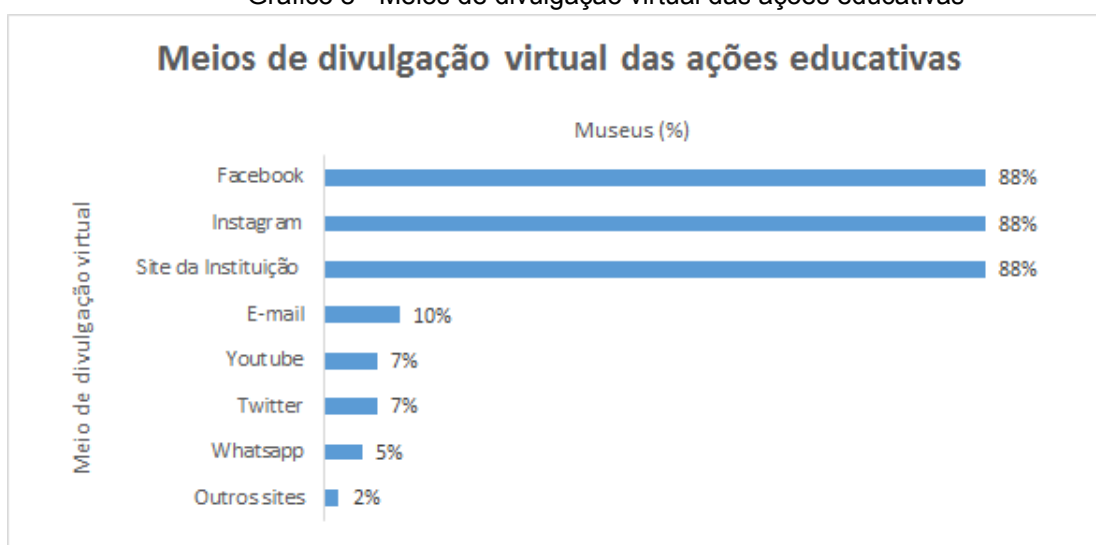
Porém, o campo museal possui diversos desafios, como percebemos com a análise dos dados. Quando possuem setores educativos, as equipes são reduzidas, além disso muitos museus possuem um público muito pequeno. Alguns museus, por diversos fatores que não conseguimos alcançar em nossa pesquisa, limitam suas atuações apenas à exposição. Esta lista de desafios pode aumentar de acordo com cada instituição, pois cada uma possui uma realidade institucional única.

Mas no ano de 2020, um desafio comum a todos os museus, bem como para toda a sociedade, tomou conta do cotidiano: a pandemia do COVID-19. Com a adoção de protocolos de distanciamento social, todos os museus fecham-se para o público, bem

como escolas, universidades, teatros, cinemas e demais serviços englobados como não essenciais. Cada grupo de instituições buscou se adaptar rapidamente para dar continuidade às suas atividades, nas escolas e universidades as aulas online substituíram o ensino presencial, os palcos com *shows* migraram para as *lives* nas redes sociais.

Nesse sentido os museus buscaram se adaptar e o uso da *internet* foi uma forma de manter contato com seus públicos. Nosso questionário demonstra que os museus já faziam uso de ações virtuais para divulgação das ações educativas, 79% (42 museus) responderam realizar a ação. E os meios utilizados se apresentaram de acordo com o gráfico abaixo:

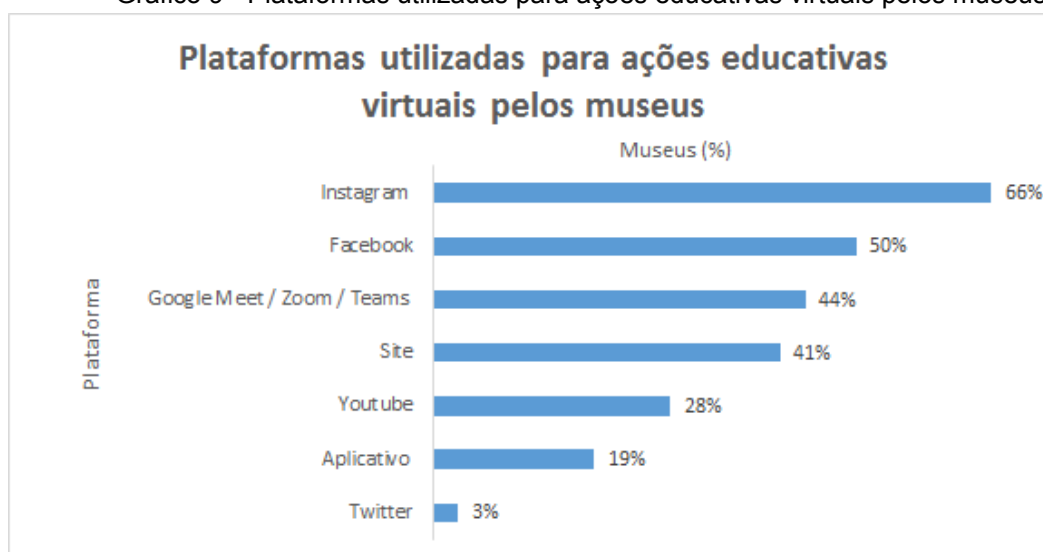
Gráfico 8 - Meios de divulgação virtual das ações educativas



Fonte: produzido pela autora, 2020

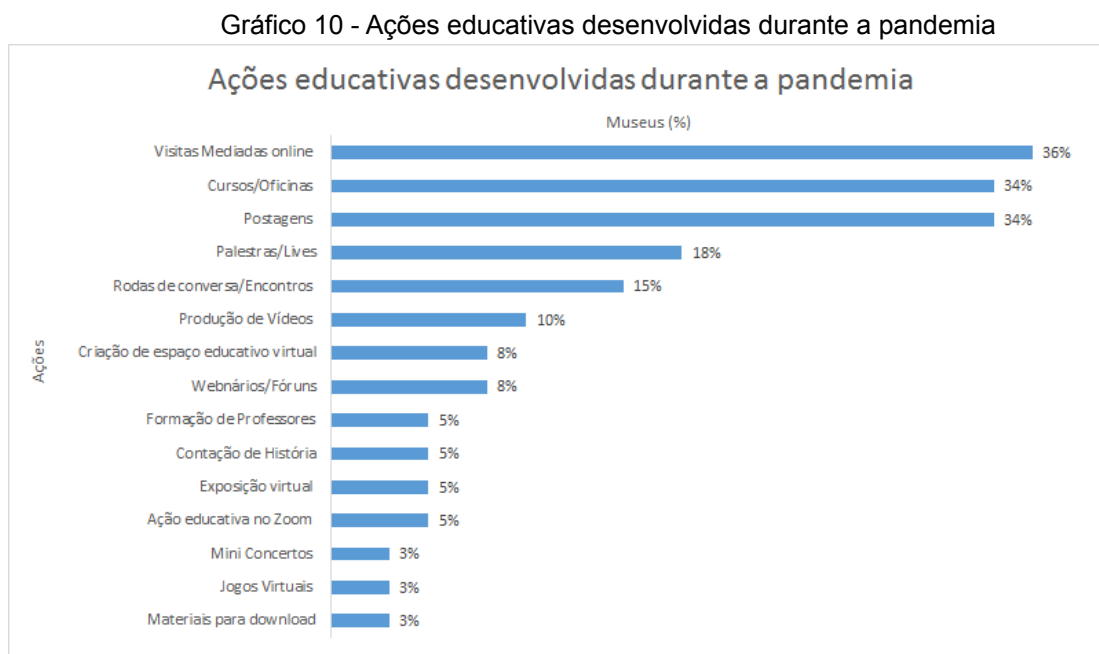
A realização de ações educativas online também já era desenvolvida por 60% (32 museus) dos museus, sendo estas realizadas nas seguintes plataformas:

Gráfico 9 - Plataformas utilizadas para ações educativas virtuais pelos museus



Fonte: produzido pela autora, 2020

Esse número cresce quando questionados sobre ações realizadas especificamente no período pandêmico, uma vez que, 74% (39 museus) realizaram ações educativas diversas, como consta no gráfico a seguir:



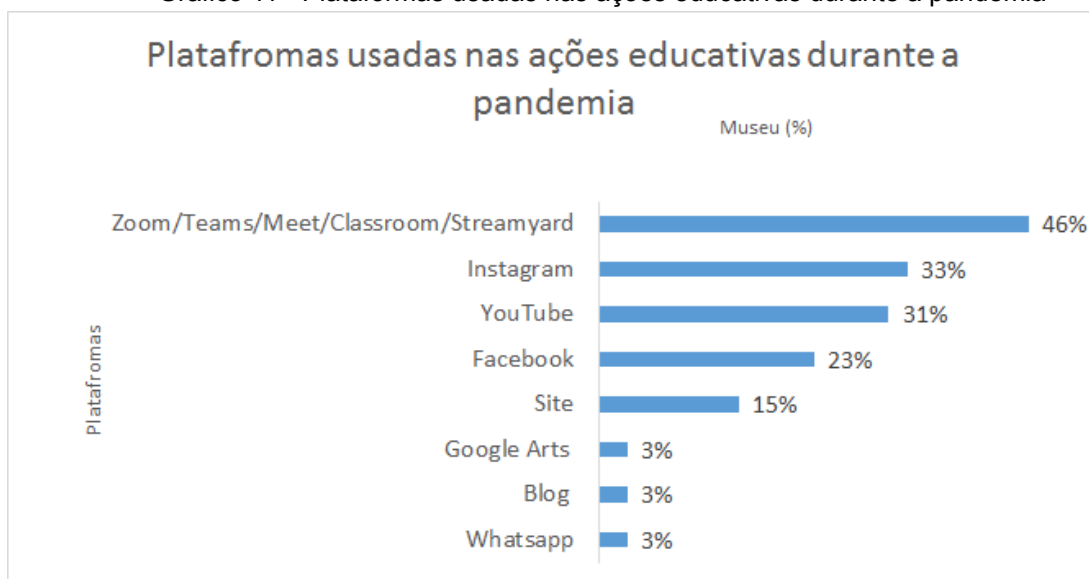
Fonte: produzido pela autora, 2020

É interessante comparar tais dados com as ações educativas citadas pelos museus como realizadas antes da pandemia, pois percebemos algumas semelhanças. As visitas mediadas foram as ações mais citadas nos dois momentos, tanto antes da pandemia como durante. Como abordamos neste tópico, tal prática é consolidada no campo museal, sendo realizada em quase todos os museus. Porém, o seu expressivo número durante a pandemia nos faz pensar sobre uma mera migração das práticas presenciais para o virtual, que pode ser percebida nas demais atividades que se repetem nos dois momentos, como as palestras.

Estas ações se justificam pela falta de tempo e a necessidade que surgiu nos museus de manterem o contato com seus públicos. Mas, é preciso refletir sobre como o uso da internet possui especificidades e como podemos usá-las.

As plataformas usadas refletem que os museus utilizam majoritariamente as redes sociais, que ficam atrás apenas das plataformas de videoconferência, como podemos perceber no Gráfico 11. Este dado é interessante, pois demonstra que os museus estão buscando usar as plataformas mais presentes no cotidiano dos seus visitantes. E como o próprio nome já sinaliza, as redes sociais são espaços possíveis para trocas e interatividade, onde o polo transmissor pode ser descentralizado e a participação é viável.

Gráfico 11 - Plataformas usadas nas ações educativas durante a pandemia



Fonte: produzido pela autora, 2020

Em nosso questionário diversas ações foram citadas pelos museus, vamos destacar duas ações, pois estas evidenciam como é possível explorar as especificidades da internet na construção de ações educativas que colaboram na mediação do público com o museu. Ou seja, ações de educação museal online, conceito elaborado pela pesquisadora Frieda Marti, que pode ser definido como a “educação museal na/com a cibercultura seja ela presencial e/ou a distância” (MARTI & SANTOS, 2019, p. 61)

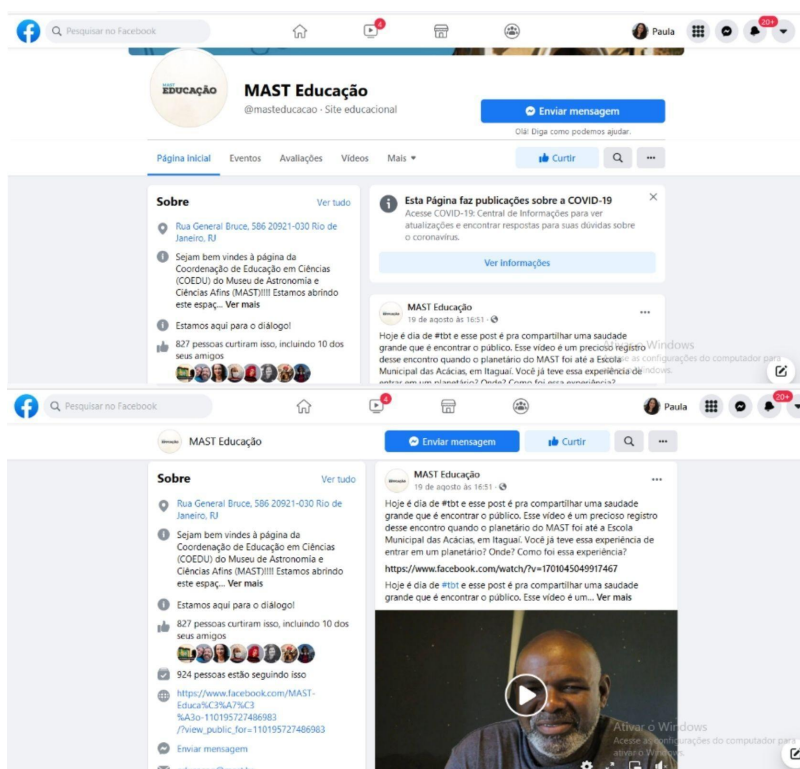
O primeiro exemplo é a criação de espaços educativos online onde os museus constroem um ambiente virtual com objetivos educativos, como: “Espaço Educativo Virtual do MHN” (Imagem 1), um grupo no facebook e o “Canal Educação do MAST” (Imagem 2) um perfil destinado especificamente para a parte educativa do Museu de Astronomia e Ciências Afins.

Figura 2 - Espaço Educativo Virtual do MHN



Fonte: Facebook Museu Histórico Nacional, 2021

Figura 3 - MAST Educação



Fonte: Facebook MAST Educação, 2021

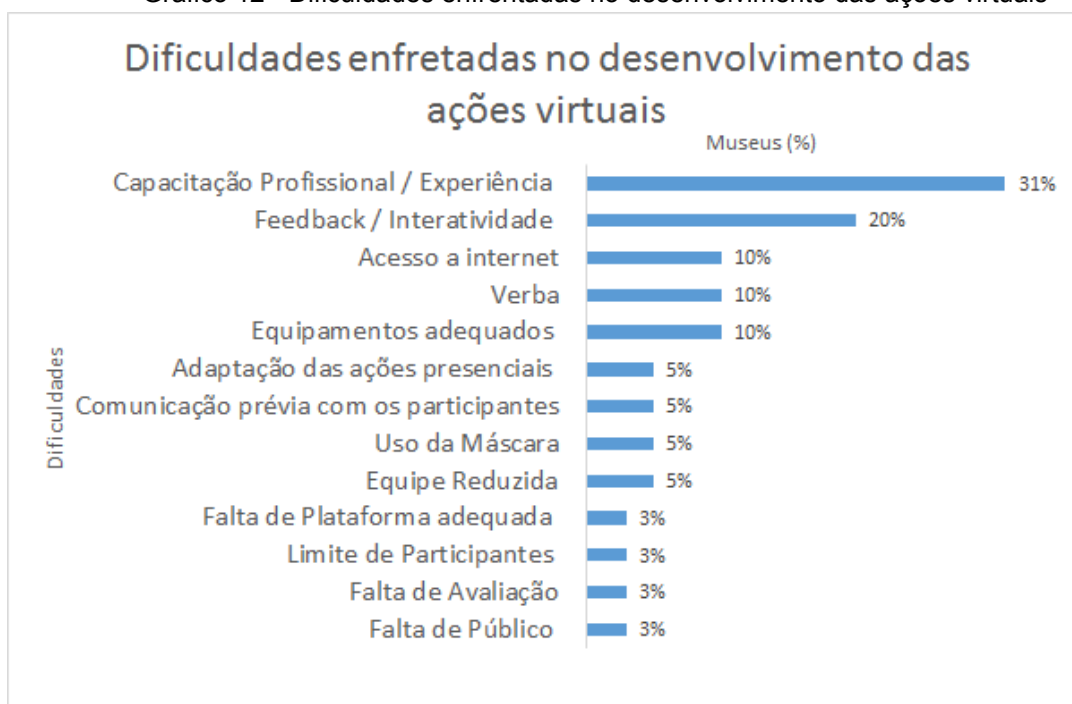
O segundo exemplo é a produção de conteúdo entendida como ação educativa. Destacamos aqui como exemplo o Instagram da Seção de Assistência ao Ensino do

Museu Nacional, que antes da pandemia já vinha desenvolvendo publicações educativas e manteve o trabalho durante a pandemia.⁵⁸

Os dois exemplos citados exploram em profundidade as características das redes sociais, plataformas escolhidas pelos museus, sem deixar de lado a criação da ponte entre a instituição museal e o público. Esta ponte se dá pelo uso dos acervos virtuais dos museus nas postagens e pela atuação ativa dos educadores como mediadores e fomentadores de discussões nas postagens e comentários.

Assim como presencialmente, as possibilidades das ações educativas virtuais são imensas, mas ainda há muitas dificuldades, como relatam os próprios museus sobre sua atuação durante a pandemia. As principais dificuldades citadas na realização de atividades durante a pandemia encontram-se no gráfico abaixo:

Gráfico 12 - Dificuldades enfrentadas no desenvolvimento das ações virtuais



Fonte: produzida pela autora, 2020

Percebemos com esses dados que os museus não estão completamente capacitados para trabalhar com o virtual. Além das dificuldades apresentadas, nem todos

⁵⁸ Para saber mais, indicamos os seguintes textos: MARTI, Frieda Maria. “Vamos Conversar?”: práticas de mediação museal online no Instagram da Seção de Assistência ao Ensino do Museu Nacional/UFRJ. Disponível em: http://www.mast.br/images/pdf/publicacoes_do_mast/anais-eletronic-encontro-nacional-2019.pdf#page=95 MARTI, Frieda Maria; COSTA, Andrea; MIRANDA, Aline. Educação Museal na Cibercultura: o uso de memes no projeto “Clube de Jovens Cientistas” da Seção de Assistência ao Ensino (SAE) do Museu Nacional/UFRJ. **Periferia**, v. 11, n. 2, p. 90-110, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/39617>

os museus contam com equipes educativas e em sua maioria, quando existem, possuem número reduzido de educadores como vimos. Por sua vez, os cursos de formação dos profissionais que atuam nestes setores não abordam com profundidade conteúdos sobre cibercultura, sendo uma questão fundamental para se refletir e que se soma às demais já apresentadas sobre a formação dos educadores museais.⁵⁹

Alguns caminhos para a atuação educativa dos museus na internet já vêm sendo construídos. Destacamos o livro “Educação Museal: conceitos, história e políticas 5 - Educação Museal e Cibercultura & Acessibilidade em museus e educação”⁶⁰ e a publicação do Instituto Brasileiro de Museus “Acervos Digitais nos Museus - Manual para realização de Projetos”⁶¹ que trabalha a divulgação dos acervos digitais.

O contexto pandêmico escancarou esses desafios obrigando os museus, e não somente eles, a ativarem o virtual na busca de manter uma relação com seus públicos. Fato que se confirma pela criação ou ativação de contas em redes sociais e as muitas *lives* que tomaram conta de todos os *feeds*. Logo, se no início da pandemia a grande pergunta no meio museológico era: “Qual a *live* do museu?”, hoje arriscamos perguntar se alguma *live* (ou qualquer outra ação) feita no susto da pandemia fez o museu viver em sua especificidade ou cumprir a sua missão social. Devemos perguntar como usar a potência do virtual nos museus tradicionais.

Acreditamos, neste trabalho, que a educação é a comunicação que se constrói junto com os públicos e pensando neles. A educação aqui é entendida como processo que busca oferecer autonomia aos públicos tanto ao conteúdo quanto na sua participação nos demais processos institucionais. E aqui nos deparamos com mais uma característica que devemos levar em consideração nos museus do século XXI: a necessidade de participação dos públicos. Como já abordado, o papel que os públicos desenvolvem vem sendo objeto de estudo desde meados do século XX e no século XXI não será diferente. As ações participativas serão cada vez mais necessárias para uma comunicação efetiva. Podemos concluir que o século XXI é desafiador, não é à toa que este século seja cenário para um grande debate sobre a definição de museu.

Buscando colaborar com o debate defendemos que, como qualquer ação museológica, o planejamento e avaliação das ações educativas virtuais são indispensáveis. Logo, acreditamos que um bom caminho para o uso das redes sociais, ou demais plataformas, é através da gestão museológica.

⁵⁹ Para maior aprofundamento recomendamos o Livro Educação Museal: conceitos, história e política número 2, que aborda tal tema. Disponível na Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional Link: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&pagfis=75686>

⁶⁰ Disponível na Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional Link: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&pagfis=75932>

⁶¹ Disponível em: <https://www.gov.br/museus/acervos-digitais-nos-museus-manual-para-realizacao-de-projetos/>

Construir a atuação virtual do museu junto aos programas de Comunicação e Educativo e Cultural é uma forma de integrar as diversas áreas dos museus a essa prática, fazendo com que as ações de educação museal online sejam meios para explorar o potencial das coleções nas diversas possibilidades que a internet oferece, colaborando para o cumprimento da missão do museu. Acreditamos que a gestão é a peça chave para que as ações virtuais, sejam construídas com equilíbrio, aproveitando os recursos da cibercultura, sem deixar de lado as especificidades do campo museal.

Nossa pesquisa segue a hipótese de que a educação deve ser pensada em todo processo, enquanto dimensão, para que todas as ações sejam construídas de maneira alinhada à missão do museu e aproveitando ao máximo o potencial da coleção. Desta forma, buscamos neste tópico refletir sobre como os processos da musealização estão relacionados. Nosso trabalho buscou usar os dados do questionário para introduzir à prática museal. Mesmo com limitações, acreditamos que conseguimos abordar os dados de maneira panorâmica. Ao fim de nossa análise, percebemos que os processos de musealização não possuem relação com a educação, e sim, a educação por meio da sua função educativa é parte integrante da musealização. Buscando fundamentar ainda mais nossa conclusão no capítulo 3 iremos analisar os dados referentes às etapas que compõem a musealização e sua relação com a educação.

**CAPÍTULO 3 MUSEALIZAÇÃO: DA
FUNÇÃO À DIMENSÃO
EDUCATIVA**

3 - MUSEALIZAÇÃO: DA FUNÇÃO À DIMENSÃO EDUCATIVA

Logo nos primeiros períodos da faculdade de Museologia aprendemos que a Museologia não está restrita apenas aos museus, mas no decorrer da nossa formação percebemos que os museus estão presentes constantemente. O museólogo Zbyněk Z. Stránský propôs que a Museologia não poderia ter como objeto de estudo o museu, bem como, o pedagogo não possui como objeto de estudo a escola ou o médico o hospital. Sendo assim, ganhou centralidade nos debates sobre o objeto de estudo da Museologia os processos que compõem a instituição museal, denominados por musealização. Não buscamos aprofundar o debate sobre o objeto de estudo da Museologia, mas sim partir desse debate para gerar uma provocação que consideramos central no debate sobre educação e museus, pois assim como a museóloga Teresa Scheiner acreditamos que “O estudo das relações interativas entre museus e seu público é uma preocupação essencial para o campo da Museologia - e deve basear-se nos conceitos e práticas específicos do campo. Este é o verdadeiro ponto focal da questão.” (SCHEINER, 2005, p. 99) Sendo assim, começamos este capítulo com uma questão que consideramos central para a Museologia: porquê de musealizamos?

Para responder a tal questão aprofundamos em um primeiro momento nas etapas de: documentação, conservação e comunicação buscando investigar sua relação com as ações educativas, principais representantes da função educativa dos museus⁶². Seguimos a hipótese de que a dimensão educativa é a resposta da nossa questão. Por isso, em um segundo momento buscamos por meio do estudo de caso do Museu Histórico Nacional e da etapa de gestão museológica analisar a dimensão educativa presente na musealização.

Em um movimento que vai da função para a dimensão educativa defendemos que a musealização é motivada pela razão de existir do museu: servir a sociedade. Por sua vez, esse serviço é concretizado exatamente na execução das etapas de musealização: conservação, documentação, gestão, pesquisa e comunicação. Sendo assim, musealizamos para servir a sociedade e assim cumprir a missão do museu.

3.1 Musealizar, por quê?

⁶² A Recomendação referente à Proteção e Promoção dos Museus e Coleções, sua Diversidade e seu Papel na Sociedade (2015) da UNESCO define a educação como função primária dos museus junto com preservação, pesquisa e comunicação.

A Museologia começou sua trajetória na década 1930 como um ramo do conhecimento ligado ao estudo dos objetos e a organização dos museus, porém, foi gradativamente se constituindo como ciência, deslocando seu foco para as relações humanas com o patrimônio. Os estudos sobre qual seria o objeto de estudo da Museologia ainda nas décadas de 1960 e 1970 levaram os conceitos de musealidade e musealização a ganharem o centro das discussões. Estes estudos buscavam, sobretudo, legitimar a disciplina como ciência.

O museólogo tcheco Zbyněk Z. Stránský sugeriu que o objeto de estudo da Museologia não é o museu e, a partir desta questão, foram desenvolvidas respostas que levaram aos conceitos de musealidade e musealização.

Inicialmente o conceito de musealidade era entendido como uma valoração. “No entanto, segundo o próprio Stránský, o papel do museólogo não devia ser o de apontar o valor nas coisas, mas o de compreender como e por que um objeto adquire valor.” (BRULON, 2018, p.194), este pensamento foi mudando gradativamente, conforme foi criticado e debatido, se aproximando mais aos processos sociais de como este valor é orientado. O que levou os estudos ao encontro do conceito de musealização. Sobre a origem do conceito, Brulon (2018) nos conta que:

não se trata de um termo de autoria do próprio Stránský, mas de uma apropriação. Segundo Václav Rutar, o termo só apareceria nos livros didáticos de Museologia a partir do final dos anos 1970 e início dos 1980, ao mesmo tempo em que seria apropriado por autores de áreas do conhecimento afins que o mencionariam em obras do mesmo período, tais como Jean François Lyotard e Jean Baudrillard, além de obras do filósofo Hermann Lübbe, que Stránský citaria como a fonte de tal noção (STRÁNSKÝ, 2000, p.31 apud RUTAR 2012, p.11). (BRULON, 2018, p. 195)

Brulon continua dizendo que:

A partir da apropriação de tal conceito, esse autor passa a considerar que “o objeto da museologia deve ser, assim, centrado naquilo que motiva a musealização, naquilo que condiciona a musealidade e a não-musealidade das coisas” (STRÁNSKÝ, 1995, p.19). Porém, reconhece: “é somente por meio de métodos específicos da museologia que é possível descobrir aquilo que faz de um objeto comum um objeto de museu” (Ibidem, p.20). A musealização, para Stránský, foi definida como “a aquisição da qualidade museal” (Ibidem, p.28); entendida como um processo, pensado por ele como universal, de atribuição de valor às coisas da realidade, que demandaria que a Museologia reconfigurasse a sua finalidade básica de invenção dos valores, para se propor à investigação dos próprios valores. Esses devem ser identificados e estudados pelo olhar instruído e metodologicamente fundado do museólogo, segundo uma metodologia axiológica – que iria substituir a metodologia ontológica estabelecida historicamente pelos museus. (BRULON, 2018, p. 195)

O conceito de musealização foi apropriado e reelaborado em diversas visões que estruturaram os estudos da Museologia nas décadas seguintes. Destacamos o pensamento de Peter Van Mensch, que ficou conhecido como “o modelo PPC, que se refere às funções básicas do museu de Preservação, Pesquisa e Comunicação, diretamente inspirado no modelo de Stránský utilizado em sua teorização da musealização.” (BRULON, 2018, p. 197)

Outra visão que disseminou o conceito de musealização pelo mundo foi construída baseada no pensamento francófono que, influenciado por Van Mensch, entende a musealização como as ações técnicas dos museus, que tem seu sentido na separação dos objetos de seu ambiente de origem, tendo o foco no objeto como documento e portador de informação.

Os estudos dos processos de musealização se desdobraram em recortes mais específicos, por exemplo: a relação destes processos com outras disciplinas - como os realizados pela museóloga Cristina Bruno sobre a Musealização da Arqueologia -; em estudos mais detalhados sobre as etapas do processo de musealização, como os realizados pela museóloga Marília Xavier Cury; e/ou a musealização como ação social e metodologia do museólogo, como propõe Bruno Brulon.

Como apresentamos na introdução do Capítulo 1 a musealização neste trabalho é entendida como objeto de estudo e metodologia da Museologia (BRULON, 2018) que é composta por diversos processos que juntos compõem a performance museal. Esta performance museal é o que nos museus tradicionais guia o objeto de museu entre os diversos setores, profissionais e saberes que constituem o museu.

Porém, todo esse processo é orientado pela musealidade, que dá início à musealização. A musealidade é o valor ou qualidade socialmente atribuída, é a motivação para seleção daquele objeto. Mas para que este objeto seja reconhecido como objeto de museu, ou musealia, ele precisa passar pela musealização. Sendo assim, para um objeto transformar-se em musealia, a musealidade deve ser primeiramente atribuída “e pode ocorrer por critérios determinados por especialista e/ou grupos culturais através da participação nos processos de musealização.” (CURY, 2020, p. 134) e depois reconhecida e multiplicada por meio dos diversos processos que compõem a musealização.

Na prática, nos museus tradicionais, ao selecionar um objeto para compor uma coleção de museu, o indivíduo (especialista ou não) está reconhecendo/valorando a musealidade deste, e quando o objeto passa pela musealização há uma validação e ampliação desta musealidade. Ao longo de sua trajetória no museu, o objeto irá

ganhando camadas de musealidade de acordo com os processos que irá passando. Logo, “a musealização mantém e atualiza a musealidade e atribui aos musealia a musealidade, como também atribui aos musealia sua perspectiva comunicacional.” (CURY, 2020, p. 136), porém, “ainda, é à musealidade (qualidade e valores) que movimenta a musealização. Em síntese, se a musealidade é o valor ou qualidade daquilo que é musealizado, é a musealização, como processo, que sustenta os valores ou qualidades no presente.” (Idem, p. 136)

Por sua vez, os processos que compõem a musealização são interdependentes e motivados pela missão do museu, ou seja, sua razão para existir. Como já abordamos, esta missão é ao mesmo tempo estrita, de ser um museu resumida de maneira simplista à: conservar, pesquisar e comunicar, e específica, ou seja, a missão institucional daquele museu. Ambas as missões possuem em comum a finalidade: a comunicação, em seu sentido mais amplo, e aqui está a dimensão educativa. Ou seja, todo museu trabalha orientado por uma dimensão educativa, fato que se comprova na história dos museus e em como eles se organizam na atualidade. Ao longo dos séculos, o museu tradicional sempre comunicou algo a alguém, mesmo que a noção de comunicação, educação e público em cada período tenha delimitações histórico-sociais específicas.

Sendo assim, a musealização é o conjunto de diversos processos, que guiam os objetos entre as diversas funções do museu (conservar, documentar, pesquisar, educar), estas por sua vez só são possíveis de serem realizadas por meio de uma inter-relação. Ou seja, se o objeto não é conservado, ele não pode ser documentado, se não é documentado, não pode ser comunicado, e assim sucessivamente. Desta forma, é por meio destes processos que o museu cumpre sua missão estritamente museal, de ser um museu e, também, sua missão institucional. Estas missões são guiadas por uma dimensão educativa (linha lilás), de servir/comunicar/educar algo a alguém que perpassa todo o processo e pode ser potencializada ou não. E para que tantos processos, saberes e profissionais trabalhem em sinergia e alcancem o mesmo objetivo, a peça-chave é a gestão museológica (linha laranja). Esquematizamos abaixo o processo de musealização nos museus tradicionais em conjunto com os demais processos museais que o envolvem.

Figura 4 - Esquema dos processos que compõem a musealização



Fonte: produzida pela autora, 2022

Como podemos perceber, temos a seleção que parte da musealidade (valor atribuído), e em seguida as demais etapas da musealização vão se complementando, acrescentando no objeto camadas de cuidados e musealidade, sempre guiadas pela missão do museu, que implica uma dimensão educativa. A documentação e conservação possuem objetivos e metodologias distintas, porém acontecem muitas vezes concomitantemente. A documentação e a conservação são etapas que acompanham as musealias ao longo de toda a sua trajetória, a primeira registrando e pesquisando sua trajetória simbólica e a segunda fazendo a sua manutenção física. Portanto, são extremamente relacionadas e sem elas não há como a comunicação se concretizar de maneira efetiva. A comunicação, por sua vez, depende também da pesquisa, bem como, todos os demais processos. Estes processos são orientados pela gestão que define a missão institucional, entendida como uma intenção geral do museu, que por sua vez, possui uma dimensão educativa que pode ou não ser potencializada. Todos estes processos sofrem influência uns dos outros e também do público, parte integrante do processo de comunicação, fazendo com que as camadas de musealidade sejam sobrepostas e que os processos se encontrem, por vezes se confundindo em ações que mesclam as etapas, como veremos a seguir em alguns exemplos.

Entendemos que a musealização é um processo singular; sua separação em etapas, se dá por uma questão prática e de gestão, bem como as setorizações de um museu. Um museu é uma instituição única, composta por diferentes processos e funções.

Algumas instituições, de acordo com o número da equipe e/ou modelo de gestão, possuem divisão por setores. Cada setor desempenha uma função, logo teremos por exemplo o setor educativo responsável pela função educativa, o setor de conservação pela função de conservação, e assim por diante. Porém, pressupõe-se que todos esses setores possuem trabalhos relacionados com um objetivo final, que pode ser resumido pela missão do museu. Uma vez que, um museu não existe apenas para oferecer ações educativas ou apenas para conservar objetos. Sem a conservação não haveria acervos para servir de base às ações educativas, e a conservação sozinha não cumpriria a missão de nenhum museu. Justamente por isso não chamamos um laboratório de conservação autônomo de museu, pois ali, mesmo que seja desempenhada uma ação museológica, não há o processo completo do museu manifestado. Da mesma forma é a musealização, ela não é as suas partes, mas sim o resultado do seu conjunto.

Na musealização cada etapa parte de um conhecimento e objetivo específico. Desta forma, para exemplo, a documentação museológica parte da Museologia com o objetivo de gestão das coleções e gerenciamento das informações do acervo, porém esta é realizada de acordo com o museu e sua missão. Que irá influenciar nos objetos que compõem o acervo e nos campos que compõem a ficha catalográfica, nas políticas de aquisição e descarte, na setorização das coleções. O conceito de musealização vem justamente para unir estas diversas partes.

Focando em nosso recorte, talvez, em um primeiro momento, a educação não aparente ter relação com a documentação museológica ou a conservação, mas, no cotidiano das instituições, entender tais etapas será fundamental para o planejamento educativo, seja na elaboração de ações educativas, no atendimento a pesquisadores ou na elaboração de exposições. Buscamos por meio da explanação sobre cada etapa da musealização e dos dados da nossa consulta online evidenciar essas relações.

Vamos agora detalhar um pouco mais cada etapa da musealização. Começaremos pela seleção, que sempre será motivada por uma intenção. Essa intenção “só pode se dar acompanhada de pesquisa – teórica e empírica – a partir das intenções plurais que guiam a musealização (intenções que podem ser regidas por diferentes atores sociais e instituições culturais, variando de um caso a outro).” (BRULON, 2018, p. 199).

A intenção concomitantemente é determinada ou motivada pela gestão, que define uma missão institucional. Podemos citar como exemplo um museu de arte, dificilmente ele irá selecionar um animal taxidermizado para sua coleção, uma vez que, foge ao seu objetivo central. Hoje, a seleção é uma etapa amplamente debatida dentro da

gestão de acervo com o desenvolvimento das Políticas de Aquisição e Descarte. Entender que a etapa de seleção deve estar alinhada com a missão do museu é fundamental para que não tenhamos instituições similares a um depósito de coisas velhas, que não conversam entre si e dificilmente serão usadas na comunicação do museu. O descarte, por sua vez, ainda é tratado como um tabu dentro do campo da Museologia, porém, deve ser fruto de pesquisas mais aprofundadas, uma vez que, ter uma coleção coesa é um dos passos para boa gestão do acervo.

Mas essa seleção também será influenciada pela missão de ser um museu, ou seja, sua função enquanto instituição comprometida com a sociedade. Se observarmos todas as definições oficiais do ICOM, veremos que o museu existe para comunicar, expor, educar, servir o público e/ou a sociedade. Podemos observar isso na primeira definição proposta pelo museólogo George Henri Riviere na década de 1960, que diz:

O museu é um estabelecimento permanente, administrado no interesse geral, com a finalidade de preservar, estudar, valorizar por diversos meios e, em particular, **de expor ao público para seu deleite e instrução** grupos de objetos e espécimes de valor cultural: coleções artísticas, históricas, científicas e tecnológicas, jardins botânicos e zoológicos e aquários, etc. (RIVIÈRE, 1960, p. 12)

E, também, na definição aprovada pelo ICOM em 1974:

O museu é uma instituição sem fins lucrativos, permanente **a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público**, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e expõe, **para fins de estudo, educação e fruição**, provas materiais do homem e seu ambiente "(ICOM, 1974).

Da mesma forma, na definição proposta pelos membros do ICOFOM, em 2010 na cidade de Calgary, que diz:

O museu é uma instituição **em benefício da sociedade**, que se dedica a explorar e compreender o mundo, pesquisando, preservando e **comunicando**, nomeadamente através da interpretação e exposição, evidências tangíveis e intangíveis que constituem o património da humanidade. É uma instituição sem fins lucrativos" (Davis, Mairesse, & Desvallées, 2010, p. 12).

Bem como na definição atualmente vigente aprovada em 2007:

Um museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos **a serviço de sociedade e seu desenvolvimento, aberto ao público**, que adquire, conserva, pesquisa, **comunica e expõe** o patrimônio tangível e imaterial da humanidade e seu meio ambiente **para fins de educação, estudo e deleite** "(ICOM, 2007)

E até mesmo na polêmica definição que está atualmente em debate, que define os museus como:

Os museus são espaços democratizantes, inclusivos e polifônicos de diálogo crítico sobre o passado e o futuro. Reconhecendo e enfrentando os conflitos e desafios do presente, eles mantêm artefatos e espécimes em confiança **para a sociedade**, salvaguardam memórias diversas para as gerações futuras e **garantem direitos iguais e acesso igual à patrimônio para todas as pessoas**. Os museus não têm fins lucrativos. Eles são participativos e transparentes e trabalham em parceria ativa com e para diversas comunidades para coletar, preservar, pesquisar, interpretar, **exibir** e aprimorar a compreensão do mundo, **com o objetivo de contribuir para a dignidade humana e social. justiça, igualdade global e bem-estar planetário ” (ICOM, 2019).**

Logo, a partir das intenções que motivam a seleção, que transitam entre as intenções particulares dos museus e seus atores sociais e essa intenção maior de comunicação, os museus constroem suas coleções. Podemos concluir que essa intenção maior é a dimensão educativa dos museus, presente desde a sua gênese, como vimos no Capítulo 1.

Cabe agora, detalhar um pouco mais a trajetória do objeto depois que ele é selecionado. As etapas da musealização não seguem uma ordem pré-estabelecida, muitas vezes acontecem concomitantemente. As etapas não têm um fim em si e estão sempre acontecendo de acordo com as demandas do museu e/ou necessidade de cada etapa.

Desta forma, a documentação museológica não termina ao final do preenchimento da ficha catalográfica ou realização de um inventário. Bem como, a conservação não termina após uma higienização e a comunicação não termina ao inaugurar uma exposição. Estas etapas acontecem diariamente e são constitutivas da performance museal, elas compõem o cotidiano do museu. Por sua vez, são influenciadas pelos diversos atores sociais, tais como os públicos. Feito tais esclarecimentos vamos detalhar, com exemplos, cada uma das etapas e sua relação com a educação.

Desta forma, falaremos agora sobre a documentação museológica. A etapa de documentação museológica que pode ser definida como:

o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar, como anteriormente visto, as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento. (FERREZ, 1991, p. 1)

Logo, a documentação é a introdução do objeto em um sistema documental (Stransky, 1974), ou seja, o trabalho de registro e gestão de suas informações. Renata Padilha (2014) destaca que:

Nesse contexto, a documentação museológica pode ser abordada por dois vieses: a documentação do objeto e a documentação das práticas administrativas do museu. O primeiro trata da compilação dos dados e do tratamento informacional extraídos de cada objeto adquirido pelo museu, enquanto que o segundo considera toda a documentação produzida pela instituição para legitimar suas práticas desenvolvidas. (PADILHA, 2014, p. 35)

Helena Dodd Ferrez, ainda no ano de 1991, em seu texto “Documentação Museológica: Teoria para uma Boa Prática”, destacou a importância da documentação museológica dentro dos museus e que a documentação acompanha o bem musealizado ao longo da sua trajetória, onde vai ganhando novas significações. Padilha (2014) ressalta que:

Ao longo de sua trajetória, perde e ganha informações como consequência de sua funcionalidade, de seu uso, reparo e de sua deterioração. Quando introduzido na instituição museológica, inicia uma nova história, que deverá continuar a ser documentada (FERREZ, 1994). Assim, o objeto passa a ser descrito sob duas circunstâncias: sua vida útil antes de fazer parte do museu e depois, quando ganha novos usos e sentidos dentro do espaço de salvaguarda. (PADILHA, 2014, p. 20)

Logo, como dito anteriormente, a documentação preserva a trajetória simbólica registrando e pesquisando as informações e tornando-as acessíveis e recuperáveis, colaborando com as demais etapas do processo de musealização. Atualmente com as mudanças no campo museal e museológico a documentação museológica vem ganhando novas práticas. Sobre tais mudanças a museóloga Luísa Rocha destaca que:

Na atualidade, documenta-se não apenas os valores simbólicos institucionalmente atribuídos ao objeto, decorrentes da sua relação com a área de conhecimento e com os outros objetos da coleção, mas também um novo universo de significados oriundos das relações travadas “com os seres humanos que lhes dão sentido”, quer sejam decorrentes do próprio museu ou da sua circulação na sociedade. (ROCHA, 2019, p 19)

Soma-se a essa amplitude de sentido que o objeto museológico ganha na atualidade, os avanços tecnológicos que ampliam a circulação das informações sobre os objetos e mesmo sua versão virtual, que junto com a centralidade dos públicos, já abordada nesta dissertação, faz com que a documentação museológica atue não somente na produção e organização de informações, mas na construção de pontes entre diversos saberes. Como destaca Rocha (2019, p. 21-22):

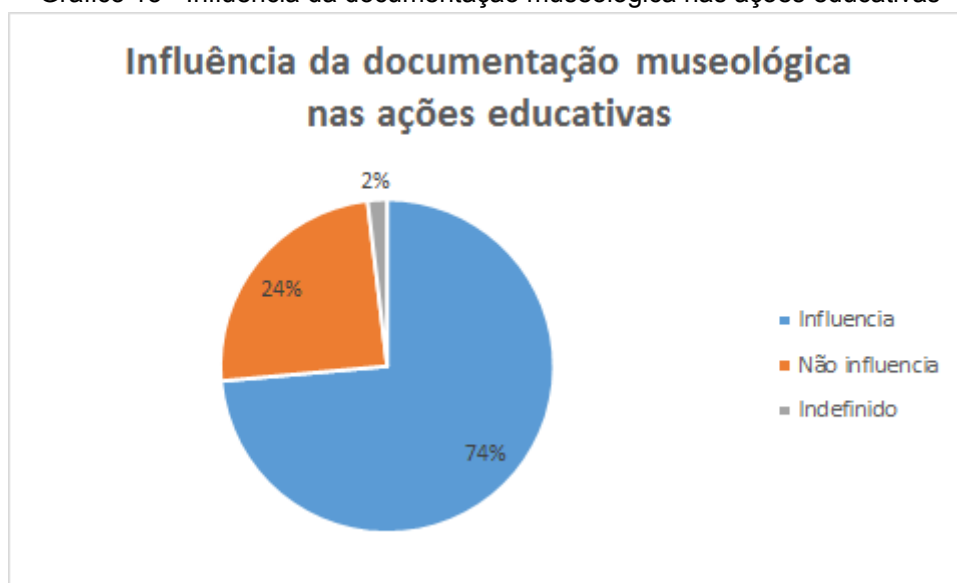
A circulação dos objetos fora do museu possibilita a atribuição pelas pessoas de diferentes descrições, uma vez que cada indivíduo pertence a uma comunidade e classifica o mundo de forma diferenciada, utilizando-se de conceitos em momentos específicos e com propósitos singulares. Portanto, tais abordagens abrem as portas para diversas comunidades de conhecimento (SRINIVASAN et al., 2010). Ampliar a representação do objeto no museu envolve abranger e conectar as

narrativas e histórias com o significado cultural do objeto. Da mesma forma, buscar o uso e a função do objeto, em diferentes sociedades em tempos e lugares distintos, possibilita a conexão com as comunidades. A vida social do objeto reside na associação de sua biografia com as narrativas compartilhadas e nas múltiplas apropriações dos artefatos manifestos pelos grupos culturais. (ROCHA, 2019, p. 21-22)

Como podemos perceber a documentação museológica busca cada vez mais ampliar seu leque de atuação de maneira que consiga registrar “novos termos, características e valores, de acordo com os diferentes grupos culturais” (ROCHA, 2019, p. 11), de forma que ao serem “registradas na documentação, junto com as linguagens documentárias e científicas, de forma a subsidiar as ações de comunicação dos museus.” (ROCHA, 2019, p. 21-22).

Em nossa consulta online, perguntamos aos museus se a documentação museológica influencia ou não nas ações educativas. Nosso objetivo era entender como estas funções se relacionam na prática cotidiana, o resultado se apresentou da seguinte maneira⁶³:

Gráfico 13 - Influência da documentação museológica nas ações educativas



Fonte: produzido pela autora, 2020

Como podemos perceber, a grande maioria dos museus afirma que a documentação influencia em suas ações educativas. Como se tratava de uma pergunta com resposta aberta, alguns museus justificaram sua afirmação, nesse sentido. As justificativas destacam a documentação museológica como fonte de informações que

⁶³ A questão presente no questionário era “A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas?” e a resposta era aberta. Sendo assim, tivemos 23 respostas apenas com “Sim” e 16 respostas positivas justificadas que estão apresentadas no texto. Além disso, tivemos 13 respostas negativas sem justificativa e uma resposta que não foi conclusiva.

servem de base ou colaboram parcialmente na construção das atividades. Destacamos abaixo algumas destas respostas que evidenciam o papel que a documentação museológica desempenha na construção das ações educativas.

A documentação museológica fornece subsídios para a construção de narrativas acerca do acervo que são a base das ações educativas. - Museu Villa-Lobos

As fichas geralmente são consultadas pela equipe que realiza as mediações. - Museus Castro Maya

Sim. Utilizamos muitas vezes essas documentações para embasar nossas ações. - Museu da Maré⁶⁴

Sim. São a base para a pesquisa realizada como fundamentação das ações. - Museu Histórico Nacional

O acesso a esses dados faz parte do planejamento das exposições de curta duração. - Museu Casa de Rui Barbosa

Sim, porque são fundamentais à pesquisa que orienta a prática educativa. - Museu Bispo do Rosário

Sim, influencia por causa do titular da coleção e também das informações completas das peças - Arquivo-Museu de Literatura Brasileira

Sim, pois traz informações e narrativas para a elaboração das atividades.
-
Museu Histórico do Corpo de Bombeiros

Sim. Servem como base tanto no planejamento quanto na execução das atividades. - Museu da Escola Politécnica

Nas justificativas coletadas também fica claro que a documentação museológica faz uma ligação entre o acervo e as ações educativas por meio das informações dos objetos, temáticas ou mesmo tipologias, como podemos perceber nas respostas abaixo:

Quando trabalhamos com o acervo (algumas exposições não são de obras/ itens do acervo) estas documentações muitas vezes servem de base para nossas pesquisas. - Instituto Moreira Salles

Sim, pois a maior parte das atividades é planejada e montada com base na principal identidade do MUSAL, ou seja, a História da Aviação Brasileira. - Museu Aeroespacial

Todas as atividades educativas são pensadas a partir das temáticas anualmente destacadas pelo plano curatorial do Museu. - Museu do Amanhã

⁶⁴ Como destacamos na introdução desta dissertação, utilizamos de uma flexibilização para uso da tipologia de Museu Tradicional, restringindo-a apenas à forma predominante de comunicação baseada no acervo. Desta forma, destacamos que o Museu da Maré é resultado e se mantém por um processo social, comunitário e participativo, porém a sua forma comunicacional é baseada no acervo museológico.

Sim, em geral tentamos envolver nas nossas atividades educativas cada uma das tipologias de acervo da instituição. - Museu da Imagem e do Som

Sim. Alguns projetos são pensados a partir de objetos do acervo - Museu da República

Desta forma, percebemos como as novas práticas da documentação museológica colaboram para que as ações educativas explorem variadas potencialidades dos objetos por meio da inclusão de diferentes saberes, uma vez que, como os museus participantes da nossa consulta afirmaram, a documentação é a principal fonte de informações para as ações educativas.

Porém, ao entendermos a musealização como um conjunto não linear de processos, podemos ter ações que mesclam comunicação com os públicos com ações de documentação, como é o caso da Folksonomia. A Folksonomia (folk [povo, pessoas] + nomia [lei ou regra]) é uma prática de organização do conhecimento por meio de etiquetas desenvolvida pelos próprios usuários que se popularizou nas novas plataformas da Web 2.0 sobretudo no uso das *hashtags*, ou seja, “é o resultado da etiquetagem dos recursos da Web num ambiente social compartilhado pelos próprios usuários da informação visando a sua recuperação.” (ROCHA, GONZALEZ, 2014, p. 43). Segundo Rocha e Gonzalez (2014):

Nos últimos anos, foram desenvolvidas novas ferramentas na plataforma web 2.0, com destaque para aquelas direcionadas à organização dos conteúdos dos recursos digitais pelos próprios usuários da rede. Esta nova abordagem tem recebido diferentes designações que guardam em si similaridades e diferenças em função do seu uso ou mesmo significado, como, etiquetagem (tagging), marcação social (social tagging) e folksonomia. Essas etiquetagens foram criadas por Thomas Vander Wal como complemento dos sistemas tradicionais de classificação taxonômica e foram usadas pela primeira vez por sites de redes sociais, como Flickr e YouTube. Para Wal (2005), folksonomia é o resultado da atribuição livre e pessoal de etiquetas a informações ou objetos, em um ambiente social compartilhado, visando à sua recuperação. (ROCHA, GONZALEZ, 2014, p. 42-43)

A prática de folksonomia na documentação museológica introduz os públicos na construção, categorização e organização do conhecimento sobre os objetos, fazendo com que a comunicação e a documentação museológica aconteçam de forma conjunta. Ou seja, ao mesmo tempo que o museu disponibiliza seu acervo aos visitantes, este participa ativamente da sua documentação. Por sua vez, essa participação será introduzida nas informações que futuramente poderão ser o pontapé inicial das diversas ações do museu.

Partindo da Folksonomia podemos refletir sobre como na atualidade o museu ganha um novo espaço de atuação, como destaca Rocha e Gonzalez (2014):

No século XXI, a popularização do espaço web transforma o mundo material em fluxos que promovem o entrelaçamento de pessoas, idéias, dados, conhecimentos, saberes, expressões e ações sob a forma de informação, que circula neste espaço de comunicação distribuída contemplando tanto as redes institucionais quanto comunidades virtuais espalhadas nos quatro cantos do mundo. O espaço web revela a capacidade de interligar pessoas e comunidades vencendo distâncias nem sempre físicas, mas cognitivas e afetivas. (ROCHA, GONZALEZ, 2014, p. 43)

Nesse sentido, a digitalização das coleções é uma prática que congrega vários processos da musealização, colaborando para a documentação, preservação e comunicação dos acervos em versão digital e suas informações. Sua digitalização proporciona desde as práticas de Folksonomia até práticas de curadoria digital educativa, que são a utilização do material virtual em desdobramentos educativos. O conceito de educação museal online é desenvolvido neste sentido, como foi abordado anteriormente no Capítulo 2. Porém cabe destacar que a mera digitalização sem tais desdobramentos pode fazer com que os museus usem seus repositórios e sites apenas como um local de guarda digital de informações, como destaca a recente publicação *Acervos Digitais em Museus: Manual para realização de Projetos* (2020):

Um dos principais objetivos do uso das tecnologias digitais nos museus é ampliar a relevância e as possibilidades de interação da sociedade com os acervos. Não basta ter os acervos organizados em um repositório digital para que isso aconteça. É necessário criar estratégias de conversação e de engajamento, em torno das coleções digitais, para que sejam apropriadas e utilizadas pelas diferentes audiências de interesse do museu. O objetivo é criar uma rede, que possa, cada vez mais, ser expandida, em torno dos conteúdos desenvolvidos pela instituição (IBRAM, 2020, p. 98)

Essa presença virtual não substitui a presencial; ela vem para somar e depende da manutenção física dos acervos e da realização das etapas de musealização que estamos abordando, uma vez que, “o primeiro passo para promover a conversação em rede é identificar as potencialidades comunicacionais de seu acervo” (IBRAM, 2020, p 100), principalmente nos museus tradicionais, nosso recorte de estudo, onde os objetos são a base comunicacional.

Por fim, cabe destacar que o Museu do Graffiti ressalta a documentação museológica como prática que traz credibilidade à instituição, ao responder que esta “ajuda na nossa organização de arquivos e nos dá credibilidade na execução de editais.” (Museu do Graffiti). Sendo a principal prática de gestão de acervos, a documentação

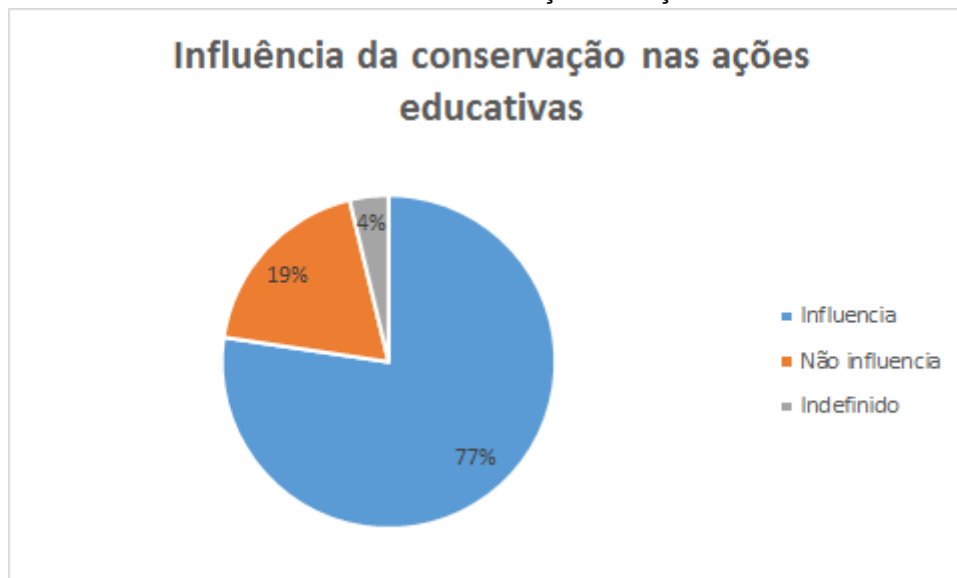
museológica, é fundamental para manutenção técnica do museu e por isso colabora para que os museus estejam organizados, o que reverbera em um museu com maior credibilidade por seu profissionalismo. Nesse sentido, o Museu Aeroterrestre respondeu que “Temos o suporte museológico da Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército.” (Museu Aeroterrestre) demonstrando o importante papel que a Museologia desempenha nos museus.

Ambas as respostas evidenciam que uma etapa de musealização, aqui no caso a documentação museológica, influência em todo o museu, seja colaborando para editais externos ou em parceria entre setores. Além disso, a resposta do Museu Aeroterrestre nos abre horizontes para pensar como o profissional museólogo deve ser o elo entre os profissionais, saberes e processos que compõem os museus, uma vez que, é o museólogo que possui formação ampla que abarca todos os processos que compõem a musealização, sendo seu objeto de estudo e metodologia.

Dando continuidade aos demais processos que compõem a musealização, falaremos agora sobre a conservação. Esta trabalha com a manutenção física dos objetos, fundamental para a sua manutenção simbólica e para a consolidação das demais etapas. Heloisa Maria Pinheiro de Abreu Meirelles diz que: “Preservar significa proteger, defender, resguardar o bem cultural de algum dano ou perigo futuro, a fim de assegurar a sua disponibilidade contínua.” (MEIRELLES, 2010, p. 80) e continua definindo a conservação como “elemento essencial para a salvaguarda do patrimônio – é um conjunto de medidas e procedimentos que visa à proteção dos acervos contra esses agentes de deterioração.” (Idem, 2010, p. 80). Desta forma, a conservação é um ponto a ser observado durante toda a trajetória do objeto, é determinante, por exemplo, no modo de comunicá-lo, com os cuidados que devem ser tomados desde a exposição, ações educativas e pesquisas. Em nossa consulta, a maior parte dos museus respondentes destacaram que tal processo influencia nas ações educativas, como podemos observar no gráfico abaixo⁶⁵.

⁶⁵ A questão presente no questionário era “A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas?” e a resposta era aberta. Sendo assim, tivemos 24 respostas apenas com “Sim” e 17 respostas positivas justificadas que estão apresentadas no texto. Além disso, tivemos 10 respostas negativas sem justificativa e duas respostas que não foram conclusivas.

Gráfico 14 - Influência da conservação nas ações educativas



Fonte: produzida pela autora, 2020

Partindo das justificativas apresentadas pelos museus, podemos perceber que a influência da conservação nas ações educativas acontece principalmente de três maneiras, são elas: na conservação dos objetos, na acessibilidade e no discurso sobre conservação que compõe as ações educativas. Detalhamos a seguir tais etapas a partir das justificativas dos museus.

A influência mais citada é a de que a conservação delimita o uso ou não dos acervos nas ações ao prezar por sua segurança. Desta forma, segue abaixo algumas justificativas que destacam essa influência.

Sim, uma vez que o estado de conservação determina a possibilidade de expor ou não cada item do acervo. - Museu Villa Lobos

Sim, influencia porque a educação acontece quando a peça pode ser conhecida plenamente. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira

Sim, pois dependendo do estado do material, ele será ou não exposto, incluído ou não, nas atividades. - Museu Histórico do Corpo de Bombeiros

Sim, em geral trabalhamos com duplicatas que podem ser manuseadas ou itens que estejam estabilizados. - Museu da Imagem do Som

Sim, criamos normas para desenvolver técnicas inovadoras para nosso acervo de rua. - Museu do Graffiti

Sim, peças frágeis e raras não entram nas atividades educativas - Museu de Ciências da Terra

Sim, uma vez que as visitas mediadas e outras atividades passam pelas exposições e salas expositivas. Museu Aeroespacial

Sim, para não haver danos ao acervo” Museu Interativo de Física - LADIF

Sim. O acesso precisa ser negociado com a área de conservação. Museu de Astronomia e Ciências Afins

É importante destacar que no cotidiano dos museus o setor e/ou profissional de conservação muitas vezes é taxado como o que sempre diz “não” ou coloca limitações, porém a conservação é responsável não somente por manter a integridade dos acervos, mas também a segurança dos públicos. Muitos objetos de museus ao serem tocados podem gerar danos dermatológicos, pois muitos contêm fungos ou resquícios químicos. Alguns objetos podem ainda oferecer risco ao serem manuseados por serem cortantes, frágeis e quebradiços. Tais informações podem estar contidas nas fichas catalográficas, que poderão por sua vez ser acessadas pelos educadores que irão planejar as ações educativas, agilizando o trabalho de todos os setores e favorecendo a construção de ações seguras aos públicos e aos acervos.

Todas essas delimitações são fruto do conhecimento específico do campo da conservação, que como destaca dois museus, pode ser determinante na construção de ações de acessibilidade ao determinar os objetos que podem ser utilizados como recursos táteis. Desta forma, sobre se há ou não influência da conservação nas ações educativas estes museus dizem que:

Sim, respeitando a integridade do acervo, dependendo do grupo, realizamos uma visita na reserva técnica. Visitantes com deficiência visual podem utilizar luvas e tocar os objetos pré-selecionados expostos com o guia. - Museu do Flamengo

Sim, sempre é levado em conta o estado de conservação da peça ao decidir se ela participará ou não de uma mostra de curta duração, ou mesmo se pode participar do circuito tátil. - Museu Casa de Rui Barbosa

Colaborando com a resposta do Museu Casa de Rui Barbosa, relato aqui uma experiência pessoal de quando fui estagiária no museu, e ao receber um grupo com pessoas com deficiência visual sem agendamento prévio, por ter uma formação em conservação preventiva graças ao curso de Museologia, consegui utilizar peças da exposição como recursos táteis sem colocar em risco o acervo e os visitantes. A possibilidade de construir essa experiência foi enriquecedora para mim como profissional e, no momento em que respondi “sim” a um dos visitantes cegos que me perguntou se poderia tocar no tinteiro de metal sobre o qual outro visitante comentava, entendi que mesmo se eu fosse trabalhar a vida inteira com educação museal, eu utilizaria

diariamente as aulas de conservação e estas seriam fundamentais para que meu trabalho buscasse a excelência no atendimento do público. Talvez, essa tenha sido a ocasião em que inconscientemente esta dissertação começou a ser planejada.

Logo, fica claro que as relações entre conservação e educação vão muito além da manutenção física do objeto: esta relação pode ser um caminho para que as equipes explorem ao máximo o potencial do seu acervo a partir da construção conjunta de ações que integrem as diversas funções e profissionais dos museus .

Outra função primordial dos museus é colaborar na formação dos públicos quanto às questões patrimoniais, por exemplo de preservação do patrimônio, seja ele musealizado ou não. Em suas respostas sobre a influência da conservação nas ações educativas foi citado pelos museus que a conservação influencia no discurso ao serem abordadas as questões sobre funcionamento e função do museu enquanto uma instituição de preservação. Nesse sentido os profissionais de museus afirmam que:

As mediações, especialmente com grupos de crianças, sempre mencionam a questão da conservação logo no acolhimento, quando se fala a respeito de porquê as obras não podem ser tocadas. - Museu Castro Maya

Sim. No mBrac todos os setores buscam atuar de forma coletivizada. Além das visitas mediadas abordarem questões de conservação. - Museu Bispo do Rosário

Além disso, destacamos três museus que citam que as ações de conservação são parte integrante de suas ações de educação, como consta abaixo:

Levamos em consideração a preservação das obras/ itens ao planejarmos as ações. Já realizamos atividades que compartilham processos de preservação com o público. - Instituto Moreira Salles

Sim. Por vezes a própria atividade de conservação faz parte da exposição - Museu da Escola Politécnica

Sim, em ações específicas realizadas com parcerias entre setores. - Museu Histórico Nacional

Somando à resposta do Museu Histórico Nacional, trago uma experiência pessoal de quando estava realizando o estágio curricular em tal museu. O setor escolhido para o meu estágio foi o Núcleo de Conservação e Restauração de Acervo, na época sob responsabilidade de um museólogo servidor do museu a mais de 20 anos na área de segurança, conservação e restauro.

Um agendamento de uma turma do curso de graduação em Turismo o Núcleo de Educação organizou uma visita às áreas técnicas do museu, entre elas estava o Núcleo de Conservação e Restauração de Acervo. Para receber os alunos, o museólogo

produziu, com os materiais disponíveis no setor, um painel informativo e deixou em exposição alguns itens em diferentes etapas do processo de higienização física e química. Ao receber a turma, o museólogo demonstrou na prática estes processos.

Figura 5 - Ação de comunicação desenvolvida pelo Núcleo Conservação e Restauração de Acervo



Fonte: acervo pessoal da autora, 2019

A ação é um exemplo de como todos os setores do museu podem atuar juntos para proporcionar ao público uma experiência que explore o museu, os acervos e os profissionais de diferentes perspectivas.

Em museus que não possuem setores o trabalho conjunto dos profissionais em diferentes processos é um bom exemplo de como independente da setorização a musealização acontece e mobiliza os atores sociais envolvidos. O Museu da Maré, sobre a influência da conservação nas ações educativas respondeu que: “O Museu da Maré não tem setores separados, estanques. Todas as pessoas que participam da equipe, mesmo aquelas que têm formação específica em alguma área, contribuem para o planejamento e na execução das atividades educativas.” (Museu da Maré). Seria necessário um estudo de caso mais aprofundado sobre o Museu da Maré, inclusive por ser um museu de cunho social, mas pela sua resposta podemos perceber que as ações educativas são o ponto de encontro entre os diversos atores envolvidos no museu, o que nos dá indícios de que sejam processos com grande participação e diversidade de saberes e vivências.

Sendo assim, podemos concluir que a seleção, a documentação e a conservação possuem uma dimensão educativa, que possui forte relação com as ações educativas, ou

seja, estão relacionadas e podem determinar a função educativa dos museus. Por meio dos exemplos apresentados podemos perceber que atualmente tais etapas buscam também a participação dos públicos, sejam estes os próprios atores que selecionam o acervo ou colaboram na sua catalogação. Além disso, todas as ações podem ter desdobramentos comunicativos, sendo assim, a comunicação museológica já vem sendo abordada indiretamente até aqui, porém, cabe agora um maior detalhamento sobre este processo.

A comunicação museológica é definida pela museóloga Marília Xavier Cury, como:

[...] a denominação genérica que são dadas às diversas formas de **extroversão do conhecimento em museus**, uma vez que há um trabalho de introversão. As formas são variadas, como artigos científicos de estudos de coleções, catálogos, material didático em geral, vídeos e filmes, palestras, oficinas e material de divulgação e/ou difusão de diversos. (CURY, 2005, p. 34, grifo nosso)

Como destacado por Cury (2005) a comunicação é a extroversão do conhecimento em museus. Como vimos anteriormente, com as mudanças sociotécnicas, os diversos campos do conhecimento que atuam nos museus hoje apresentam-se com práticas que envolvem o público e, portanto, atuam nesta extroversão do conhecimento.

Atualmente há experiências em que a comunicação museológica acontece concomitantemente à documentação museológica, por exemplo, em ações de Folksonomia ou digitalização e disponibilização de acervos em meio virtual.

A partir da ampliação e disseminação da dimensão educativa do museu, os processos de conservação podem passar a atuar como ações de comunicação. As reservas técnicas e laboratórios deixam de ser apenas bastidores e abrem suas portas para receber públicos.

Porém, como destaca Cury, a exposição é a principal e mais específica manifestação da comunicação museológica, “pois é na exposição que o público tem oportunidade de acesso à poesia das coisas. É na exposição que se potencializa a relação profunda entre o Homem e o Objeto no cenário institucionalizado (a instituição) e no cenário expositivo (a exposição propriamente).” (CURY, 2005, p. 34) Tal afirmação se comprova em nossa consulta, onde 89% dos museus utilizam o espaço da exposição para suas ações educativas.

Para Stránský, a comunicação é a abordagem museológica da realidade e ela cria, ao mesmo tempo, um laço recíproco com a realidade original que se estabelece em “um plano qualitativamente mais elevado”. Desse modo, a especificidade da comunicação museológica condiciona a especificidade da documentação museológica. (BRULON, 2017, p. 414) O que mais uma vez evidencia o processo de musealização com algo

cíclico e interdependente. Sobre a especificidade da comunicação museológica Cury (2013) completa dizendo que:

É importante dizer que a comunicação museológica é realizada com bases científicas, ou seja, bases fundantes teórica, metodológica e técnica, o que a distancia do voluntarismo dos bem intencionados ou oportunistas, pois possui um planejamento e uma forma deliberadamente estruturada desde os primeiros momentos de sua concepção. **Os comunicadores de museus preocupam-se com a emissão tanto quanto com a recepção e unem condições de produção à experiência do público-visitante.** Comunicação é - diferentemente do que propõe o modelo hegemônico, mas falido - **encontro, troca e negociação** do significado da mensagem museológica. Essa concepção equilibra (sem a intenção de neutralizar) o poder dos polos emissor e receptor, pois os dois atuam como sujeitos do processo. Às vezes, os papéis se invertem: o emissor estrutura a mensagem a partir das características do público. Aqui ele é receptor antes de ser emissor. O receptor torna-se emissor ao apropriar-se da mensagem museológica, ressignificá-la e expressá-la no museu e em seu contexto cotidiano. (CURY, 2013, p. 18)

Desta forma, a comunicação museológica é uma abordagem específica da comunicação que não é somente definida como a que se faz dentro da instituição museu. Esta etapa, assim como as demais conforme abordamos, evidencia o papel ativo dos públicos como produtores de musealidade. As abordagens mais recentes dos processos de musealização vem cada vez mais buscando a participação do público em metodologias colaborativas, como as já apresentadas, mas também por meio da participação dos públicos na construção das exposições.

Neste sentido podemos citar como exemplo as experiências do Museu do Índio no Rio de Janeiro que a partir dos anos 2000 “passa a adotar uma nova metodologia para o desenvolvimento das exposições que afeta sensivelmente a cadeia museológica onde estabeleceram-se novas práticas que buscassem envolver diretamente os indígenas” (BRULON, GUEDES, 2019, p. 1349) E a atuação do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo - MAE-USP⁶⁶.

O MAE-USP inaugurou em 2019 a exposição “Resistência Já! Fortalecimento e união das culturas indígenas. Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena”⁶⁷, sua elaboração começou no ano de 2016 e contou com a participação de três grupos indígenas. A exposição “é a primeira mostra colaborativa com grupos indígenas do Museu. A exposição surge de um compromisso inicial em informar os(as) indígenas sobre seus

⁶⁶ Amplamente debatido em publicações da museóloga Marília Xavier Cury.

⁶⁷ Para mais informações sobre a exposição indicamos o artigo “Escuta das narrativas indígenas na exposição colaborativa do MAE-USP: desafios para o desenvolvimento de ações educativas eticamente responsáveis e engajadas nos museus”, autoria de educadores ligados ao setor educativo do MAE-USP.” escrito pelos educadores do MAE-USP ele traz um relato de experiência da construção da Plataforma Educativa da exposição que foi desenvolvida por meio de um processo participativo com três grupos indígenas.

objetos que estão sob a guarda da instituição, e para requalificar as coleções (CURY, 2017: 199).” (SILVA, CARNEIRO, 2021, p. 166). A metodologia foi:

conduzido pelos três grupos indígenas em todo o processo curatorial, com a tomada de decisões nas distintas ações, desde o aceite na participação do projeto, ao início da curadoria nas aldeias, a vinda ao Museu e a seleção do acervo, e na consolidação da Plataforma Educativa.(SILVA, CARNEIRO, 2021, p. 168)

Não aprofundamos aqui neste estudo de caso, porém destacamos que este exemplo evidencia como a participação pode colaborar para os processos de musealização funcionarem como pontes entre os museus e seus públicos, fazendo com eles sejam protagonistas e produtores de significados dentro da instituição. Como destaca Silva e Carneiro (2021), sobre o resultado da exposição em questão:

O resultado é uma exposição autonarrativa colaborativa, em que os grupos se reconhecem nela, por exemplo, a assistente de pajé Susilene Elias de Melo, Kaingang da TI Vanuíre, comenta que toda vez que abre a porta da exposição o seu olho brilha, pois foram elas que escolheram as peças. Essa experiência se insere no processo de tomada dos museus pelos grupos indígenas e especialmente no controle de como suas culturas são representadas e comunicadas, e está relacionada à discussão crescente da descolonização. (SILVA, CARNEIRA, 2021, p.168)

Como já destacamos, a musealização é cíclica e não tem seu fim ao final de uma exposição ou ação educativa, ela é responsável pelo cotidiano da instituição. Desta forma, suas etapas influenciam em toda a instituição, sendo assim uma ação pode ser o pontapé inicial para mudanças em toda a composição da musealização e concomitantemente no cotidiano do museu, os educadores autores do artigo sobre a exposição evidenciam este ponto ao dizerem que “Os impactos desse processo não se esgotam nessa exposição, mas possuem reflexos em outras frentes de atuação do Museu. O Educativo não será mais o mesmo.” (SILVA, CARNEIRO, 2021, p. 181)

Sendo assim, a participação dos públicos, vai cada vez mais ampliando-se e pode ser manifestada nos diferentes processos que compõem a musealização, abarcando também o debate sobre inclusão de profissionais com deficiência nos museus e o entendimento de inclusão como processo e “ação contínua e compartilhada.” (MORAES, 2019, p. 342)⁶⁸ que vai além de ações para pessoas com deficiência (AIDAR, 2019). Não cabe nesta pesquisa detalhar os desdobramentos sobre participação dos públicos, mas sim destacar que atualmente a musealização deve buscar formas de integrar essas

⁶⁸Para maior aprofundamento indicamos: Inclusão em museus: conceitos, trajetórias e Práticas de Silvilene de Barros Ribeiro Morais. Disponível em: http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/12996/silvilene_barros_ribeiro_morais.pdf?sequence=1

diversas possibilidades de maneira integral em todos os processos que compõem a musealização.

Cada museu possui suas relações específicas de acordo com as temáticas que trabalham ou deixam de trabalhar, seu entorno, seus públicos e não públicos, fazendo com que cada instituição desenvolva métodos próprios de participação. Buscamos destacar a participação de maneira geral, pontualmente, ao longo de todo o nosso trabalho demonstrando que os públicos são produtores de musealidade, podendo colaborar com a produção e disseminação de conhecimentos nos museus.

Cabe aos museus atuarem como pontes entre pessoas, saberes e realidades. As ações educativas, por sua vez, são meios de alcançar tais objetivos, uma vez que, elas podem integrar tanto os diversos setores/saberes/profissionais internos do museu como estes com os públicos. Entender que todas as ações do museu possuem uma dimensão educativa é o primeiro passo para que ações de participação sejam realizadas. Nesse sentido, o Museu Bispo do Rosário ao responder nossa consulta sobre a influência da comunicação nas ações educativas, diz que:

O museu compreende que a educação está presente em todas as suas ações. Nos últimos anos as exposições são constituídas por **processos pedagógicos e colaborativos**, assim como muitos de seus eventos e publicações. - Museu Bispo do Rosário

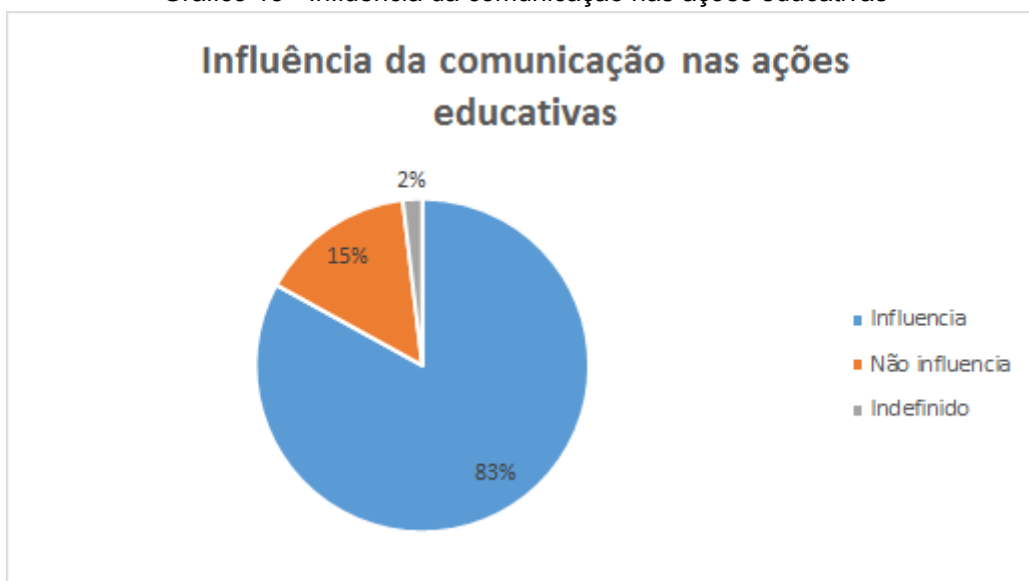
No mesmo sentido temos o Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro que em sua resposta deixa claro que as comunicações desempenham o papel educativo ao transmitir e produzir conhecimento. O museu diz que:

Sim, à medida que tentamos extrair ao máximo das nossas “comunicações” a possibilidade de transmissão e produção de conhecimento. - Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro

Sendo assim, retornando a nossa análise sobre a influência dos processos que compõe a musealização nas ações educativas, quando questionados sobre a influência da comunicação nas ações educativas os museus responderam de acordo com o gráfico abaixo⁶⁹:

⁶⁹ A questão presente no questionário era “A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas?” e a resposta era aberta. Sendo assim, tivemos 28 respostas apenas com “Sim” e 17 respostas positivas justificadas que estão apresentadas no texto. Além disso, tivemos 8 respostas negativas sem justificativa e uma resposta que não foi conclusiva.

Gráfico 15 - Influência da comunicação nas ações educativas



Fonte: produzida pela autora

Em suas justificativas os museus destacam principalmente que a comunicação determina as temáticas das ações educativas, mas muitos museus colocam educação de maneira integrada à comunicação. Há também um número significativo de menções a divulgação das ações educativas pela comunicação de modo a atrair maior público.

Desta forma a comunicação aparece como determinante das temáticas das ações em respostas tais como:

Sim, as ações educativas são adaptadas para dialogar com os temas abordados nas exposições bem como pensadas para integrar os eventos do Museu. - Museu Villa-Lobos

Sim. Geralmente há mediações pensadas especificamente para exposições temporárias, e os catálogos são consultados para pensar estas mediações. - Museus Castro Maya

Sim. As temáticas abordadas nas atividades têm relação com os grandes temas da exposição assim como com seu acervo. - Museu da Geodiversidade

Sim, uma vez que o MUSAL, costumeiramente, promove 4 grandes eventos ao longo do ano, sendo cada um com um tema central, o que com certeza influenciará as atividades do museu. - Museu Aeroespacial

Sim, no planejamento anual pensamos atividades ligadas a efemérides e a outras atividades previstas no MIS. - Museu da Imagem e do Som

Sim, influencia porque a peça não se explica solitariamente. - Arquivo-Museu de Literatura Brasileira

Sim. Em todas as mostras temporárias preparamos uma mediação específica ao tema. - Museu Casa de Rui Barbosa

Ao falarmos sobre integração, a resposta do Instituto Moreira Salles, exemplifica bem como as ações de comunicação e educação atuam em sinergia ao dizer:

Estamos em diálogo com a equipe de comunicação e internet para melhor comunicar nossas propostas. Exposições em cartaz e outros projetos da instituição (sites dedicados aos acervos e publicações, por exemplo) são levados em consideração durante o planejamento das ações, seja como fonte de pesquisa e pontos de partida para conceitos e assuntos das ações, como também muitas vezes as ações são integradas aos mesmos. Um exemplo é o site ImagineRio para o qual criamos propostas pedagógicas voltadas para o público de professores. Instituto Moreira Salles

Da mesma maneira o Museu Histórico Nacional diz que:

Sim, integramos junto com o Núcleo de Expografia o setor de dinâmica cultural e as ações são pensadas de forma integrada, quando de competência das equipes do museu (acontece de serem realizadas ações elaboradas entre a direção e terceiros). - Museu Histórico Nacional

O Museu do Amanhã destaca a colaboração entre setores dizendo que:

Trata-se na verdade num movimento de via dupla, onde a comunicação e as atividades do museu trocam estratégias para a potencialização de todas as nossas atividades. - Museu do Amanhã

Em sua resposta o Museu Nacional destaca duas fases da divulgação por meio da comunicação, são elas a de atrair públicos e à de disseminar conhecimento, o museu diz que:

A comunicação tem papel imprescindível na ação educativa, pois é através dela que conseguimos atrair mais pessoas para nossas ações e também tornar público o conhecimento produzido no museu e as ações educativas que realizamos na instituição. - Museu Nacional.

Neste mesmo sentido o Museu Didático de Física - LADIF ressalta o papel da comunicação para atrair novos públicos dizendo:

Sim, pois o público espontâneo depende da divulgação. para o agendado, não. Museu Didático de Física - LADIF

Outros pontos, foram destacados pelos museus como influência da comunicação nas ações educativas, como a atração de voluntário pelo Museu do Graffiti⁷⁰. E também na colaboração para construção de ações educativas com diferentes linguagens para diferentes públicos ou diferentes abordagens, como destacaram os museus abaixo:

⁷⁰ “Sim, nos ajuda a ter mais voluntários capacitados.” Museu do Graffiti

Sim, em todo o planejamento para elaboração de estratégias educativas multissensoriais, trabalhos artísticos e diferentes formas de abordagens. Museu de Ciências da Terra

Sim, pois dependendo do que e pra quem será apresentado, faz-se necessário pensar a linguagem e a forma da atividade educativa.- Museu Histórico do Corpo de Bombeiros

Por fim, cabe falar da pesquisa⁷¹, lembrando que assim como Brulon (2018): “defendemos que a pesquisa museológica existe na medida em que entendemos a cadeia da musealização como objeto empírico e como modelo metodológico para a Museologia.” (BRULON, 2018, p. 204). Logo, a pesquisa museológica permeia todo o processo de musealização:

seja ela pesquisa empírica no campo onde os objetos são selecionados, pesquisa documental, pesquisa terminológica, pesquisa de técnicas e métodos de conservação, pesquisa expográfica aplicada à comunicação... Trata-se de pesquisa museológica, portanto, toda a investigação que permite sustentar empírica e conceitualmente a cadeia integrada da musealização. [...] A pesquisa museológica, portanto, antecede o museu, assim como existe para além dele, do mesmo modo que a musealização não se limita aos perímetros conceituais e físicos dessa instituição social. (BRULON, 2018, P. 204)

Indo além na análise referente a pesquisa museológica, cabe destacar que a mesma não se limita aos estudos sobre o processo de musealização “ela também abarca a pesquisa reflexiva sobre à própria Museologia como campo de conhecimentos – aquela que, segundo a proposição stranskiana, poderíamos ousar denominar de pesquisa metamuseológica” (BRULON, 2018, p. 205)

Podemos perceber que os processos que compõem a musealização possuem forte relação uns com os outros, muitas vezes apresentamos uma ordem para melhor explicação. Na prática esses processos se relacionam de maneira muito diversa e em ordens diferentes não somente de acordo com o acervo, mas sobretudo de acordo com as necessidades dos museus para realização de suas ações cotidianas. A exposição temporária do Museu da República⁷² “Você sabe? Você lembra? Está quente... Está frio” evidencia tal afirmação. A exposição aconteceu durante a 9ª Semana Nacional dos Museus⁷³ no ano de 2011, cujo o era “Museu e Memória – Objetos que contam sua história” e teve a curadoria da museóloga Isabel Portella.

⁷¹ Em nossa consulta online por meio do questionário enviado aos museus não colocamos uma questão referente à pesquisa. Buscando sanar essa lacuna que nosso questionário não preencheu, abordaremos a questão da pesquisa em nosso estudo de caso no item 3.3 Museu Histórico Nacional: um breve estudo de caso

⁷² Para mais informações sobre o Museu da República: <https://museudarepublica.museus.gov.br/>

⁷³ Evento promovido pelo Instituto Brasileiro de Museus com objetivo de promover os museus brasileiros em uma programação nacional com tema comum. Para maiores informações: <https://www.gov.br/museus/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/semana-nacional-de-museus>

A exposição contava com quatro objetos “que podem não ser imediatamente reconhecíveis”⁷⁴ (CABRAL, 2014 p. 135, tradução nossa) e possuía um caráter dinâmico que incentivava a participação do visitante, segundo a diretora do MR durante o período da exposição, a museóloga Magaly Cabral:

O aspecto mais interessante da exposição foi o caráter não tradicional de sua apresentação e a forma como esses objetos eram apresentados ao público: a exposição era um jogo. O jogo consistia justamente em descobrir o que eram esses objetos. Ocupava três quartos. Cada objeto foi exposto em uma vitrine pintada em uma determinada cor. Essa cor foi repetida nos painéis que continham informações sobre o item. Em cada painel havia pistas para ajudar o visitante a descobrir os objetos: textos que os ligavam a algo, blocos de anotações com palavras cruzadas e buscadores de palavras, por exemplo. Na última sala, apresentamos cada objeto novamente com as informações completas sobre eles.” (CABRAL, 2014, p. 138 tradução nossa)

Na última sala além das informações completas sobre os objetos, a exposição apresentava o último objeto, “admitindo que mesmo a equipe do Museu não sabia o que era nem como classificá-lo. Consequentemente, o Museu pediu ajuda aos seus visitantes e encorajou-os a dar a sua informação, se soubessem do que se tratava, ou a comunicar o que pensam ou imaginam que possa ser.” (CABRAL, 2014, p. 138-139, tradução nossa) De acordo com a museóloga o resultado da exposição foi positivo.

Os visitantes fizeram muitas sugestões. Alguns deles pensaram que poderia ser uma “tiara”, um “objeto para prender o cabelo” ou “algo para ajudar a fazer penteado”, alguns sugeriram que poderia ser uma “máscara” ou muitas outras coisas. Nenhum deles realmente trouxe informações mais confiáveis. (CABRAL, 2014, p. 140 tradução nossa)

O objeto misterioso foi desvendado com a ajuda do Diretor do Museu Nacional do Traje e da Moda de Lisboa, Portugal, que por meio de um manual do Rijksmuseum de Amsterdã, na Holanda, percebeu que podia se tratar de um pente. E após mais algumas pesquisas do MR foi confirmado ser realmente um pente, que “pertenceu a Anita Peçanha, esposa de Nilo Peçanha, presidente do Brasil de 1909 a 1910. Mede 18 x 12,5 x 3,5 cm. É feito de tartaruga.” (CABRAL, p. 140, 2014, tradução nossa).

Podemos perceber que os visitantes realmente deram dicas reais e possíveis para desvendar o mistério do objeto. Talvez se o diretor do museu português não tivesse contribuído com uma referência técnica, os profissionais do MR chegassem a tal por meio das pistas dadas pelos visitantes, mas isso é especulação. O ponto central que é importante destacar aqui é que o MR usou a exposição (comunicação museológica) como

⁷⁴ Os objetos escolhidos foram: uma cuspeira, um tinteiro, uma mantegueira e um objeto que na época o museu não sabia como classificar, mas que após a exposição descobriu ser um pente. O relato sobre a exposição está disponível na publicação ICOM Education 25 - Change of Perspective (New) ideas for presenting museum objects

uma forma de partida para a pesquisa sobre o objeto misterioso, trabalhando em parceria com seu público. O MR fez de uma exposição composta de basicamente (texto, imagem e objetos) em uma verdadeira instalação interativa e participativa, incluindo os públicos nos seus processos de exposição e pesquisa. Além disso, o MR se mostrou vulnerável e aberto ao diálogo. E como diz Magaly Cabral (2014, p.140) “É comum fazer isso em museus? Eu não acredito.” Concordo com a museóloga, mas destaco que tal exposição nos mostrou que é possível.

É possível realizar processos de musealização não lineares, com participação do público, em museus tradicionais e com os recursos usualmente utilizados, basta vontade de trazer o público para perto e um domínio dos processos de musealização.

A exposição também evidencia um ponto central em nossa pesquisa, que é entender todos os processos de musealização como educativos. Mesmo para as pessoas que não contribuíram com a investigação do museu ao longo do processo participativo puderam, com limitações, experienciar parte do processo de musealização investigando sobre os objetos por meio das pistas que a exposição oferecia. Não somos nós, museólogos, que trabalhamos organizando e produzindo a partir das pistas que as coleções nos oferecem? Não seria a pesquisa museológica um grande jogo de “Tá quente... Tá frio?”

Podemos concluir, portanto, que o processo de musealização é cíclico e não linear, que para sua execução efetiva, todas as etapas devem estar alinhadas e integradas. A gestão por sua vez colabora nesse alinhamento como um pano de fundo orientador.

O museu se manifesta em diversos modelos conceituais, cada qual com suas especificidades que são evidenciadas na execução das etapas de musealização. Mas em todos os modelos conceituais a musealização será responsável pela sua manutenção e existência, enquanto procedimento técnico que executa suas funções.

A partir da análise dos dados da consulta online aos museus do Rio de Janeiro, concluímos que as ações educativas não possuem simplesmente uma relação com o processo de musealização, mas sim são parte integrante deste. Por meio dos exemplos que permearam esta dissertação também percebemos que todos os processos são orientados por uma dimensão educativa, pois todas as etapas colaboram de alguma forma para o museu comunicar/educar/expor, como destaca a pesquisadora Maria Esther Valente.

À medida que o museu cumpre suas funções elementares de conservar e mostrar um patrimônio tangível ou intangível ele está gerando efeitos educativos. Nesse sentido, independentemente de contar ou não com um programa específico de atividades pedagógicas, a instituição é em si

mesma um meio educativo. [...] Nessa perspectiva, pode-se dizer que em todo esforço de formalização da instituição museu a dimensão educativa esteve sempre presente como elemento constituinte importante. (VALENTE, 2009 p. 88)

Desta forma, acreditamos que a educação deve ser pensada em todo processo, enquanto dimensão, para que todas as ações, educativas ou não, sejam construídas de maneira alinhada à missão do museu e aproveitando ao máximo o potencial da coleção para os diversos públicos.

Destacamos, por meio dos exemplos, a interdependência dos processos de musealização, enfatizando sua relação com as ações educativas. Ao observarmos estas relações percebemos como todos os processos possuem uma dimensão educativa e que se esta for potencializada conseguiremos explorar para os públicos os diversos saberes, processos e profissionais que compõem o museu.

Portanto, concluímos este tópico afirmando que musealizamos porque este processo é o que garante a existência do museu, a manutenção de suas coleções e a continuidade da relação com seus públicos. Este conjunto de processos, definido por meio de um conceito, é a prática cotidiana das instituições museais e esta deve ser estudada e aprimorada em suas diversas perspectivas e etapas, para que os museus cada vez mais busquem oferecer uma experiência satisfatória para o público cumprindo suas funções de preservação, produção e disseminação de conhecimentos por meio dos bens musealizados.

Como vimos anteriormente, os museus passaram por uma profissionalização, ganharam ao longo do tempo novas funções a partir das diversas demandas do público e das mudanças sociais, por isso, por se tratar de uma instituição que congrega diversos saberes, profissionais, campos e metodologias, para que tudo funcione em sinergia, não é necessário apenas uma missão bem definida, mas também, metodologias de gestão específicas para o campo museológico.

.Inicialmente nosso questionário não abordou o tema da gestão museológica, porém esta também é parte do processo de musealização. Além disso, acreditamos que este pode ser o caminho para os museus realizem os processos de musealização orientados pela dimensão educativa, utilizando-a como um horizonte. Buscando explorar ainda mais a integração nos processos que compõem a musealização, iremos dissertar brevemente sobre o Gestão Museológica no Brasil atualmente, para posteriormente analisarmos as relações dos processos de musealização e desafios da integração no cotidiano do museu por meio de um breve aprofundamento no Museu Histórico Nacional.

3.2 Gestão Museológica: a mediação dos bastidores

O caminho percorrido pela nossa pesquisa chega ao conceito de gestão museológica em um caminhar que se iniciou no conceito de musealização, buscando explorar suas relações com a função educativa. A partir destas relações conclui-se que a função educativa é parte integrante do conjunto de processos que compõem a musealização. Seguindo com a pesquisa identificamos que a dimensão educativa exerce forte influência na musealização. Por fim, percebemos que não é possível pensar a musealização sem pensar em gestão museológica, pois somente seria possível almejar uma prática integrada nos museus por meio da gestão museológica. A gestão museológica é o processo que perpassa todo o museu (CURY, 2009), sendo parte da musealização, mas não somente, uma vez que, ela também é composta pelos processos de administração do museu. A gestão museológica é, no museu, o que coloca todos processos e saberes alinhados, por meio da definição da missão institucional e viabilização das ações por meio da administração. A gestão museológica é a mediação presente nos processos de musealização, que intercede entre os processos.

Sendo assim, mergulhamos na gestão museológica, perseguindo nossa hipótese que a educação deve ser pensada em todos os processos que compõe a musealização, e que a gestão museológica como parte da musealização pode ser o caminho para a integração dos diversos processos e saberes que a compõem, tornando possível que a missão do museu seja cumprida e que suas coleções sejam exploradas, em seus diversos potenciais para os públicos.

O conceito de gestão vem ganhando destaque atualmente, principalmente ligado ao campo da Administração, Relações Públicas e Políticas Públicas. É fácil encontrar cursos de gestão de diversas áreas como gestão cultural, gestão de projetos, gestão de pessoas, gestão financeira. Segundo Cândido (2019) no universo dos museus a questão da gestão ganhou centralidade pois “a sociedade não é mais complacente com instituições que justificam sua existência apenas com vago propósito de preservação da memória, e faz à crítica contundente aos museus que excluíram dos processos de participação e de mudança.” (CÂNDIDO, 2019, p. 119). Outros fatores relacionados, direta ou indiretamente, com este fato citado pela autora são: a maior profissionalização do campo museal, as mudanças nos modelos de comunicação e no cenário sociotécnico, político e social. Além disso, as dificuldades de manutenção dos museus e os avanços nas políticas públicas, intensificaram esse movimento dentro das instituições no Brasil.

Porém, cabe aqui uma breve reflexão conceitual, pois, muitas vezes o termo gestão é dado como sinônimo de administração, mas é importante fazer tal diferenciação com o objetivo de delimitar a que estamos nos referindo quando falamos de gestão museológica.

Cury (2009) faz uma delimitação entre administração e gestão museológica. Para tal reflexão parte do conceito de museografia, que segundo a autora seria “toda a práxis da instituição museu, compreendendo administração, avaliação e parte do processo curatorial (aquisição, salvaguarda e comunicação). (CURY, 2009, p. 30). Deste modo, Cury (2009) diz que “a gestão museológica organiza a práxis formando o cotidiano institucional que opera no tempo. A gestão museológica faz as ações museográficas atuarem em sinergia, como um sistema que opera com atividades meio e fim.” (CURY, 2009, p. 30) e a administração é “atividade meio que dá suporte ao processo curatorial, ações fim em torno do objeto museológico.” (CURY, 2009, p. 30)

Segundo a professora Manuelina Maria Duarte Cândido, autora do livro “Gestão de Museus, Diagnóstico Museológico e Planejamento: Um desafio contemporâneo” a gestão museológica pode ser definida como “o processo que vai da concepção do museu à sua implementação, passando pela definição e implementação de plano, programa e projetos museológicos, com suas respectivas avaliações” (CÂNDIDO, 2019, p 120)

Algumas publicações foram produzidas com objetivo de fomentar a questão da gestão nos museus e demonstram a visão sobre gestão que vem sendo adotada pelo campo. Temos o Manual Prático Como Gerir um Museu organizado pelo Conselho Internacional de Museus - ICOM e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO e publicado no Brasil em 2004 com a colaboração da Associação Cultural de Apoio ao Museu Casa de Portinari e do Sistema Estadual de Museus de São Paulo. Na introdução da publicação Patrick Boylan diz que: “Como gerir um museu: Manual prático se destina a fornecer uma visão geral dos principais aspectos do funcionamento de um museu que esteja preocupado em satisfazer as necessidades e expectativas de seus visitantes e da comunidade em geral no século XXI.” (BOYLAN, 2004, p. 9), demonstrando uma visão de gestão ampla que pode ser evidenciada pelas temáticas dos textos de diferentes autores que compõem a publicação, nos quais são trabalhados assuntos como: Código de Ética do ICOM, gestão de acervos, documentação museológica, preservação, exposições, educação, públicos, marketing, segurança, gestão de pessoal, tráfico ilícito e gestão de museu.

No ano de 2012 foi realizado pela Secretaria de Cultura do Distrito Federal o Seminário Internacional Gestão Museológica: questões teóricas e práticas, no Museu

Nacional do Conjunto Cultural da República, que em parceria com Câmara de Deputados resultou na publicação de mesmo nome do evento. Na introdução, o então secretário da cultura, Hamilton Pereira, resume os assuntos abordados no evento dizendo que:

Durante esses dias, quem participou do seminário pôde assistir a minicursos, ouvir relatos de experiências e teve contato com temas de relevante interesse para essas áreas, tais como: legislação brasileira sobre museus, gestão do patrimônio museológico, políticas de constituição de coleções museológicas, adequação de edificações históricas para museus e afins, implantação de laboratórios e emprego de novas tecnologias na conservação e restauração, formação em museologia e em conservação e restauração. (PEREIRA, 2013, p. 9)

Além dos assuntos destacados pelo então secretário, destacamos também que compõem a publicação textos sobre: plano museológico, educação em museus e formação em Museologia.

Seguindo essa visão mais ampla da gestão temos também o Volume 3 da série Coleção Estudos Museológicos, organizada pela Fundação Catarinense de Cultura, à publicação tem autoria da professora Manuelina Duarte Cândido e é intitulada como “Orientações para Gestão e Planejamento de Museus” e foi publicada no ano de 2014. Conta com oito capítulos, além de sugestões de leituras. Os capítulos abordam os seguintes temas: história e função social dos museus; aspectos para criação de museus, configuração espacial do museu, gestão e planejamento, diagnóstico e plano museológico, públicos e recursos financeiros. Mais uma vez evidenciando uma visão ampla da gestão, que aborda tanto questões administrativas, como questões estritamente museológicas.

Outra série de publicações que cabe destacar é a Roteiros Práticos de Museologia que foi produzido pelo The Council for Museums, Archives and Libraries, e foi traduzido para o português em uma parceria entre o British Council com a editora Vitae e a editora da Universidade de São Paulo - EDUSP. A série tem por objetivo “orientar administradores e profissionais de museus que desejam implantar e desenvolver, em suas instituições, serviços de alta qualidade. (ARAUJO, BRUNO, 2001, p. 11). A série conta com nove números que abordam os seguintes temas: plano diretor, planejamento de exposições, educação em Museus, segurança de museus, parâmetros para conservação de acervos, programas de certificação de museus, gestão museológica, acessibilidade e conservação das coleções. A série como um todo aborda gestão de maneira global, mas o número que aborda especificamente sobre gestão museológica se limita à uma visão mais específica da administração trabalhando assuntos como financiamento, planos de trabalho e questões legais.

A publicação “Subsídios para elaboração de Planos Museológicos” organizada pelo Instituto Brasileiro de Museus, como o próprio nome propõe, possui como objetivo orientar a elaboração de planos museológicos. O Plano Museológico é, no Brasil, a ferramenta de planejamento estratégico instituída pelo Estatuto de Museus, como vimos anteriormente. Sendo assim, cabe concluir que a gestão museológica vem sendo compreendida como um processo global, integrando todas as funções do museu. Em nossa interpretação acreditamos que a gestão é parte da musealização ao definir, por exemplo, a missão do museu. Tal definição é o ponto de partida para a seleção, para a pesquisa, para a comunicação museológica e demais processos de musealização.

Por isso, torna-se tão relevante seu debate neste trabalho que busca desde o início explorar a integração como caminho principal para que os museus explorem ao máximo suas potencialidades, sobretudo, as educativas.

Desta forma, é fundamental destacar que as questões relativas aos públicos e conseqüentemente referentes à educação, abordadas em toda esta pesquisa, são um fator determinante no destaque que a gestão ganha no campo museal. Mas não são as únicas, pois como destaca Cândido (2019), os museus sofrem pressão também no que diz respeito a patrocinadores: “[...] Os museus têm sido, então questionados, revolucionados, resolvidos, e têm de se submeter ao crivo não somente do público e dos especialistas, mas ao dos patrocinadores.” (CÂNDIDO, 2019, p. 119-121)

O que podemos concluir é que com o aumento do número de museus, sobretudo no final do século XX e início do século XXI, tornou-se fundamental justificar a função do museu. Este foi, como já destacado, questionado em forma e conteúdo. Soma-se a isso a profissionalização e especialização dos conhecimentos nas diversas áreas e conseqüentemente no universo museológico. Com o aumento de instituições, a questão financeira também é uma problemática, torna-se necessário, mais do que nunca, justificar o uso dos recursos públicos e buscar alternativas de financiamento. Como destaca Cândido (2019):

Tudo isso passa, logicamente, por uma valorização da avaliação e da gestão, sendo o período em que auditorias começam a se tornar comuns em museus, quando não por uma percepção clara da necessidade de racionalizar. Afinal, evidenciou-se uma equação insustentável: no momento em que o número de museus cresceu exponencialmente em todo o mundo, passou a haver uma brutal diminuição de recursos para sua manutenção. (CÂNDIDO, 2019, p. 63)

Não cabe ao presente trabalho aprofundar a questão financeira dos museus, assunto fundamental para manutenção destas instituições, mas que foge ao nosso recorte, por isso, iremos focar na sociedade do século XXI, onde não cabe museus que

não cumpram sua função e não justifiquem seus gastos. Como abordamos nos capítulos anteriores, os museus possuem como finalidade servir a sociedade, esse serviço é determinado por sua dimensão educativa e se manifesta na prática no conjunto de processos que compõem a musealização.

Como destaca Gary Edson, diretor do Museu da Universidade de Tecnologia do Texas e do Centro de Estudos Avançados em Ciência Museológica e Gestão Patrimonial: “Os museus existem em benefício do público e, para ter sucesso, todos os aspectos de suas operações devem refletir essa obrigação e comprometimento.” (EDSON, 2004, p. 110), Edson continua sua fala destacando a importância da gestão dizendo que:

A gestão eficiente de museus é uma responsabilidade que abrange todos os recursos e atividades do museu, e envolve toda a equipe. É um elemento necessário no desenvolvimento e progresso. Sem a gestão apropriada, um museu não pode garantir o cuidado e uso apropriados do acervo e nem manter e sustentar uma exposição e um programa educacional eficientes. O interesse e a confiança públicos se perdem sem a gestão qualificada, e o reconhecimento e a valorização do museu, como instituição a serviço da sociedade, são postos em risco. Ela precisa ser reflexo de um alto nível de desenvolvimento social com pessoas qualificadas e atuantes. (EDSON, 2004, p. 111)

Desta forma, defendemos que a gestão museológica pode ser definida como o processo de mediação entre os processos de musealização, o que torna possível que independente de ordem e a partir dos meios disponíveis, em diferentes realidades institucionais nas diversas tipologias de museus a musealização se concretize.

O conceito de mediação é frequente no campo da educação⁷⁵ e conforme Desvallées e Mairesse destacam: “A mediação designa a ação de reconciliar ou colocar em acordo duas ou várias partes, isto é, no quadro museológico, o público do museu com aquilo que lhe é dado a ver” (2013, p. 52) Porém, acreditamos que dentro do contexto museológico a mediação não se restringe aos públicos, mas se enquadra também nos diversos saberes, profissionais, setores e processos que formam os museus. Ainda sobre a mediação do público com o conteúdo do museu, os autores afirmam que

A mediação busca, de certo modo, favorecer o compartilhamento de experiências vividas entre os visitantes na sociabilidade da visita, e o aparecimento de referências comuns. Trata-se, então, de uma estratégia de comunicação com caráter educativo, que mobiliza as técnicas diversas em torno das coleções expostas, para fornecer aos visitantes os meios de melhor compreender certas dimensões das coleções e de compartilhar as apropriações feitas. (DESVALLÉES, MAIRESSE, 2013, p. 53)

⁷⁵ Uma prática consolidada é a realização de visitas mediadas, por exemplo.

Nesta pesquisa defendemos que o museu é uma instituição que possui uma dimensão educativa presente em todos os seus processos, sendo a missão de todo museu desenvolver e potencializar tal dimensão por meio do serviço à sociedade. Logo, a partir da ideia de mediação propomos pensar a gestão como essa ação estratégica de comunicação com caráter educativo institucionalmente, onde se crie um ambiente de compartilhamento de saberes mobilizando os diversos profissionais e processos em torno das coleções para cumprimento da sua missão. Acreditamos que somente é possível acolher os públicos com suas experiências, frustrações e anseios se houver uma integração interna que faça com que todos os envolvidos trabalhem em um mesmo fluxo e que conseqüentemente acolham os públicos de maneira integral. Se os públicos forem inseridos apenas em uma etapa sua participação será esporádica ou parcial.

Por tais razões, nosso trabalho chegou na gestão museológica para, por meio de sua análise, destacar o quão crucial é para os museus possuírem o processo de musealização executado de maneira integrada, para cumprir a sua missão. Nossa pesquisa analisou as relações entre os processos de musealização e a educação dentro dos museus tradicionais na cidade do Rio de Janeiro, e concluímos que a educação enquanto função é parte integrante da musealização, sendo portanto, fundamental a integração entre todos estes processos. Porém, ao analisarmos a função educativa como parte integrante da musealização percebemos que os museus são guiados por uma dimensão educativa, que pode ser potencializada por meio da missão institucional do museu, que por sua vez, é parte fundamental da gestão museológica.

Em certa medida, nossa pesquisa perseguiu a ideia de integração entre os processos que compõem os museus tradicionais desde o início. Em um primeiro momento acreditamos que esta integração poderia ser evidenciada pelos processos de musealização, porém, como nos mostram os autores do campo museológico, esta integração só é possível com “uma compreensão global do museu, e por isso só se pode considerar que seja a gestão museológica.” (CÂNDIDO, 2019, p. 120).

Buscando manter a pesquisa baseada na prática do campo museológico, iremos adiante apresentar uma breve análise do Museu Histórico Nacional. Nossa reflexão é baseada em uma consulta online por e-mail realizada com o Núcleo de Educação do MHN no mês de março de 2022, além disso, para construção de tópico seguinte utilizamos o Plano Museológico 2020-2023 do MHN, dando destaque para a área da educação, por meio do Programa Educativo Cultural, que no MHN possui como documento complementar: a Política Educacional. O Plano Museológico é a ferramenta de gestão base na realidade das instituições e o caminho para concretizar a integração

entre os processos de musealização e demais áreas dos museus, com o objetivo de explorar ao máximo as coleções para o público. Buscamos no tópico seguinte apresentar por meio das respostas do MHN e de nossas reflexões como e quais dificuldades existem para que a integração seja concretizada nos museus e a sua influência na sua função educativa.

3.3 Museu Histórico Nacional: um breve estudo de caso

O Museu Histórico Nacional é uma instituição com grande relevância para o campo museológico brasileiro e diversos trabalhos já foram desenvolvidos explorando esta instituição, entre eles: ABREU (1991), CHAGAS (2003), FARIA (2013), RIBEIRO (2014). Por isso, cabe aqui apenas uma pequena contextualização histórica do museu.

Fundado em 1922 pelo Presidente Epitácio Pessoa, em comemoração ao centenário da independência do Brasil, o MHN desde a sua fundação se dedica à memória da história nacional. Fruto de um cenário político social que se instalava no Brasil, o museu é resultado, segundo o museólogo Mário Chagas:

da demanda por museus históricos de caráter nacional que partia de vários setores da intelectualidade e tanto mais se aproximava o esperado Centenário da Independência mais ela se fortalecia com a retórica da urgência de se constituir um local que celebrasse a memória da nação (CHAGAS, 2003, p. 100)

Além de ser um marco para a construção da memória nacional, o MHN é uma instituição fundamental na construção do campo museológico no Brasil, pois abrigou em 1932 o primeiro curso de Museologia do país - o Curso de Museus - que hoje está integrado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO⁷⁶, além disso, em 1934 é criado no MHN o primeiro órgão dedicado ao patrimônio no Brasil: a Inspeção de Monumentos Nacionais, antecessora do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN, criado em 1937.

Atualmente o MHN possui um acervo com cerca de 300 mil itens de diferentes tipologias relacionados à história nacional e seus contextos sociais, políticos e econômicos. “Reunido ao longo das décadas de existência do MHN, desde a sua fundação, em 1922, o referido acervo abrange um recorte temporal localizado entre os séculos XVI e XXI, além de uma coleção de moedas que remonta ao século VII a.C.” (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, 2019, p. 11)

⁷⁶ Para maior aprofundamento sobre a história de criação do curso de museus indicamos dissertação Um olhar sobre o surgimento do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional (1922-1935) de Henrique de Vasconcelos Cruz Ribeiro. Disponível em: <http://www.unirio.br/ppg-pmus/dissertacoes>

No que se refere à educação, à Política Educacional do MHN divide sua trajetória educativa em três grandes fases, são elas:

- 1) de 1922 até o fim da década de 1960, um período de criação e consolidação da ação educativa;
- 2) da década de 1970 até 2003, onde se identificam alterações na concepção e desenvolvimento do trabalho educativo, cada vez mais ligadas ao aprofundamento das discussões em torno da “Nova Museologia” e seus reflexos na ação educativa museal e
- 3) de 2003 até os dias atuais, com a consolidação da Política Nacional de Museus (PNM) e desenvolvimento da Política Nacional de Educação Museal. (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, 2019, p. 7)

Mantendo seu caráter pioneiro o MHN é o primeiro museu no Brasil a construir uma política educacional e é a instituição que abriga a linha de pesquisa Educação Museal: conceitos, história e políticas, que “visa à constituição de um campo de reflexão sobre as experiências, as práticas, os debates teóricos e conceituais da Educação Museal, de maneira a fortalecer a constituição do campo.” (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, 2019, p. 54), sendo um dos principais pólos de produção sobre educação museal no Brasil.

Atualmente o MHN possui a missão de “Promover a mobilização coletiva para valorizar a consciência histórica e o direito ao patrimônio cultural do Brasil, por meio da formação e preservação de acervo, ação educativa e construção de conhecimento.” (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, 2019, p. 11), e recebe em média 70 mil visitantes anualmente.⁷⁷

A nossa escolha para um estudo mais aprofundado com o MHN é motivado pela grande representatividade que o museu apresenta na história do campo museológico, pela sua forte atuação em educação museal e pela análise das suas respostas para a nossa consulta online. O MHN em suas respostas destacou que a musealização influencia no planejamento e execução das ações educativas, além disso, no campo “comentários”, que era livre e opcional, a instituição destacou que:

Algumas das ações realizadas pelo museu não passam pelos setores específicos, quando realizadas por terceiros. Nem mesmo todas as ações do museu são sempre de conhecimento de todos os setores. Existe integração, mas não como uma prática consolidada e muitas vezes como fruto de ação de servidores e não de um fluxo de trabalho pré-estabelecido e implementado. (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL)

Em seu comentário destacou um ponto central da nossa pesquisa: a integração. Inicialmente nossa pesquisa não tinha a pretensão de dissertar sobre gestão

⁷⁷ De acordo com nossa consulta realizada no final de 2020 por meio de questionário online com o setor educativo.

museológica, mas como já pontuamos anteriormente, torna-se necessário refletir sobre tal processo, uma vez que, este faz parte da musealização e influencia diretamente na integração entre os demais processos que a compõem. Reafirmando nossa escolha, o MHN foi o único museu que citou o Plano Museológico - principal ferramenta de gestão museológica no cenário nacional - em sua resposta.

Além disso, a escolha do MHN também é motivada pelo atual cenário pandêmico, uma vez que, a instituição possui sua documentação digitalizada, facilitando à pesquisa e também, uma equipe disponível para atendimento online, tornando assim nossa metodologia possível de ser realizada respeitando os protocolos sanitários de distanciamento social. Sendo assim, realizamos por e-mail uma consulta ao setor de educação do MHN com questões que buscavam investigar a gestão museológica e sua relação com a educação.

Se retornarmos as respostas do MHN ao nosso questionário veremos que o museu respondeu afirmativamente para todas as perguntas sobre a influência das etapas de musealização (documentação, conservação e comunicação)⁷⁸. Como em nossa primeira consulta não analisamos sobre a etapa de pesquisa, questionamos por e-mail o MHN se esta etapa influencia nas ações educativas e a resposta do MHN foi que:

O constante contato com os diversos setores que estudam o acervo do museu possibilita a constante atualização da equipe e a formulação de novos projetos. A própria pesquisa realizada pela equipe educativa ajuda a direcionar as outras equipes e pode influenciar não somente ações educativas como também modificações em exposições ou dossiês da Reserva Técnica. (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL)

Em sua resposta podemos perceber que há um fluxo de conhecimentos guiados pelas coleções dos museus que se retroalimenta, assim como diversos setores colaboram na formulação dos projetos do setor de educação, a pesquisa realizada por tal setor retorna em modificações nas exposições e dossiês da Reserva Técnica. Esse fluxo pode ser entendido como a musealização e aqui é fundamental evidenciar como a educação está integrada às demais etapas de musealização modificando, por exemplo, a principal manifestação da comunicação museológica que é a exposição.

Quando questionamos especificamente sobre a gestão museológica o MHN⁷⁹ destaca a importância da hierarquia e do reconhecimento da função educativa, respondendo que:

⁷⁸ Sobre documentação “Sim. São a base para a pesquisa realizada como fundamentação das ações.” Sobre conservação “Sim, em ações específicas realizadas com parcerias entre setores.” Sobre comunicação “Sim, integramos junto com o Núcleo de Expografia o setor de dinâmica cultural e as ações são pensadas de forma integrada, quando de competência das equipes do museu (acontece de serem realizadas ações elaboradas entre a direção e terceiros).”

⁷⁹ A resposta enviada por e-mail ao MHN foi: Qual o papel que a gestão museológica desempenha no que se refere à educação dentro do MHN?

Se a educação não é entendida como uma função do museu, hierarquicamente posicionada no mesmo nível das demais funções, o trabalho educativo não é criativo, não se aproveita o conhecimento que os educadores têm do público e suas impressões sobre o museu. **O papel da gestão é nesse sentido o de reconhecer a função educativa do museu, envolvendo as equipes educativas em todos os processos museais.** MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

Partindo do objetivo de entender a função educativa no mesmo nível das demais funções poderíamos refletir se este não é um dos pilares do conceito de musealização. Como trabalhamos neste trabalho, o conceito une diferentes processos - documentação museológica, conservação, comunicação, pesquisa - que possuem ao mesmo tempo objetivos específicos - documentar, conservar, comunicar, produzir conhecimento - mas também um objetivo comum que é o objetivo dos museus: servir a sociedade. Logo, acreditamos que um caminho para se pensar a educação no mesmo nível que os demais processos que compõem o museu é entendê-la como parte integrante da musealização. Não somente hierarquicamente igual aos demais, mas também como parte do todo.

Ao que se refere a gestão especificamente, o MHN colabora com nossa visão de gestão museológica como mediadora institucional ao dizer que cabe à gestão envolver a equipe educativa nos demais processos museais. Aqui cabe retornar à reflexão conceitual sobre os conceitos museal e museológico. Uma vez que, defendemos que ao ser um mediador institucional a gestão museológica integra todos os processos **museológicos** e não somente processos museais como diz o MHN. E como destacamos anteriormente, se entendermos a educação como parte da musealização, teremos ela como parte integrante do processo central do museu que é museológico.

Sendo assim, ao defendermos uma gestão que desempenhe o papel de mediador, destacamos sua função de unir os diversos saberes, processos e profissionais em prol de um mesmo objetivo. Em sua resposta o MHN destaca que é fundamental reconhecer a função educativa, concordamos, mas acreditamos ser fundamental para o gestor reconhecer a dimensão educativa dos museus, pois ela é, como demonstramos até aqui, a chave para que todos os processos museológicos atuem em sinergia, uma vez que, os museus desempenham um serviço à sociedade que vai desde a preservação dos objetos até a produção e comunicação de conhecimentos, narrativas e saberes. A dimensão educativa está presente em todos os processos museológicos do museu e deve ser reconhecida e potencializada pela gestão para que todos os processos atuem em um mesmo fluxo e sentido.

Na prática muitas ferramentas e metodologias podem ser desenvolvidas para que a gestão museológica seja manifestada e atue como uma ação de mediação institucional.

Como vimos, os avanços no campo das políticas públicas para museus fizeram com que o Plano Museológico ganhasse destaque como ferramenta de gestão. Sua obrigatoriedade para os museus brasileiros determinada pelo Estatuto de Museus é considerado, segundo Almeida (2013, p. 29), o "marco de regulação da gestão museal no Brasil" e busca equilibrar as metodologias próprias da administração, para o campo museal. Sobre a função do Plano Museológico a museóloga Marília Xavier Cury destaca que:

O plano museológico ou diretor é instrumento de gestão, ferramenta de planejamento estratégico articuladora de todas as dimensões de um museu. Para tanto, preocupa-se com a eficiência e a eficácia da instituição. A eficiência está ligada ao processo, ao passo que a eficácia com o produto. Assim, na perspectiva de planejamento estratégico, o museu deve fazer a coisa certa da forma certa, ou seja, realizar produtos de qualidade com processos de qualidade. (CURY, 2009, p. 31)

A funcionalidade destacada por Cury (2009) conversa com a posição do MHN e reforça nossa visão sobre gestão museológica como mediação institucional, uma vez que, o plano irá articular todas as dimensões do museu em um movimento entre processo e produto. Os processos vêm sendo amplamente explorados aqui neste trabalho, como a musealização e como produtos podemos citar: as exposições, as publicações, as experiências dos públicos e como principal: os objetos musealizados. Todos os produtos são dinâmicos, como o próprio museu, e ponto de partida para novos processos. Desta forma, cabe a gestão museológica organizar os fluxos entre produtos e processos. Estes fluxos são carregados por profissionais, públicos, saberes, metodologias, experiências e expectativas e organizam-se como no esquema abaixo em um fluxo constante que mantém a manifestação do museu viva.

Figura 6 - Esquema de fluxo de trabalho no museu



Fonte: produzida pela autora, 2022

Desta forma, destacamos que o Plano Museológico pode ser entendido como uma ferramenta para fomentar a integração entre os diversos processos que compõem o museu ao definir e priorizar os projetos, partindo de uma análise global da instituição museal, sempre guiado por uma missão.

A missão, definida no plano museológico, é um exemplo de como podemos ter um fluxo comum às ações orientadas por uma dimensão educativa. Na missão do MHN⁸⁰ há uma relação entre os processos e os produtos que demonstram que o museu atua sempre para os públicos e que seus resultados são dependentes desses públicos. Ou seja, o MHN atua em serviço para/com a sociedade, e aqui está o que entendemos como dimensão educativa. Logo podemos perceber que todos os processos citados (formação e preservação de acervo, ação educativa e construção de conhecimento) são desempenhados para gerar produtos que dependem dos públicos, que são “a mobilização coletiva, a valorização da consciência histórica e o direito ao patrimônio” (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL)

A estrutura básica recomendada para os Planos Museológicos é composta por: “sua missão básica e sua função específica na sociedade” (BRASIL, 2009) e:

I – o diagnóstico participativo da instituição, podendo ser realizado com o concurso de colaboradores externos; II – a identificação dos espaços, bem como dos conjuntos patrimoniais sob a guarda dos museus; III – a identificação dos públicos a quem se destina o trabalho dos museus; IV – detalhamento dos Programas: a) Institucional; b) de Gestão de Pessoas; c) de Acervos; d) de Exposições; e) Educativo e Cultural; f) de Pesquisa; g) Arquitetônico-urbanístico; h) de Segurança; i) de Financiamento e Fomento; j) de Comunicação. k) de acessibilidade a todas as pessoas (BRASIL, 2009)

Recomenda-se ainda, de acordo com o Estatuto de Museus, que o processo de elaboração do plano seja participativo, envolvendo funcionários, especialistas, parceiros e usuários. No Plano Museológico 2020-2023 do Museu Histórico Nacional,⁸¹ a metodologia de construção do documento foi realizada por meio de uma comissão organizada pelos funcionários, onde havia representantes de diferentes setores do museu, além disso, o diagnóstico global foi realizado em reuniões conjuntas. Cada setor ficou responsável ainda pela elaboração dos programas que correspondem ao seu setor. Para o diagnóstico foi utilizada a matriz SWOT.⁸²

⁸⁰ Promover a mobilização coletiva para valorizar a consciência histórica e o direito ao patrimônio cultural do Brasil, por meio da formação e preservação de acervo, ação educativa e construção de conhecimento.

⁸¹ O Plano Museológico do Museu Histórico Nacional encontra-se disponível em: <https://mhn.museus.gov.br/wp-content/uploads/2021/01/Plano-Museolo%CC%81gico-MHN-2020-2023.pdf>

⁸² “Trata-se de um acrônimo para as palavras em inglês Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats que traduzindo para o português significam, respectivamente: Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças. Essa ferramenta, cuja metodologia de aplicação consiste em analisar os fatores positivos e negativos, internos e externos, de uma determinada empresa/instituição foi escolhida, porque, através de sua utilização, é possível que os técnicos envolvidos identifiquem, de maneira objetiva, os fatores que influenciam (de modo prático ou virtual) o andamento das atividades empreendidas, facilitando a tomada de medidas para otimização de ações e a elaboração de planejamento estratégico para a empresa/instituição em questão.” (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL)

Não cabe aqui um detalhamento de todo documento, porém, iremos destacar alguns pontos que tornam-se fundamentais para nossa pesquisa. Além da missão já destacada, achamos fundamental destacar o diagnóstico, nele é reconhecido como uma força do museu a “Integração colaborativa dos funcionários” (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL). Porém, ao investigarmos o Programa Educativo Cultural e seu documento complementar da Política Educativa do MHN, encontramos no diagnóstico específico da área de educação como fraqueza

Ampliação da participação em outros processos do museu (2): apesar da crescente parceria entre o NuEduc e demais setores técnicos do museu, ainda há problemas que precisam ser superados, tanto no que diz respeito à comunicação quanto à ação conjunta para garantir a devida comunicação e desenvolvimento das ações pedagógicas institucionais. (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL)

Nesse sentido questionamos o núcleo de educação sobre esta falta de integração e quais seriam os processos estratégicos para ampliar a participação, a equipe respondeu que: “Ao elaborar o Plano, a equipe do Núcleo de educação sentia falta de **institucionalização e clareza de fluxos de trabalho** que foram sendo superados a partir da **aplicação do plano** e da **atual mudança de gestão**, que demonstra preocupação na profissionalização dos fluxos de trabalho.” (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL) e continua falando especificamente sobre as dificuldades enfrentadas na busca pela integração que:

No momento de formulação do Plano Museológico havia uma dificuldade de coordenação e direcionamento dos setores de Educação, Pesquisa e Expografia para que todos trabalhassem com os mesmos objetivos e através de fluxos de trabalho comumente elaborados. Após a formulação do Plano houve melhora e com a mudança em 2022 podemos dizer que estas dificuldades vêm sendo superadas. (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL)

A partir da resposta do MHN podemos perceber a importância dos instrumentos de gestão, uma vez que, por mais que a integração colaborativa seja uma força como destacado no diagnóstico do Plano Museológico, a institucionalização e clareza dos fluxos de trabalho são fundamentais, ou seja, é fundamental que a integração entre os processos seja profissionalizada e não apenas resultado de uma ação pessoal entre setores e profissionais. Sendo assim podemos destacar que ao definir uma missão comum e os objetivos estratégicos o Plano Museológico e sua aplicação prática seriam um caminho possível para almejar processos integrados. Como destacado pelo MHN as dificuldades foram sendo superadas a partir da aplicação do Plano Museológico e também da última mudança de gestão no ano de 2022⁸³.

⁸³ O Museu Histórico Nacional passou por uma mudança de direção no ano de 2022, no período em que nossa pesquisa foi realizada, período referido na resposta no e-mail, a diretora substituta é Aline Montenegro Magalhães e a coordenadora técnica substituta é Fernanda Castro

Vale destacar a importância do cargo de gestão nos museus. De acordo com o Art. 20 fica delimitado que: “Compete à direção dos museus assegurar o seu bom funcionamento, o cumprimento do plano museológico por meio de funções especializadas, bem como planejar e coordenar a execução do plano anual de atividades.” (BRASIL, 2009) Podemos perceber que o cargo de direção é central para o bom funcionamento do museu, uma vez que, este é o responsável pela execução do Plano Museológico. Logo, destacamos a importância de gestores que entendam as especificidades do campo museológico. Como já falamos anteriormente, o trabalho nos museus é sempre marcado pela dualidade de ser específico aos moldes da Museologia e diverso nas temáticas de coleções e tipologias de instituições. No tocante a gestão essa dualidade se expande somando-se práticas administrativas e políticas. Destacando essa complexibilidade na gestão de museus Gary Edson (2004) destaca que:

O emprego no museu é uma confiança pública que envolve grande responsabilidade e os papéis da administração de topo, inclusive o director, estão entre as responsabilidades menos bem definidas no museu contemporâneo. Esta ambiguidade deve-se à muita variedade dos deveres administrativos que incluem várias actividades do museu, assim como as capacidades tecnológicas, políticas e sociais, necessárias para orientar o museu em tempo de incertezas e exigências. O director deve ser ao mesmo tempo, representante público, defensor do serviço e profissional de museu e ser também capaz de assegurar os recursos essenciais para o museu ao mesmo tempo que mantém a integridade da instituição. Ele ou ela tem que ter habilitações escolares e administrativas para promover a missão do museu, assim como capacidades de comunicação excelentes, particularmente à capacidade para explicar aspectos principais e secundários mas essenciais que podem não ser entendidos pelo público. (EDSON, 2004, p. 158-159)

Porém, por mais que a responsabilidade de assegurar a execução do Plano Museológico seja do diretor, esta ação não será possível sem a colaboração dos demais funcionários que compõem os museus. Muitas vezes, como destacado pelo MHN, o primeiro passo parte dos funcionários de maneira não institucional. Esse é um dos pontos que o museu destaca ao relatar as dificuldades enfrentadas na construção de parcerias entre os setores ao dizer que:

Em 2022 podemos dizer que não temos muitas dificuldades a não ser a falta de equipe que possibilitaria ainda mais parcerias e a falta de recursos, principalmente orçamentários. Além disso, **a falta de uma articulação institucional que seja baseada em parâmetros, dinâmicas e fluxos de trabalho comuns** gera certa dificuldade, **superada, por vezes, pela organização interna.** (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL)

Como vimos, a musealização só é possível de ser concretizada para cumprimento da missão institucional com a integração entre saberes e profissionais. Portanto, cada

funcionário possui uma responsabilidade sobre a gestão do museu, no sentido em que seu trabalho irá influenciar no resultado final: o serviço prestado à sociedade. Logo,

é muito importante que todos aqueles com responsabilidades de administração neste sentido mais vasto compreendam os sistemas e estruturas administrativas e legislativas que se aplicam às suas circunstâncias, assim como às legislações e regulamentos apropriados e sob os quais têm que trabalhar. (EDSON, 2004, p. 145)

Sendo assim, é fundamental que haja uma direção comprometida com a integração e que desempenhe o papel de mediador entre os setores/saberes/profissionais, e que estes trabalhem em conjunto. A construção do Plano Museológico é apenas uma organização instrumental da gestão museológica, que acontece no cotidiano do museu. Como destaca o núcleo de educação do MHN, o Plano Museológico irá influenciar nas suas ações “de forma decisiva ao orientar as ações que devem ser tomadas nos anos de validade do Plano. Além de fornecer metas e padrões para futuras avaliações. Além disso, ele é parâmetro para a construção da Política Educacional.” (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL)

Além de definir as ações, o Plano Museológico possui o papel de definir a missão do museu. Esta missão pode ser entendida como o primeiro passo para a construção do fluxo de trabalho citado pela equipe do MHN. Como já exploramos nos capítulos anteriores, os museus enquanto instituições possuem uma missão ampla, de produzir, conservar e comunicar saberes e narrativas produzidos a partir de suas coleções e também uma missão específica, pois cada museu possui particularidades como a temática da coleção e configuração institucional, ou seja, existem museus públicos e privados, com grandes ou nenhuma equipe, com coleções que passam de milhões de peças e alguns com poucas centenas, museu centenários e museus com poucos anos, museus de astronomia, arte, arqueologia, ciências naturais, tecnologia, física, história. Em todos os casos é necessário ter uma missão, saber o porquê e para quem aquele museu existe.

Logo, a missão definida no Plano Museológico será resultado do equilíbrio entre a missão global de ser um museu, ou seja, pesquisar, preservar e comunicar, com as particularidades daquela instituição: seu acervo, seu público, seus funcionários, buscando que todos estes fatores sejam aproveitados na manutenção do museu de sua função na sociedade e na realização dos processos museológicos. Como destaca Edson (2004): “Uma função-chave da gestão de museus é auxiliar a organização, independentemente de seu tamanho ou complexidade, a alcançar resultados consistentes, de modo que a

missão institucional possa ser articulada e cumprida.” (EDSON, 2004, p. 110). A museóloga Marília Xavier Cury destaca que:

O museu como um sistema é o conjunto de procedimentos metodológicos, infra-estrutura, recursos humanos e materiais, técnicas, tecnologias, políticas, informações, procedimentos e experiências necessários para o desenvolvimento de processos museais. O museu como sistema necessita de clareza quanto à sua missão que é a finalidade e vocação da instituição, o propósito do museu: 1- O que podemos fazer com sucesso? 2- Qual é o nosso papel social? 3- Quais são os compromissos que podemos assumir com a sociedade? (CURY, 2008, p. 77) Vejamos a definição de missão adequada ao museu para entender o seu alcance: “Razão de ser de um museu, que ajuda a explicitar também a sua finalidade (relação entre o que faz e a demanda social), os públicos, os produtos e serviços e expectativas, orientando os esforços de todos no museu” (CURY, 2006, p. 76). Observamos que devemos sempre considerar os conceitos de públicos interno e externo. (CURY, 2009, p. 30)

Desta forma, é partindo da missão do museu que cada setor irá pensar seus programas. Os programas podem ser definidos como as grandes áreas dos museus. No que se refere à área educativa, o Estatuto de Museus recomenda que os museus possuam um Programa Educativo e Cultural.

O programa educativo e cultural tem por base garantir o acesso universal, garantir e estimular a dimensão pedagógica do museu e de suas coleções, estreitar as relações da instituição com a comunidade, oferecer uma variada gama de serviços culturais, dentre outras. Ainda que todos os programas convirjam para um propósito comum, caberá às ações educativas ressaltar, em última instância, a função social do museu. (ALMEIDA, 2013, p. 31)

Desta forma, o programa educativo e cultural representa a gestão da função educativa, que por sua vez, como os demais programas, deve estar alinhada com o planejamento conceitual da instituição (missão, visão e valores) e diagnóstico.

A função educativa é parte fundamental para que a educação seja desenvolvida em sua dimensão pelas demais áreas dos museus. Ações educativas podem ser pontes entre setores como vimos no capítulo 2, por exemplo:

Por ser uma parte crucial dos objetivos gerais, a educação deve ser vista como uma das metas principais da política do museu. Sem esse comprometimento com a política, a educação no museu tende a ser vista como mero truque de marketing destinado a aumentar o número de visitantes. (Brüninghaus-Knubel, 2004, p. 98)

Portanto, construir um Programa Educativo e Cultural é um passo fundamental tanto para dimensão como para função educativa. A Política Nacional de Educação Museal, já trabalhada nesta dissertação, recomenda que o Programa Educativo e Cultural

⁸⁴ seja entendido como uma Política Educacional. Autores estadunidenses e europeus trabalham recomendações sobre a realização de políticas educacionais em museus, tais como: Eilean Hooper-Greenhill (1991), Cornelia Brüninghaus-Knubel (2005), Graeme K. Talboys (2005), Timothy Ambrose (2006). A Política Educacional séria segundo à educadora museal Fernanda Castro:

[...] um documento denso, referenciado no Plano Museológico de cada instituição, tendo como base de elaboração a avaliação das condições estruturais do trabalho educativo nos museus, seus recursos e suas concepções de educação, essa ferramenta permitirá que ações de planejamento, sistematização, registro e avaliação de programas, projetos e ações educativas museais sejam realizadas garantindo a memória e o legado institucional na área educativa dos museus. (CASTRO, 2019, p. 96)

Sendo assim, de acordo com Fernanda Castro

Temos então dois momentos e dois PECs diferentes e complementares: o programa que deve ser parte do Plano Museológico e o PEC, entendido como política educacional, que deve ser um documento elaborado a parte, em consonância com o Plano Museológico, com maior densidade e aprofundamento pedagógico. (CASTRO, 2019. p. 111)

Em seu artigo “A construção do campo da educação museal: políticas públicas e prática profissional”, Fernanda Castro cita diferentes autores estrangeiros que definem as partes fundamentais de uma Política Educativa e fazendo um paralelo com a realidade nacional conclui que:

[...] pode-se pensar numa estrutura em que se apresente sinteticamente: (1) a missão educacional, seguida de seus objetivos e princípios, (2) uma parte mais densa em que são apresentados os referenciais teóricos, o diagnóstico, os perfis de público, estabelecidas prioridades e apresentados os programas, projetos e ações da instituição e por fim a apresentação de diretrizes, estratégias, ações e metas. (CASTRO, 2019, p. 101)

No Brasil, temos como exemplo o Museu Histórico Nacional desenvolveu sua Política Educativa, como um documento relacionado ao Plano Museológico, porém a parte, denominado: “PROGRAMA EDUCATIVO E CULTURAL: A Política Educacional do Museu Histórico Nacional” no ano de 2019, contendo a seguinte estrutura:

1. BREVE HISTÓRICO DA AÇÃO EDUCATIVA INSTITUCIONAL
2. DIAGNÓSTICO
3. MISSÃO EDUCATIVA
4. SISTEMATIZAÇÃO

⁸⁴ Importante destacar que o conceito de Programa Educativa e Cultural é brasileiro e vem da metodologia do Plano Museológico.

5. PROGRAMAS, PROJETOS E AÇÕES

A estrutura é quase exata ao que conclui a educadora Fernanda Castro, que faz parte da equipe do Museu Histórico Nacional. Um bom exemplo de como a teoria pode se aplicar à prática. Mas não encontramos até o presente momento outro museu no Brasil que tenha desenvolvido uma Política Educativa.

Sobre a construção da política educativa, o núcleo de educação do MHN destaca que:

A Política educacional foi fruto de um processo participativo, que envolveu pesquisa de documentos similares em outras instituições, pesquisa histórica, reuniões com a equipe educativa, apresentação para público do MHN e apresentação para setores do museu, além de submissão para a Coordenação de Museologia Social e Educação do Ibram. Todos os profissionais que atuavam no momento de criação da política participaram da criação (servidores, terceirizados e estagiários).
MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

Além de ser realizada em um processo participativo e apresentada aos demais setores do museu, segundo a equipe de educação a Política Educativa do MHN “serviu de modelo para inspirar políticas de outros setores” (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL). Não iremos detalhar o documento da Política Educativa do MHN, mas destacamos que ela é um documento complementar ao plano que busca organizar especificamente a parte referente à educação no museu.

Desta forma, por meio do exemplo do MHN podemos perceber que a integração é um desejo dos funcionários, que na instituição em questão já vinham atuando em certa medida desta forma como destaca o Plano Museológico, porém sentiu-se a necessidade de uma institucionalização das práticas. Isso fica evidenciado sobretudo na Política Educacional do MHN. Essa institucionalização era necessária para que todos os processos/profissionais/saberes estivessem em um mesmo fluxo de trabalho. O que na visão dos educadores do MHN seria uma vantagem para a realização das ações.

Para nossa pesquisa o exemplo do MHN é enriquecedor ao demonstrar as dificuldades de na prática realizar o conjunto de processos que compõem a musealização. Porém, como destacado pela equipe, grande parte das dificuldades foram superadas com duas ações pelo MHN: a aplicação do Plano Museológico e a mudança na gestão.

Logo, podemos concluir que o MHN vem construindo um caminho onde a gestão museológica irá trabalhar para que os processos atuem em sinergia. Destacamos que devido às limitações de tempo não é possível realizar um estudo detalhado com demais setores e que acompanhe as mudanças por um determinado tempo, porém, reforçamos que este pode ser um caminho para pesquisas futuras.

Reforçando nossa posição de que o museu é um conjunto de processos único, que só funciona em sinergia quando os processos atuam em um mesmo sentido a equipe do MHN ao ser questionada sobre quais seriam os principais setores para realização de ações conjuntas respondeu:

Todos. Uma vez que o Núcleo de Educação conta com os mais diversos setores para realização de diferentes propostas educativas. E algumas propostas ainda que direcionadas especificamente para um setor contam com a participação de outros para serem viabilizadas. (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL)

Desta forma, podemos concluir com base no MHN e em toda nossa pesquisa que os museus tradicionais são um conjunto único de processos diferentes. Como um corpo que possui órgãos extremamente diferentes, mas que só atua bem em conjunto para manutenção da vida.

Para a Museologia, o conjunto desses processos que constroem camadas de musealidade sobre os objetos é chamado de musealização. Logo, a musealização é o cotidiano dos museus tradicionais, que utilizam dos objetos, mas que atuam sempre para os públicos. Sendo assim, a musealização atua conjugando a relação entre os públicos e os objetos. Ambos, são dinâmicos e interferem na musealização e contribuem para as camadas de musealidade. A força que empurra estes processos para os públicos é a razão de existir e função dos museus no século XXI: o serviço à sociedade ou dimensão educativa. Logo, toda ação museológica é educativa. (SANTOS, 2020), pois ela é dependente e feita para/com os públicos.

Sendo toda ação museológica educativa, podemos entender a gestão museológica, como uma ação de mediação ou uma ação educativa interna. A realização de um Plano Museológico participativo, por exemplo, é também uma oportunidade de ação de educação interna no museu. Para sua realização é necessário oferecer espaço para todos os colaboradores, inclusive os públicos, opinarem sobre o museu expondo o que cada setor faz, suas responsabilidades, dificuldades, experiências e anseios. Para assim construir uma missão que faça sentido e integre à todos, priorizando as ações necessárias para o bom funcionamento do museu. Seria, portanto, a construção do Plano Museológico uma ação educativa interna, de compartilhamento de saberes e construção conjunta. Bem como uma visita mediada, à gestão museológica atua com diálogo e colaboração. Um exemplo dessa ação mediadora é como a Política Educacional do MHN impulsionou outros setores a pensarem suas próprias políticas e como a aplicação do Plano Museológico contribuiu para a construção de um fluxo comum na instituição

CONCLUSÕES

CONCLUSÕES

A presente dissertação surgiu a partir das vivências de uma museóloga que sempre amou os museus, os tradicionais principalmente, e desde antes da graduação encantava-se com as pessoas e suas reações dentro do museu. Quando criança a diversão em ir às exposições era passar a faixa de segurança e se aproximar cada vez mais dos objetos. Quando educadora em museus, a diversão era deixar as pessoas tocarem nos objetos com segurança. Mas nem só de diversão a vida é feita. Por isso, esta pesquisa nasce também de uma inquietação sobre o papel da educação nos museus tradicionais no século XXI e, também, sobre o que são hoje esses museus.

O museu tradicional hoje não é mais o museu do século XVIII; como um reflexo do tempo e do espaço que está inserido, ele passou por mudanças. Vemos que uma caminhada longa, de séculos, manteve os museus tradicionais como os mais numerosos no mundo. Sendo também os museus mais antigos, os tradicionais. Isso porque a tradição é algo que é passado para frente, mas não cristalizado. Sobre a base sólida do museu tradicional, a Museologia criou-se e construiu novas manifestações de museu: os museus sociais, os ecomuseus, os museus virtuais. O próprio museu tradicional manteve suas bases, mas remodelou-se inserindo no templo um pouco mais de fórum. Como destacou Desvallées:

O único objetivo verdadeiramente comum que poderíamos encontrar entre aqueles que estavam atrás da bandeira da nova museologia poderia se concretizar na “escalada monumental do museu” que eles se propunham a destruir. Abolir a distância entre o público e o conteúdo do museu, isto é, restituí-lo tornando-o perceptível para alguns, e permitindo o acesso sem privação de sua potência, para outros. (DESVALLÉES, 1998, p. 92)

Buscamos por meio deste trabalho não somente renovar o olhar sobre os museus tradicionais, seguindo o pensamento de Scheiner (1998) ao defini-los no tripé: coleção, prédio e especialista. Mas também ressaltar que os museus tradicionais são hoje, no Brasil, em sua maioria, museus financiados pelos cidadãos e devem desempenhar um serviço público e assim como na Revolução Francesa os palácios ganharam novas funções, devemos hoje usar os museus tradicionais como possibilidades de atuação. Muito já vem sendo realizado e muito mais pode ser feito. Acreditamos que a educação é um caminho para isso.

Os museus tradicionais além de numerosos e públicos, são também o imaginário de museu da maior parte da população e podem ser pontes entre os públicos e as demais manifestações de museus e outras expressões culturais. Acreditamos que nos

museus tradicionais encontramos bases sólidas para construir uma parceria com os públicos e para isso precisamos construir museus integrados em todos os seus processos e que busquem potencializar sua dimensão educativa.

No meio de tantas mudanças a educação, no seu sentido mais amplo, estava sempre presente, pois desde os gabinetes de curiosidades, havia uma preocupação em comunicar algo a alguém. Logo, os museus sempre foram dependentes dos públicos para concretizar sua manifestação. A educação desempenhou, e ainda hoje desempenha, ora o papel de justificativa social dos museus, ora apenas como um aparato, um animador. Em ambos os casos ela foi se estruturando e ganhando uma singularidade. Passando de mero atendimento à prestação de serviço, de visita à experiência.

A Museologia, por sua vez, cunhou conceitos que refletem práticas que partindo da base museal, extrapolam seus limites. A partir daí podemos falar de musealização. Entendemos então os museus como um conjunto de processos, que no museu tradicional guia as coleções entre os setores, saberes e profissionais, construindo camadas de musealidade e um fluxo que vai dos objetos aos públicos. Com dois elementos centrais dinâmicos: os públicos e os objetos, a musealização acumula sobre os objetos camadas de musealidade em um movimento motivado pela razão de ser dos museus: o serviço à sociedade ou dimensão educativa. Buscamos ilustrar tal pensamento no esquema abaixo, a seta preta sinaliza as influências do público nos processos de musealização e nas camadas de musealidade.

Figura 7 - Processo de musealização completo



Com objetivo de entender as relações entre os processos de musealização e a educação dentro dos museus tradicionais, uma relação histórica, iniciamos nossa pesquisa de maneira equivocada, pois a educação não se dá à parte da musealização. Ela é parte integrante e fundamental da musealização. Fato que foi evidenciado pelas diversas relações e interdependências citadas pelos museus de nossa consulta online e também no nosso estudo de caso com o MHN, onde a equipe destacou ser fundamental que os processos trabalhem em um mesmo fluxo e que a educação seja entendida com o mesmo grau de importância. O fluxo é a musealização, um conceito que une diversos processos e que motiva uma integração.

Logo, defendemos que a especificidade da educação dentro dos museus, não é o espaço em que ela é praticada ou sua relação com os objetos musealizados, mas sim, sua participação na musealização. Uma participação que serve de ponte e elo com os públicos. Qual outra maneira, senão compor à musealização para que o contato com o público impacte nas demais etapas? Qual outro caminho que não unir os processos para que eles tenham o mesmo nível de importância? Não mais uma educação que trabalhe com objetos musealizados, mas uma educação que musealize com/para os públicos.

Deste modo, podemos, apenas de forma provocativa, propor uma *educação museológica*. Pensar uma educação museológica não tem a pretensão de cunhar um novo conceito, mas sim provocar aos museólogos e profissionais de museus sobre a potência que se pensar educação dentro da musealização - e não como algo que ocorre a partir dos objetos musealizados. Desta forma, os resultados da musealização se expandem e a preocupação educativa recai sobre todos os processos (documentação, preservação, pesquisa, comunicação), cada um como um “tijolinho” sendo posto na missão museu de servir a sociedade e consolidar o museu como uma instituição educativa.

Concretizar isso na prática significa unir diferentes profissionais, campos, saberes, expectativas e experiências. Defendemos que isso só é possível por meio da mediação. Mediação esta que chamamos, no presente trabalho, de gestão museológica. Logo, cabe a gestão conectar os processos em um mesmo sentido. Ressaltamos também que é fundamental para qualquer gestor ter o conhecimento técnico das funções dos museus e de seus processos, pois só assim será possível desempenhar o papel de mediador. Sendo assim, cabe destacar o papel do profissional museólogo; este é o profissional com formação ampla para atuar em todas as etapas que compõem a musealização, uma vez que, a musealização pode ser entendida como objeto de estudo e método prático da

Museologia. Destacamos, portanto, que tal profissional pode atuar como um mediador institucional sendo ponte entre os diversos setores.

Como uma ação educativa interna de mediação e construção conjunta do fluxo de trabalho, a gestão museológica é uma ação cotidiana do museu que o guia para cumprir sua missão. Uma missão que é ao mesmo tempo ampla: ser um museu, servir a sociedade por meio da seleção, preservação, produção de conhecimento e comunicação dos seus objetos, e também específica, determinada pelo seu acervo, temática, estrutura.

Buscamos com esta dissertação colaborar para que a distância entre educação e Museologia diminua, uma vez que ela só colabora para a fragmentação do museu em processos desconexos. A interdependência de todos os processos dentro dos museus é fundamental, sendo o que o torna um museu. Como um corpo com diferentes órgãos que atuam em favor da vida, nos museus a seleção, documentação, pesquisa, preservação, gestão, educação, comunicação e aqui poderíamos detalhar outros processos, atuam no museu em favor da sua existência.

E neste momento poderíamos questionar quais são as consequências do distanciamento entre educação e musealização. O primeiro ponto que consideramos fundamental destacar é que, seguindo os debates atuais sobre participação dos públicos, só seria possível executar tal participação por meio da integração dos processos internos do museu. Além disso, o distanciamento significa fragmentação, ações que não seguem o fluxo de trabalho museológico. Como consequências práticas teremos ações deslocadas da missão do museu o que passa uma imagem fragmentada e que desempenham apenas o papel de animadores. Ações descoladas da missão do museu podem ser desempenhadas em qualquer lugar, por qualquer profissional e independentemente de uma visão integrada da instituição. Isto é, não consideram a dimensão educativa nos demais processos. E aqui poderíamos refletir sobre o que diferencia uma oficina dada em um museu e em um ateliê de arte? Uma visita em um museu de uma visita a um antiquário? Talvez esse seja o motivo das visitas mediadas serem as ações mais frequentes nos museus, não que sejam as únicas que trabalhem com a especificidade museológica, mas atuam como ponte/elo entre os elementos centrais do museu: os públicos e os objetos.

Não entender as ações como parte da musealização pode também fazer com que museus sejam apenas um acumulado de objetos, salas vazias que mais parecem um palácio abandonado, ou se resumem a coleção sem desempenhar um papel social. Ao entender a educação como parte da musealização, esta torna-se tão fundamental como a

própria exposição de longa duração dos museus. Seria este, talvez, o primeiro passo para não existir mais museus sem ações educativas.

No caminho oposto, o museu pode ainda perder sua especificidade e torna-se um espetáculo. Acreditamos que o museu não é algo espetacular e sim singular. Se esquecemos a dimensão e função educativa dos museus, esquecemos sua função para a sociedade, e se isso acontecer podemos ter museus que não preservam, não criam, não documentam, não informam. E aqui podemos nos perguntar:

Para que servem os museus? Qual é a finalidade de se colecionar, restaurar e expor objetos? Certamente não se trata meramente de uma terapia ocupacional para curadores ou a quem faz pesquisas na área. Também não é simplesmente orgulho de representar a cultura de um país ou de um patrimônio comum. O objetivo é tornar o conhecimento e os acervos do museu conhecidos do público, pessoas de todas as idades e formações, e permitir que elas participem do conhecimento e da cultura. Consequentemente, toda a ação do museu visa servir ao público e à sua educação. (BRÜNINGHAUS-KNUBEL, 2015, p. 98)

No final, o que é preciso é voltar às bases, ser tradicional ao mesmo tempo em que se é experimental. Talvez integrando a educação à musealização e entendendo todo o processo como educativo estejamos aproximando o museu tradicional da Nova Museologia, que buscava segundo Desvallées, acabar com a diferença entre o espectador e objeto musealizado, ao mesmo tempo em que utiliza tal objeto como base de sua linguagem. (DESVALLÉES, 1998) Talvez, tal como fez Regina Real, devêssemos olhar para os museus e pensar como a partir deles construir um ideal museológico e não o caminho ao contrário. Por hora, o ideal é ser um museu. E seguir em busca permanente por um museu ideal...

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

AIDAR, Gabriela. Acessibilidade em Museus: ideias e práticas em construção. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 3, n. 2, p. 155-175, 2019.

ALMEIDA, Cícero Antônio F. Plano museológico–marco de regulação da gestão museal no Brasil. **GESTÃO MUSEOLÓGICA**, p. 27, 2013.

BRASIL, LEI Nº 9.795, de 27 de abril de 1999. - Política de Educação Ambiental. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm

BRASIL, Lei nº 7.287 de 18 de dezembro de 1984 – Regulamentação da profissão de Museólogo. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7287.htm

BRASIL, Lei no 11.904 de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Carta de Belém-PA. 2014. Disponível em: content/uploads/2014/11/Carta_Belem_PNEM_6FNM.pdf

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). **Documento Preliminar do Programa Nacional de Educação Museal**. Brasília, 2013. Disponível em: <http://pnem.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/08/DOCUMENTOPRELIMINAR1.pdf>

BACARIN, Lígia Maria Bueno Pereira; NOMA, Amélia Kimiko. História do movimento de arte-educação no Brasil. ANPUH–XXIII Simpósio Nacional de História, 2005.

BACHETTINI, Andréa Lacerda. As reservas Técnicas em Museus: Um estudo sobre os Espaços de Guarda dos Acervos. 2017. 513 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação em um museu de arte. Revista USP, n. 2, p. 125-132, 1989.

BARBOSA, Ana Mae. Arte, educação e cultura. Revista Textos do Brasil, 2004.

BARROSO, Gustavo. Introdução à técnica de museus. v. I. Rio de Janeiro: Olímpica, 1951.

BOYLAN, Patrick. Introdução. In: CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS. Como gerir um museu: manual prático. França: ICOM, 2004.

BRÜNINGHAUS-KNUBEL, Cornélia. Educação no Contexto das Funções de Museu. In: CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS. Como gerir um museu: manual prático. França: ICOM, 2004.

BRULON, Bruno. Quando o Museu abre portas e janelas: O reencontro com o humano no Museu contemporâneo. 2008. **Dissertação (Mestrado)** – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro.

BRULON, Bruno. Caminhos da Museologia: transformações de uma ciência do museu. Brasília: Senatus, v. 7, n. 2, p. 32-41, 2009.

BRULON, Bruno. Provocando a Museologia: o pensamento geminal de Zbyněk Z. Stránský e a Escola de Brno. Anais do Museu Paulista, São Paulo, vol. 25, n. 1, pp.403-425, jan.-abr. 2017.

BRULON, Bruno. Passagens da Museologia: a musealização como caminho. Museologia e Patrimônio, v. 11, n. 2, 2018.

BRULON, Bruno. Museus, patrimônios e experiência criadora: ensaios sobre as bases da Museologia Experimental. In: MAGALHÃES, Fernando; COSTA, Luciana Ferreira da; Hernández, Francisca Hernández; CURCINO, Alan. Museologia e Patrimônio. Vol. 1. Leira: Instituto Politécnico de Leira, 2019. pp.199-231.

BRULON, Bruno. Introduction - Defining the museum: challenges and compromises of the 21st century. In: Defining the museum: challenges and compromises of the 21st century. , SERIES – ISS - 48. Vol. 2. Paris, France, 2020. p. 16-33

BOURDIEU, Pierre. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004. 86 p

BOURDIEU, Pierre. **O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público.** EdUSP, 2007.

CABRAL, Magaly. Do you know? Do you remember? It's hot... It's cold In: Change of Perspective (New) ideas for presenting museum objects. Roma. 2014.

CASTRO, Fernanda Santana Rabello de . Há sentido na Educação Não Formal na perspectiva da Formação Integral?. Revista Museologia & Interdisciplinaridade, v. 4, n. 8, p. 171-184, 2015.

CASTRO, Fernanda. **Construindo o campo da educação museal: um passeio pelas políticas públicas de museus no Brasil e em Portugal.** 2018. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado)-Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

CASTRO, Fernanda Santana Rabello. A construção do campo da educação museal: políticas públicas e prática profissional. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 3, n. 2, p. 90-114, 2019.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Gestão de museus, um desafio contemporâneo: diagnóstico museológico e planejamento.** Editora Padula, 2019.

CASTRO, Fernanda Santana Rabello. A construção do campo da educação museal: políticas públicas e prática profissional. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 3, n. 2, p. 90-114, 2019.

CHAGAS, Mario de Souza. Imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. 2003.

CHAGAS, Mario et al. A museologia e a construção de sua dimensão social: olhares e caminhos. *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 55, n. 11, 2018.

CHIOVATTO, Milene. In defence of Museum Education. In: *Defining the museum: challenges and compromises of the 21st century*. ICOM/ICOFOM STUDY SERIES – ISS - 48. Vol. 2. Paris, France, 2020. p. 70-84

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Unesp, 2001.

COSTA, Andréa Fernandes. A formação inicial e continuada de educadores museais: projeto em construção. *Revista Docência e Cibercultura*, v. 3, n. 2, p. 67-89, 2019.

COSTA, Andréa. CASTRO, Fernanda, SOARES, Ozias (Org.) *Educação Museal: conceitos, história e políticas 5 - Educação Museal e Cibercultura & Acessibilidade em museus e educação*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2020.

COSTA, Marielle. Educadores Museais: relações entre a formação e a profissionalização. In: *Gestão, financiamento e reconhecimento da função educativa dos museus & a questão da profissionalização / organizadores: Andrea Costa, Fernanda Castro, Ozias Soares*.

COSTA, Grasiely de Oliveira. Educação Ambiental-Experiências dos Zoológicos Brasileiros. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 13, 2004.

CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS. *Como gerir um museu: manual prático*. França: ICOM, 2004.

CURY, Marília Xavier. Educação em museus: panorama, dilemas e algumas ponderações. **Ensino em Re-vista**, 2013.

CURY, Marília Xavier. **Exposicao-Concepcao, Montagem E**. Annablume, 2005.

CURY, Marília Xavier. Museologia, novas tendências. **GRANATO, M.; SANTOS, CP; LOUREIRO, MLNM Museu e Museologia: interfaces e perspectivas**. Rio de Janeiro: **Museu de Astronomia e Ciências Afins**, p. 25-41, 2009.

CURY, Marília Xavier. Metamuseologia–reflexividade sobre a tríade musealia, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 9, n. 17, p. 129-146, 2020.

DAVIS, Ann; DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Ed.). **What is a Museum?**. Müller-Straten, 2010.

DESVALLÉES, André et al. Vagues. **Une anthologie de la nouvelle muséologie**, v. 1, 1992.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Ed.). Conceitos-chave de Museologia. Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2013.

DE SOUZA, Daniel Maurício Viana. Ciência para todos? A divulgação científica em museus. **Ciência da Informação**, v. 40, n. 2, 2011.

EDSON, Gary. Gestão de Museu. In: CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS. Como gerir um museu: manual prático. França: ICOM, 2004. p. 121-133

FALCÃO, Andréa. Museu como Lugar de Memória. In Ministério da Educação /Secretaria de Educação a Distância. Museu e Escola: educação formal e não-formal. Brasília-DF: TV Escola, 2009.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. **Cadernos de Ensaio**, v. 2, p. 64-74, 1994.

GAMA, Renata. (2012). Reflexões e experiências: 1. Seminário Oi Futuro Mediação em museus: arte e tecnologia. Rio de Janeiro: Oi Futuro.

GUEDES, Leandro; BRULON, Bruno. Musealização é Coisa de Índio: Reflexões Sobre Objetos e Sujeitos na Cadeia Museológica do Museu do Índio do Rio de Janeiro. In: **4 Sebramus**. 2019.

GOMES, Maria Fernando; VIEIRA, Eduarda. As reservas visíveis do Schaulager, em Basileia. *Ge-conservacion*, v. 4, p. 65-77, 2013.

HEIN, George E. Museum education. **A companion to museum studies**, p. 340-352, 2006.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: Iphan, 1999.

FALK, John H.; DIERKING, Lynn D. **Learning from museums**. Rowman & Littlefield, 2018.

FABBRI, Angelica et al. Documentação e Conservação de Acervos Museológicos: Diretrizes. **São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo**, 2010.

FIGURELLI, Gabriela Ramos. Articulações entre educação e museologia e suas contribuições para o desenvolvimento do ser humano. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio-PPG-PMUS Unirio| MAST**, v. 4, p. 111, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Guia dos Museus Brasileiros. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011. 592 p. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb_sudeste.pdf.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Legislação e normas. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/legislacao.htm>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Museus em números. Brasília, DF: Instituto Brasileiro de Museus, v. 1, 2011.

IBRAM. Subsídios para elaboração de planos museológicos. Brasília: Ibram, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: IBRAM, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS - IBRAM. Política Nacional de Educação Museal – PNEM. Porto Alegre, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Acervos digitais nos museus: manual para realização de projetos. Instituto Brasileiro de Museus; Universidade Federal de Goiás - Brasília, DF: Ibram, 2020.

LIBÂNEO, José Carlos. **didática**. Cortez Editora, 2017.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia-Museu e Patrimônio, Patrimonialização e Musealização: ambiência de comunhão. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 7, n. 1, p. 31-50, 2012.

LOPES, Maria Margaret. A favor da desescolarização dos museus. **Educação e sociedade**, v. 40, p. 443-455, 1991.

LOPES, Maria Margaret. O Brasil descobre a pesquisa científica: as ciências naturais e os museus no século XIX. **Brasília, UnB, São Paulo, HUCITEC**, 2009.

KARADENIZ, Ceren. Children's museums and necessity for children's museums in Turkey. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, v. 2, n. 2, p. 600-608, 2010.

KOPTCKE, Luciana Sepúlveda; LIMA, José Matias; CAZELLI, Sibebe. **Museus e seus visitantes: relatório de pesquisa perfil-opinião 2005**. Gráfica e Editora Brasil, 2009.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda; PEREIRA, Marcele Regina Nogueira. Museus e seus arquivos: em busca de fontes para estudar os públicos. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 17, n. 3, p. 809-828, 2010.

MAIRESSE, François. La Notation de Public. In: **Symposium Museology and Audience / Museología y el público de museos**. ICOM/ ICOFOM. ICOFOM STUDY SERIES – ISS 27. Munich, Germany : Museums-Pädagogisches Zentrum, 2005. p. 7-25.

MAIRESSE, François. La belle histoire, aux origines de la nouvelle muséologie. In: DESVALLÉS, A. L'écomusée: rêve ou réalité, *Publics et Musées*, n. 17-18, 2000, p. 33-56.

MARANDINO, Martha et al. Educação em museus: a mediação em foco. São Paulo: *Geenf/FEUSP*, v. 1, p. 48, 2008.

MARTI, Frieda Maria; DOS SANTOS, Edméa Oliveira. Educação museal online: a Educação Museal na/com a Cibercultura. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 3, n. 2, p. 41-66, 2019.

MARTINS, Luciana Conrado. **A constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia**. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Educação e museus: sedução, riscos e ilusões**. *Ciência e Letras*, n. 27, p. 91-101, 2000.

MEIRELLES, Heloisa Maria Pinheiro de Abreu. Diretrizes em conservação de acervos museológicos. In: Documentação e conservação De acervos museológicos: Diretrizes. São Paulo. Brodowski. 80-99. 2010

MINISTÉRIO DA CULTURA. Política Nacional de Museus – Memória e Cidadania. Brasília: MinC, 2003. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/02/politica_nacional_museus_2.pdf.

MORAES, Julia Nolasco Leitão. **Museu, informação artística e “poesia das coisas”: a divulgação artística em museus de arte**. 2014. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MORAES, Julia. Museus e Público(s): a centralidade da relação público(s)–museu nos debates contemporâneos da Museologia. Anais do XX Encontro Nacional de Pesquisa em Pós-graduação em Ciência da Informação, SC: ANCIB e UFSC, 2019, v. GT-9.

MUSEU CASA DE RUI BARBOSA. Plano Museológico. Rio de Janeiro, 2017.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. Plano Museológico (2020-2023). Rio de Janeiro, 2020) Nascimento Junior, José do. **De João a Luiz: 200 anos de Política Museal no Brasil**. UNIRIO/MAST. 2019. Tese. (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. Recomendação referente à proteção e promoção dos museus e coleções, sua diversidade e seu papel na sociedade. 2015.

PADILHA, Renata Cardozo. Documentação museológica e gestão de acervo. **Coleção Estudos Museológicos**, v. 2, 2014.

PEREIRA, Henrique Eduardo. Introdução In: BARJA, Wagner. (Org) Gestão museológica: questões teóricas e práticas / Seminário Internacional sobre Gestão Museológica. Museu Nacional do Conjunto Cultural da República Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.

PEREIRA, Marcele Regina Nogueira. Educação Museal. **Entre dimensões e funções educativas: a trajetória da 5ª Seção de Assistência ao Ensino de História Natural do Museu Nacional**. Rio de Janeiro, UNIRIO–MAST, 2010.

PEREIRA, Marcele. Museus escolares: trajetória histórica e desafios à luz da museologia social. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 51, p. 96-118, 2019.

POULOT, Dominique. **Museu e museologia**. Autêntica, 2013.

RANGEL, Marcio; NASCIMENTO JÚNIOR, José. A trajetória da Política Nacional de Museus: impactos sobre o campo museológico brasileiro. **Marcus Granato. Museologia e Patrimônio**, p. 297-315, 2015.

RANGEL, Aparecida Marina de Souza; ALMEIDA, Álea Santos de. Os cômodos do Museu Casa de Rui Barbosa enquanto museália. **MIDAS. Museus e estudos interdisciplinares**, n. 8, 2017.

RIVIÈRE, Georges Henri et al. **Stage régional d'études de l'Unesco sur le rôle éducatif des musées: Rio de Janeiro, Brésil, 7-30 septembre 1958**. Unesco, 1960.

SANTOS, Magaly Cabral. Educação Museal: Gestão, Financiamento e Reconhecimento da função educativa dos museus. *Gestão, Financiamento e Reconhecimento da função educativa dos museus & a questão da profissionalização*. Museu Histórico Nacional. Org. Andrea Costa, Fernanda Costa, Ozias Soares. p. 43-56. 2020.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. *Processo Museológico e Educação: construindo um museu didático-comunitário*. 1996.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **Encontros museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu**. Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2008.

SILVA, Maurícia André; CARNEIRO, Carla Gilbertoni. Escuta das narrativas indígenas na exposição colaborativa do MAE-USP: desafios para o desenvolvimento de ações educativas eticamente responsáveis e engajadas nos museus. *Dossiê Protagonismo indígena e museu: abordagens e metodologias / Dossiê Museus, Museologia e Literatura: representações de mundo e técnicas narrativas*. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 10, n. 19, 2021

SCHEINER, Tereza C. Apolo e Dionísio no templo das musas. *Museu: gênese, idéia e representações na cultura ocidental*. 1998. Dissertação (Mestrado em comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ECO, Rio de Janeiro, 1998.

SCHEINER, Tereza. As bases ontológicas do Museu e da Museologia. **Simpósio Museologia, Filosofia e Identidade na América Latina e Caribe. ICOFOM LAM, Coro, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM**, p. 133-143, 1999.

SCHEINER, Tereza. Museums and Museology: On the Other Side of the Mirror. In: *Symposium Museology and Audience*. ICOM/ICOFOM. ICOFOM STUDY SERIES – ISS 35. Calgary, Canada, 2005

SCHEINER, Tereza. O museu, a palavra, o retrato e o mito. **Museologia e Patrimônio**, v. 1, n. 1, p. 57-73, 2008.

SCHEINER, Tereza Cristina. Museologia e patrimônio: interfaces disciplinares entre a França e o Brasil. **Ciência & Trópico**, v. 33, n. 2, 2009.

SCHEINER, Tereza Cristina. Repensando o museu integral: do conceito às práticas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 1, n. 1, p. 15-30, 2012.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Cultura material e Museologia: considerações. **Museologia e patrimônio**. Rio de Janeiro: **Museu de Astronomia e Ciências Afins**, p. 17-48, 2015.

SCHEINER, Teresa Cristina. Informação, memória, patrimônio e museu: Revisitando as articulações entre campos. **XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB. 2017**.

STRANSKY, Zbynek Zbyslav. Brno: Education in museology. JE Purkyne University and Moravian Museum, 1974.

SCHWARCZ, Lílian K. M. O nascimento dos museus brasileiros, 1870-1910. In: MICELI, Sérgio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais: IDESP**, 1989. p. 20-71.

SOTO, Moana Campos. Dos gabinetes de curiosidade aos museus comunitários: a construção de uma concepção museal à serviço da transformação social. Cadernos de Sociomuseologia, Nova serie 04, (Vol. 48): **Participação nos museus: práticas e conceitos**. 2014.

RAFFAINI, Patrícia Tavares. Museu contemporâneo e os Gabinetes de Curiosidades. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo**, v. 3, p. 159-164, 1993.

RANGEL, Marcio Ferreira. A cidade, o museu e a coleção| The city, the museum and the collection. **Liinc em Revista**, v. 7, n. 1, 2011.

REAL, Regina Monteiro. O museu ideal. 1958.

ROCHA, Luisa; GONZALEZ, Marcos. Jardim virtual: folksonomia como recurso de inclusão. In: XV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2014, Belo Horizonte. Anais eletrônicos.... Belo Horizonte: UFMG, p. 4374-4394, 2014.

ROCHA, Luisa. Novos tempos, novos processos: conexões entre universos sem pontes. In: Museologia e Patrimônio Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - Unirio/MAST. Vol.12, n 1. Rio de Janeiro. 10-35, 2019.

TOLENTINO, Átila Bezerra. Governança em rede: o caso do sistema brasileiro de museus. **Revista CPC**, 2013.

TROCADO, Paula Ribeiro. A mediação como construção conjunta de conhecimento: Um relato de experiência no Museu Casa de Rui Barbosa. In: **Defining museums of the 21 st century: plural**, ICOFOM, Paris, France. 2018. p. 153 - 162.

STRÁNSKÝ, Zbyněk Z. Brno: Education in Museology. **Museological Papers V, Supplementum 2**, 1974.

VALENÇA, Vera Lúcia Chacon. Museu das crianças: a experiência piloto no Brasil. Editora Universitária UFPE, 2008.

VALENTE, Maria Esther. Educação e Museus: a dimensão educativa do museu. **Museu e Museologia: interfaces e perspectivas**, v. 11, p. 83-98, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Questionário do Google Forms utilizado na consulta online

Musealização e ações educativas

O objetivo do presente questionário é entender qual a relação das ações educativas com todos os procedimentos internos do museu que compõem a musealização.

De maneira simplificada, a musealização é o conjunto das ações realizadas com o acervo da instituição, que englobam: seleção, documentação, conservação, pesquisa e comunicação.

As ações educativas possuem os públicos como foco e colaboram para facilitar, dinamizar e qualificar sua relação com o patrimônio e as narrativas da instituição.

ATENÇÃO: Esta pesquisa busca estudar o período entre os anos de 2015 e 2020.

***Obrigatório**

1. E-mail *

2. Nome do Museu *

Acervo

3. A instituição possui acervo museológico? *
Marcar apenas uma oval.

Sim

Não *Pular para a pergunta 29*

O setor educativo

4. A instituição possui um setor de educação? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não *Pular para a pergunta 7*

O setor educativo

5. Quantos funcionários e estagiários possui?

6. Qual a formação dos funcionários e estagiários?

Referências e Metodologias

7. Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Marcar apenas uma oval.

- Educação Museal
- Educação Patrimonial
- Arte Educação
- Educação Ambiental
- Outro:

As ações educativas

8. Quais ações educativas a instituição realiza? *

Marque todas que se aplicam.

- Visitas Mediadas
- Visitas Teatralizadas Oficinas
- Artísticas Contação de Histórias
- Colônia de Férias
- Gincanas
- Palestras
- Cursos
- Formação para Professores
- Promoção de eventos, como peças, apresentações, festas.
- Outro:

9. Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Marque todas que se aplicam.

- Infantil
- Infantojuvenil
- Juvenil

- Adulto
- Idoso
- Pessoas com deficiência
- Familiar
- Escolar
- Universitário

Outro:

10. As atividades educativas do museu são planejadas: *

Marcar apenas uma oval.

- Anualmente
- Mensalmente
- De acordo com as exposições do museu
- De acordo com as demandas do museu, sem um planejamento a longo prazo definido

Outro:

11. Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Marque todas que se aplicam.

- Por meio de agendamento prévio
- De forma espontânea
- Com datas fixas pré-estabelecidas
- Outro:

12. As atividades educativas são executadas por: *

Marcar apenas uma oval.

- Quadro da instituição Empresa
- Contratada
- Em conjunto, com o quadro da instituição e empresa contratada

13. Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim

Não

14. Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não *Pular para a pergunta 16*

15. A divulgação virtual ocorre no:

Marque todas que se aplicam.

Site da

instituição

o

Facebook

Instagram

Outro:

Atividades educativas virtuais

16. Há atividades educativas em meio virtual? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não *Pular para a pergunta 18*

17. Em que plataforma são realizadas?

Marque todas que se aplicam.

Site

Instagram

Facebook

Aplicativo

Outro:

Quantitativo do Público

18. Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

Musealização e ações educativas

19. Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Marque todas que se aplicam.

- Exposição
- Sala do educativo
- Reserva Técnica
- Área externa no museu (pátio, jardim, etc)
- Fora do museu (praças, escolas)

Outro:

20. A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *
21. A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *
22. A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *
23. Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Pandemia do COVID-19 e as ações educativas

A pandemia do COVID-19 mudou o funcionamento dos museus e trouxe novos desafios. Por isso, seguem algumas questões referentes ao período pandêmico e a atuação do museu.

24. O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não Pular para a pergunta 29

25. Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.
26. Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?
27. Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não *Pular para a pergunta 29*

28. Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Comentários

O objetivo da nossa pesquisa é entender a relação entre o processo de musealização (Documentação, Conservação, Pesquisa, Comunicação) e as ações educativas. Caso queira acrescentar alguma informação, comentário, crítica ou sugestão, não contemplada neste questionário, fique a vontade!

APÊNDICE 2 - Respostas dos museus ao questionário**Nome do Museu ***

Museu Histórico Nacional

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

Houve uma alteração em novembro de 2020, que fez a equipe passar de 6 servidores e 8 educadores terceirizados para 4 servidores apenas. Não há estagiários.

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

Graduação: história, história da arte, ciências sociais, psicologia e museologia (entre os demitidos havia pedagogos). Especialização: educação museal, história da cultura da África e do negro no Brasil. Mestrado: educação, história da arte e comunicação acessível. doutorado: educação e história da arte.

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Museal

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Oficinas Artísticas

Contação de Histórias

Gincanas

Palestras

Cursos

Formação para Professores

Promoção de eventos, como peças, apresentações, festas.

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil

Infantojuvenil

Juvenil

Adulto

Pessoas com deficiência

Familiar

Escolar

Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Outro: A cada 4 anos, no Plano Museológico, anualmente (planejamento anual) e também com reuniões mensais ou de acordo com a demanda para realização de avaliação continuada e planejamento.

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

De forma espontânea

Com datas fixas pré-estabelecidas

Outro: depende da ação. temos 42 listadas em nosso plano de ação 2020-2023.

As atividades educativas são executadas por: *

Em conjunto, com o quadro da instituição e empresa contratada

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição

Facebook

Instagram

Outro: Espaço Educativo Virtual do MHN

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Facebook

Aplicativo

Outro: Youtube, Google Meet

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

70 mil visitantes

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

Sala do educativo

Reserva Técnica

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

Fora do museu (praças, escolas)

Outro: Em instituições parceiras

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim. São a base para a pesquisa realizada como fundamentação das ações.

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim, em ações específicas realizadas com parcerias entre setores.

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim, integramos junto com o Núcleo de Expografia o setor de dinâmica cultural e as ações são pensadas de forma integrada, quando de competência das equipes do museu (acontece de serem realizadas ações elaboradas entre a direção e terceiros).

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Sim, quando são realizadas pelos setores do museu, mas não quando são exposições externas ou realizadas por terceiros.

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Foi criado no âmbito da Semana Nacional de Museus um grupo de facebook, o Espaço Educativo Virtual do MHN. Foram realizadas visitas mediadas online, oficina, webinários e postagens interativas, integrando o canal do MHN no youtube e esse espaço. Também ocorreram webinários, contação de história, via youtube, encontros (grupo de pesquisa em educação museal) e curso online por meio do google meet.

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

Verba. Para aquisição de material, para acessibilização dos produtos digitais, para compra de equipamentos e recursos digitais e de internet.

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Exposições virtuais, ações de divulgação do acervo e comunicação social, Seminário Internacional do MHN online (via youtube). Facebook, Instagram, Tik Tok, Youtube.

Comentários

Algumas das ações realizadas pelo museu não passam pelos setores específicos, quando realizadas por terceiros. Nem mesmo todas as ações do museu são sempre de conhecimento de todos os setores. Existe integração, mas não como uma prática

consolidada e muitas vezes como fruto de ação de servidores e não de um fluxo de trabalho pré-estabelecido e implementado.

Nome do Museu *

Museu do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Não

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Patrimonial

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Colônia de Férias

Promoção de eventos, como peças, apresentações, festas.

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil

Infantojuvenil

Adulto

Idoso

Pessoas com deficiência

Familiar

Escolar

Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

De acordo com as exposições do museu

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição

Há atividades educativas em meio virtual? *

Não

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

não existe estatística confirmada

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

Sala do educativo

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

não

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

sim

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

sim

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

sim

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Não

Comentários

existe um planejamento prévio entre o Museu do AGR e escolas públicas

Nome do Museu *

Arquivo-Museu de Literatura Brasileira

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Não

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Outro: O Museu não apresenta atividades educativas com metodologia

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Outro: realiza mostras temporárias do seu acervo

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Adulto

As atividades educativas do museu são planejadas: *

De acordo com as demandas do museu, sem um planejamento a longo prazo definido

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

De forma espontânea

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição

Facebook

Instagram

Há atividades educativas em meio virtual? *

Não

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

60

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim, influencia por causa do titular da coleção e também das informações completas das peças

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim, influencia porque a educação acontece quando a peça pode ser conhecida plenamente.

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim, influencia porque a peça não se explica solitariamente.

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Sim, participam.

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Uma mostra sobre o centenário de nascimento do poeta João Cabral de Melo Neto com documentos do escritor em 5 vitrines dispostas no hall do edifício sede e fizemos uma mesa redonda com 3 palestrantes na sala de cursos. A mostra foi inaugurada em 3 de março de 2020 e a Fundação fechou ao público em 18 de março de 2020 por causa da pandemia.

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

Poucos funcionários

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Realizamos palestra sobre o uso dos arquivos e a pesquisa aos documentos do acervo em uma série chamada Memória & Informação entre casas.

Comentários

Muito obrigada.

Nome do Museu *

Museu Casa da Moeda do Brasil

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Não

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Patrimonial

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Palestras

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil

Infantojuvenil

Juvenil

Adulto

Idoso

Pessoas com deficiência

Familiar

Escolar

As atividades educativas do museu são planejadas: *

De acordo com as demandas do museu, sem um planejamento a longo prazo definido

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Não

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Não

Há atividades educativas em meio virtual? *

Não

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

3.000 visitantes

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Não.

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Não.

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Não.

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Sim.

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Não

Nome do Museu *

Museu da Geodiversidade (IGEO/UFRJ)

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

9 funcionários e 19 bolsistas

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

Funcionários: História, Museologia, Letras e Geologia. Estagiários: Pedagogia, Meteorologia, Geologia, Geografia (bacharelado e licenciatura), Comunicação Visual, Comunicação Social, Arquitetura, História, Letras-Libras

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Museal

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Contação de Histórias

Palestras

Outro: Jogos Educativos

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil

Infantojuvenil

Juvenil
Adulto
Pessoas com deficiência
Escolar
Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Anualmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição

Facebook

Instagram

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Instagram

Facebook

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

8000

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

Outro: O Museu localiza-se no prédio do Instituto de Geociências e muitas vezes usa os auditórios e espaços multiusos do Instituto.

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Não

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Não

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim. As temáticas abordadas nas atividades têm relação com os grandes temas da exposição assim como com seu acervo.

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Não

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Foram realizadas ações educativas como quiz, publicados nos perfis de Facebook e Instagram do Museu.

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

A falta de interação com o público

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Publicações periódicas no Facebook e Instagram no âmbito da divulgação e popularização das Geociências

Comentários

O Museu da Geodiversidade encontra-se fechado temporariamente devido ao contexto pandêmico seguindo as determinações da Reitoria da UFRJ.

—

Nome do Museu *

Memorial Monteverde

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Não

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Patrimonial

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Adulto

Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

De acordo com as demandas do museu, sem um planejamento a longo prazo definido

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

De forma espontânea

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Não

Há atividades educativas em meio virtual? *

Não

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

30 pessoas

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Sim

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Visitas mediadas.

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

O uso de máscaras dificulta a explanação.

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Postagens no instagram e no facebook.

Comentários

O Memorial Monteverde é um espaço museal diferenciado, que tem como principal objetivo preservar e divulgar a história e o legado da família Monteverde. Por decisão da família, não trabalhamos com escolas e as visitas são feitas para pessoas indicadas pelos proprietários.

Nome do Museu *

MUSEU ARQUIDIOCESANO DE ARTE SACRA DO RJ

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Não

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Patrimonial

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Palestras

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil
Adulto
Idoso

As atividades educativas do museu são planejadas: *

De acordo com as demandas do museu, sem um planejamento a longo prazo definido

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Com datas fixas pré-estabelecidas

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Não

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Não

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Facebook

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

3.500

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

NÃO

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

NÃO

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

NÃO

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

NÃO TEMOS EDUCADORES

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

PALESTRAS ZOOM E FACEBOOK

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

NENHUMA

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Não

__ Nome do Museu *

Museu Universitário Solar Grandjean de Montigny

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Não

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Patrimonial

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Oficinas Artísticas

Contação de Histórias

Palestras

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil

Infantojuvenil

Juvenil

Adulto

Escolar

Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

De acordo com as exposições do museu

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Facebook

Instagram

Há atividades educativas em meio virtual? *

Não

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

não há esse dado pois é um museu universitário, aberto ao público, sem controle de entrada

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Não

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Não

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Não

Nome do Museu *

Museu da Justiça - Centro Cultural do Poder Judiciário do Estado do Rio de Janeiro

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

4

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

Museologia, Turismo e Teatro (Licenciatura)

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Patrimonial

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Visitas Teatralizadas

Oficinas Artísticas

Contação de Histórias

Palestras

Cursos

Promoção de eventos, como peças, apresentações, festas.

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil

Infantojuvenil

Juvenil

Adulto

Idoso

Pessoas com deficiência

Familiar

Escolar

Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Mensalmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

De forma espontânea

Com datas fixas pré-estabelecidas

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição

Facebook

Instagram

Outro: Mala direta; e-mail

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Site

Aplicativo

Outro: Portal CCMJ / Plataforma Teams

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

35.000

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

Sala do educativo

Reserva Técnica

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

Fora do museu (praças, escolas)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim.

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim.

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim.

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Sim.

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Visitas virtuais CCMJ: "Conhecendo o CCMJ e o APJ-Rio", "Conhecendo o Salão Histórico do I Tribunal do Júri - APJ-Rio" e "Conhecendo o Tribunal Pleno - Plataforma utilizada: Youtube/Portal do CCMJ "Conversas: reflexões e ações no enfrentamento à violência", como um espaço que possibilite a discussão, a aproximação e a sensibilização das pessoas, através de encontros com apresentações lúdicas e conteúdos didáticos, de questões tão importantes e atuais. Plataforma utilizada: TEAMS Clube "Leituras no Palácio": Quinzenalmente realizados, preferencialmente às segundas-feiras, os encontros do "Leituras no Palácio" dispõem do apoio da equipe do Educativo do CCMJ e da mediação do poeta W. B. Lemos, Doutor em Literatura Comparada, Mestre em Literatura Brasileira pela UERJ e integrante do corpo de instrutores da Escola de Administração Judiciária (ESAJ). Plataforma utilizada: TEAMS Jogos Educativos relacionados a história da justiça. Plataforma: SITE/PORTAL DO CONHECIMENTO Documentário " O Antigo Palácio da Justiça do Rio de Janeiro" O Museu da Justiça – Centro Cultural do Poder Judiciário realiza uma série de documentários, o CCMJ | DOC, que aborda assuntos relacionados à história da Justiça no estado do Rio de Janeiro e no Brasil. Plataforma: SITE/PORTAL CCMJ CCMJ | EXPO | Mês da Consciência Negra - Mostra de Documentos Judiciais Café, Riqueza e Escravidão: A insurreição de Manoel Congo. (Elaboração de conteúdo educativo por áudio).

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

Limitação de recursos tecnológicos.

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

"Sarau das Musas", além de realçar, já a partir do seu título, a noção originária do museu como casa das musas (as entidades às quais, na Antiguidade Clássica, era atribuída a capacidade de inspirar a criação artística), pretende, simultaneamente, resgatar a história e atualizar a forma das tradicionais reuniões literárias e musicais cariocas, em particular, e brasileira, em geral, tão ao gosto da Belle Époque e do Rio antigo, em que os apreciadores de poesia e música se reuniam para dizer e ouvir poemas e canções de sua preferência, além de cantar, tocar instrumentos e dançar, como faremos juntos, algo caro à expressão dos afetos nesses tempos de isolamento socioemocional. "FAZENDO ARTE por TODA PARTE", sob a orientação da artista plástica, Isabela Francisco. "Em época de afastamento social, a arte tem o dom de unir almas" - afirma a artista. Para dar continuidade à esse incrível trabalho, Isabela Francisco criou uma página no Youtube

onde os alunos poderão acessar às aulas virtuais, ministradas toda semana. "Personalidades", um espaço para interagir e compartilhar ideias com pessoas ligadas ao meio artístico e cultural que de alguma forma participam da nossa programação, seja nos brindando com sua arte, seja na curadoria de algum programa. O Programa de História Oral do Poder Judiciário nasceu de um projeto criado em 1998, pelo desembargador Luiz César de Aguiar Bittencourt Silva (1925-2011), que compunha o Colegiado Dirigente do Museu da Justiça. Basicamente, o objetivo do Programa, ao longo de 22 anos, é o de resgatar, preservar e divulgar a História recente do Poder Judiciário através do testemunho de seus próprios agentes. A Documentação Judicial e a História da Escravidão no Brasil - Os historiadores Ricardo Salles (doutor pela UFF e professor titular da UNIRIO), Thiago Campos (doutor pela UFF) e Argemiro Eloy Gurgel (mestre pela UFRJ e MBA em gestão cultural) reuniram suas experiências enquanto pesquisadores, de suas produções e debateram sobre a importância dos arquivos judiciais para a historiografia do escravismo brasileiro e suas conexões com a sociedade atual.

—
Nome do Museu *

Museu do Samba

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

2 funcionários e 1 estagiário

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

Museologia, História e Psicologia Social.

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Patrimonial

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Oficinas Artísticas

Contação de Histórias

Palestras

Cursos

Formação para Professores

Promoção de eventos, como peças, apresentações, festas.

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil

Infantojuvenil
Juvenil
Adulto
Idoso
Pessoas com deficiência
Familiar
Escolar
Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Mensalmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio
De forma espontânea
Com datas fixas pré-estabelecidas

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição
Facebook
Instagram

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Instagram
Outro: YouTube do museu

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

Aproximadamente 5mil

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição
Área externa no museu (pátio, jardim, etc)
Fora do museu (praças, escolas)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Sim

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

O Museu passou a utilizar mais fortemente as plataformas digitais durante a pandemia, oferecendo atividades como: Visita mediada virtual, palestras, cursos on-line, seminários, debates, lives de entrevistas/bate-papo com sambistas, entre outros.

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

Equipe reduzida. Com a pandemia e poucos recursos, esse problema se agravou.

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

O Museu passou a utilizar mais fortemente as plataformas digitais durante a pandemia, sendo as ações educativas divulgadas e disponibilizadas especialmente através de Instagram, Facebook e YouTube do Museu do Samba. Os cursos desenvolvidos principalmente pelo meet.

Nome do Museu *

Museu da Imagem e do Som

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

02 funcionários

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

Historiadora e Pedagogo

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Arte Educação

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Contação de Histórias

Colônia de Férias

Palestras

Cursos

Formação para Professores

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantojuvenil

Juvenil

Adulto

Idoso

Escolar

Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Anualmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição

Facebook

Instagram

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Site

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

6000

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

Sala do educativo

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

Fora do museu (praças, escolas)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim, em geral tentamos envolver nas nossas atividades educativas cada uma das tipologias de acervo da instituição.

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim, em geral trabalhamos com duplicatas que podem ser manuseadas ou itens que estejam estabilizados.

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim, no planejamento anual pensamos atividades ligadas a efemérides e a outras atividades previstas no MIS.

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Sim, diretamente

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Fizemos alguns vídeos que foram disponibilizados para professores da rede de ensino do Rio de Janeiro e divulgados em no site do MIS. Também disponibilizamos no site, alguns desenhos para baixar e colorir, imagens estas já utilizadas na sala do educativo.

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

Articulação com a rede de ensino.

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Passamos a realizar mensalmente lives sobre assuntos e personalidades ligadas ao Museu. Em parceria com a ESPM realizamos a elaboração de 06 exposições virtuais a partir do acervo. Também disponibilizamos mensalmente playlists e podcast no site do MIS e na plataforma Deezer.

Nome do Museu *

Museum - Museu das Comunicações e Humanidades

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

4

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

produção cultural, artes, museologia e pedagogia.

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Arte Educação

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Visitas Teatralizadas

Oficinas Artísticas

Contaçon de Histórias

Gincanas

Palestras

Cursos

Formaçã para Professores

Promoçã de eventos, como peças, apresentações, festas.

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil

Infantojuvenil

Juvenil

Adulto
Idoso
Pessoas com deficiência
Familiar
Escolar

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Mensalmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio
De forma espontânea
Com datas fixas pré-estabelecidas

As atividades educativas são executadas por: *

Empresa Contratada

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição
Facebook
Instagram

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Site
Instagram
Facebook
Aplicativo

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

16.000

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição
Reserva Técnica
Área externa no museu (pátio, jardim, etc)
Fora do museu (praças, escolas)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim.

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Raramente.

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim.

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

No Musehum sim. Já nas exposições do Centro Cultural realizamos conversas com curadores e artistas, pois, por serem patrocinadas, são exposições planejadas independente.

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Curso EAD em Acessibilidade Cultural e Mediação Cultural via Google Classroom.

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

A limitação de 25 vagas estipulada pela plataforma Google Classroom.

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Lançamento do Acervo Musehum Online; Tour Virtual na Exposição Musehum; Tour Virtual na Reserva Técnica e Lives com parceiros do Programa Educativo.

Comentários

Ainda percebo as ações educativas distanciadas do processo de musealização. Mirar nas ações participativas de intersaberes ainda é um desafio no cotidiano dos museus.

—
Nome do Museu *

Museu do Negro - RJ

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Não

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Patrimonial

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Palestras

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil

Infantojuvenil

Juvenil

Adulto

Idoso

Pessoas com deficiência

Escolar

Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Anualmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

Com datas fixas pré-estabelecidas

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Facebook

Instagram

Há atividades educativas em meio virtual? *

Não

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

3.000 pessoas

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim.

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim.

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim.

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Sim.

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Não

Comentários

Foi um prazer responder ao questionário. Lembrando que o Museu encontra-se fechado desde Abril de 2019 por determinação do MPF-RJ, que interditou a Igreja (Local de funcionamento do Museu). Ressaltando que a interdição nada tem a ver com o Museu.

—

Nome do Museu *

Museu Casa de Rui Barbosa

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

11

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

Estagiários de Museologia, profissionais de áreas diversas

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Museal

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas
Visitas Teatralizadas
Contaçon de Histórias
Palestras
Cursos

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil
Infantojuvenil
Juvenil
Familiar
Escolar

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Anualmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio
De forma espontânea

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Não

Há atividades educativas em meio virtual? *

Não

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

15000

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição
Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

O acesso a esses dados faz parte do planejamento das exposições de curta duração.

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim, sempre é levado em conta o estado de conservação da peça ao decidir se ela participará ou não de uma mostra de curta duração, ou mesmo se pode participar do circuito tátil.

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim. Em todas as mostras temporárias preparamos uma mediação específica ao tema.

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Sim

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Não

Nome do Museu *

Museu Naval

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

Funcionários: 4 Estagiários: 6

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

Funcionários: 1 Museólogo (Militar) 1 Licenciado em letras (Militar) os outros 2 são militares de nível médio. Estagiários: 02 Nível Superior (Turismo e Pedagogia) 5 de nível médio (Técnico em Turismo)

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Patrimonial

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Visitas Teatralizadas

Oficinas Artísticas

Contaçon de Histórias

Colônia de Férias

Palestras

Promoção de eventos, como peças, apresentações, festas.

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantojuvenil
Escolar

As atividades educativas do museu são planejadas: *

De acordo com as exposições do museu

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

As atividades educativas são executadas por: *

Em conjunto, com o quadro da instituição e empresa contratada

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Site

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

5 mil visitantes/ano - Considerando todos os Espaços Museais da Diretoria do patrimônio Histórico e Documentação da Marinha que inclui, Museu Naval, Espaço Cultural e Ilha Fiscal
Musealização e ações educativas

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição
Sala do educativo
Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Não

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Sim

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Foi criado o "Espaço Infantil" na página da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, onde o público pode acessar cartilhas com atividades relacionadas à história naval.

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

Ampliação dos recursos tecnológicos para atender à demanda dessa prática cada vez mais usual no ambiente museológico.

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Não

—
Nome do Museu *

Museu Light da Energia

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

Atualmente 6 funcionários e 2 estagiárias

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

História, Letras, Ciências Sociais, Arte Contemporânea, Física, Comunicação e Arquivologia

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Ambiental

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas
Visitas Teatralizadas
Oficinas Artísticas
Contação de Histórias
Formação para Professores

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil
Infantojuvenil
Juvenil
Adulto
Idoso
Pessoas com deficiência
Familiar
Escolar
Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Mensalmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio
De forma espontânea
Com datas fixas pré-estabelecidas

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição
Facebook
Instagram

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Instagram

Facebook
Outro: Youtube

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

20000

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição
Área externa no museu (pátio, jardim, etc)
Fora do museu (praças, escolas)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Não

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Eventualmente

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

As ações aconteceram e continuam acontecendo por meio das redes sociais do museu, principalmente o Instagram. Mensalmente, as educadoras da instituição elegem uma temática a ser desenvolvida ao longo das semanas e esse desenvolvimento se dá por meio de postagens estáticas ou vídeos, propondo uma mediação baseada no esclarecimento de um determinado assunto e/ou uma atividade.

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

A falta de formação para o desenvolvimento desse tipo de conteúdo foi o principal entrave. Ao longo do tempo, se pôde desenvolver melhor determinados aspectos.

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

A exposição virtual se deu por ocasião da Semana de Museus e buscava dar destaque a objetos pessoais dos participantes, que eles mesmos escolhessem, por terem um valor sentimental agregado, como se fossem peças de museus. Os participantes enviaram fotos e estas foram postadas no Instagram, com legendas que identificassem as pessoas e objetos.

Nome do Museu *

Casa Museu Eva Klabin

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

Seis

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

Artes Visuais, Artes Cênicas e História da Arte

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Arte Educação

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Oficinas Artísticas

Contaçon de Histórias

Palestras

Formaçã para Professores

Promoçã de eventos, como peças, apresentações, festas.

Outro: Projetos de curta e média duraçã envolvendo professores e estudantes atravé da parceria com setores da SME-RJ

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil

Infantojuvenil

Juvenil

Adulto

Idoso

Pessoas com deficiência

Familiar

Escolar

Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Mensalmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

De forma espontânea

As atividades educativas são executadas por: *

Em conjunto, com o quadro da instituição e empresa contratada

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição

Facebook

Instagram

Outro: You Tube

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Site

Instagram

Facebook

Outro: You Tube

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

6.000

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

Fora do museu (praças, escolas)

Outro: Auditório da instituição

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Não

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Produzimos proposições que foram disponibilizadas através do site da instituição, do Instagram, do Facebook e de um canal no You Tube.

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

Não ter acesso às avaliações do público sobre as nossas proposições

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Houve o incentivo à visitação virtual através do site da Instituição, além da produção de vídeos com apresentação de obras do acervo.

Comentários

Todas as ações educativa são elaboradas a partir da colaboração entre o Programa de Educação, a Museologia e a Curadoria da instituição.

—
Nome do Museu *

MUSEU HISTÓRICO DO CORPO DE BOMBEIROS

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

5

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

JORNALISMO, MUSEOLOGIA, HISTÓRIA.

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Museal

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Contaçon de Histórias

Promoçon de eventos, como peças, apresentaçon, festas.

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil

Infantojuvenil

Juvenil

Adulto

Idoso

Escolar

As atividades educativas do museu são planejadas: *

De acordo com as exposiçon do museu

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição

Há atividades educativas em meio virtual? *

Não

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

20 mil.

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim, pois traz informações e narrativas para a elaboração das atividades.

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim, pois dependendo do estado do material, ele será ou não exposto, incluído ou não, nas atividades.

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim, pois dependendo do que e pra quem será apresentado, faz-se necessário pensar a linguagem e a forma da atividade educativa.

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Sim.

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Não

Comentários

Parabéns pelo trabalho.

Nome do Museu *

Museu do Colégio Pedro II

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

01

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

superior

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Patrimonial

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil

Infantojuvenil

As atividades educativas do museu são planejadas: *

De acordo com as demandas do museu, sem um planejamento a longo prazo definido

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Não

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Não

Há atividades educativas em meio virtual? *

Não

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

600

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Não

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Não

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Não

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Sim

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Não

Comentários

O Museu do Colégio Pedro II, é um museu que se encontra dentro de uma Instituição Federal de Ensino. Possui apenas um salão com exposição permanente.

—
Nome do Museu *

Museu da Vida

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

Ñ sei

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

Licenciatura em biologia, pedagogia, física, história, geografia, jornalismo, produção cultural

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Museal

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Visitas Teatralizadas

Oficinas Artísticas

Contaçon de Histórias

Formaçã para Professores

Promoçon de eventos, como peças, apresentações, festas.

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantojuvenil

Juvenil

Adulto

Pessoas com deficiência

Familiar

Escolar

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Anualmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição

Facebook

Instagram

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Instagram

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

+ ou - 50.000 (não me recordo do total ao certo)

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

Fora do museu (praças, escolas)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Sim

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Posts e lives no Instagram, publicações no site e Facebook

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

-

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Não

-

Nome do Museu *

MUSEU HISTÓRIO DO EXÉRCITO E FORTE DE COPACABANA

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Não

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Arte Educação

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Oficinas Artísticas

Promoção de eventos, como peças, apresentações, festas.

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Juvenil

Adulto

Idoso

Familiar

Escolar

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Anualmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

De forma espontânea
Com datas fixas pré-estabelecidas

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição

Instagram

Há atividades educativas em meio virtual? *

Não

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

480.000

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

Outro: AUDITÓRIO

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

NÃO

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

NÃO

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

SIM, VIA DE REGRA EM DATAS ESPECÍFICAS.

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

NO MOMENTO SÓ POSSUIMOS HISTORIADORES E MUSEÓLOGOS EM NOSSOS QUADROS. A SERVIDORA CIVIL EDUCADORA APOSENTOU-SE NO INÍCIO DE 2018.

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

VISITA VIRTUAL DOS ESPAÇOS DE EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO PELO SITE E INSTAGRAM.

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

FALTA DE PROFISSIONAL QUALIFICADO.

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

PROMOÇÃO DO ESPAÇO CULTURAL POR MEIO DA DIVULGAÇÃO DE ACERVOS PELO INSTAGRAM.

Comentários

INFELIZMENTE OS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO DAS REDES PÚBLICAS MUNICIPAIS E ESTADUAIS PERDERAM SUA CAPACIDADE DE REALIZAR ATIVIDADES EXTERNAS EM VIRTUDE DA FALTA DE APOIO EM TRANSPORTE. AS VISITAS MEDIADAS PODEM SER PLANEJADAS MEDIANTE AGENDAMENTO PRÉVIO, BEM COMO OS GRUPOS DE VISITANTES PODEM SE FORMAR ESPONTANEAMENTE, COM SAÍDAS A CADA 1H DA SALA DE AMBIENTAÇÃO.

Nome do Museu *

Museu Penitenciário do estado do Rio de Janeiro

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Não

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Outro: Educação para prevenção à violência

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Palestras

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Juvenil

Adulto

Idoso
Familiar
Escolar
Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Anualmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição

Facebook

Há atividades educativas em meio virtual? *

Não

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

2.600

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

sim

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

sim

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

sim

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

sim

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Palestra para pequenos grupos universitários

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

A comunicação torna-se difícil devido o uso da máscara e pensar em atividades onde fiquem separados dentro dos ambientes é mais trabalhoso.

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Utilizamos principalmente o Facebook e o site oficial com pequenos filmes das ações feitas e em andamento no museu.

Comentários

Um grande problema nosso é lidar com o quadro reduzido de pessoal e com a burocracia da máquina pública. Fomos contemplados com um projeto que apresentamos ao FDD e estamos prestes a perder a verba tendo em vista o trâmite.

Nome do Museu *

Instituto Moreira Salles

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

17 (em três sedes- RJ, SP e MG)

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

Mestrado em Artes, Comunicação Social - Cinema/ Mestrado em Educação, Belas Artes, História da Arte, Fotografia, Jornalismo, Educação Musical, Pedagogia, Arquitetura, Design,

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Arte Educação

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas
Oficinas Artísticas
Contação de Histórias
Palestras
Cursos
Formação para Professores
Outro: Festival e Fóruns

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil
Infantojuvenil
Juvenil
Adulto
Idoso
Pessoas com deficiência
Familiar
Escolar
Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Anualmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Outro: Tanto por agendamento como de forma espontânea, depende da atividade.

As atividades educativas são executadas por: *

Em conjunto, com o quadro da instituição e empresa contratada

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição
Facebook
Instagram
Outro: Newsletters e Whatsapp

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Site

Instagram

Outro: zoom

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

não sei informar

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

Sala do educativo

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

Fora do museu (praças, escolas)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Quando trabalhamos com o acervo (algumas exposições não são de obras/ itens do acervo) estas documentações muitas vezes servem de base para nossas pesquisas.

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Levamos em consideração a preservação das obras/ itens ao planejarmos as ações. Já realizamos atividades que compartilham processos de preservação com o público.

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Estamos em diálogo com a equipe de comunicação e internet para melhor comunicar nossas propostas. Exposições em cartaz e outros projetos da instituição (sites dedicados aos acervos e publicações, por exemplo) são levados em consideração durante o planejamento das ações, seja como fonte de pesquisa e pontos de partida para conceitos e assuntos das ações, como também muitas vezes as ações são integradas aos mesmo. Um exemplo é o site ImagineRio para o qual criamos propostas pedagógicas voltadas para o público de professores.

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

A coordenação participa das reuniões de curadoria

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Realizamos diversas ações durante a pandemia. Proposições no instagram, conteúdos relacionados às exposições e aos acervos (entrevistas, rodas de conversa, performances), Festival Escuta (lives, shows e comunidade de formação e relacionamento de agentes culturais e artistas periféricos), Fórum de Acessibilidade,

Fórum Africanidades, mediação online. Participamos do projeto de fomento à criação artística do IMS tendo os convidados da área de educação (criação de livros, video-cartas, propostas pedagógicas, criações artísticas etc). Plataformas: zoom, youtube, instagram, dentre outras.

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

Adaptação das metodologias e aproximação com as linguagens que melhor se relacionam com o ambiente virtual.

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Conteúdos para os diversos sites da instituição e outros que temos em parceria (Como Brasileira Fotográfica), rodas de conversa, projeto de fomento à criação artística durante a pandemia (programa Convida), conteúdos relacionados às exposições e ao acervo (vídeos, texto e publicações), Festivais e Fóruns, programas de rádio/podcasts etc. Essas ações foram realizadas pelas áreas de acervos (Literatura, Fotográfica, Iconografia e Música), curadoria e também pela área de Educação e Participação. Plataformas: sites, zoom, youtube, instagram.

—

Nome do Museu *

MUSEU AEROESPACIAL

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Não

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Museal

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Visitas Teatralizadas

Oficinas Artísticas

Contaçãõ de Histórias

Palestras

Promoção de eventos, como peças, apresentações, festas.

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil
Infantojuvenil

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Anualmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio
Com datas fixas pré-estabelecidas

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição
Facebook
Instagram

Há atividades educativas em meio virtual? *

Não

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

100.000

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição
Sala do educativo

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim, pois a maior parte das atividades é planejada e montada com base na principal identidade do MUSAL, ou seja, a História da Aviação Brasileira.

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim, uma vez que as visitas mediadas e outras atividades passam pelas exposições e salas expositivas.

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim, uma vez que o MUSAL, costumeiramente, promove 4 grandes eventos ao longo do ano, sendo cada um com um tema central, o que com certeza influenciará as atividades do museu.

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Ainda não. Infelizmente, ainda estamos buscando quebrar esse paradigma no MUSAL.

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Não

Nome do Museu *

Museu Interativo da Física (LADIF)

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Outro: Letramento científico

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Gincanas

Palestras

Outro: feiras de ciencia, oficinas científicas

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantojuvenil

Juvenil

Adulto

Idoso

Familiar

Escolar

Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

De acordo com as demandas do museu, sem um planejamento a longo prazo definido

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição

Facebook

Instagram

Outro: youtube

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Instagram

Facebook

Outro: zoom, google meet

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

1500

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

Fora do museu (praças, escolas)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

a base de dados do acervo sim

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

sim, para não haver danos ao acervo

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

sim, pois o público espontâneo depende da divulgação. para o agendado, não.

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

nossa equipe faz de tudo.

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

fizemos atividades síncronas em uma plataforma de video-conferencia com turmas do fundamental do CAP-UERJ. fizemos uma oficina sobre soma e subtração de cores

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

para a oficina poder ser feita de forma completa pelos alunos, pedimos material para que eles seguissem a montagem e fizessem conosco. a comunicação da escola com os alunos nao foi muito boa e muitos alunos nao sabiam do material e nao tinham em casa na hora. fizemos entao uma parte mais demonstrativa geral e so alguns alunos realmente fizeram as atividades propostas.

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

no instagram, alem de postagens educativas, fizemos uma postagem nos stories "pergunte ao LADIF" e recebemos em torno de 50 perguntas ate dezembro que foram respondidas em forma de um video curto. fizemos uma serie de videos para o youtube/instagram/facebook com experimentos caseiros e outros sobre experimentos da nossa exposição permanente. fizemos tambem algumas enquetes para conhecer melhor o nosso publico virtual.

Comentários

se quiser mais informações do ladif, é so falar!

—

Nome do Museu *

Museu do Observatório do Valongo

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

4

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

Doutorado/graduando

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Patrimonial

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Palestras

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil

Infantojuvenil

Juvenil

Adulto

Idoso

Pessoas com deficiência

Familiar

Escolar

Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

De acordo com as demandas do museu, sem um planejamento a longo prazo definido

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

De forma espontânea

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição

Facebook

Instagram

Há atividades educativas em meio virtual? *

Não

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

300

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Não

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Não

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Não

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Sim.

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Não

—
Nome do Museu *

Museu Nacional

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

No setor educativo temos 11 servidores e 22 estagiários

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

Servidores: Pedagogia (5), História (2), Biologia (1), Nível médio (2 servidores), Desenho (1). Estagiários: Formação de nível médio: 7 estagiários do colégio Pedro II, Nível superior: São 15 estagiários (com e sem bolsa estudantes da UFRJ e dois voluntários de instituição particular. Formação: Ciências Biológicas: 8; Ciências Sociais: 4; Pedagogia: 1; História: 2

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Museal

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Colônia de Férias

Palestras

Cursos

Formação para Professores

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil

Infantojuvenil

Juvenil

Adulto

Idoso

Pessoas com deficiência

Familiar

Escolar

Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Mensalmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

Outro: Elas acontecem tanto por agendamento prévio (principalmente no caso das visitas escolares), mas também de forma espontânea.

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição

Facebook

Instagram

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Instagram
Facebook

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

Nos últimos cinco anos registramos uma média de 192 mil visitantes.

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

Fora do museu (praças, escolas)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Não fazemos uso frequente desses dados, apenas quando precisamos de algo específico. Neste momento, perdemos uma boa parte desse material com o incêndio, temos disponível apenas o que foi digitalizado.

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

sim.

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

A comunicação tem papel imprescindível na ação educativa, pois é através dela que conseguimos atrair mais pessoas para nossas ações e também tornar público o conhecimento produzido no museu e as ações educativas que realizamos na instituição.

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Sim. Principalmente após o incêndio.

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

As atividades educativas aconteceram no âmbito das redes sociais da Seção de Assistência ao Ensino do Museu Nacional. Elas se pautaram no conceito de Educação Museal Online desenvolvido pela pesquisadora Frieda Marti do Proped UERJ que é professora colaboradora do MN. Os projetos da SAE foram repensados para uma atuação nas redes. Já tínhamos uma prática educativa nas redes mas esta se intensificou após a Pandemia. Projetos como o Clube Jovem Cientista, que é desenvolvido em parceria com a SME-RJ, sofreu algumas alterações para que os estudantes pudessem continuar participando do Clube mesmo que a distância com atividades síncronas e assíncronas. Da mesma forma, outros projetos como o Encontros com a Comunidade, o MN Vive nas Escolas e a Coleção Didática para Empréstimo intensificou e ampliou sua atuação nas redes sociais da SAE (Facebook, Instagram e Blog).

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

Pensar a atuação nas redes como uma forma de mediação museal e não apenas de informação. Pensar na dialogicidade do fazer educativo nas redes sociais. Pensar o conhecimento como algo construído coletivamente e em como buscar uma aproximação com os seguidores de nossas redes.

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Ao longo do período de Pandemia realizamos ações nas redes sociais e também lives no Youtube. Onde apresentamos os projetos desenvolvidos pelo setor educativo com a live "Encontro com a Comunidade on-line: O Museu na Quinta e nas Redes" na 14ª Primavera de Museus e também uma live comemorativa do 93º aniversário da SAE.

Comentários

Parabenizamos pela pesquisa e nos colocamos à disposição para o que for preciso.

Nome do Museu *

Instituto Casa Roberto Marinho

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

Dois funcionários e seis estagiários

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

Doutorado completo em filosofia, doutorado incompleto em artes, artes, história, museologia e teatro

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Arte Educação

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Oficinas Artísticas

Contaçõ de Histórias

Cursos
Formação para Professores

:

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil
Infantojuvenil
Juvenil
Adulto
Idoso
Pessoas com deficiência
Familiar
Escolar
Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Outro: pelas exposições e demandas dos projetos de Educação, reunimos semanalmente a equipe

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio
De forma espontânea
Com datas fixas pré-estabelecidas

As atividades educativas são executadas por: *

Em conjunto, com o quadro da instituição e empresa contratada

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição
Instagram

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Instagram
Outro: por meio de videoconferências

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

oitenta mil

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

Sala do educativo

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

Outro: online

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

sim

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

não

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

sim

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

não

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

encontros continuados com escolas e ongs via Teams e com entrega de materiais, post de proposições para casa, encontros sobre obras das exposições

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

Encontrar uma plataforma adequada e os meios para propor participação

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Conversas da Casa: entrevistas com curadores, artistas, educadores

Nome do Museu *

DOM JOÃO VI

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

01 FUNCIONÁRIO

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

HISTÓRIA

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Arte Educação

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Oficinas Artísticas

Palestras

Promoção de eventos, como peças, apresentações, festas.

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantojuvenil

Juvenil

Adulto

Escolar

Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

De acordo com as demandas do museu, sem um planejamento a longo prazo definido

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição

Facebook

Instagram

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Site

Instagram

Facebook

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

SEM REGISTRO ATUALIZADO - O MUSEU ESTÁ SEM VISITA PRESENCIAL DESDE 2016 QUANDO HOVE INCÊNCIO NO PRÉDIO QUE OCUPA

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

SIM

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

SIM

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

SIM

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

SIM

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

O MUSEU VEM EXECUTANDO AS AÇÕES EDUCATIVAS ATRAVÉS DE ATIVIDADES VIRTUAIS, CONTANDO COM OS ALUNOS DE EXTENSÃO, EM PLATAFORMAS COMO FACEBOOK E INSTAGRAM.

AS ATIVIDADES SÃO PROPOSTAS PELOS ALUNOS E DIRECIONADAS PELOS PROFESSORES ENVOLVIDOS, BUSCANDO APROXIMAR O ACERVO MUSEOLÓGICO ÀS REFLEXÕES ATUAIS.

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

A ORGANIZAÇÃO EM ATIVIDADE REMOTA NÃO É UM LIMITADOR, MAS NECESSITOU DE ADAPTAÇÃO RÁPIDA DAS PARTES, O QUE FOI CONSEGUIDO.

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Não

—
Nome do Museu *

Instituto de pesquisas jardim botânico do Rio de Janeiro

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

2 servidores e 2 bolsistas FAPERJ

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

1 história e 1 biólogo

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Ambiental

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Visitas Teatralizadas

Palestras

Cursos

Formação para Professores

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Familiar

Escolar

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Anualmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

Com datas fixas pré-estabelecidas

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição

Facebook

Instagram

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Atividades Educativas Virtuais

Em que plataforma são realizadas?

Site

Aplicativo

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

20000

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

Sala do educativo

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Não nesse sentido, mas considerando o banco de dados das coleções botânicas sim.

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Não

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

As vezes

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Presencial no Parque com protocolo de segurança, capacitação em mediação para agentes ambientais.

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

Trabalhar sem a presença do público

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

No aplicativo da instituição visitas virtuais

—
Nome do Museu *

Museu da Maré

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Não

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Museal

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Visitas Teatralizadas

Oficinas Artísticas

Contação de Histórias

Colônia de Férias

Palestras

Cursos

Formação para Professores

Promoção de eventos, como peças, apresentações, festas.

Outro: Exposição itinerante; Chá de Memórias

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil

Infantojuvenil

Juvenil
Adulto
Idoso
Familiar
Escolar
Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

De acordo com as demandas do museu, sem um planejamento a longo prazo definido

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio
Com datas fixas pré-estabelecidas

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição
Facebook
Instagram
Outro: Twitter, Youtube

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Instagram
Outro: Youtube, Zoom

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

5 mil

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição
Sala do educativo
Área externa no museu (pátio, jardim, etc)
Fora do museu (praças, escolas)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim. Utilizamos muitas vezes essas documentações para embasar nossas ações.

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim. O Museu da Maré não tem setores separados, estanques. Todas as pessoas que participam da equipe, mesmo aquelas que têm formação específica em alguma área, contribuem para o planejamento e na execução das atividades educativas.

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim.

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Sim. A equipe do Museu se reúne semanalmente para avaliação e replanejamento das atividades. Somos 18 pessoas no total, com graduações e pós diversas. Algumas têm o ensino médio completo. 90% são moradoras da Maré. Todas têm participação ativa no planejamento das exposições, juntamente com o arquiteto especializado em museografia e o artista plástico especializado em cenografia. O Museu não tem nesse momento um museólogo. Tem 1 assistente de arquivo, 3 historiadores, 4 artistas, 1 professor de teatro, 1 profissional da área de conservação.

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Foram muitas. Uma delas foi a formação sobre museologia social pelo canal do Museu no Youtube. Outra, contações de histórias locais, utilizando o livro "Contos de Lendas da Maré" pelo canal no Youtube e nas redes sociais.

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

Gravação de vídeo realizada pelas pessoas participantes da equipe sem formação prévia, apenas com orientação remota do professor de teatro, que não podia ir ao Museu por ser grupo de risco; participação mais ativa das pessoas moradoras da Maré por conta da internet instável.

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Uma das ações foi o lançamento do livro "A Maré em 12 Tempos", que conta a história da Maré a partir da exposição de duração do Museu "Os Tempos da Maré"; fotos do arquivo

do Museu e de fotógrafos engajados na luta por direitos humanos; e textos de pessoas da equipe, convidadas e moradoras. Utilizamos o Zoom transmitido pelo Youtube. O formato da atividade foi uma roda de conversa, a partir dos olhares de quem contribuiu para a elaboração do livro.

Comentários

O questionário está ótimo! Minha sugestão é que ele seja mais adaptado para os museus de base comunitária (museus comunitários, ecomuseus ou museus sociais...), a partir da realidade desses museus, muitas vezes sem recursos e sem equipes/setores específicos para a realização dos trabalhos de Documentação, Conservação, Pesquisa e Comunicação, processos tão importantes para as experiências diversas desses museus possam ser registradas e compartilhadas para enriqueçam ainda mais o campo museal.

—
Nome do Museu *

Museu de Ciências da Terra

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

11 funcionários e 10 estagiários

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

Diversa: Museologia, Biologia, Biblioteconomia, Comunicação Social, História, Geologia

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Patrimonial

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Oficinas Artísticas

Contação de Histórias

Formação para Professores

Outro: Itinerância em instituições e escolas

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil

Infantojuvenil

Juvenil

Adulto

Pessoas com deficiência

Familiar

Escolar

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Anualmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição

Facebook

Instagram

Há atividades educativas em meio virtual? *

Não

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

15 mil

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Fora do museu (praças, escolas)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Não

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim, peças frágeis e raras não entram nas atividades educativas

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim, em todo o planejamento para elaboração de estratégias educativas multissensoriais, trabalhos artísticos e diferentes formas de abordagens.

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Nas exposições itinerantes sim.

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Mediação direto do museu para grupo fechado por meio da plataforma zoom. Oficinas com grupos de alunos cegos pelo google meeting. Formações para professores pelo meeting.

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades? Dificultou um pouco a interação. E mostrar o acervo, com cegos foi muito no diálogo e reflexão.

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Não

Nome do Museu *

Museu de Astronomia e Ciências Afins

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

19

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

De ensino médio à doutorado

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Outro: Educação em Ciências e Divulgação Científica

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Oficinas Artísticas

Contaçon de Histórias

Colônia de Férias

Gincanas

Palestras

Cursos

Formação para Professores

Promoção de eventos, como peças, apresentações, festas.
Outro: Exposições

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil
Infantojuvenil
Juvenil
Adulto
Idoso
Pessoas com deficiência
Familiar
Escolar
Universitário
Outro: Toda a sociedade

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Outro: Continua

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio
De forma espontânea
Com datas fixas pré-estabelecidas

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição
Facebook
Instagram

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Site
Instagram
Facebook
Aplicativo

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

25 mil presenciais 45 mil virtuais 20 mil a 60 mil extra-muros

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

Sala do educativo

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

Fora do museu (praças, escolas)

Outro: Auditório

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Depende da ação educativa. Quando ela tem por base o acervo, sim.

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim. O acesso precisa ser negociado com a área de conservação.

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Não entendi a pergunta... Pode me contactar por email para apresentar alguma explicação.

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Somos os autores e autoras.

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Foram criados grupos de trabalho que desenvolveram diversas ações online. As ações ocorreram no site e redes sociais. Foi criado o "Canal Educação" do MAST no Facebook. Foram realizadas exposição virtual, vídeos sobre experimentos de ciência de baixo custo, postagens sobre conteúdos de ciência, instrumentos científicos históricos, ações de capacitação para mediação online e acessibilidade.

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

Divulgação online é muito distinta da presencial. A capacitação do grupo teve de acontecer "em serviço".

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Parceria com a área de comunicação da instituição. Foram utilizadas as principais plataformas da redes sociais, o youtube e o site do MAST. Mais informações Pode ser acessada na página do Mast.

Nome do Museu *

Museu de odontologia Salles Cunha-ABORJ

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Não

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Patrimonial

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Palestras

Outro: Musica instrumental

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Adulto

Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

De acordo com as exposições do museu

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Com datas fixas pré-estabelecidas

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Não

Há atividades educativas em meio virtual? *

Não

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

150 pessoas

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

sim

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

sim

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

sim

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Não

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Não

Nome do Museu *

Museus Castro Maya

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Museal

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Outro: No momento, a instituição não realiza nenhuma atividade educativa, por falta de profissionais no quadro.

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Escolar

Outro: Quando há atividade educativa, o público que normalmente procura a instituição é o da educação pública infantil e infantojuvenil.

As atividades educativas do museu são planejadas: *

De acordo com as exposições do museu

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição

Facebook

Há atividades educativas em meio virtual? *

Não

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

-

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

As fichas geralmente são consultadas pela equipe que realiza as mediações.

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

As mediações, especialmente com grupos de crianças, sempre mencionam a questão da conservação logo no acolhimento, quando se fala a respeito de porquê as obras não podem ser tocadas.

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim. Geralmente há mediações pensadas especificamente para exposições temporárias, e os catálogos são consultados para pensar estas mediações.

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Não.

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Visita guiada com a educadora Cristina de Pádula no Circuito de Instalações Permanentes do Museu do Açude, transmitida através do aplicativo Zoom e disponível no YouTube.

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

Engajar o público.

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Não

Nome do Museu *

Museu Aero terrestre

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

3

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

Um historiador e dois soldados

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Patrimonial

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Contaçõ de Histórias

Colônia de Férias

Palestras

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil
Infantojuvenil
Juvenil
Adulto
Idoso
Pessoas com deficiência
Familiar

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Anualmente
Mensalmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Não

Há atividades educativas em meio virtual? *

Não

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

100 pessoas aproximadamente

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição
Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Temos o suporte museológico da Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército.

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Ainda não temos esse tipo de atividade face a dimensão do acervo

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Ainda não.

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Sim.

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Não

Comentários

Nada a acrescentar

—
Nome do Museu *

Museu do Flamengo

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

2

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

História

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Museal

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil

Infantojuvenil

Juvenil

Adulto

Idoso

Familiar

Escolar

Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Anualmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Não

Há atividades educativas em meio virtual? *

Não

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

Visitantes espontâneos (130 mil), visitantes mediados pelo educativo (2.000)

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

Reserva Técnica

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Não

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim, respeitando a integridade do acervo, dependendo do grupo, realizamos uma visita na reserva técnica. Visitantes com deficiência visual podem utilizar luvas e tocar os objetos pré-selecionados expostos com o guia.

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Não

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Não, o Museu foi montando antes das equipes (museologia, história, educativo) serem formadas.

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Não

Comentários

O Museu é um grande desafio para todas as equipes, pois é uma exposição montada sem a idealização e participação da equipe, sendo necessário trabalhar com o material que já está sendo exposto, tendo suas substituições limitadas. A equipe do Educativo ainda é recente e ainda está construindo junto com a museologia, estratégias de ações. Inclusive o seu trabalho é de grande interesse, e gostaríamos de ler a sua dissertação depois de aprovada, Saudações Rubro Negras!

Nome do Museu *

Museu Bispo do Rosario Arte Contemporânea

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

Como equipe fixa o museu conta com uma coordenadora e um assistente de educação que realizam o projeto pedagógico relacionado ao acervo da instituição e exposições temporárias. Conta ainda com nove oficinairos que realizam atividades voltadas aos usuários dos serviços de saúde mental e comunidade. Não conta com estagiários.

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

Coordenadora tem mestrado em arte, especialização em pedagogia da arte, graduação em história. Assistente é graduado em historia da arte. Oficinairos possuem Ensino Médio Completo.

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Outro: Arte educação em convergência com as práticas de cuidado em saúde mental, numa perspectiva multidisciplinar.

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Oficinas Artísticas

Palestras

Cursos

Formação para Professores

Promoção de eventos, como peças, apresentações, festas.

Outro: programa de residência artística, atelier de artes voltado para usuários dos serviços de saúde mental, oficinas de geração de renda

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil

Infantojuvenil

Juvenil

Adulto

Idoso

Pessoas com deficiência

Familiar

Escolar

Universitário

Outro: todos os públicos, com principal atenção aos usuários e profissionais dos serviços de saúde mental

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Outro: Realizamos um planejamento anual, relacionados as exposições do museu, que se soma às demandas do museu ao longo do ano. Especialmente nesses tempos de profundas mudanças e falta de estabilidade, a equipe precisou redirecionar, adaptar e reinventar muitas de suas ações.

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

Com datas fixas pré-estabelecidas

Outro: Algumas atividades, como as oficinas e atelier gaia, funcionam permanentemente com grupos inscritos e vínculos continuados.

As atividades educativas são executadas por: *

Em conjunto, com o quadro da instituição e empresa contratada

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição

Facebook

Instagram

Outro: whatsapp

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Site

Instagram

Outro: google meet

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

Em torno de 3mil pessoas.

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

Fora do museu (praças, escolas)

Outro: Polo Experimental de Convivência Educação e Cultura - Equipamento vinculado ao museu.

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim, porque são fundamentais à pesquisa que orienta a prática educativa.

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim. No mBrac todos os setores buscam atuar de forma coletivizada. Além das visitas mediadas abordarem questões de conservação.

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

O museu compreende que a educação está presente em todas as suas ações. Nos últimos anos as exposições são constituídas por processos pedagógicos e colaborativos, assim como muitos de seus eventos e publicações.

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Sim. Planejamento, pesquisa, concepção, execução. A curadoria geral e educativa atuam juntas.

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

O museu realizou um grande número de ações tendo como foco principal o cuidado da saúde mental através da arte e da educação. 1- Atividades Caseiras (propostas de arte-educação-saúde, inspiradas nas obras de Bispo e artistas ligados ao mBrac, para todas as idades. Disponíveis no site, facebook e instagram) 2 - Conversas com mBrac (Inspirada nas rodas de conversas, tem como objetivo promover reflexões sobre Arte, Saúde e Educação, além de partilhar pesquisas realizadas pela equipe mBrac. Realizadas pelo google meet.) 3 - Oficinas Virtuais (bordado, culinária, horta, música, rádio) 4 - Interfaces entre arte e saúde mental (série de conversas, realizadas pela artista Jessica Barbosa, participante do programa de residência artística do museu, no formato de lives, com pessoas convidadas. Disponível no canal do youtube do museu).5- Posts informativos sobre história de Arthur Bispo do Rosaro, saúde mental, etc.

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

A equipe precisou aprender a operar as ferramentas digitais. Mas isso não seria suficiente por si. Acreditamos na educação que se constrói através da experiência, da presença e do vínculo. Como fazê-lo a distância? Convictos de que nada substitui a presença, mas também de que nosso público participante precisava de nosso afeto e atenção, em um contexto de tanto sofrimento psíquico, buscamos meios de nos fazer presentes. Pensamos, debatemos e experimentamos coletivamente novos caminhos a fim de construirmos um plano pedagógico de qualidade e relevância para comunidade. Enfrentamos ainda a dificuldade de acesso aos dados e ferramentas eletrônicas entre a equipe e entre os nossos participantes, evidenciando a exclusão digital, dentre tantas formas de exclusão que enfrentamos.

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Exposição Virtual, disponível no site do museu.

Nome do Museu *

Museu da Escola de Enfermagem Anna Nery

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Não

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Museal

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

De acordo com as demandas do museu, sem um planejamento a longo prazo definido

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Facebook

Instagram

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Instagram

Aplicativo

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

Em torno de 1000 pessoas

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

só realizamos 1 exposição

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Fizemos visitas remotas pelo aplicativo Meet. A metodologia usada foi a da exibição de um vídeo previamente gravado no Museu, com a narração das imagens.

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

Despertar o interesse de participação dos alunos à atividade de visita guiada, considerando que os mesmos não conheciam o Museu.

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Fizemos um curso voltado para professores e alunos que participaram da Visita Guiada. A metodologia consistiu em discussões de temas sobre educação museal e as experiências de educadores e alunos na atividade.

Nome do Museu *

Museu da Escola Politécnica

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Não

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Patrimonial

Arte Educação

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Palestras

Outro: Participação em cursos de História da Ciência _ pós graduação HCTE/UFRJ

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Juvenil

Adulto

Idoso

Pessoas com deficiência

Escolar

Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

De acordo com as exposições do museu

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

De forma espontânea

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Não

Há atividades educativas em meio virtual? *

Não

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

100

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim. Servem como base tanto planejamento quanto na execução das atividades.

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim. Por vezes a própria atividade de conservação faz parte da exposição.

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim.

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Sim.

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Não

Nome do Museu *

Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

6

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

sociólogo. historiador, antropólogo , arqueólogo

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Patrimonial

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Contaçon de Histórias

Palestras

Cursos

Outro: Circuito de Herança Africana -Aulas passeio

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil

Infantojuvenil

Juvenil

Adulto

Idoso

Pessoas com deficiência

Familiar

Escolar

Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Anualmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

De forma espontânea

Com datas fixas pré-estabelecidas

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição

Facebook

Instagram

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Site

Facebook

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

20 mil visitantes

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

Sala do educativo

Reserva Técnica

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

Fora do museu (praças, escolas)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

sim.

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

sim

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

sim

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

participam

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

oficinas, aulas passeio, roda de conversa mediações de visitas cursos

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

oficinas

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Zoom

—
Nome do Museu *

Museu Villa-Lobos

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

01

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

Licenciatura em Educação Física, Mestrado em Educação e Doutorado em Educação Física

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Museal

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Oficinas Artísticas

Palestras

Promoção de eventos, como peças, apresentações, festas.

Outro: Mini Concertos Didáticos, Encontros de Corais,

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil

Infantojuvenil

Juvenil

Adulto
Idoso
Pessoas com deficiência
Escolar
Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Anualmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio
Com datas fixas pré-estabelecidas

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição
Facebook
Instagram
Outro: mailing (envio de e-mail)

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Instagram
Facebook
Outro: zoom, meet, youtube

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

116.307 em 2020 (eventos virtuais) e 11.973 em 2019 contabilizando somente público presencial, nos anos anteriores ocorreram eventos atípicos que causaram o fechamento do MVL por vários meses, não configurando uma visitação característica

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição
Área externa no museu (pátio, jardim, etc)
Fora do museu (praças, escolas)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

A documentação museológica fornece subsídios para a construção de narrativas acerca do acervo que são a base das ações educativas.

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim, uma vez que o estado de conservação determina a possibilidade de expor ou não cada item do acervo.

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim, as ações educativas são adaptadas para dialogar com os temas abordados nas exposições bem como pensadas para integrar os eventos do Museu.

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Sim, nas últimas 03 exposições a educadora tem participado ativamente de todo o planejamento da exposição.

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Algumas das ações que já fazem parte do rol tradicional de atividades educativas realizadas pelo MVL foram adaptadas durante o período da pandemia, como, por exemplo: os Mini Concertos Didáticos que foram apresentados em versão online nas plataformas FB, IG e YT. A metodologia utilizada consistiu na captação de áudio e vídeo individuais com posterior edição para respeitar o isolamento social. Os vídeos foram apresentados como estreia e acompanhados de textos explicativos contextualizando o repertório musical apresentado em relação à vida e obra de Villa-Lobos. Iniciou-se também um projeto de visita mediada virtual via zoom com grupo de idosos participantes de projeto de extensão da USP. Utilizou-se plataforma Meet e através de propostas interativas e lúdicas, bem como com o auxílio de fotos e vídeos, apresentou-se a exposição atual do MVL dialogando com as ações educativas online disponibilizadas na rede.

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

Aspectos tecnológicos relacionados à captação e edição de vídeo, uma vez que não dispomos de pessoal técnico na área nem de câmeras ou softwares de edição.

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

O canal do Youtube foi reativado tendo mais que duplicado o número de inscritos, a visualização da página do Facebook também cresceu enormemente durante a pandemia. Utilizamos a integração FB/IG para programar postagens nas duas plataformas e também a programação para lançamento de vídeos no YT. Durante as estreias, técnicos do museu, comunicavam com o público através do chat fornecendo informações sobre o contexto histórico das obras e dos músicos intérpretes. Utilizou-se também o site do MVL e lista de e-mails para comunicação com o público. Outra iniciativa foi lançamento de podcast nas principais plataformas (Spotify, Anchor, Google Podcast, etc.) sobre a série Choros. Houve o lançamento de duas exposições virtuais na plataforma Google Arts & Culture, divulgadas por meio de flyers digitais. Realizou-se também lives para o lançamento da nova identidade visual do MVL e abertura do 58º Festival Villa-Lobos. Foi idealizada uma nova identidade virtual mais condizente com o espírito do MVL moderno e arrojado e também elaborou-se um novo design para o website institucional. Foi implementada a nova ID em todas as plataformas e itens de comunicação. Apesar de não ter técnico na área de comunicação, os técnicos do museu se revezaram para alimentar redes, atualizar as plataformas e elaborar materiais visuais com base em templates desenvolvidos pela empresa de design de acordo com a nova id visual do museu.

Comentários

Num movimento progressivo, a atual direção do MVL vem incluindo a área educativa nos demais processos e atividades do museu. De um cenário anterior onde a Ação Educativa encontrava-se espacialmente e tecnologicamente segregada - localizada numa sala anexa, fora do museu, e sem acesso a rede do museu com todos os documentos e informações da museologia - a pandemia veio consolidar um espaço de comunicação e cooperação entre essas duas áreas com o trabalho remoto e participativo integrando todas as áreas e (poucos) técnicos do museu. Da elaboração das exposições ao programa de gestão de risco, atualmente a área educativa está em termos de igualdade com as demais áreas.

Nome do Museu *

Museu do Graffiti

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

20

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

Ensino médio e superior

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Ambiental

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Oficinas Artísticas

Contação de Histórias

Palestras

Cursos

Promoção de eventos, como peças, apresentações, festas.

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil

Infantojuvenil

Juvenil

Adulto

Idoso

Pessoas com deficiência

Familiar

Escolar

Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Mensalmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Com datas fixas pré-estabelecidas

As atividades educativas são executadas por: *

Em conjunto, com o quadro da instituição e empresa contratada

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Facebook

Instagram

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Instagram
Facebook

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

2000

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

Sala do educativo

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

Fora do museu (praças, escolas)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim, ajuda na nossa organização de arquivos e nos dá credibilidade na execução de editais.

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim, que criamos normas para desenvolver técnicas inovadoras para nosso acervo de rua.

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim, nos ajuda a ter mais voluntários capacitados.

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Sim. Quase sempre.

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Fizemos em parceria com empresas e instituições a entrega de 15 mil cestas básicas e 450 mil máscaras nas comunidades.

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

Não tivemos devido o bom planejamento tático da nossa equipe.

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Lives na nossa redes sociais, de exposições e músicas.

Comentários

Faça-nos uma visita venha conhecer o Museu do Graffiti.

Nome do Museu *

Museu de Arte do Rio

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

1 Gerente/ 4 Educadores / 1 Educador de Projetos/ 1 Educadora de Referência/ No momento não temos estagiários

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

Pessoas relacionadas a áreas de humanas, que tenham afinidade com prática artística e/ou pedagógica.

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Museal

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Oficinas Artísticas

Palestras

Cursos

Formação para Professores

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil

Infantojuvenil

Juvenil

Adulto

Idoso

Pessoas com deficiência

Familiar

Escolar

Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Anualmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

De forma espontânea

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição

Facebook

Instagram

Outro: Twitter

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Outro: Youtube e Google Meeting

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

256.637

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

Sala do educativo

Reserva Técnica

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

Fora do museu (praças, escolas)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

sim

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

sim

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

sim

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Não.

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Ação 1: #5 Minutos com a Coleção: Conversa realizada pela equipe de educadores em plataforma digital, desenvolvida e elaborada com foco em um artista, obra ou conjunto de obras a partir do acervo do MAR, presentes nas exposições ou na reserva técnica. Com até uma hora (1h) de duração, executada uma (01) vez por semana quinzenalmente. A oficina conta com o intérprete de Libras.

Plataforma: Streamyar/Youtube

Ação 2: Oficina de Criação: Experiências realizadas em plataforma virtual de imersão em processos artísticos e educativos propostas por educadores do MAR. As proposições articulam referências e questões vindas das atividades do MAR, por meio de processos experimentais, materiais diversos e são desenhadas de acordo com os recortes de públicos. Com até duas horas (2h) de duração, executada uma (01) vez por mês. Destinada a públicos específicos mediante inscrição. A oficina conta com o intérprete de Libras.

Plataforma: Streamyar/Youtube

Ação 3: Percursos Mediados: Visita realizada em linguagem videográfica com os recursos de acessibilidade comunicacional de audiodescrição, legendagem e Língua brasileira de sinais (Libras), disponibilizada em plataformas virtuais destinadas aos públicos espontâneos e diversos. São desenhados a partir da prática educativa pedagógica museal na relação com as exposições em cartaz, o museu e seu acervo museológico, bibliográfico e documental, e ainda pode expandir-se para o território onde o MAR está localizado, na Região Portuária do Rio de Janeiro, com toda a sua história e potência cultural. As mediações visam aprofundar a experiência dos visitantes com os conteúdos e obras em exposição, e trabalhar especialmente determinados aspectos educacionais, com o intuito de fornecer subsídios para o desenvolvimento de reflexões e processos de criticidade com o público. As visitas têm o espaço virtual como território de diálogo e desenvolvimento da educação e mediação com a cibercultura na interface da plataforma. Os vídeos dos Percursos Mediados se dividem em proposições referentes às exposições do museu, se subdividindo em 5 vídeos para cada bloco: 1. Introdutório: Vídeo que abrange o caráter geral dos conteúdos produzidos na relação com a exposição, podendo também abarcar os liames que permeiam o museu e seu território, apresentando ao público questões geradoras que são contempladas nos materiais seguintes. 2. Conteúdo Mediado 1: Vídeo de caráter mais específico de mediação entre duas obras/núcleos/conjunto de obras, trazendo pro foco da discussão as dissonâncias e concordâncias entre as diferentes poéticas dos artistas e questões geradoras, elaboradas a partir de um processo de criticidade do aspecto formal, do aspecto contextual e

desdobramentos contemporâneos desses dois objetos de análise da mediação. 3. Conteúdo Mediado 2: Vídeo de caráter mais específico de mediação entre duas obras/núcleos/conjunto de obras, trazendo pro foco da discussão as dissonâncias e concordâncias entre as diferentes poéticas dos artistas e questões geradoras, elaboradas a partir de um processo de criticidade do aspecto formal, do aspecto contextual e desdobramentos contemporâneos desses dois objetos de análise da mediação. 4. Dispositivo artístico pedagógico: Vídeo centralizado em um dispositivo artístico pedagógico realizado na exposição referenciada, seja de caráter de compartilhamento do processo metodológico de elaboração do dispositivo ou uma versão do dispositivo na linguagem videográfica. 5. Experimental: Vídeo de caráter auto referenciado na própria linguagem audiovisual, elaborado a partir de processos de experimentação, ampliação dos conceitos e temáticas que permeiam a exposição/conjunto de obras, utilizando-se de métodos da linguagem de arte contemporânea para construir a relação entre educação e arte. As divisões se relacionam com as nossas metodologias de desenvolvimento de mediação com os públicos, contemplando de forma abrangente nossa prática de educação museal. Plataforma: Streamyar/YouTube

Ação 4: Formação com Professores - Convite a Experimentar Encontros introdutórios que funcionam como um laboratório onde o professor é convidado a identificar, junto com o educador do museu, as poéticas, conceitos e oportunidades educativas das exposições do MAR, explorando-as a partir de uma questão geradora. Plataforma: Google Meeting/Classroom

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

Adaptação e a infraestrutura

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Comentários

Obrigado.

Nome do Museu *

Museu da República

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

2 funcionárias e 1 estagiária

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

Funcionárias: graduação em Letras; graduação em História; estagiária graduanda em História

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Museal

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Colônia de Férias

Palestras

Formação para Professores

Outro: iniciação científica para alunos de nível médio (Convênio MR/CPII); projetos em parceria com escolas; formação para alunos de licenciatura; projetos especiais para Educação de Jovens e Adultos;

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil

Infantojuvenil

Adulto

Universitário

Outro: Funcionários terceirizados do museu

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Anualmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

Com datas fixas pré-estabelecidas

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição

Facebook

Instagram

Outro: mailing

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Outro: foram realizados dois projetos virtuais em 2020, em função do fechamento do museu. Ambos foram realizados pela plataforma zoom

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

em 2019, foram 247.583 visitantes, aproximadamente (este número inclui palácio e jardim)

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

Outro: atualmente não temos mais uma sala exclusiva do educativo. Assim, usamos espaços internos como auditório e sala multimídia

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim. Alguns projetos são pensados a partir de objetos do acervo

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Não de forma direta

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim.

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Sim

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Foram realizados dois projetos: "Palavra bordada", voltado para o público em geral, mas que contou com a participação apenas de mulheres. A partir de técnicas de bordado, questões relacionadas à memória, patrimônio, pertencimento, afeto etc. foram sendo abordadas. Ao final, cada participante fez um bordado e um registro escrito de todo o processo; "Reinvenção da infância ": voltado para as famílias e suas crianças (de até 9 anos). A ideia era a construção de um brinquedo. Para isso, foram discutidas, numa perspectiva decolonial e antirracista, questões como memória, cidade, literatura. Os encontros aconteceram via zoom e os debates eram desdobrados num grupo criado no whatzapp

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

O uso das ferramentas digitais. Nós tivemos que usar ferramentas gratuitas, com recursos limitados

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Não

Nome do Museu *

Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Não

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Patrimonial

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Contação de Histórias

Palestras

Promoção de eventos, como peças, apresentações, festas.

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil

Infantojuvenil

Juvenil

Adulto

Idoso

Pessoas com deficiência

Familiar

Escolar

Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Mensalmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

Com datas fixas pré-estabelecidas

As atividades educativas são executadas por: *

Em conjunto, com o quadro da instituição e empresa contratada

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Facebook

Instagram

Outro: Páginas oficiais da Secretaria Municipal de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro (SMC-RJ)

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Facebook

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

5006 (2020); 13911 (2019); 15005 (2018)

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim.

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim.

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim, à medida que tentamos extrair ao máximo das nossas “comunicações” a possibilidade de transmissão e produção de conhecimento.

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Sim.

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Durante a pandemia, o museu realizou lives, das quais são exemplos: “25 anos Celeidando” e “Caminhada online: trilhas da cidade”. Todas essas atividades ocorreram com profissionais ligados ao tema abordado e foram abertas ao público através do Facebook do Museu (@MuseuHistoricodaCidadeRJ).

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

A adaptação inicial ao recurso virtual.

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

O site do MHCRJ conta, desde o seu lançamento, em julho de 2016, com uma exposição virtual que apresenta parte de seu acervo através de uma Timeline que recupera a história da cidade, desde o período colonial até os dias atuais. Além disso, durante todo o período pandêmico, a equipe do MHCRJ se preocupou em estar perto do seu público através das redes sociais do equipamento, divulgando o trabalho interno que não deixou de ser realizado, bem como o seu próprio acervo. Duas atividades que demonstram o esforço de manter o contato com o público através da divulgação do acervo foram a participação do MHCRJ na “Museum Week” e o desenvolvimento da “Semana da Consciência Negra”, que contou com uma série de postagens que exibiam itens de seu acervo vinculados à temática celebrada, como personalidades negras de importância histórica para o país, figuras populares e cotidianas.

Nome do Museu *

Fundação Planetário da Cidade do Rio de Janeiro - Museu do Universo

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Não

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Museal

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Colônia de Férias

Palestras
Cursos
Formação para Professores

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil
Infantojuvenil
Juvenil

As atividades educativas do museu são planejadas: *

De acordo com as exposições do museu

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio
De forma espontânea

As atividades educativas são executadas por: *

Em conjunto, com o quadro da instituição e empresa contratada

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Não

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Site
Instagram
Facebook
Aplicativo
Outro: Twitter

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

165.000

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição
Outro: Nas cúpulas com as sessões de Planetário

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Sim

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Pelo canal do Planetário no Youtube fizemos cursos para todas as faixas etárias. fizemos lives sobre observação do céu, entrevistas com convidados.

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

Nunca termos feito transmissões ao vivo ou gravado pelo Youtube.

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Usamos o Facebook para uma exposição de fotos do céu enviada pelas os seguidores.

Nome do Museu *

Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Não

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Patrimonial

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Adulto

Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

De acordo com as exposições do museu

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

De forma espontânea

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Não

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Não

Há atividades educativas em meio virtual? *

Não

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

600

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Não

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Não

Comentários

Apenas que estamos o projeto de restauro em curso o qual abrangerá propostas educativas

Nome do Museu *

Museu Casa do Pontal

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

6 pessoas

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

Licenciatura em música, licenciatura em teatro, pedagogia. Músicos, atores, educadores e produtores culturais .

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Arte Educação

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Visitas Teatralizadas

Oficinas Artísticas

Contaçon de Histórias

Colônia de Férias

Palestras

Cursos

Formação para Professores

Outro: Visitas musicadas

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil

Infantojuvenil

Juvenil

Adulto

Idoso

Pessoas com deficiência

Familiar

Escolar

Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

De acordo com as exposições do museu

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição

Facebook

Instagram

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Instagram

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

Mil pessoas por mês

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

Sala do educativo

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

Fora do museu (praças, escolas)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Totalmente.

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim.

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim.

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Não.

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Usamos o Instagram como meio para realizarmos o Fazendo Arte, programa educativo online durante a pandemia. Realizamos também 2 lives com uma escola particular, frequentadora assídua do museu e muito engajada com a cultura popular, durante o período junino de 2020. As lives foram pelo Instagram e YouTube para os alunos e pais desta escola com o tema cultura popular no Maranhão.

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

A dificuldade se encontra na falta de feedback dos participantes. Nossas visitas teatralizadas e musicadas no Museu do Pontal são construídas através da interação dos visitantes. Com o educativo online, a interação não acontece em tempo real. Os programas são gravados e postados no Instagram, as pessoas assistem e realizam as atividades em seu tempo. Perde bastante a interação e a construção do conhecimento que é o nosso propósito.

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Durante a pandemia o Museu do Pontal atuou praticamente de maneira online. Ativamos nosso Instagram, YouTube e Facebook e nos envolvemos profundamente com as lives. Fizemos muitas lives sobre arte popular com temas variados da nossa cultura. O Museu do Pontal possibilita estes vários temas já que fala de um Brasil plural. Os tantos Brasis que existem dentro do nosso Brasil. Aproveitamos também para divulgarmos a nova sede que abrirá possivelmente em junho de 2021.

—
Nome do Museu *

Museu de Folclore Edson Carneiro/ CNFCP/ IPHAN

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

2

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

superior

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Patrimonial

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Palestras

Cursos

Formação para Professores

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Adulto

Escolar

Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Mensalmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

Com datas fixas pré-estabelecidas

As atividades educativas são executadas por: *

Em conjunto, com o quadro da instituição e empresa contratada

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição

Facebook

Instagram

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Instagram
Facebook

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

aproximadamente 1.500 pessoas

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

sim

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

sim

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

sim

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

não

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

cursos em diferentes plataformas

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

viabilizar atividades virtuais e aprender a trabalhar com novas tecnologias

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

foi realizado um projeto de difusão de acervos e virtualização de exposições

Nome do Museu *

Museu do Amanhã

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

14

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

Artes, Biologia, Filosofia, História, Museologia

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Educação Museal

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Contação de Histórias

Palestras

Cursos

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil

Infantojuvenil

Juvenil

Adulto

Idoso

Pessoas com deficiência

Familiar

Escolar

Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Anualmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Outro: Híbrido: de forma espontânea e com agendamento prévio

As atividades educativas são executadas por: *

Quadro da instituição

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição

Facebook

Instagram

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Outro: Youtube, Zoom e Google Meet

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

800 mil

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

Outro: Terreiro de Curiosidades

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Todas as atividades educativas são pensadas a partir das temáticas anualmente destacadas pelo plano curatorial do Museu.

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Temos uma peculiaridades em nosso modelo de acervo o que nos garante certa autonomia.

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Trata-se na verdade num movimento de via dupla, onde a comunicação e as atividades do museu trocam estratégias para a potencialização de todas as nossas atividades.

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Há canais de interlocução entre a área de conteúdo e educação do museu no planejamento das exposições.

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Um dos programas que nasceram no educativo nesses tempos pandêmicos foi o 'Rolê Sapiência', destinado ao público infanto-juvenil e que pretende trazer para o debate

questões da atualidade vinculados a temática científica de forma lúdica e divertida. Na primeira edição que ocorreu em Fevereiro de 2020, o educativo desenvolveu um jogo chamado 'Quem é a cientista?', onde os participantes percorriam virtualmente um tabuleiro com desafios, perguntas, reflexões e apresentação da trajetória de mulheres cientistas - do ontem e do hoje, de diferentes localidades. Nesta oportunidade, optamos por realizar a atividade na Plataforma Zoom.

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

A maior dificuldade foi conseguir adaptar uma atividade, inicialmente, pensada para uma realidade presencial para o âmbito virtual - entendendo ferramentas para essa conversão, bem como uma gama de recursos. E na hora da execução, estabelecer uma interatividade concreta com o público é sempre um obstáculo - eis que naturalmente, aprendemos a viver modelos educacionais com contato e relacionamentos pessoais.

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Uma das exposições temporárias do Museu do Amanhã, chamada: 'Inovações - Criações à Brasileira' e que esteve em cartaz entre 2017 e 2018 foi virtualizada para a plataforma Google Arts & Culture. Assim, em Setembro de 2020, foi realizado um tour virtual com a mediação do Gerente de Conteúdo e de educadores do Museu do Amanhã. Nesta oportunidade, conversamos com o público apresentando as áreas e conceitos presentes na exposição, bem como trazendo relatos experienciais vivenciados com o público na mesma, além de ter aberto para perguntas dos participantes. A plataforma utilizada para tal foi o Zoom, tendo sido projetada na tela do mesmo todo o tour - para que ao final os participantes pudessem vivenciá-lo de forma autônoma e sem limite de tempo.

Nome do Museu *

Museu do Índio

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Não

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Outro: Educação não-formal

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Oficinas Artísticas

Contação de Histórias

Palestras

Cursos

Formação para Professores

Promoção de eventos, como peças, apresentações, festas.

Outro: O Museu está fechado desde 2016, portanto, as atividades estão sendo realizadas em instituições parceiras e, desde o início da pandemia, também no ambiente virtual.

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantil

Infantojuvenil

Juvenil

Adulto

Familiar

Escolar

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Outro: Semestralmente

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio

Com datas fixas pré-estabelecidas

As atividades educativas são executadas por: *

Em conjunto, com o quadro da instituição e empresa contratada

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição

Facebook

Instagram

Outro: Twitter

Há atividades educativas em meio virtual? *

Sim

Em que plataforma são realizadas?

Instagram

Outro: YouTube

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

A Chefe do Serviço de Atividades Culturais enviará, via e-mail, os dados consolidados na primeira semana de março.

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Reserva Técnica

Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

Fora do museu (praças, escolas)

Outro: Auditório e Casa Kariok (espaço construído, aos moldes de uma casa tradicional Guarani, dentro do Museu do Índio.)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Não

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Não

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim, bastante

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Não

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

A maioria das ações com fins educativos produzidas pelo Serviço de Atividades Culturais (setor responsável, entre outros, por esta gama de atividades) baseou-se na veiculação de vídeos protagonizados por arte-educadoras/es indígenas. O conteúdo dos vídeos é variado, tratando desde assuntos da atual conjuntura, quanto das especificidades da cultura de cada arte-educador contratado, buscando-se sempre a promoção e divulgação da diversidade e importância dos povos indígenas. As principais plataformas utilizadas para veiculação dos vídeos são o Instagram e o YouTube do Museu do Índio.

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

Alcance de público; dificuldades técnicas e de conexão à internet enfrentadas pelos colaboradores indígenas; falta de conhecimento prévio, por parte dos servidores e colaboradores, dos instrumentos para desenvolver atividades de cunho educativo em ambiente virtual.

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

A Comunicação das atividades do Serviço de Atividades Culturais (Seac) é feita pelo Serviço de Gabinete do Museu do Índio (Segab), responsável por essa atribuição, no site e redes sociais. Os servidores do Seac-MI replicam o material criado pelo Segab-MI via whatsapp e elaboram e-mail de divulgação das atividades para envio à lista de contatos do setor.

Comentários

Não há uma tradição no Museu do Índio de se pensar as ações educativas em diálogo com o processo de musealização - no entanto, desde 2020, há um interesse em rever este histórico. Não há um setor propriamente "educativo" no Museu, sendo o Serviço de Atividades Culturais o principal responsável pelas atividades com fins educativos na instituição. A falta de servidores no âmbito do serviço público federal também dificulta a prestação na solução das questões colocadas.

Nome do Museu *

Museu Nacional de Belas Artes

A instituição possui acervo museológico? *

Sim

A instituição possui um setor de educação? *

Sim

Quantos funcionários e estagiários possui?

4 servidores

Qual a formação dos funcionários e estagiários?

Nível Superior Completo

Qual a principal referência/metodologia que embasa a construção das atividades educativas no museu? *

Outro: Arte Educação; Educação Museal e Educação Patrimonial

Quais ações educativas a instituição realiza? *

Visitas Mediadas

Visitas Teatralizadas

Oficinas Artísticas

Contação de Histórias

Palestras

Cursos

Promoção de eventos, como peças, apresentações, festas.

Outro: Curso de capacitação para Professores/as

Quais são os públicos-alvo das ações educativas? *

Infantojuvenil
Adulto
Idoso
Pessoas com deficiência
Familiar
Escolar
Universitário

As atividades educativas do museu são planejadas: *

Outro: De acordo com as ações anuais do Museu e Exposições Temporárias

Quanto ao desenvolvimento das atividades educativas, elas acontecem: *

Por meio de agendamento prévio
Com datas fixas pré-estabelecidas
Outro: De acordo com o cronograma das ações do Museu

As atividades educativas são executadas por: *

Em conjunto, com o quadro da instituição e empresa contratada

Há registro das atividades educativas (fotos, vídeos, relatórios, etc.)? *

Sim

Há divulgação virtual das atividades educativas? *

Sim

A divulgação virtual ocorre no:

Site da instituição
Facebook
Instagram

Há atividades educativas em meio virtual? *

Não

Qual a média anual do número de visitantes do museu? *

Em 2019: 125.048 visitantes e 16.000 acessos no site. Em 2020: 24.297 visitante (janeiro e fevereiro) e 12.000 acessos no site.

Em quais áreas do museu são realizadas atividades educativas? *

Exposição
Sala do educativo
Área externa no museu (pátio, jardim, etc)

A documentação museológica (inventário, fichas catalográficas, bases de dados) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

A conservação influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Sim

A comunicação (exposições, eventos, publicações) influencia de alguma forma no planejamento ou execução das atividades educativas? *

Não

Os educadores do museu participam do planejamento das exposições? *

Sim

O museu realizou alguma atividade educativa no período pandêmico? *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Visita virtual comentada, no site da instituição. e Google Arts.

Qual foi a principal dificuldade encontrada na construção e/ou execução das atividades?

Disponibilidade e acesso de equipamentos para as mídias digitais.

Além das atividades educativas, alguma outra ação de comunicação foi realizada durante a pandemia? (Exemplo: exposições virtuais) *

Sim

Faça uma breve descrição da ação, plataformas usadas, metodologia.

Foi realizada uma ação (performance), com um artista italiano, de Testagem para a COVID-19

Comentários

Nenhum comentário adicional.